



insinuação

SÉRIE INSPIRAÇÃO IV

G I S E L E S O U Z A



insinuação

SÉRIE INSPIRAÇÃO IV

G I S E L E S O U Z A

INSINUAÇÃO

GISELE SOUZA

Copyright © 2016 Gisele Souza

Capa: Gisele Souza

Revisão e Copidesque: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

"Enquanto meus olhos vagam em cada milímetro daquele corpo esculpido do doce pecado, minha boca se curva insinuando coisas que apenas falar não consegue expressar a chama flamejante que cresce cada instante que a olho e sou corrompido por um desejo intenso e avassalador."

(K. Oliveira)

"Um olhar carregado de insinuações pode transmitir muito mais do que palavras conseguem traduzir."

(Gisele Souza)

Aos leitores da série Inspiração.

Com muito amor e carinho!

Agradecimentos

Escrever essa série foi algo realmente inspirador pra mim. Minha vida mudou completamente desde o momento em que criei Layla Bonatti. Foram tantos aprendizados que fica difícil enumerar todos eles, mas o maior foi como eu conheci a mim mesma. Contar a história dessa turma fez com que conhecesse um pouco a minha própria história, cada livro leva um pouquinho dos meus sentimentos, meus pensamentos, meu coração... Alguns mais que os outros. Eles vão ficar marcados na minha memória para sempre. Sinto como se fizesse parte dessa família e me despedir está sendo muito difícil. Como vou fazer sem o Bruno falando um monte de bobagens na minha cabeça? E as respostas rápidas da Ana? Dormir sem a voz da Layla cantando vai ser complicado.

Essa série me fez entender tanta coisa, pensar em tantos sentimentos. Ela me inspirou, me impulsionou, me fez ter o ímpeto de lutar pelo que amo e acredito e, claro, me fez ficar alerta às boas insinuações da vida.

Insinuação foi o livro mais difícil da série pra mim. Apesar de *Ímpeto* ter certas situações que foram complicadas, porque eu precisava me convencer de algo que não acredito, mas que era necessário para a história, a carga emocional deste me deixou sem saber como agir, como me sentir. Contar a história de Heitor custou muito do meu coração, porque eu sinto com o personagem, eu vivo aquela história. Viver toda sua trajetória foi lindo e doloroso. É um livro que me ensinou demais e fico muito feliz de compartilhar essa obra.

Tenho pessoas que me acompanham desde o princípio. Amigos leais que ficaram comigo todos os dias. Pessoas que presenciaram a minha caminhada, que estiveram comigo em todos os momentos, desde que escrevi a primeira linha até agora que coloquei o último fim. E dou graças a Deus por eles. Sem todo apoio e carinho, eu teria desistido.

Agradeço a Deus que me dá força e inspiração para que eu continue firme e supere todos os obstáculos. Ele que acalma meu coração e abençoa minha vida, me protege e ilumina meus caminhos.

A Ele agradeço todos os dias por ter me dado uma família tão maravilhosa. Meu esposo, que é, sim, a minha maior inspiração. É meu namorado, companheiro, incentivador e melhor amigo. Gustavo, muito obrigada por cada dia desses anos que estamos juntos e que venham muitos outros anos de muito amor e carinho. Obrigada por me amar do jeito que sou e por respeitar as minhas escolhas, por estar comigo em todas elas.

Agradeço a Deus por ter me dado meu filho, meu doce Eduardo, meu pequeno príncipe, meu menino cheio de alegria que faz meus dias serem mais lindos de viver. Não existem palavras capazes de traduzir o amor que mamãe sente por você. Obrigada por me tornar quem eu sou hoje. Nunca vou me cansar de agradecer por me ensinar o verdadeiro significado do amor incondicional.

Aos meus pais por me amarem e me criarem com os princípios que tanto me orgulho. Obrigada pelo carinho e por me ensinarem que podemos superar tudo se estivermos juntos.

À minha irmã que sempre foi minha referência de amor fraterno, minha pequena *Nim*.

Sem a família como base em minha vida, eu não teria chegado a lugar algum.

Tive anjos que me ajudaram a escrever esse livro. As minhas betas que auxiliaram, me incentivando e tirando minhas dúvidas. E que no meu maior bloqueio até hoje estiveram ali, esperando e acreditando que conseguiria, que era capaz: Iza Corat, Vanessa Marques, Cleidi Alcântara, Anastacia Cabo, Ingrid Duarte, Daiane Quinelato. A vocês, o meu muito

obrigada! Vocês são maravilhosas, meninas!

Às minhas queridas amigas que estão comigo em todos os momentos: os bons, os ruins, os alegres e tristes. Que me aguentam em meus surtos e loucuras. Que me incentivam e acreditam em mim e mesmo que, às vezes, não tenhamos tempo de nos falarmos diariamente, sei que posso contar com cada uma delas: Carlinha, Lenny Silva, Cris Saavedra, Andréa Titericz, Dai Quinelato, Biia Rozante, Van Marques, Babi Barreto, Iza, Shirlei Ramos, Natalia Souza, Brooke J. Sullivan. Não existe agradecimento suficiente que possa retribuir tudo que vocês me proporcionam.

Aos meus amigos autores, obrigada pelo apoio e carinho, juntos vamos seguindo caminhando nessa festa que é a literatura. Tenho muito orgulho de fazer parte de um time tão talentoso.

Um agradecimento superespecial às minhas parceiras blogueiras que estão sempre comigo, me ajudando e apoiando. Desde o começo contei com essas pessoas lindas que estão sempre dispostas a ajudar com a divulgação do meu trabalho. Sou eternamente grata por cada uma de vocês, espero poder retribuir sempre esse carinho imenso. Muito obrigada por cada dia de diversão e conversas!

E agradeço quantas vezes forem necessárias à minha amiga e revisora querida, Carla Fernanda. Amiga, não preciso dizer o quanto você foi e é essencial nessa série. Foi por causa de *Inspiração* que nos conhecemos e nasceu essa linda amizade e companheirismo. Muito obrigada por me auxiliar em meu crescimento profissional, por cada puxão de orelha, por cada elogio, por cada incentivo. Sem você, minha amiga, nem sei o que seria de mim. Dizer obrigada é pouco para te agradecer.

O meu maior agradecimento vai aos leitores da série *Inspiração*. Sem vocês, eu não teria conseguido. Essa série é de vocês e tentei, de alguma forma, homenagear cada um que me acompanhou. Os que estão comigo desde o início, os que chegaram agora e os que virão. Não consegui colocar todos, mas cada um que está presente representa vocês. Muito

obrigada, não há palavras para expressar meu carinho e gratidão.

Enfim, eu espero que tenha conseguido fazer do último livro da série algo marcante como esperávamos, e que esses lindos personagens, que tanto amo mesmo sendo suspeita, possam estar sempre em seus corações.

Muito obrigada por chegarem até aqui! Milhares de beijos no coração.

Gisele Souza.

Nota da autora

Insinuação é o quarto e último livro da série *Inspiração*.

Todos os fatos e acontecimentos deste livro são meramente imaginários, nada é concreto ou real. Tentei ao máximo me aproximar da realidade, fiz pesquisas e recolhi depoimentos, inclusive os dados técnicos, mas não é certeza de que alcancei esse objetivo. Então qualquer relato que fuja da realidade é porque foi criado exclusivamente da minha imaginação.

Sumário

Agradecimentos

Nota da autora

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Biografia](#)

[Outras obras](#)

Prólogo

“Para se colocar o coração na ponta dos dedos e conseguir descrever seus sentimentos em palavras, é preciso ter o amor: o essencial à inspiração.”

(Lenny Silva)

Heitor

A dor que dilacerava meu peito nunca cessaria. Eu tinha certeza! Em meu coração, eu sabia que não seria mais o mesmo homem e para mim estava bom. Eu merecia cada pedacinho de sofrimento que sentia.

A escuridão estava se apossando de mim e eu ia de bom grado de encontro a ela. Era até como um alívio, não ouvia mais os gritos e acusações. Sentia meu corpo leve pela primeira vez em seis anos. Deixei-me ir mais ainda e já não pensava em nada. Acreditei que, enfim, estava sendo expiado dos meus pecados.

As sombras escureciam ainda mais minha visão, eu não via nada, não sentia nada. Dor, sofrimento... Tudo havia sumido! Então, um clarão quase me cegou de vez. Era como a

famosa luz no fim do túnel. Eu era atraído para ela como uma mariposa, não conseguia resistir. Por mais que quisesse permanecer nas trevas, não estava mais em minhas mãos...

Uma voz suave se tornou mais alta que qualquer outra coisa. Ela dizia coisas doces, me fazia sentir importante. Mesmo sendo um ser humano impuro, eu desejei estar à altura do que era dito.

E, então, eu abri os olhos e a vi. Em minha mente confusa, eu tinha entendido que ela estava ali por mim e para mim. Precisava ouvir sua voz para me puxar de volta.

Quando dei por mim estava sendo contido e ela se afastava, assustada, os olhos curiosamente violetas refletiam culpa e remorso. Mais uma vez, eu havia afastado a luz e me afundei nas sombras novamente.

Só que eu não podia voltar mais para lá, me entregar já não era uma opção.

As lembranças do dia em que minha vida foi arruinada retornavam como uma maldição em minha memória, meus olhos não focavam no presente. Eu estava preso ao passado. As lágrimas me queimavam de dentro para fora.

Como não sentir mais? O peso da culpa já quase me arrastava no chão e eu precisava fugir. Tinha que ir em busca de mais luz, necessitava da paz que ela me proporcionava.

Estava cansado de reviver o dia em que minha vida mudou, em que me transformei... O dia que perdi metade de mim.

Era só fechar os olhos que voltava para lá.

Crescer numa família grande tinha suas vantagens e desvantagens, tudo bem que todos se envolviam onde não deveriam e davam palpites quando não eram chamados. E tive muitos problemas quanto a isso, ainda mais em minha fase de adolescente e depois de adulto. Mas também tinha a vantagem de cuidarmos uns dos outros, de ter alguém sempre disposto a conversar e escutar seus problemas. Ajudar sempre que fosse necessário. Fora

as festas que duravam dias.

Tudo era motivo de celebrar, aquele povo gostava de fazer um churrasco regado a muita cerveja. Eu não era muito chegado à bebida alcoólica, já que tinha casos na família com parentes que acabaram se tornando alcoólatras. Não queria passar por isso e nem expor quem eu amava a esse tipo de sofrimento, ainda mais que eu trabalhava diretamente com as bebidas. Eu bebia sim, mas de forma regular e controlada.

Nós não éramos ricos, nem chegávamos perto disso. Nasci e cresci na periferia da cidade e lutei muito para ter um carro seminovo e uma casa que ainda pagava o financiamento. Pra mim estava bom, só que nem todo mundo era assim.

Tinha acabado de conseguir um novo emprego em um novo bar, já era o segundo e isso ajudaria nas contas no final do mês, mas também ficaria menos tempo em casa. Contudo, minha família queria comemorar, o churrasco já rolava há horas. Todos riam e se divertiam, as crianças corriam pela casa da minha mãe, entravam e saíam. Pegavam impulso e pulavam na piscina de qualquer jeito. Meus pais pegaram a aposentadoria e fizeram da casa humilde o lar que eles sempre sonharam para nós.

Era para ser um dia de alegria, mas tudo estava prestes a se tornar um pesadelo. Minha vida mudaria depois daquele momento e não podia fazer nada quanto a isso. Passei inúmeras noites pensando no que eu fiz de errado, onde foi que eu falhei. Mas o terror de tudo que aconteceu me assombrava de uma maneira que somente queria esquecer.

Anos se passaram e ainda doía como uma ferida aberta que sangrava constantemente.

E a cada aniversário eu era lembrado da culpa que carregava. Afundar-me na inconsciência era a única paz que encontrava. Estava bom assim...

Capítulo 1

“No amor vale tudo, inclusive o impulso em querer se entregar cada dia mais e para sempre!”

(Flávia Andrade)

Heitor

Por mais que eu dissesse que isso não se repetiria, não conseguia evitar. Afundar-me na dor e tentar me anestesiarm com a bebida era mais forte que eu e também me entorpecia; e, então, conseguia fechar os olhos e dormir.

Depois do acidente tudo ficou estranho e não conseguia ser eu mesmo. Era como se tudo tivesse se intensificado, não conseguia usar a máscara que estava acostumado a vestir todas as manhãs. Parecia que não cabia mais. Por isso eu encontrei outra forma de tentar não lembrar o que eu representava. Sabia que estava ferindo a todos que gostavam de mim, mas não tinha forças o suficiente para parar.

— O que você acha que vai conseguir agindo desse jeito? Acho que já passou da fase de ser irresponsável. Quantos anos você tem, cara?

Olhei para o rosto do meu amigo e sorri meio torto. Fazia muito tempo que não permitia que as pessoas se aproximassem demais, mas com aquela família barulhenta foi inevitável, eles simplesmente entraram em minha vida sem que eu tivesse chance de dizer não.

— Trinta e quatro.

Ele estreitou os olhos e num impulso me levantou do chão.

— Foi uma pergunta retórica, seu idiota, não era pra responder. Acho que você precisa de férias, trabalhar aqui não está sendo uma boa opção.

— Já fiquei muito afastado, o *Beer* precisa de mim.

Bruno grunhiu alguma coisa que minha mente nebulosa pelo álcool não conseguiu captar.

— Todos nós precisamos de você, tatuado. Mas não dessa forma, você está acabando com a sua vida. Precisamos do nosso amigo de volta, você tem que colocar essa cabeça no lugar.

Ele me jogou dentro do carro e mesmo que tentasse ficar sentado, meu corpo parecia pesar uma tonelada e acabei deitando no banco.

— Eu mereço toda essa merda! — De olhos fechados, ouvi Bruno bater a porta causando um latejar doloroso em meu cérebro.

— E você acha que merecemos isso?

Abri meus olhos assustado e desesperado, demorou um pouco, mas foquei nos olhos verdes da melhor amiga que a vida me presenteou, mesmo eu não merecendo.

— Porra, Bruno! Para que trouxe ela?

Ele riu sem humor ao se sentar atrás do volante.

— E quem você acha que insistiu em vir aqui? Por mim, eu te deixaria dormindo no seu vômito pra ver se aprende alguma coisa.

Layla tinha lágrimas escorrendo por seu rosto e me olhava com mágoa e pena. Eu odiava esse sentimento. Ser a causa do sofrimento de alguém foi algo que evitei por todos esses anos.

— Estrela, por favor. Pare de chorar.

— Pare de querer se destruir, Heitor. Não aguento te ver assim.

— Ele não se importa, anjo. Pra ele só se entorpecer é que vale a pena. Só não entendo o motivo disso tudo, se é algo tão doloroso que precisa esquecer, divide isso com a gente, cara. Não vai doer menos, pode até te aliviar. — A voz do Bruno, sempre divertida e cheia de sarcasmo, agora estava fria e sem sentimento.

Não queria que ficassem assim por minha causa. Queria poder dividir isso com alguém, talvez pudesse me ajudar, mas não conseguia. Falar sobre o que aconteceu fazia com que doesse muito mais só de lembrar.

— Eu não tenho nada a dizer, cara. Da próxima vez, pode me deixar lá que talvez minha morte seja bem melhor do que ver vocês sofrendo por minha causa.

Fechei meus olhos, não queria ver o rosto dos meus melhores amigos acusatórios e penalizados. Podia ouvir Layla choramingando e fungando todo o caminho e Bruno xingava a cada curva. Senti-me mal e tinha vontade de vomitar cada vez mais. Odiar a si mesmo era o pior sentimento que um ser humano podia ter.

Quando paramos, tentei me levantar, não queria dar trabalho, porém, outra vez, meu corpo parecia pesar mais do que eu podia aguentar.

— Idiota, pare com isso! Eu vou te levar lá pra cima. — Ouvi que ele abriu e fechou a porta, então abri os olhos e me deparei com Layla me encarando novamente.

— Não faz isso com a gente, Heitor. Não faz isso com você!

Sorri meio torto para ela e realmente queria dizer que não faria mais, que mudaria minha vida. Que iria parar com toda aquela bebedeira, mas simplesmente não podia enganá-la assim.

Não disse nada quando Bruno me arrastou com dificuldade do banco do carro, tentei ajudar o máximo possível. Ele também permaneceu em silêncio, concentrado na tarefa de subir as escadas para me levar para a casa. Ele bufava pelo esforço, sempre fui um cara grande e pesado e imaginava como devia estar sendo difícil para ele, além do fato de estar muito chateado comigo.

Quando chegamos vi que ele pegou a chave e abriu a porta do apartamento, subitamente me envergonhei de Bruno estar ali. O lugar estava um verdadeiro chiqueiro. Fazia algum tempo que eu não limpava e o cheiro forte de bebida e coisas estragadas impregnava o lugar.

— Porra, Heitor! Tinha que deixar sua vida chegar nesse estágio? — Andou até o sofá torcendo o nariz e me jogou deitado ali. Apoiou as mãos na cintura e me olhou com decepção evidente no olhar. Desde que comecei a me autodestruir estava sendo normal ver esse tipo de expressão em meus amigos. — Não dá pra te deixar aqui nesse lixo!

— Me deixe aqui, cara! Vai cuidar da sua mulher e filha. Não a faça esperar demais. Eu mereço estar aqui.

Meu amigo se abaixou e inclinou a cabeça, me analisando.

— Quando te conheci, você me deu alguns conselhos que foram muito importantes e os guardo com carinho. Agora chegou a minha vez...

Apesar de meu torpor causado pela bebida, eu me lembrava desse dia, foi a primeira vez que falei com o cara e foi a respeito da Layla. Sorri de lado e me virei para ficar mais confortável. Era hora de dormir.

— Quem diria, já faz tanto tempo, não? Mas, cara, não preciso de conselhos. Sei bem o que estou fazendo.

— Não sabe não, sei que o que quer que tenha acontecido dói pra caralho, mas, Heitor, não se entregue assim, irmão. O que falta para você entender que está causando muito mais dor do que sei que pretende?

Fechei meus olhos, mas sabia que ele ainda estava ali.

— Eu não tenho o direito de fazer vocês sofrerem, eu sei. Mas não consigo mais sentir dor, preciso esquecer e só assim que consigo.

— Esquecer o quê?

— Eu perdi tudo o que era mais importante na minha vida... e foi tudo minha culpa.

— Converse comigo. Me fale o que aconteceu?

Sabia que ele estava usando minha língua solta a favor para que eu dissesse o que queria ouvir, mas eu já estava apagando e não diria a ninguém o que aconteceu há seis anos.

— O aniversário tá chegando, preciso me preparar.

— Aniversário de quem?

Pensei por um instante, estava quase no mundo onde tudo ficaria escuro outra vez.

— Você precisa trazer minha luz de volta! Só ela pode me tirar das sombras.

Sei que ele disse mais alguma coisa, mas não o ouvi. Já não estava coerente e apaguei por completo quando, mais uma vez, eu a vi. Ela que me trouxe de volta, me fez querer voltar a ser quem eu era antes de tudo mudar. E a deixei escapar, eu era merecedor de tudo que me acontecia. Não tinha direito a ter paz!

E, então, a escuridão me levou, só que podia ver um fio de luz querendo me puxar.

Fugi sem pensar, lá eu sentia dor, as lembranças retornavam, a culpa me sufocava. Nas trevas era mais confortável.

Acordei com o sol queimando meu rosto. Tinha certeza de que não era uma casualidade, Bruno deve ter aberto todas as cortinas para aumentar o poder da minha ressaca. Cobri os olhos tentando protegê-los da claridade.

Percebi que estava tudo diferente ali. O cheiro rançoso já não incomodava e a impressão de estar afogado em álcool também havia sumido. Sentei-me segurando minha cabeça que parecia ter sido martelada por um sino de ferro e olhei em volta. Estava tudo limpo e arrumado.

Estava confuso, mas agradecido. Não era saudável viver no meio de tanta sujeira. *E beber feito um gamba era?* Por mais que eu soubesse que tinha que parar, eu dizia para mim mesmo que não faria mais, mas ao final da noite precisava de uma dose pra dormir, o que levava a várias.

Foi exatamente por esse motivo que sempre me controlei com a bebida alcoólica. Sabia que não seria forte para parar e misturado com fantasmas e amarguras intensificava a necessidade de beber sempre mais.

Um barulho na cozinha me chamou atenção e levantei-me meio arrastado. Percebi que estava sem a camisa que eu havia vomitado no bar e vestia apenas a calça jeans gasta que gostava de trabalhar.

Quem havia cuidado de tudo e ainda tirou a minha roupa?

A resposta provavelmente era a pessoa que achava que minha cozinha era uma escola de samba. Porra, pra que tanto barulho?

Quando cheguei à porta estaquei chocado ao ver quem lavava milhares de vasilhas sujas na pia. Não imaginei encontrá-la novamente, ainda mais nesse estado em que me encontrava. Eu fugi para que não me achassem.

Ela olhou pra cima e sorriu da maneira como me lembrava. Não percebi que senti saudades daquele sorriso até vê-lo novamente.

— Olha quem resolveu acordar, pensei que iria passar o dia dormindo. — Enxaguou o prato que estava cheio de sabão e secou as mãos no pano de prato. Virou-se para mim e abriu os braços. — Não vai dar um abraço na sua mãe depois de seis anos sem me ver? Senti saudades, filho...

Capítulo 2

“Não desistir de me amar, foi o ímpeto que faltava para eu despertar para a vida.”

(Cris Saavedra)

Heitor

— Como me achou aqui, mãe?

Ela estreitou os olhos e abaixou os braços apoiando-os na cintura.

— Assim que você me recebe depois de sumir por seis anos, Heitor? Como pôde fazer isso comigo, com a família toda? Acha que ficamos bem sem saber nada sobre você a não ser um cartão anual sem endereço nem nada mais concreto?

— Como me encontrou, mãe? Quem te deixou entrar?

Seu semblante foi de ferido a furioso em um segundo. Eu a conhecia bem e sabia que estava prestes a explodir e isso não era muito bonito de se ver.

— É só isso que tem para me dizer? — Como não respondi, ela suspirou parecendo cansada. — Você me escreveu o último cartão e tinha endereço, pela surpresa ao me ver acredito que estava bêbado quando o fez. — E devia mesmo, não queria que me encontrassem de forma alguma. Preferia me manter solitário só com as minhas lembranças, não precisava de mais ninguém para me lembrar de tudo que causei. — Achei que era um convite mudo e imagina minha surpresa quando eu chego e encontro a porta fechada, depois de um tempo volto e tem um rapaz muito bonito te arrastando pra dentro de casa de tão ruim que estava. Ele foi muito legal em me deixar ficar, por isso cuidei de tudo até que acordasse.

Minha cabeça latejava e, apesar de estar feliz por ver minha mãe depois de tanto tempo, eu estava cansado de fugir, de me esconder, cansado de sentir aquela dor sozinho.

— Eu sei o quanto tudo pesa em suas costas, filho. Deixa a mamãe aliviar seu fardo. Vem cá... — Abriu os braços com um sorriso pequeno em seus lábios carnudos.

Senti como se retornasse à infância e precisava de seu conforto quando as crianças da escola mexiam comigo, ou quando simplesmente estava carente e precisava de um carinho. Apesar de ter seis filhos, minha mãe nunca deixou de demonstrar amor e carinho por nenhum de nós, ela dizia que era grande o bastante para caber todos nós em seus braços.

Engoli em seco e sacudi a cabeça, o que provocou uma dor intensa que me fez encostar no batente da porta, fechei os olhos tentando ajeitar meus pensamentos e senti o calor do corpo da minha mãe. Sem abrir os olhos encostei meu queixo na cabeça dela.

— Você não pode ficar, mãe.

— E não vou, tenho minha casa e minha vida pra cuidar. Mas eu precisava ver se meu caçula está realmente bem ou se era um fantasma que enviava aqueles cartões frios e sem amor.

Há algum tempo meu coração foi despedaçado e não fazia nada mais que doer, porém, com ela falando assim, ele sangrava ainda mais.

— Eu preciso ficar longe, vocês precisam entender.

Ela assentiu e passou a mão em meu peito como fazia quando eu estava doente e queria me acalmar.

— Eu entendo, me coloco em seu lugar todos os dias para desculpar a sua ausência, mas você também precisa aceitar que tem uma família que te ama e nunca irá te culpar ou julgar. Precisa seguir em frente, Heitor. Estacionou no lugar e não consegue evoluir.

— Eu não tenho esse direito, mãe.

— Até mesmo o mais pecador tem direito a se redimir e no fundo você sabe que nada do que aconteceu foi culpa sua, foi uma fatalidade.

Fechei meus olhos e a abracei mais forte tentando recuperar um pouco da paz que sempre senti com ela.

— E como estão todos?

Minha mãe se afastou e me encarou com um sorriso.

— Estão todos bem, as crianças já não são tão pequenas. Você perdeu a melhor fase deles, agora são “aborrecentes” chatos.

Sorri ao lembrar dos meus sobrinhos e sobrinhas que não eram poucos, deviam estar enormes agora.

— E o papai?

Meus pais, Ester e João, casaram-se jovens e construíram uma família grande, exatamente como planejaram. Passaram por dificuldades, mas seguiram de pé, lutando e vencendo cada obstáculo. Morar na periferia já era motivo de preconceito, sermos negros

intensificou os problemas que passamos na escola. E eles tiveram que ter firmeza para nos ajudar nessa parte. Acredito que não foi nada fácil. E claro, em todo relacionamento tinha aquele pilar que levantava a família, e na casa dos Teles esse alicerce era a dona Ester. Era ela que conseguia levantar nossos ânimos e nos fazer seguir em frente.

Por outro lado, meu pai era mais fraco e se deixou levar pelo vício do álcool, o que nos causou grandes preocupações e problemas sérios. Depois de anos ele entrou para um grupo de apoio e conseguiu se livrar dessa doença. Cada dia era importante. Eu ainda era criança na época, mas me lembrava exatamente como era doloroso vê-lo naquele estado.

Sempre soube que não deveria me deixar levar, pois com esse histórico familiar poderia acontecer o mesmo comigo. Mas a dor era maior do que minha perseverança de não cometer o mesmo erro.

Para minha mãe não deve ter sido fácil me encontrar daquela forma depois de anos carregando meu pai para casa no mesmo estado.

— Ele está bem, filho. Agora cismou de pescar, vê se aguento? Sai no sábado e volta domingo com o isopor cheio de peixes. Sobra pra quem limpar tudo? — Ela riu e se afastou para olhar em meus olhos. — Por que você deixou que a dor te tomasse a ponto de se afundar no mesmo buraco que seu pai, Heitor?

Mesmo que ela não estivesse me dando uma bronca eu sentia como se fosse. Soltei-a e me afastei para pegar um copo d'água. A ressaca estava batendo em mim como uma maldição.

Coloquei o copo dentro da pia e olhei para ela.

— Eu precisava dormir, mãe, depois do acidente tudo se intensificou.

Seus olhos escuros se arregalaram e me amaldiçoei. Ela não sabia que eu havia sofrido um acidente.

— Que acidente, Heitor? Ai, meu Deus, quando?

Levantei as mãos na frente do corpo, precisava acalmá-la.

— Calma, está tudo bem agora. Há alguns meses eu sofri um acidente e fiquei em coma. Voltei apenas algumas semanas.

— E está querendo se matar? Bebendo dessa forma? Tenho certeza de que não devia nem estar andando sozinho desse jeito.

— Eu sou bem grandinho, dona Ester. Sei me cuidar.

Passei por ela indo até o sofá e me sentei tentando assim finalizar a conversa que estava explodindo com a minha cabeça. Contudo, eu sabia que não seria possível. Ela me seguiu e sentou-se à minha frente.

— Tô vendo mesmo o jeito que sabe se cuidar. Que droga, Heitor! Tem mais alguma coisa te incomodando, o passado não volta assim para nos assombrar.

Abri meus olhos e a encarei, desnudando toda a minha alma. Se ela queria mesmo saber como eu estava que assim fosse. Não era mais o mesmo que ela deu à luz, depois do que aconteceu minha vida se tornou somente dor e sofrimento, o que me tornou quem era.

— O passado volta sim, mãe. Não é qualquer dor, eu fui o culpado de tudo e devia ter perdido minha vida há muito tempo. Eu tentei não voltar dessa vez, mas uma luz me puxou de volta.

Ela ficou me olhando por algum tempo, triste e magoada. Não devia ser fácil ouvir da boca de um filho que queria morrer. Então, seus olhos adquiriram um brilho novo que realmente me assustou.

— Luz? Que luz?

Droga, percebi que tinha falado demais. Não devia ter mencionado isso. Depois de

criar quatro homens e duas mulheres, ela sabia muito bem ler nas entrelinhas.

— Não é nada, minha cabeça ainda não está muito boa. Esquece o que eu disse.

Fechei os olhos tentando que assim ela deixasse como estava. Não tive tanta sorte.

— Hum, eu te conheço. Meu caçula sempre foi muito romântico e apaixonado. Não tem nenhuma mulher nesse meio, filho? Quem é ela que conseguiu te arrancar da escuridão?

Só de lembrar dos seus olhos lindos, lábios macios, voz doce, meu coração acelerava. Liz era a única capaz de me tirar desse buraco e simplesmente fugiu de mim. Mas quem poderia culpá-la? Estar comigo era como se envenenar na tristeza e autopiedade.

— Não é ninguém! De qualquer forma eu não posso ficar com ninguém. Sabe disso, não suportaria.

— Ter tido um relacionamento destrutivo não é uma maldição, não está condenado a repetir isso, você pode encontrar alguém que te faça feliz. Basta você deixar entrar.

— Ela fugiu de mim, mãe.

— Fugiu? Por quê? Você é um homem bonito, trabalhador e um doce de criança. O que mais uma mulher pode querer? Tem mais alguma coisa por trás de tudo, não tem? — Sorriu docemente e sentou-se ao meu lado.

Me deitei em seu colo e ela ficou passando a mão por minha cabeça como fez muitas vezes.

— Ela é a médica que cuidou de mim, mãe. De alguma forma me fez retornar e eu precisava de mais, mas ela fugiu. Foi embora e me deixou sozinho no escuro de novo.

Seu silêncio me disse que ela estava pensando em alguma saída para meu problema, mas não tinha. Eu perdi tudo que era importante na vida e agora estava fadado a ser

sozinho e infeliz.

— Acho que você não está lutando o suficiente, tá na hora de tomar um banho, curar essa ressaca e ir atrás da doutora. Não acha, meu amor?

Algo clicou em mim, talvez fosse o que ela disse ou o fato de ter sido minha mãe a dizer, mas estava certa. Eu não estava lutando o suficiente.

Capítulo 3

“O desejo estava lá, explícito e ardente; não era só mais uma insinuação... não tinha mais como resistir.”

(Cleidi Alcântara)

Liz

Semanas se passaram desde a última vez que o vi e mesmo assim não conseguia tirá-lo da minha cabeça. Fui embora para não cair em tentação, minha mente dizia que era o certo a ser feito, assim seria mais difícil me machucar, mas meu coração não concordava com isso e me fazia sofrer.

— O que você acha, Liz?

Levantei os olhos do café que estava tomando e encarei minha amiga sem saber o que dizer. Júlia havia me convidado para um café depois do plantão e vi uma oportunidade de me distrair, mas, pelo visto, não era o caso.

— O que você dizia, Ju? Desculpe, estava perdida.

Ela arqueou uma sobrancelha perfeitamente desenhada e sorriu brilhantemente. Nós ficamos amigas instantaneamente quando nos conhecemos há dois anos. Era uma profissional dedicada e um amor de pessoa.

— Ah, querida! Isso se percebe desde o dia que voltou e depois do casamento tudo ficou pior. Tá acontecendo alguma coisa?

Só por mencionar o casamento, eu me lembrava das mãos dele sobre meu corpo. Deus, eu precisava parar com isso ou iria enlouquecer.

— Não é nada, Ju! Besteira minha, vai passar. Acho que estou um pouco cansada.

Minha amiga era uma mulher linda. Sua pele negra era perfeita, os cabelos encaracolados muito bem cuidados, corpo maravilhoso, ela era uma verdadeira deusa de ébano. Mas o que mais chamava a atenção nela era que Júlia era um verdadeiro sopro de ar fresco em nossas vidas. Nossa profissão não era fácil e muitas vezes nos achávamos inúteis e impotentes, mas ela sempre arrumava uma forma de melhorar tudo. Talvez fosse pela beleza da família que a deixava tão pra cima. Nascida de uma família unida e muito humilde, ela lutou para estar onde havia chegado. Casada há cinco anos com seu primeiro namorado estava planejando o primeiro filho.

— Sei, eu acho que tem algo mais nessa história. Estou casada há cinco anos, amiga, sei muito bem identificar quando alguém está mexida por causa de homens, além de ter uma irmã mais velha tenho três irmãos, primos a perder de vista e duas cunhadas. Ah, sem falar nos sobrinhos adolescentes. Desembucha, quem é o cara?

Ri da sua descrição resumida da imensa família. Enquanto eu era filha única de pais, também filhos únicos, ela tinha uma verdadeira multidão de parentes.

— Ju, não tem ninguém. Sabe que ando preferindo a solidão do que me magoar mais uma vez.

— Liz, nem todos são iguais aquele idiota que te machucou. Sabe muito bem disso.

Olhei pela janela do café que estávamos sentadas e me perdi em lembranças dolorosas. Um relacionamento de anos tinha servido apenas para me mostrar que eu não era feita para aquilo. Não queria passar por uma humilhação outra vez.

— Não comparo os homens com o Marcelo. Sabe que eu me iludi quanto a ele, sempre estive na minha cara e resolvi ignorar.

— O que não quer dizer que não tenha te traumatizado. Mesmo sendo linda e independente ainda é uma mulher sensível que acreditou no cara errado.

Me virei para ela e sorri tristemente.

— Não queria ser tão sensível.

Ju estendeu a mão por cima da mesa e envolveu os dedos em meu pulso fazendo um carinho delicado.

— Sabe que é um amor de pessoa e a sua sensibilidade que a faz ser a profissional e amiga perfeita que é. Alguém ainda irá dar valor ao que você carrega, amiga. Espere e verá.

— Pode ser, mas ele é proibido pra mim — disse distraída com o conforto que Júlia me dava.

— Ah, sabia! — ela gritou e arregalei os olhos percebendo o que eu havia dito. Simplesmente entreguei exatamente o que ela queria.

— Oh, droga...

Ela fez um gesto negativo com a mão e quase dava pulinhos na cadeira do outro lado da mesa.

— Droga nada, dona Liz. Diga logo quem é e me dá o endereço dele que vou buscar

o besta que te deixou escapar pelas orelhas.

Tive que rir com a impetuosidade da minha amiga. Júlia Marques era assim mesmo, não tinha rédeas em seus sentimentos e conseguia o que queria de qualquer maneira. Não me surpreenderia se ela fizesse isso mesmo.

— Se eu não disser, você vai me torturar pela vida toda, né?

— Pode ter certeza disso. — Sorriu amplamente piscando um olho.

Respirei fundo e assenti, derrotada.

— Tudo bem, mas me ouve até o final sem me interromper ok? — Ela fez um X com os dedos e os beijou dos dois lados. — Você sabe que eu fui tratar de um rapaz na cidade vizinha que havia sofrido um acidente e não havia retornado do coma mesmo com o inchaço do cérebro diminuído, certo? Bom, quando cheguei lá percebi que não havia nada de errado fisicamente, ele estava em ótima saúde apesar do desastre em que se envolveu. Então, percebi que o problema era psicológico e fiz como faço com todos os meus pacientes. Conversava com ele e usei todo o procedimento não convencional da medicina. Só que fui além, eu o toquei nas mãos e pés para estimular os reflexos. Falei muito e li livros pra ele. Passei muitas noites em claro ao lado de sua cama esperando que voltasse. Estava frustrada e quase desistindo quando resolvi cantar. Quando abriu os olhos me encarando tão ardentemente, eu levei um susto terrível com a lucidez que vi de um homem que estava há meses em sono profundo. Aconteceram algumas coisas que prefiro esquecer, mas o fato é que o paciente cismou que eu era sua luz, a salvação da sua vida e que precisava de mim. Eu fugi, Ju. Não podia mais ficar perto dele porque percebi que iria atrapalhar sua recuperação estando por perto. Você sabe o quanto pacientes podem confundir a gratidão que sentem com outras coisas, não posso fazer isso. Você sabe!

Júlia tinha os olhos estreitos em duas fendas e enrolava um cacho no dedo, pensativa.

— E você ficou mexida com esse paciente? Mesmo sabendo de tudo isso?

Tentei negar tantas vezes que havia perdido a conta, estava no automático e abri a boca para responder, mas Júlia tinha algo que não me deixava mentir, acabava gaguejando e simplesmente não saía.

— Sim... e eu sei que isso é imperdoável. E depois de sentir ele tão perto, não consigo esquecer.

— Opa, opa! Sentir tão perto? O que está deixando de me falar, Liz?

Olhei para minha melhor amiga e senti como se revivesse aquele momento no quarto de hotel. Heitor me encurralou e mesmo tendo bebido senti sua força sobre mim. Quase cedi naquela noite, se tivesse ficado por mais um minuto não responderia pelos meus atos.

— Ele estava no casamento do meu amigo e acabou me encurralando. Quase não resisti, Ju.

Ela se abanou com as mãos e deu uma golada no café que já devia estar frio, fez uma careta e chamou o garçom com um aceno para que se aproximasse. Quando ele chegou perto, ela sorriu.

— Você pode levar esse café e me trazer duas doses de uísque? Já terminamos um plantão cansativo e precisamos de algo mais forte.

— Claro, volto em um minuto. — O rapaz se afastou e Júlia me encarou muito séria.

— Precisamos de algo mais forte para continuar essa conversa, Liz.

Assenti e voltei meu olhar para a janela. O hospital que trabalhávamos ficava bem perto e olhar para o lugar que era minha segunda casa me trazia uma melancolia que, às vezes, me deixava deprimida. Eu não tinha vida fora do trabalho, na verdade não era seguro. Preferia tentar salvar vidas do que viver realmente.

O garçom voltou com nossas bebidas e Júlia tomou a dela numa golada só. Olhou pra mim e fez um gesto engraçado com as mãos.

— Desculpe por isso, mas histórias quentes me deixam com a boca seca. Amiga, como assim? Por que não ficou? Faz quanto tempo que você não transa? Devia ter aproveitado a deixa.

— Júlia! Era meu paciente, pelo amor de Deus. E ele estava bêbado...

— Não tanto, pois se conseguiu mexer contigo assim é porque tinha poder sobre suas faculdades mentais. Mas agora me explique isso direito porque minha cabecinha não está captando as coisas.

Balancei a cabeça, já estava cansada de explicar isso a mim e não seria difícil dizer em voz alta.

— O que há para explicar, Júlia Marques? Ele é meu paciente, estava se recuperando de meses de coma há algumas semanas apenas, bebendo feito um porco e achava que estava apaixonado por mim. O que queria que eu fizesse? Seria quase como abusar do cara?

Ela arqueou as sobrancelhas e riu muito. Sua gargalhada chamou atenção para nossa mesa e tenho certeza de que fiquei envergonhada. Minhas bochechas queimavam e queria muito que houvesse soltado os cabelos do costumeiro rabo de cavalo que usava. Assim poderia me esconder.

— Abusar dele? Liz, amiga, me escute. O cara estava a fim de você. Ele não é nenhuma criança. Já estava bem o bastante pra encher a cara e, com certeza, reparou na beleza que você é. Não vejo problema algum em ter tido algumas horas de sexo com ele.

— É antiético.

— Sim, se ele ainda fosse seu paciente, mas você já havia cedido o paciente a outro profissional. Era só um homem e uma mulher. Depois você voltava com um sorriso no rosto e o corpo leve. Amiga, pelo jeito que você está frustrada, o cara devia ser um gostoso. Devia ter aproveitado. Precisa parar de pensar tanto, não deve fazer muito bem.

— Sorriu amplamente parecendo uma diabinha, o que realmente estava sendo no momento, colocando ideias na minha cabeça.

— Você não está ajudando, Júlia!

— Eu sei, desculpe. Não posso evitar, meus irmãos dizem que não sou uma boa influência, eu discordo totalmente. Mas, amiga, só quero que você enxergue a mulher linda que é por dentro e por fora. Merece se divertir.

Respirei fundo e assenti meio a contragosto. Eu sabia que ela tinha razão, mas eu não podia me dar ao luxo dessas coisas.

— Ok, Ju. Eu vou fazer o possível para mudar minha rotina.

— Isso! E pra começar você vai a uma festa que vai ter na casa da minha mãe amanhã, à tarde. Lembra daquele meu irmão que te falei? O que sumiu? — Assenti me lembrando quando ela mencionou o tal irmão com o sorriso lindo que havia desaparecido e que ela sentia tanta falta. — Então, ele está voltando para nós. É um churrasco simples na beira da piscina, mas vai ser ótimo para você se distrair. O que acha?

Depois de um plantão longo e cansativo tínhamos o final de semana de folga, que eu estava planejando passar no sofá da minha sala vendo seriados e lendo livros. Não queria ter que interagir com pessoas.

— Sem desculpas, Liz Queiroz. Você vai e ponto-final. Tenho alguns primos gatos que tenho certeza de que podem te fazer perder a cabeça.

Olhei em seus olhos chocolate e Júlia tinha tanta esperança que eu fosse que fiquei sem graça de negar. O que eu diria?

Olha, amiga, eu tenho um compromisso com o sofá da minha casa e um caso de amor muito sério com os personagens dos meus livros.

Simplesmente não dava para usar essa desculpa. Ela me mataria se eu dissesse isso.

— Tudo bem, Júlia. Mas só se me prometer que não vai jogar nenhum homem pra cima de mim.

Ela sorriu e piscou um olho.

— Confie em mim!

Isso que me dava medo.

Capítulo 4

“Em cada olhar, um destino; em cada abraço, um incentivo; em cada beijo, uma declaração; e em todos os momentos, uma inspiração.”

(Danielle Thamires)

Heitor

Sinceramente? Eu preferia estar em coma ainda do que estar de volta. Trazia-me lembranças que eu preferia esquecer, mesmo que os fantasmas me acompanhassem aonde eu fosse, ali era diferente. Sentia como se cada dor se multiplicasse.

E um dos motivos que eu não quis contato com ninguém por seis anos era o fato de não conseguir resistir a um pedido da dona Ester. Era praticamente impossível. Ela disse que meus irmãos e irmãs sentiam minha falta e que queriam me ver, só se esqueceu de mencionar a festa enorme que me esperava com muitos primos, sobrinhos e afilhados.

Droga!

Ainda não conseguia pilotar a moto e por isso pedi o carro do Bruno emprestado, jurando de pés juntos que não iria dirigir se tivesse bebido. Nem poderia, minha mãe não deixaria e me amarraria na cama se fosse preciso.

Estacionei na garagem e percebi que estava sendo muito esperado. Havia uma enorme faixa na vaga que deveria ser para mim. Uma frase de boas-vindas me recepcionou. Não consegui ficar com raiva e depois de algumas semanas finalmente abri um sorriso sincero. Por mais que doesse, estar em casa era muito bom.

Tranquei o carro e caminhei para dentro da garagem que daria para o quintal que deveria estar abarrotado de parentes e crianças correndo. E foi como um *déjà vu*, quebrando meu coração. Tudo permanecia da mesma forma, os risos, a cantoria, a gritaria e as brincadeiras. Nada havia mudado a não ser eu.

Fiquei observando minha família que não tinha percebido sentir tanta falta até que estive com eles novamente. Fui egoísta e mesquinho os excluindo da minha vida e sempre me puni por isso. Sabia que era errado, mas não pude evitar. Ali, olhando eles que seguiram a vida, percebi o quanto eu fui idiota, talvez minha dor tivesse sido suportável com eles comigo, mas preferi me isolar.

— Você é um filho da puta e eu poderia quebrar a sua cara!

Me virei ao som daquela voz rouca e grave e dei de cara com meu irmão mais velho me encarando com os braços cruzados, ele não sorria. Não, meu irmão parecia prestes a fazer o que tinha dito.

— Oi pra você também, Diego!

Meu irmão mais velho sempre foi o maior de nós quatro. Um verdadeiro armário cheio de músculos e um rosto marcado e mal-encarado. Entre os quatro homens, nossas diferenças de idade eram pequenas, meus pais tinham filhos a cada dois anos, mais ou menos, entre eu e Diego eram oito anos de diferença, o que contou muito enquanto fomos

crescendo, porque ele praticamente nos criou junto com papai e mamãe. Perdi a conta de quantas vezes ficou responsável por todos nós para que nossos pais trabalhassem. E isso fez com que o respeitássemos da mesma forma que respeitávamos nossos pais.

— Nada de oi, cara. Onde você se meteu por todos esses anos? Não pensou em nós? Não, claro que não. O filho da mãe egoísta só pensa nele.

Engoli em seco e abaixei a cabeça envergonhado. Sabia que levaria bronca dele, mas não tinha ideia do quanto doeria.

— Sinto muito, simplesmente não pude suportar.

Vi que ele se aproximava e esperei alguma reação mais intensa dele. Apesar de ter sido fundamental para a construção da minha personalidade, Diego nunca foi famoso por sua paciência. Mas me surpreendi quando senti os braços fortes do meu irmão em volta de mim.

— Porra, cara, não faz mais isso. Doeu demais perceber que você não confiava em nós para dividir sua dor. A gente sofreu muito também, você sabe.

Logo ele se afastou e levantei a cabeça olhando para o meu irmão. Ele tinha adotado um cavanhaque e parecia muito comigo, ou melhor, eu parecia com ele.

— Eu sei disso, mas, por favor, não quero mais tocar nesse assunto.

— Sim, mamãe nos avisou. Mas eu precisava dizer o que estava entalado em minha garganta.

— Você tá velho, cara. E esses fios brancos nessa careca?

Ele riu e passou a mão pela cabeça que mal tinha cabelos. Era uma mania geral manter os cabelos rente ao crânio. Diego deu de ombros e se aproximou ficando ao meu lado. Me virei e ficamos observando nossa família sem eles nos notar.

— Vivi acha sexy eu estar ficando grisalho, a mulher é louca.

Meu irmão era casado há dezessete anos, conheceu Vivian quando tinha vinte e quatro. Em alguns meses eles se casaram e começaram uma família. Sua filha mais velha já devia ter chegado na adolescência.

— E as crianças?

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— É foda quando alguém da família vira um forasteiro, não? Eu não tenho mais criança, Heitor. Minhas filhas já são adolescentes. Bia está com quinze e Camila com treze.

Diego foi abençoado com duas meninas lindas e doces, não imaginava como estariam agora que tinham se tornado mocinhas.

— É, parece que seis anos é tempo demais. — Olhei para meu irmão, que assentiu olhando para frente.

— Sim, ainda mais quando não sabemos de nada. — Eu merecia estar me sentindo deslocado. Diego envolveu um braço em meus ombros e me puxou para a festa. — Tá na hora de se revelar, irmão. Chega de se esconder.

E assim gritou para toda a família que o filho pródigo havia voltado. Num minuto fui rodeado de braços, abraços, beijos carinhosos e boas-vindas. Olhei para a churrasqueira e vi meus outros dois irmãos e irmã me observando, porém mais atrás estava meu pai.

Senti um choque ao olhar para ele e ver o quanto havia envelhecido. Ele me encarava com os olhos marejados e senti minhas forças se esvaindo, um remorso terrível me acossou naquele momento. Poderia nem o ver mais em vida, não sabíamos quando seria a nossa vez de partir e ficar tanto tempo afastado poderia me fazer perder a chance de aproveitar meu pai.

— Acredito que Diego já disse o quanto você deveria apanhar, não?

Olhei minha irmã, Helena, e percebi que havia sentido muita falta da minha outra metade. Nós éramos gêmeos e, quando éramos crianças, fazíamos tudo juntos. Quando parti parecia que estava incompleto sem minha versão feminina.

— E aí, xerox? É, ele disse sim!

Ela já estava chorando quando me abraçou e tive que segurar as lágrimas para não desabar também.

— Precisamos conversar, seu louco! Tem noção de que, quando não senti sua presença, eu quase enlouqueci. Não pode fazer isso. — Provavelmente ela se referia ao tempo que fiquei de coma, tínhamos uma ligação estranha em que sentíamos o outro. Provavelmente perdeu essa conexão quando apaguei.

— Eu sei, sinto muito.

— É melhor sentir mesmo porque você ainda vai ouvir isso algumas vezes.

Sorri e me afastei, minha irmã continuava da mesma forma, mas tinha um brilho em seus olhos que antes não estavam ali.

— Tem alguma coisa que eu precise saber?

— Idiota, eu me casei e estou grávida de novo. Estou com três meses,

Arregalei os olhos e fiquei realmente surpreso. Helena havia sofrido uma desilusão amorosa aos dezessete anos. Ela namorava um cara do bairro desde muito novinha e acabou engravidando dele, o cara sumiu, abandonando-a, destruindo seus sentimentos e deixando um filho incrível.

— Meu Deus, quem é o cara? Preciso parabenizá-lo por ter tirado o medo do seu coração.

— Pois é, quando encontramos a pessoa certa conseguimos superar qualquer coisa,

mas deixa para depois. Ele deve chegar logo com o Vítor, que, aliás, você vai se surpreender com o homem que ele está se tornando.

— Estou velho!

— Que nada, irmão. Você está ótimo. Mas vou te deixar, tem um belo comboio te esperando.

Olhei para frente e meus irmãos estavam exatamente como encontrei Diego, de semblantes carregados e nada satisfeitos. Helena tinha corrido até mim, então tive que andar até onde eles estavam.

Samuel e Antônio eram muito unidos, acredito pela idade dos dois serem mais próximas. Na verdade, eles agiam como se fossem gêmeos, sempre do mesmo jeito e todos os homens eram muito parecidos.

— É, caçula, sua surra está programada. Só esperar. — Toni foi o primeiro a se aproximar e me dar dois tapas nas costas. Sam me olhou desconfiado e apenas acenou.

Eu os conhecia bem e sabia que no fundo estavam querendo fazer como Lena, mas o machismo falava mais alto. Peguei os dois pelo pescoço, pois eu era mais alto que eles e os abracei rapidamente.

— Também senti a falta dos dois. — Eles assentiram estranhamente e eu dei a volta pelos dois. Meu pai já tinha voltado a mexer na churrasqueira e não olhava para mim. — Oi, pai!

O nó na minha garganta havia aumentado. Meu pai estava parecendo duro e desconfortável. Ele era casca grossa e não tinha ideia se falaria comigo ou me ignoraria. Abaixei a cabeça e já ia me afastar quando sua voz embargada me atingiu.

— Vem aqui, meu filho!

Olhei para ele, que chorava copiosamente com os braços abertos. Dei dois passos e

já estava entre seu conforto. Nós éramos muito próximos e senti muita falta de seus conselhos. Depois que ele conseguiu se livrar do alcoolismo com a ajuda do grupo de apoio que participava começou a fazer parte de nossas vidas mais ativamente. Meu coração doía só de imaginar que poderia ter perdido esse abraço.

— Você não pode sumir mais, sabe disso, não? — Assenti com a cabeça em seu ombro. — Bom, porque seu pai não aguenta mais isso.

Me afastei e enxuguei as lágrimas que escorriam por meu rosto.

— Eu sei, pai. Não vou mais fazer isso.

Ele fungou e se virou para a churrasqueira, virou-se para mim e em seu olhar eu sabia o que viria.

— Sua mãe me contou sobre como te encontrou. Por que fez isso, Heitor? Sabe de tudo o que eu e meus irmãos passamos. Sempre disse a vocês que não caíssem em tentação.

Abaixei a cabeça e assenti. Estava ficando mais envergonhado do que pretendia. Não tinha certeza se mamãe tocara nesse assunto, na verdade nem queria que tivesse.

— Eu sei, pai. Eu consegui até certo ponto, mas tudo se intensificou depois do acidente.

Ele assentiu e sacudiu a cabeça.

— Sabe que tem que cortar isso logo. Não espere tantos anos para tomar uma providência.

— Eu vou, prometo.

Nós falávamos sobre o alcoolismo abertamente em casa. Todos sabíamos que estávamos predispostos a essa doença pelo fato da família ter sofrido com isso. Sempre tomamos cuidado, tinha irmãos que nem mesmo colocavam uma gota de álcool na boca

para não correr riscos. Eu sempre tive em mente que podia me controlar, talvez esse tenha sido meu maior erro.

— Bom, porque não quero ter que enterrar meu filho.

Meu coração acelerou e senti como se minha cabeça zumbisse, já não escutava nada e minha alma gritava. Papai me encarou com os olhos arregalados e sabia que não havia feito por querer.

— Onde está a peste? Não a vi!

Meu pai já olhava para as carnes na grelha e percebi que estava arrependido do que disse. Helena se aproximou e sorriu.

— Já deve estar chegando. Sabe, ela se casou com o Adriano, não é mais uma Teles.
— Riu baixinho e sentou-se na cadeira ao meu lado.

— Nem você, encrenqueira.

Ela fez uma careta e me mostrou a língua.

— Eu não adotei o nome do Alexandre. Não consegui.

Assenti e entendi o que ela quis dizer, apesar de ter “perdido” o medo, queria manter algo de si própria, como uma afirmação de que era independente. Era engraçado como eu a entendia, apesar de ninguém mais o fazer.

— Quer dizer que o namoro virou casamento. Ela namorou com ele por quanto tempo mesmo?

— Dez anos, eles resolveram se casar depois que ela terminou o terceiro ano de faculdade.

— Então, ela concluiu?

Olhei para Helena, que sorriu e me olhou com carinho, encostou a cabeça em meu

ombro e assentiu.

— Sim, e com louvor. Trabalha no hospital da cidade, temos uma médica na família. Não é o máximo?

E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa ouvi a voz da caçula gritar:

— Cadê o filho da mãe desnaturado que me abandonou?

— Acho que só tem mais essa, irmão! — Helena riu e me levantei para encontrar a caçula que tanto me importunou na vida.

Dei dois passos para fora da varanda e a vi quase correndo em minha direção. Minha irmã estava tão diferente. Tinha se tornado uma mulher linda e dava pra ver o quanto era feliz só de olhar em seu rosto. Vi que Adriano tentava contê-la segurando sua mão e já ia dizer alguma coisa quando ao olhar por trás deles, eu quase tive um ataque cardíaco.

Ela ainda não tinha me visto, pois estava distraída falando com o filho de algum dos meus irmãos. Estava agachada à frente dele enquanto tentava montar algum brinquedo. Mas era ela, eu a reconheceria a quilômetros de distância. Engoli em seco e me segurei para não ir até lá e arrebatá-la em meus braços. Já fazia quase um mês que não a via.

— Heitor, seu idiota! Vem cá e me dá um abraço.

Júlia parou à minha frente com as mãos na cintura, sorrindo, e parecendo feliz consigo mesma. Quando meu nome alcançou a Liz, ela levantou os olhos e me encarou assustada. Aqueles olhos violetas me assombraram por quase cinco semanas e eu estava mais perto da minha luz do que imaginaria.

Eu sorri. O destino tinha artimanhas que fugia de nosso entendimento. Dessa vez, ela não iria escapar.

Capítulo 5

“É com este impulso que a vida está me dando, que eu tomo coragem e vou em busca do amor para ser feliz.”

(Sandra Silva)

Liz

Esperei por Júlia e o esposo na entrada do meu prédio por exatos dez minutos. Ela não se atrasou, eu que me adiantei mesmo. Estava ansiosa para conhecer a numerosa família de minha amiga. Estava acostumada a apenas eu, meus pais e avós. Mas estranhei a ansiedade que estava sentindo, não era comum, parecia que algo mais aconteceria, mas devia ser só nervosismo mesmo. Eu tinha essa mania louca de pensar muito em tudo.

No caminho, Júlia não parava de falar na ansiedade de ver o irmão que estava sumido há muito tempo, o quanto sentia falta dele e disse um pouco sobre o que aconteceu, que o afastou de todos. Não entendi essa parte muito bem, pois Adriano, o marido dela, chamou atenção para que ela não dissesse mais nada sobre o que havia acontecido. Deixei

de lado, porque se era coisa de família eu não tinha que me meter.

Adriano era um doce de pessoa. Era evidente o quanto ele amava a esposa e fazia questão de demonstrar isso com cada ato despercebido de carinho que ele fazia. Era uma relação supernatural e linda, nada do que eu vivi por sete anos. Mas não queria pensar naquilo que me trazia apenas tristeza do tempo que perdi.

Chegamos rapidamente, ou fui eu que não percebi o tempo passando? Bem, não importava. O fato era que do lado de fora já dava para ouvir a algazarra de crianças, o que era uma maravilha. A tarde estava linda, o sol estava perfeito para um mergulho na piscina. Não que eu fosse entrar, não me dava muito bem com a água.

Júlia liderou o caminho, mas logo fui parada por um menino que tinha um brinquedo desmontado nas mãos. Tão lindo e aqueles olhinhos chocolate estavam tristes, não resisti e me abaixei tentando fazer amizade.

— Oi, tudo bem? — O pequeno fez que não com a cabeça e olhou para o boneco que estava partido ao meio. — O que houve aí? Posso ver? Meu nome é Liz.

Ele assentiu e se aproximou, entregou-me o boneco e fungou.

— Ele *quebo*...

— Hum, será? Qual seu nome?

— Lucas.

— Nome bonito, eu conheço um Lucas. Ele é grande e muito legal, é um médico. — Tentei distraí-lo enquanto tentava encaixar a cintura do boneco com as pernas.

— Minha tia é médica, mamãe disse que vou ser também, mas eu *quelo* ser bombeiro.

Ouvi o barulho da Júlia gritando para alguém, mas estava bem distraída com o

pequeno Lucas para notar o que ela estava falando.

— Bombeiro é legal, Lucas. Tenho certeza de que sua mãe vai concordar. Quantos anos você tem?

— Assim, ó. — Levantei os olhos da minha tarefa e vi que ele levantou cinco dedinhos.

— Hum, já é um rapaz. Acho que estou quase conseguindo arrumar... — Estava quase encaixando o boneco quando ouvi Júlia gritar um nome que nunca me esqueceria ou deixaria de sentir um frio na barriga.

Com medo do que poderia ver levantei os olhos e dei de cara com ele, que me encarava com tanta intensidade que imediatamente corei. Estava surpresa e, ao mesmo tempo, assustada. Ele sorriu e meu coração quase parou de bater.

— Tia Liz, você conseguiu! — Olhei assustada para o pequeno Lucas e percebi que tinha mesmo encaixado o boneco. — Você salvou o capitão, agora posso voltar a brincar, muito *obrigado*.

Deu-me um beijo no rosto e pegou o boneco das minhas mãos correndo pelo quintal e me deixando sozinha. Não percebi que estava segura com uma distração, agora além de ter que conhecer a família inteira de Júlia *ele* também estava ali. Mas, por que e como?

Levantei-me e me virei para a saída. Se eu fugisse ninguém notaria, afinal ainda estava na entrada da casa, Júlia estava um pouco distante e abraçava Heitor falando algumas coisas pra ele, parecia emocionada. Droga! Era a única chance que eu tinha.

Porém, como eu explicaria a minha amiga que eu não podia ficar? Que o tal cara que mexeu comigo era o mesmo que ela tinha grudado no pescoço e, pelo que entendi, era irmão dela. Jesus, só eu mesmo para entrar em confusões assim.

Respirei fundo e me virei novamente. Júlia vinha em minha direção, sorrindo em

meio as lágrimas, e ele não parava de me encarar.

— Desculpe, Liz. Me distraí e te abandonei.

Tentei sorrir mesmo que meu coração estivesse acelerado e eu mal conseguia respirar.

— Tudo bem, Ju. Conheci o pequeno Lucas, uma graça de menino.

Ela sorriu amplamente e assentiu, eu sabia o quanto era apaixonada pelos sobrinhos.

— Ele é o filho mais novo do Toni, foi uma surpresa quando a Kátia engravidou. Os outros dois meninos deles já são adolescentes. Casaram cedo, tiveram filhos cedo. Sabe como é, a única atrasada aqui sou eu. Meus irmãos todos já tiveram filhos, alguns mais que os outros, o caso de Sam. — Ela riu apontando para o irmão do outro lado do quintal, que acenou para nós.

Bem, o que eu poderia dizer? Se estivesse olhando em volta antes de entrar teria percebido as semelhanças. O irmão da Júlia era a cópia do Heitor, então daria tempo de fugir com alguma desculpa.

— É bom ter uma família numerosa — disse sem prestar muita atenção. Estava tentando me distrair do peso que senti em cima de mim enquanto caminhávamos.

— Sim, mas o Samuel se superou. Mamãe teve seis filhos, meu irmão já passou por um. O primeiro dele nasceu quando ele tinha apenas quinze anos, mamãe quase surtou. Bem, mas agora quero te apresentar meu irmão sumido, o filho desnaturado e pessoa sem coração... Liz, esse é Heitor.

Engoli em seco e levantei minha cabeça olhando em seus olhos. Percebi meu erro no mesmo instante, deveria ter olhado para qualquer outro lugar, mas não. Tinha que focar exatamente onde podia ver dentro dele. Cada pedaço quebrado era exposto em seus olhos, não tinha ideia de como as outras pessoas não enxergavam isso.

Ele desceu o degrau da varanda em que estava e se aproximou, sorrindo, como se estivesse me conhecendo naquele instante.

— Muito prazer, Liz. Pelo pouco de tempo em que estive com essa tagarela, ela já falou de você. — Estendeu a mão morena que eu conhecia bem, e também sentia saudades.

Olhei para seu rosto e ele sorria sarcasticamente como se me desafiasse a alguma coisa. Desde que acordou descobri em Heitor algo que os amigos não conheciam, ele gostava de provocar e fazia isso naturalmente sem perceber. E isso me irritou!

Aceitei seu cumprimento e envolvi minha mão na dele, o que provocou um aquecimento em todo o meu corpo. Droga! A memória sensorial é como te marcar a ferro quente, dificilmente eu esqueceria o toque daquele moreno do pecado.

— Espero que tenha dito coisas boas, Ju. — Puxei minha mão meio rapidamente e dei um passo atrás, o que não passou despercebido por Heitor, que levantou uma sobrancelha.

Minha amiga era muito esperta e tive a certeza de que ela percebeu algo quando eu me afastei. Algo que não costumava fazer. Júlia estreitou os olhos e sorriu.

— Claro que sim, como eu iria falar mal da minha melhor amiga? — Virou-se para o irmão e fez a mesma careta que havia feito para mim. — Ela não é linda, Heitor? Liz é a melhor Neurologista do hospital, na verdade acredito que do estado. Ela foi chamada há alguns meses para tratar de um caso que consideravam perdido no hospital da cidade que você está morando, aliás. Mas no final, com seu dom incrível, conseguiu ajudar o paciente a voltar. Não é lindo isso?

— É sim, um dom desses deve ser guardado a sete chaves. Parabéns pelo feito, Liz, seu paciente deve ter ficado muito feliz.

Sorri sem graça para ele e agradeci com um aceno, precisava fugir. Heitor estava jogando insinuando aquelas coisas, não suportaria por muito tempo. Meu emocional estava

uma bagunça só pela surpresa de tê-lo encontrado ali.

— Você pode me mostrar o banheiro, Ju? — Olhei para ela pedindo com o olhar para que eu me adiantasse.

Ela assentiu e voltou-se para o irmão, que nos encarava como se soubesse que eu estava fugindo.

— Não fuja que ainda quero te matar — disse ao irmão, que sorriu assentindo.

Nos afastamos um metro até que a voz de Heitor me parou.

— Ei, Liz, você tem os olhos mais lindos que eu já vi.

Nem mesmo me atrevi a olhar para trás e praticamente invadi a cozinha tentando fugir dele. Júlia me chamava e eu corria sem rumo na casa de pessoas que nem mesmo conhecia. A sorte que não tinha ninguém lá, bem eu achei isso até trombar com uma senhora com o rosto amável que quase derrubei.

— Oh, Deus! Sinto muito.

Ela sorriu amplamente e percebi que era a mãe da Júlia. Parecia muito com ela, até mesmo o sorriso doce.

— Não tem problema, criança. Sou Ester. O que aconteceu para que você desembestasse assim? Viu algum fantasma?

— Eu acho que ela viu sim, hein, mãe? — Virei-me e Júlia estava encostada na parede do corredor nos observando com os braços cruzados. — E ainda acho que é o mesmo fantasma que tem acabado com o sossego dela por algumas semanas. Mãe, essa é minha amiga do hospital, a Liz.

Arregalei os olhos ante a afirmação de minha amiga. Droga, será que ela encaixou as coisas? Mas como poderia se eu nem mesmo disse o nome do tal paciente?

Olhei para a mãe da Júlia, que sorria e olhava entre mim e a filha.

— Ah, sim. Ju fala muito de você, diz que é uma ótima profissional e uma excelente amiga. — Abriu os braços e tive que me abaixar um pouco para retribuir o carinho.

— Tenho certeza de que ela exagerou um pouco.

Dona Ester fez um gesto de desdém com as mãos e sorriu.

— Ela tem essa mania, mas tenho certeza de que não fez isso sendo você. Tem uma aura em ti que nos traz paz. É tão jovem, não deve ter mais de trinta anos.

— Mãe, não se pergunta a idade de uma mulher.

— Bobagem, estamos entre amigas.

Sorri para ela e assenti, estava ficando confortável na presença da senhora de sorriso amável.

— Tenho trinta e três, na verdade quase trinta e quatro.

— Hum, a idade dos meus gêmeos. Tenho certeza de que conheceu a dupla dinâmica lá fora? Meu Heitor acabou de voltar para nós. Ficou anos afastado, mas enfim retornou.

Engoli em seco e assenti, o conforto já tinha ido embora.

— Se me dá licença, dona Ester, preciso ir ao banheiro.

— Claro, é essa porta à direita. — Estava quase abrindo a porta quando a voz da minha amiga quase me fez desmaiar.

— Sabe, mãe, a Liz tratou de um paciente de coma, exatamente como Heitor ficou. Não é interessante?

Virei-me e encarei Júlia, que sorria feito o gato que comeu o canário. Infelizmente, eu estava me sentindo o canário naquele momento. Dona Ester arregalou os olhos e sorriu.

— É mesmo? Que lindo, Liz. Tenho certeza de que foi uma bênção de Deus quando seu paciente acordou. Nós ficamos sabendo do acidente do meu Heitor agora que eu o encontrei. Se não fosse a luz que entrou em sua vida nem sei se estaríamos com ele em casa de novo.

— Eu devo muito mais que minha vida à luz que me salvou. O problema é que ela fugiu de mim.

Levantei meus olhos e o que vi foi muito mais que gratidão. Heitor me olhava com paixão, desejo e algo mais que não consegui identificar.

Quando saí de casa não imaginei que minha tarde seria tão tumultuada dessa forma. A bagunça que acabei encontrando foi dentro do meu coração e essa seria muito mais difícil de arrumar depois.

Capítulo 6

“Às vezes, para alcançarmos a felicidade, é necessária uma dose de loucura com ímpetos de coragem.”

(Lais do Vale)

Heitor

— Heitor, meu filho! Já conheceu a amiga da Júlia? Não é linda essa menina?

A voz da minha mãe soou tão longe que se eu não a estivesse vendo ali acharia que era uma lembrança ou alucinação. Não prestava atenção em nada além da mulher parada à minha frente, Liz tinha os olhos violetas arregalados e parecia querer fugir. Era como se me implorasse para que eu a deixasse em paz, mas eu não faria isso agora que a reencontrei.

— Eu a conheci sim, mãe. Júlia nos apresentou.

Liz deu um sorriso sem graça e abaixou a cabeça parecendo extremamente incomodada. Minha mãe sempre teve a fama de casamenteira e vi em seus olhos que,

enquanto tínhamos aquele duelo de vontades silencioso, ela tinha visto uma oportunidade. O sorriso que abriu e a piscada que deu para a minha irmã foram a finalização dessa impressão.

— Meu Heitor me disse que a médica que cuidou dele salvou muito mais que sua vida, mas a sanidade também. Sabia que ele ficou longe de nós por seis anos, Liz?

Isso pareceu aguçar a curiosidade da minha doutora. Ela olhou para mim, mas logo desviou o olhar encarando minha mãe.

— Deve ter sido bem difícil viver afastado, mas o que importa é que ele está de volta, não é verdade? — Olhou para mim cheia de perguntas em seus olhos, mas ela era uma fujona. Não aguentava sustentar meu olhar por muito tempo e desviou sua atenção novamente. — Se me derem licença.

Sorriu e entrou no banheiro se refugiando. Eu sabia que no momento em que ficasse sozinho com Júlia ela iria me atacar e não se fez de rogada. Olhou para mim e com o dedo em riste se aproximou.

— Pode abrindo essa boca. Ela que cuidou de você, não é? Você é o paciente que Liz salvou a vida.

Não havia motivo para esconder esse fato se eu iria tentar conquistar a mulher. Eu não a deixaria fugir de mim e minha irmã poderia ser uma forte aliada nessa batalha.

— Como assim, filho? A amiga da Ju é sua médica? A mulher que você está procurando? — Arqueou uma sobrancelha e sorriu.

Mamãe já deveria estar maquinando planos de casamento.

— Sim para as duas. Liz salvou minha vida, mas por algum motivo ela não quer que vocês saibam. Então sejam discretas e, por favor, deixe que eu resolva isso.

— Na verdade, eu sei porque, Heitor não brinca com ela. Liz já sofreu o suficiente

para uma vida com algo do tipo. E você não precisa acrescentar mais uma decepção na lista dela. — Júlia tinha se tornado uma mulher completa desde que nos vimos pela última vez. Agora era uma médica responsável e casada com seu grande amor.

— Fique tranquila, irmã. Não pretendo magoar ninguém. Só quero a chance de conversar com ela sem interrupções.

Minha irmã ainda me olhou desconfiada e então sorriu.

— Acho até estranho ser você, não é muito bom as coisas que minha mente fértil criou sabendo dos fatos. Bem, vou confiar em você, depois vê se volta para a festa. Estão todos com saudades. — Aproximou-se e me abraçou dando-me um beijo saindo logo em seguida.

Olhei minha mãe que encarava a porta do banheiro como se assim convocasse Liz para sair de lá.

— Mãe, o que foi?

Ela balançou a cabeça e ficou em silêncio por alguns segundos até que a ouvi fungar.

— Eu só queria agradecê-la por ter te salvado. — Passou as costas das mãos no rosto e se virou para mim, sorrindo. — Mas fico feliz em me fazer de desentendida, se é o que deseja. Não demore, ok?

Assenti e a envolvi em meus braços dando-lhe um beijo no topo da cabeça. Ela saiu e eu permaneci encostado na parede do corredor esperando que Liz saísse do banheiro, não iria apressá-la nem mesmo fazer minha presença do lado de fora notável. Precisava contar com a surpresa dela. Pegá-la desprevenida e fazer o que eu mais queria nesse mês.

Encostei minha cabeça na parede e fechei meus olhos tentando lembrar da primeira vez que ouvi a sua voz. Foi como uma água fresca em meu corpo em chamas. A dor que sentia era tão intensa e eu não gostava de estar sempre me lembrando dela, talvez se

deixasse que as lembranças voltassem poderia assim tentar expurgar os meus pecados, mas era covarde demais para permitir isso, preferia me afogar no álcool e não ter que me lembrar de tudo que vivi.

Liz tinha uma aura de paz em volta dela e aqueles olhos tão raros nos transportava para um mundo onde só havia calma.

Um barulho na porta me chamou a atenção, então me endireitei e aguardei que ela saísse, Liz parecia mais tranquila do que entrou e tinha certeza de que achou que não haveria ninguém ali, quando me viu seus olhos ficaram tão esbugalhados que pensei que pulariam para fora.

— Estava te esperando, Liz.

— Por quê?

Ela realmente parecia surpresa e não entendia o que eu fazia ali? Será mesmo que eu precisaria dizer com todas as letras?

— Queria falar com você, da última vez não conseguimos conversar, eu não estava muito ciente das minhas ações. — Eu não me referi que estava um pouco alterado pela bebida, mas sim pelo sentimento que era tão novo em mim. Algo que não sentia fazia muitos anos, o que me deixou um pouco entorpecido.

Ela abaixou a cabeça e assentiu fingindo tirar um fio solto da blusa.

— Entendo. Não sei o que há para conversarmos, Heitor. Vejo que está bem melhor do que todos esperariam. Espero que esteja indo no acompanhamento, não pode relaxar só porque acha que está bem. Sofreu um trauma significativo e, por mais que se sinta bem, não deve abusar.

Liz falava sem parar e nem percebeu que eu me aproximava devagar, quando se deu conta já estava a um braço de distância.

— Acontece que a doutora que eu queria foge de mim como se fosse o mal encarnado. Qual é o seu problema comigo, Liz? Preciso saber para que possa te convencer de que podemos ser bons juntos.

Podia sentir a respiração dela em meu rosto, já estava bem perto, só que ela deu um passo para trás tentando escapar mais uma vez.

— Não tenho problema nenhum com você, Heitor. Simplesmente meu trabalho foi feito e você pode continuar a se cuidar sem mim.

Sorri de lado e levantei minha mão pegando uma mecha de cabelo que havia soltado do rabo de cavalo. A textura daqueles fios era suave e não poderia imaginar o que seria encher minha mão com os cabelos dela soltos enquanto puxava sua cabeça para trás e mordida o pescoço exposto. Droga, só de pensar me deixava duro.

— Só que eu não quero ninguém. Preciso de você, Liz.

Ela entreabriu os lábios e respirou fortemente dando passos tentando se afastar enquanto eu me aproximava.

— Por quê?

— Porque você acalma a minha dor. — Ela se encostou à parede, não havia mais onde se esconder. Seus olhos pareciam dois faróis brilhando em minha direção. Eu fui atraído por sua vida como uma mariposa para a luz.

Envolvi seu rosto delicado em minha mão e ela fechou os olhos parecendo incapaz de resistir àquela atração que nos unia. Aproximei-me com calma para tentar não a assustar. Podia sentir o quanto ela estava nervosa, coleí meu rosto ao dela somente sentindo a maciez da sua pele delicada. Deslizei até seu pescoço aspirando o perfume suave que ela tinha, era tudo dela. Eu estava envolvido e meu coração estava disparado. Rocei meus lábios na curva do maxilar dela e Liz gemeu baixinho como se estivesse com dor.

Levantei minha cabeça e sem tocá-la aguardei que abrisse os olhos e me encarasse. Quando fez quase perdi o fôlego. A mulher era linda demais!

— Não resista, é inevitável... — Sem dar chance para dizer qualquer coisa coleí minha boca na dela. A princípio com calma e suave, mas logo meu desejo tomou conta e não consegui me conter, minha boca devorou a dela sem piedade.

Esperei por isso por um mês, mas, às vezes, parecia que era ela a vida toda. Era como se tudo se encaixasse quando estava com a Liz. Meu corpo precisava do dela para se completar e minha alma mergulhava na simplicidade da paz.

Ousei um pouco e encostei meu corpo ao dela, deixando-a sentir o tamanho do desejo que sentia. Sabia que não poderia passar daquele beijo. Ela ainda não estava pronta, mesmo correspondendo ao meu toque ainda se mantinha travada, não podia tê-la a não ser que fosse por completo. Mas se seguisse meus instintos, a levaria para a cama e não haveria nada mais glorificante do que fazê-la chegar ao êxtase do prazer.

Sabia que corria contra o tempo, que não demorou muito para que ela me afastasse com as mãos.

— Por favor, não faça isso, Heitor. Eu não posso!

— E por que não, Liz? Você me deseja tanto quanto eu desejo você.

— Você é meu paciente. — Seus olhos pediam suplicantes para que eu me afastasse. O que era pura luxúria momentos antes, agora estavam arrependidos e com medo.

Dei dois passos para trás me afastando e ela respirou aliviada. Trinquei os dentes tentando acalmar meu coração que estava decepcionado. Tensioneí o corpo pronto para uma rejeição.

— Não sou mais seu paciente, Liz. Você me abandonou.

Ela pareceu abalada por alguns minutos e logo se recuperou desencostando-se da

parede. Passou a mão pela saia do vestido ajeitando-o no lugar e se recompôs.

— Você não sabe o que está dizendo. Sei que ainda é tudo muito confuso pra sua cabeça. Eu sou apenas a mulher que te trouxe de volta e isso pode deixar seus sentimentos bagunçados. Não está interessado em mim dessa maneira, é só uma transferência de sentimentos. Confie em mim, já vi acontecer. Agora, se me der licença, preciso ir para a festa ou começarão a desconfiar. Com licença.

A voz dela soava desesperada e mesmo sabendo que me desejava não foi bom ser dispensado dessa forma e meu orgulho foi atingido no percurso. Dei um passo para o lado e ela sem nem se importar saiu em disparada pelo corredor sumindo da minha visão.

— Porra! — Meu coração estava acelerado e sentia meu corpo todo tenso do desejo insatisfeito, mas também doeu ser dispensado mais uma vez.

Sentei-me no sofá da sala e segurei a nuca com uma mão olhando pela janela que dava para a frente da casa. Estava perdidamente encantado por uma mulher que não me queria. Mesmo ela correspondendo aos meus beijos poderia ser somente algo carnal. O que eu precisava dela era muito mais.

Então como se acendesse uma lâmpada em minha mente me lembrei de algo que ela disse: *já vi acontecer*.

O que ela quis dizer com isso? Peguei meu celular e digitei uma coisa que ela disse. Muitas matérias sobre o assunto apareceram na tela e li rapidamente uma dela explicando o que aquilo queria dizer. Se ela achava que era esse o caso estava muito enganada.

Eu a queria não porque ela salvou minha vida, mas precisava dela para minha alma estar em paz novamente. Isso era egoísta? Provavelmente. Mas não podia mais sentir a dor que queimava de dentro para fora.

Levantei-me pronto para ir atrás dela quando vi Júlia parada na porta que levava à cozinha me encarando com raiva nos olhos castanhos.

— O que você pensa que está fazendo, Heitor? Se acha que vai usar Liz dessa forma está muito enganado. Eu não deixarei. Eu vi como ela saiu daqui, você disse que não a magoaria. Sinto muito por tudo que passou, mas as pessoas também têm sentimentos.

— O que quer dizer com isso, Ju?

Ela fez um gesto de impotência e se aproximou.

— Sei o que está sentindo, pois nós vivemos isso diariamente. Vemos acontecer e Liz é uma menina doce e muito boa. Se envolve demais, ela já passou por situações complicadas e não quer mais isso na vida. Então, o melhor é se manter distante dela, meu irmão. Não adicione mais sofrimento na vida de ninguém.

Isso me doeu como se uma faca entrasse em minha carne lentamente. Sei que Júlia não se referiu ao meu passado, mas foi inevitável não sentir como se fosse. Ele estava enraizado bem fundo em mim. Tentei disfarçar a pontada de dor e respirei fundo.

— Não é nada do que pensam. Eu sinto algo diferente por ela, ainda não sei o que é realmente. Mas preciso dela.

— E o que ela precisa, você não pensa nisso? — Suspirou pesadamente e me abraçou. — Olha, você é meu irmão querido e só quero te ver feliz, se realmente sente algo por ela dá um tempo. Precisa esfriar a cabeça e Liz precisa ter certeza de que é por ela que se sente assim, não o que representa, entende?

— Eu não consigo ficar longe, Ju.

Minha irmã estreitou os olhos como quando éramos crianças e ela tentava me convencer de alguma coisa.

— Droga, Heitor! Tudo bem, então se você a fizer sofrer, eu te mato. Sendo meu irmão ou não. Entendeu?

Sorri para minha irmã caçula e percebi o quanto de tempo perdi longe deles.

— Pode confiar, a última coisa que quero é ser o responsável da dor de mais alguém.

Vi que ela abriu a boca para dizer alguma coisa que me faria querer sumir por mais seis anos, mas se conteve e fui grato por isso. Saí da cozinha com ela ao meu lado e a procurei pelo quintal com os olhos. Passado e presente duelaram dentro de mim e as diferenças entre eles me abalaram muito, encostei-me à porta tentando me recompor.

Ela estava sentada numa espreguiçadeira rodeada de meus sobrinhos e primos enquanto dobrava alguma coisa.

— Linda, né? Liz tem uma alma pura e ama a todos sem restrições. Isso já causou muita dor a ela. Toma cuidado, tá?

Sem olhar para minha irmã assenti, incapaz de dizer uma palavra. Como se ouvisse, ela levantou os olhos e me encarou, eu podia ver o desejo dentro dela. Ela sentia o mesmo por mim e eu não deixaria que ela negasse mais.

Capítulo 7

“A insinuação perfeita de nós dois.”

(Vanessa Marques)

Liz

Depois do final do meu fracassado relacionamento comecei a ter crises de ansiedade. Quando era encurralada de alguma forma começava a hiperventilar e algumas vezes perdia os sentidos. Mas com Heitor eu me sentia segura, de alguma forma ele me passava tranquilidade, mais ou menos. Se você contasse o turbilhão de sentimentos que tinha no meu peito não encontraria nada de tranquilo entre eles.

Saí da sala um pouco tonta pelo que ele provocava em mim e quase derrubei Júlia que estava na cozinha e parecia preocupada. Antes que ela dissesse qualquer coisa, eu sorri e me dirigi a uma espreguiçadeira ao lado da piscina. A música alta serviu para distrair meus pensamentos. E quando percebi tinha duas crianças sentadas na ponta da espreguiçadeira me olhando atentamente. Eu amava crianças.

Sorri para a menina de olhos brilhantes que usava uma maria-chiquinha com prendedores rosa e o menino que me parou quando cheguei, Lucas.

— Olá, Lucas. Quem é sua amiga?

— É minha *pima*, o nome dela é Marina.

— Olá, Marina. Sou a Liz.

A menina devia ter uns oito anos e me olhava com curiosidade e também um pouco de desconfiança.

— Lucas disse que você é amiga da tia Ju. É médica também?

— Sim, trabalhamos no mesmo hospital. Você quer ser médica um dia?

Ela sacudiu a cabeça fazendo seus cabelos balançarem.

— Não, eu serei uma policial. É que eu estava curiosa pra saber sobre você. — A pequena Marina falava tão bem que parecia ter muito mais que oito anos. — Só tenho irmãos e gosto de falar com meninas. Seus olhos são lindos, diferentes.

— Mari, sua mãe disse que é feio *reparar*. — Lucas balançava o dedo diante da prima, que olhou para ele e fez uma careta.

— Não estou reparando, só que nunca vi olhos dessa cor.

Percebi que a menina era curiosa e já devia ter se metido em situações complicadas por esse motivo. Me ajeitei na espreguiçadeira e cruzei a perna de uma forma que não mostrasse nada pelo fato de estar de vestido.

— Não há problema, meus olhos tem uma cor rara sim, Marina. Eles são de um azul que chega muito perto do violeta. Muitas pessoas acreditam ser uma mutação genética. Sabe o que é isso? — Ela negou com a cabeça e, então, eu sorri. — Bem, é quando os genes, que são como pequenos construtores, que montam nossa aparência faz algo

diferente, raro, algo que poucas pessoas têm.

Ela parecia pensar no assunto e colocou o indicador sobre os lábios, pensativa.

— Mamãe disse que minha inteligência é algo raro por eu ter só oito anos. Sou uma mutação genética, então?

Foi inevitável não rir, ela falava com tanta naturalidade e inocência. Era inegável a inteligência da menina.

— Claro que não, querida. Você simplesmente é mais avançada para a sua idade. Mas ainda é uma criança.

— Eu sei! Queria ter os olhos como os seus. Os meus são tão comuns. — Olhei para ela com carinho e levantei minha mão acariciando seu rosto delicado.

— Você é uma menina linda da forma que é, Marina. Cada pessoa é diferente e devemos nos amar assim como nascemos ou de que adianta essa inteligência toda?

Senti um peso sobre mim de repente e levantei a cabeça dando de cara com Heitor que me observava da porta da cozinha. Ele estava muito sério e parecia determinado. Sentia que era um cara que sempre tinha o que desejava e no momento ele queria a mim. Eu não sabia se teria forças para resistir por muito tempo, mas não podia me envolver com ele. O que sentia iria passar em algum momento e eu ficaria sozinha sofrendo por ter me enganado mais uma vez.

— Eu não conhecia o tio Heitor. Quando ele foi embora eu era muito jovem, será que ele é legal, Liz? — Marina falava comigo como se fôssemos amigas de anos e confiava em minha opinião.

Desviei meu olhar da porta e encarei as duas crianças que observavam o tio de longe.

— Tenho certeza de que sim, ele me parece ser um cara maravilhoso.

Eles sorriram para mim e Lucas foi o primeiro a se levantar e correr pelo quintal com o boneco na mão. Marina parou ao meu lado e acariciou meu rosto.

— Eu gostei de você, Liz. — E saiu andando atrás do primo.

Sempre me encantei com as personalidades distintas das crianças. Eram sinceras e não escondiam o que sentiam, algo que muitos adultos deveriam se espelhar. Adorava ficar cercada da aura de paz e amor que só uma criança transmitia.

— Liz, queria me desculpar por meu irmão. Não sei onde ele viveu, mas voltou muito mais impertinente do que foi.

Levantei minha cabeça um pouco surpresa, pois estava com meus pensamentos longe e encontrei Júlia sorrindo abraçada ao irmão, que me encarava atentamente. Levantei-me alisando a saia do vestido tomara que caia que usava.

— Imagina, ele não fez nada.

Ju estreitou os olhos e balançou a cabeça como se estivesse com uma criança que contrariou o que ela disse.

— Fica defendendo mesmo, que daqui a pouco ele abusa da sua boa vontade.

Heitor sorriu de lado e abaixou a cabeça mordendo o lábio. Tinha certeza de que o que passou pela cabeça dele não foi algo nada inocente. Droga, por que ele tinha que mexer tanto comigo? Meu corpo todo se aqueceu e eu nunca fui alguém que conseguia disfarçar muito bem. Precisava que eles se afastassem.

— Liz está segura, Ju. Não sou de entrar em algum lugar sem ser convidado. — Me olhou com aqueles olhos marrons cheios de malícia e aquela dor constante que o assombrava.

— Posso discordar disso, mas não vou me prolongar. Bem, crianças, eu vim aqui com uma bandeira da paz e vou agora ficar com meu marido. Você vem, amiga?

Ju soltou-se do irmão, que tinha cruzado os braços deixando os músculos visíveis. Sua camisa preta justa não fazia nada para esconder o corpo de ébano de Heitor.

Engoli em seco e desviei minha atenção para Júlia, que sorriu. A filha da mãe estava tramando, mas eu não pretendia me fazer de entendida.

— Na verdade, eu queria ir embora, não estou me sentindo muito bem.

Minha amiga estreitou os olhos e virou a cabeça de lado. Ela me conhecia bem demais. Mas então assentiu e sorriu amplamente.

— Poxa, você nem chegou a conhecer o restante da família, mas te entendo. Heitor, você pode levar Liz na casa dela?

Olhou para mim como se me desafiasse a dizer qualquer coisa. E eu estava numa sinuca de bico ali. Se falasse alguma coisa, denunciaria que estava me sentindo mal por nada mais do que o moreno que me olhava como se fosse me devorar.

— Não precisa, eu chamo um táxi. — Precisava de uma desculpa para me safar daquela enrascada.

Júlia abanou as mãos no ar e fez uma careta engraçada.

— Imagina, Heitor veio de carro, não é, irmão? Importa-se de levar a Liz em casa?

Ele sorriu de lado e sacudiu a cabeça parecendo sensual demais com aquele olhar amendoado para o meu lado.

— Claro que não, será um prazer te acompanhar até sua casa, Liz.

A recusa estava na ponta da língua. Não podia me dar ao luxo de ficar sozinha com ele dessa forma, mas me vi num beco sem saída e apenas sorri em agradecimento. Logo já estava dentro do carro indicando a direção da minha casa.

O silêncio lá dentro estava um pouco incômodo e percebi que ele estava se

segurando para não dizer alguma coisa.

— Mora aqui há muito tempo, Liz? Apesar de estar longe por anos reconheceria você se já tivéssemos nos visto.

Olhei para ele, que estava concentrado na rua, mas me olhava de tempo em tempo. Não precisava dizer nada a ele, meu passado não era algo que eu gostava de lembrar. Porém, Heitor tinha alguma coisa que me instigava a me abrir.

— Na verdade, não. Mudei-me há uns três anos e logo que sua irmã entrou no hospital começamos uma boa amizade.

Achei que já estava bom, não precisava mais que isso. Só que o cara estava empenhado em descobrir minha vida.

— E você conhece Bruno e Alberto de onde mesmo? Não tive tempo de perguntar.

— Nos conhecemos na faculdade. Mas por que todas essas perguntas?

— Só quero saber mais de você. Te conhecer melhor, nada mais que isso!

Fiquei em silêncio tentando entender o que tudo aquilo representava. Heitor olhava a estrada e estávamos quase chegando quando senti meu coração acelerando mais a cada vez que ele trocava a marcha. A visão de sua mão forte e morena me distraiu o restante do caminho e quando paramos em frente ao meu prédio, olhei para cima culpada e ele me encarava sorrindo. Seus lábios vermelhos e convidativos me chamavam, precisava sentir a maciez na minha boca novamente.

— Me dê uma chance, Liz. Quero te conhecer melhor.

A voz rouca dele quase me fez fechar os olhos e esquecer tudo que acreditava. Balancei a cabeça, mais para convencer a mim mesma do que ele.

— Não posso, Heitor. Você é meu paciente... — Tinha que usar alguma desculpa e só

usava aquela, que não deixava de ser o motivo maior de toda minha recusa.

Ele se aproximou e ficou perto demais.

— Ex-paciente. Não te entendo, você me deseja, posso ver em seus olhos.

Engoli em seco e não podia negar isso. Estava mais que claro esse meu ponto fraco.

— Desejar e ter são coisas diferentes. Por favor, você precisa me deixar ir, não venha atrás de mim. Só vai ser pior se prolongarmos isso. Você não precisa de mais uma complicação na vida. Aliás, nem deveria estar dirigindo ainda, mas sei que não conseguiram te deter, não é?

Ele me olhou muito sério e se afastou, apertou o volante com as duas mãos. Assentiu sem me olhar e saí do carro me sentindo um pouco frustrada comigo mesma. Quando cheguei à porta, ele gritou meu nome. Olhei para trás e ele me encarava intensamente.

— Não desisti ainda. — Piscou um olho sedutoramente e deu partida, me deixando mais confusa do que nunca.

O que aquele homem queria comigo? E por que, de repente, senti um alívio invadir meu peito?

Com um suspiro entrei em casa e só esperava que não fizesse mais nenhuma insinuação, não seria forte o suficiente para me esquivar tantas vezes.

Capítulo 8

“Inspiração é trabalho e descanso, rotina e imaginação. É uma evocação especial da mente.”

(Ellen Carolyne)

Heitor

Eu vi nos olhos dela o desespero ameaçando sufocar, então dei um tempo. Voltei para a casa da minha mãe e coloquei a conversa em dia com minha família. Vi que Júlia me observava desconfiada, mas nem tocou no assunto de Liz ter sido a médica que salvou muito mais que minha vida. Bem, pelo menos em parte. Ainda era somente pedaços esfaçalhados de um homem.

Tentei interagir respondendo perguntas e matando a saudade da minha família. Tinha sobrinhos que nem mesmo conhecia, meus irmãos gostavam mesmo de procriar. Nossa linhagem estava extensa e ainda vinha mais a caminho. Me afastar dos meus pais e irmãos não foi uma decisão acertada, percebi, eles me davam a força que eu precisava. Porém, as

lembranças era o que mais me incomodava estando no meio deles.

Me atualizei sobre o tempo em que não estive presente e me surpreendi com a força que eles acabaram adquirindo com toda a tragédia que nos abateu. Talvez se eu tivesse ficado também poderia ter superado em partes, mas, no fundo, eu sabia que não. Nenhum deles sentia tanto quanto eu.

Em meio às conversas e brincadeiras, a dor me batia por estar ali e fiquei tentado a sucumbir à única coisa que me fazia esquecer: a bebida. Porém, tinha muitos olhos me vigiando e consegui resistir por algum tempo. Até que não aguentei mais, me senti perdendo o ar e me despedi dizendo que voltaria em breve, minha mãe se lamentou, mas, ao olhar em meus olhos, entendeu que eu precisava ir, peguei o carro do Bruno e fui para casa. As cidades eram vizinhas, ficavam a mais ou menos uma hora de distância. Mesmo estando tarde, dirigir esfriaria minha cabeça.

Em casa sabia que a solidão ganharia da minha pequena força de vontade em ficar sóbrio e me deixaria cair no penhasco abaixo. Era sempre assim e não adiantava fugir. Como previsto, passei pelo *Beer* e fui para casa com uma garrafa de uísque nas mãos. Apaguei no sofá da sala sem nem mesmo ter tirado os sapatos. Meu último pensamento foi se eu teria paz algum dia. Acreditava que não merecia esse tipo de sentimento, até mesmo o meu único fio de esperança não suportava ficar em minha presença.

Acordei com o familiar gosto de cabo de guarda-chuva na boca, a ressaca era uma maldição e eu prometia todas as vezes não repetir aquilo. Bem, pelo menos, eu pensava isso até que ficasse sozinho e as lembranças me sufocassem.

Alguns dias se passaram e não tive nenhuma notícia de Liz. Até tentei sondar minha irmã sobre alguma coisa, mas Júlia estava irredutível e disse que se a amiga quisesse que eu soubesse de alguma coisa dela me procuraria. A noite de sexta no *Beer* estava bem agitada, era sempre assim nas apresentações da Layla. Mesmo que já estivesse com nove meses de gravidez, ela não abria mão de cantar, dizia que a filha amava escutar a sua voz.

Eu não duvidava, ela era maravilhosa.

Gostava de trabalhar, pelo menos distraía minha cabeça dos problemas.

— Ela vai acabar parindo no palco. — Levantei meus olhos da bebida que estava preparando e encarei Bruno que tinha uma expressão de desespero em seu rosto.

— Sua esposa diz que é o melhor lugar pra sua filha nascer. — Franzi a testa me lembrando do momento que ela disse isso, deixando o marido desesperado.

Bruno bufou e se sentou no banco olhando em meus olhos.

— Ela me irrita tanto, você não tem noção. Mulher teimosa, devia estar descansando. A qualquer hora, Ângela pode decidir vir ao mundo e ela quer continuar zanzando por aí.

Sorri de lado e balancei a cabeça. Ver Bruno dessa forma era muito engraçado. Lucas não estava muito diferente. Mesmo que Sabrina estivesse com seis meses ainda, estava com a barriga muito grande por conta de serem gêmeos. E eles nem pareciam médicos formados e capazes.

Eu entendia os dois, entendia muito bem, quando era pessoal doía um pouco mais.

— Vai ficar tudo bem, cara. Layla sabe até onde pode ir e não vai arriscar prejudicar sua filha. Acho que vai acabar enlouquecendo sua mulher desse jeito.

Bruno colocou a cabeça entre as mãos e me olhou com os olhos brilhando de desespero.

— Eu já enlouqueci, tatuado. Mas deixa pra lá, você não tem como saber como é se sentir impotente dessa forma.

Senti como se levasse uma pancada muito grande na cabeça e meus ouvidos começaram a zumbir. Fiquei com os olhos vidrados por um minuto interminável. Logo despertei e assenti com cuidado. Fiquei com medo de Bruno ver minha reação, mas ele

estava muito ocupado olhando Layla, que já estava no palco se apresentando.

— Tem razão, mas mantenha a calma. Ela vai ficar bem!

Continuei meu trabalho preparando bebidas para os clientes e entregando as cervejas que pediam. Às vezes ficava tentado a me juntar a eles na bebida, mas não ousava fazer isso ali. Sabia que não me controlaria e poderia acabar com a reputação que o *Beer* conquistou ao longo dos anos. Depois que assumi o bar, modéstia à parte, ele prosperou grandemente. Ali era meu lar, onde eu tinha meus amigos em volta e conseguia ser, nem que fosse um pouco, feliz.

— Então, você não me disse como foi sua reunião familiar. Aquele dia, fiquei um pouco assustado com sua mãe. Ela é bem intensa, não mediu esforços para provar que era sua mãe de verdade. Ficou tudo bem por lá?

Não tinha dito muito a ele depois que voltou na minha casa para saber se eu estava bem no último fiasco que o fiz passar. Ele apenas questionou há quanto tempo que não via minha família e foi um dos que me fez decidir ir encontrar a todos. Mesmo eu não dizendo o motivo central, Bruno estava sempre ali me resgatando de mim mesmo.

— Foi tudo bem, uma bagunça que eu estava sentindo falta.

Ele assentiu e vi que queria perguntar muitas coisas. Apreendi a decifrá-lo com os anos. Mas meu amigo respeitava meu silêncio, só interferia quando achava que precisava. Como no caso das minhas bebedeiras.

— A família é tudo que temos, Heitor. Não se afaste mais deles.

— Não vou.

— Bom, porque, pelo menos, não serei o único sofredor de ter milhares de olhos tomando conta de mim. Alguém tem que sofrer junto.

Rimos juntos e com cumplicidade nos encaramos. Todos sabiam que ele era

apaixonado pela família e não abriria mão deles por nada. Nos distraímos falando de amenidades e comentando sobre como as coisas estavam acontecendo em ritmo acelerado. Até que um gemido agudo chamou nossa atenção para o palco.

Bruno levantou de um salto ao ver a expressão de dor da esposa e logo ela abriu os lindos olhos verdes e se virou diretamente para onde ele estava. Estava assustada e percebi que também muito feliz. Ela sorriu e suspirou.

— Amor, acho que chegou a hora. A bolsa estourou — disse no microfone.

Foi um Deus nos acuda. Bruno deu um salto empurrando todos que ficavam na sua frente e quando alcançou a mulher, a pegou em seus braços e ficou parado no palco sem saber o que fazer. Deus, que homem atrapalhado!

Naquela hora, Lucas entrava no bar com Sabrina ao seu lado e, ao ver a cena cômica que ocorria no bar, ele também surtou.

— Porra, a Layla vai ter o bebê aqui. Não pode, precisamos ir ao hospital.

Sabrina, que assistia tudo da porta, começou a rir olhando o irmão e o noivo parecendo dois perus em dia de Natal.

— Nem parece que são médicos. Ei, seus idiotas! Vamos, eu dirijo até o hospital! — ela gritou aumentando a voz para que fosse ouvida. Eles a olharam e começaram a correr pelo bar.

Bruno estava falando algumas coisas com Layla que fazia uma careta, mas sorria. Ele olhou pra mim suplicante.

— Eu vou assim que conseguir esvaziar o bar — disse a ele para que ficasse tranquilo.

Quando saíram em disparada para o hospital todos começaram a dispersar entendendo que eu precisava ir atrás deles.

Consegui sair do *Beer* duas horas depois e peguei minha moto, que quase não usava mais, para chegar até o hospital com facilidade. Quando entrei na recepção, a família inteira estava ali. Até os gêmeos da Larissa. Me aproximei de Lucas que roía as unhas de nervosismo enquanto Sabrina esfregava suas costas.

— E aí, cara, tudo bem?

Ele levantou os olhos e assentiu ajeitando-se na cadeira e puxando Sabrina para seu abraço.

— Até agora sim, mas não temos notícias há algum tempo. Mas pode demorar muito ainda. Layla optou pelo parto normal, o que é imprevisível.

— Sei, e o Bruno?

Sabrina sorriu e beijou a testa do noivo que parecia uma criança incompreendida.

— Ele estava surtando e parou quando ameaçaram dopá-lo. Foi a Layla que fez essa ameaça

Lucas riu e assentiu.

— E ela cumpriria.

— Eu imagino que ele deve estar louco. Bem, vamos esperar então até que a pequena Ângela resolva nos agraciar com sua beleza. — Sentei-me na cadeira ao lado de Lucas e fiquei observando os ponteiros do relógio andarem devagar.

Depois de mais duas horas, Sabrina já estava dormindo no ombro de Lucas, que de olhos fechados acariciava seus cabelos devagar. Eu meio que invejava o carinho que eles conseguiam ter um pelo outro. Sá teve um passado difícil, mas conseguiu superar com a ajuda da família e o amor de Lucas.

Na outra extremidade, Ana e Alberto também não se desgrudavam, com Fernando

sempre ao lado deles, era assim desde que reataram oficialmente. Pessoas comuns, com problemas sérios, conseguiram vencer. Achava que eu era fraco demais por não suportar a minha dor.

Aquela família se apoiava e estavam sempre presentes na vida um do outro. Já superaram tantos obstáculos e mesmo assim estavam unidos. Lembrava muito a minha própria família, e nessas horas me arrependia de ter me afastado.

Alguns minutos depois, Bruno apareceu no corredor com um sorriso de orelha a orelha e nos encarou com os olhos brilhando de lágrimas, que escorriam por seu rosto.

— Ela nasceu! Linda como a mãe, graças a Deus deu tudo certo. — A voz do meu amigo estava embargada de emoção, eu sabia muito bem como era se sentir daquela forma. O nascimento de Ângela o mudaria para sempre! Seus olhos estavam marejados e a família explodia de felicidade.

O nascimento de uma criança vem para renovar o amor, eles são pura paz e devem ser cercados de carinho. Um ser puro que nos ensina o verdadeiro sentido de amar incondicionalmente.

Abraçamos Bruno e cada um deu seu voto de saúde e paz. Ele nos contou como foi tudo e que correu muito bem. Apesar do nervosismo, agora ele estava calmo. Achei que até demais, eu o conhecia bem e sabia que cairia a ficha um pouco mais tarde, devia estar anestesiado. Agora o Dr. Garanhão era pai de uma linda menina.

Ele olhou pra mim e sorriu, sabendo que eu precisava de mais notícias, Layla era uma amiga muito especial, como uma irmã mesmo.

— Elas vão ficar um pouco no quarto e só pela manhã poderão receber visitas. — Assenti e me aproximei dando um abraço de lado que os homens costumam fazer.

— Estarei aqui cedo. Mande um abraço pra Estrela e um beijo na princesinha.

— Pode deixar, amigo.

Os parentes de Bruno ainda ficaram em volta dele fazendo perguntas e eu dei as costas para sair. Às vezes me sentia um intruso ali, mesmo sabendo que eles me consideravam da família.

— Ei, tatuado...

Me virei e encarei Bruno, que estava radiante demais.

— Obrigado por tudo!

Estranhei o que ele disse e, então, me lembrei de quando tudo começou. Senti um nó na garganta e apenas assenti. Dei as costas para o hospital e fui pra casa. Assim que entrei, senti o peso do astral que me esperava ali. Tomei um banho e depois fui até a cozinha comer alguma coisa, mas ao chegar lá vi a garrafa de vodca pela metade em cima da pia.

Juro que lutei em consideração aos felizes acontecimentos, mas no fim a dor sempre venceu, peguei a garrafa e fui para o meu quarto me anestesiando para conseguir dormir.

Capítulo 9

“O impulso nos leva a fazer as coisas mais surpreendentes. Se é surpreendentemente bom ou ruim só nós podemos escolher. O mais gostoso é quando nossa intuição nos inspira a fazer por impulso deliciosas loucuras!”

(Pitty Bonadio)

Liz

— Gente, mas que coisa linda! E foi no meio de uma apresentação?

— Sim, senti dores ainda no palco. Na verdade, minha bolsa estourou mesmo, mas graças a Deus foi tudo bem.

Sorri sentada na sala dos médicos e puxei meu rabo de cavalo para frente enrolando uma mecha de cabelo no dedo. A voz de Layla estava mais radiante que o normal.

— Que maravilha, Layla. Fico muito feliz que foi tudo bem, imagino como Bruno deve ter ficado.

Ouvi ela rindo do outro lado da linha.

— Ele nem parecia médico, Liz. Enlouqueceu totalmente, quase tive que expulsá-lo da sala de parto. Bom, eu estou te esperando aqui para que conheça minha pequena Ângela. E não aceito desculpas.

Eu me tornei grande admiradora daquela mulher e nossa amizade só amadureceu. O que era muito bom para minha solidão. Eu não queria ir por motivos egoístas e pessoais, mas talvez se fosse ao hospital não correria tanto risco.

— Eu vou sim, Layla. Te vejo amanhã cedo no hospital.

— Ótimo, terei alta só na segunda mesmo. Estarei te esperando, querida, agora deixa ir tomar um banho, aproveitar que Ana está aqui para me ajudar. Beijos.

— Beijos! — Desliguei sorrindo e fiquei parada por algum tempo olhando para o nada.

Fazia alguns dias que não ouvia nada sobre ele. Desde que nos encontramos e eu pedi um espaço, nem mesmo Júlia pronunciou o nome do irmão. Eu estava grata e, ao mesmo tempo, decepcionada. Por mais que eu soubesse que nunca mais vê-lo faria bem para mim, sentia aquela ligação inexplicável com ele. Meu coração acelerava só de me lembrar daqueles olhos que escondiam dores que nem imaginava sentir.

— Sonhando acordada, Liz?

Pisquei saindo do meu transe, que costumava acontecer muito, e olhei Júlia parada em frente à máquina de café, sorrindo para mim.

— Não, estava viajando. Você me conhece, sou desligada demais, recebi uma ligação da Layla. Ângela nasceu, vou amanhã visitá-las.

— Olha que legal. E foi tudo bem?

— Sim, parece que a bolsa estourou no meio do bar. Mas correu tudo bem, graças a Deus.

Júlia assentiu e levou a xícara de café à boca sem tirar os olhos dos meus. Ela estava estranha desde o final de semana e eu estava ficando incomodada com aquilo. Parecia pisar em ovos ao meu redor, mas eu era covarde demais para tocar no assunto.

— Você tá de folga amanhã, né?

— Sim, mas retorno amanhã mesmo. Não quero ficar muito tempo longe, tenho coisas pra fazer em casa.

Ela arqueou uma sobrancelha e sorriu sentando-se no sofá à minha frente. Cruzou as pernas e suspirou pesadamente.

— Sei, ler milhares de livros e atualizar suas séries, né?

Júlia não entendia porque eu era tão reclusa. Mas eu gostava dessa solidão, pelo menos não me machucava tanto. Era como um mecanismo de defesa e, na verdade, amava meus livros e seriados.

— Sabe que nada do que disser vai mudar o meu jeito, né, Ju? Eu gosto de viver assim.

— Não acho que deva mudar, amiga. Só que você é jovem demais para não viver.

— Mas eu vivo.

— Viver não é só trabalhar e ficar enfiada em casa. Não estou dizendo que não deva ler e ver sua televisão. Mas precisa sair, viajar, relaxar a mente e o corpo. Namorar... encontrar alguém legal.

Fiquei encarando ela por um minuto inteiro e concordava com tudo que disse, mas simplesmente não conseguia me obrigar a mudar minha rotina. Estava acostumada demais a

ser segura. Levantei-me e sorri para ela.

— Eu sei, mas você sabe, né? — Ela assentiu e acenei. — Obrigada! Eu vou indo, meu intervalo acabou. Te vejo em breve.

Ela levantou a xícara e antes que eu pudesse sair da sala, ouvi Ju me chamando.

— Só fique aberta a novas aventuras, Liz. Você merece!

Continuei sem olhar para trás. Não poderia dar chances de me magoar novamente. Sentia que se acontecesse não poderia me levantar de novo.

Cheguei ao hospital em que Layla estava internada e também onde Bruno, Lucas e Beto trabalhavam. As pessoas já me conheciam ali pelo tempo que fiquei tratando do Heitor. Logo peguei o número do quarto dela e com os presentinhos em mãos entrei no elevador com o coração acelerado.

Não sabia muito bem por que me sentia daquela forma, pois Layla era uma amiga especial. Porém, no fundo, eu entendia o que me deixou tão angustiada. Quando o elevador apitou levantei a cabeça e me preparei para sair quando estaquei no lugar.

O tempo era um grande amigo, mas ele podia agir como uma maldição. Ele tanto aliviava dores como intensificava sentimentos.

Heitor me encarava com a mesma reação que eu. Me olhava como se me visse realmente naquele momento. Era tão intensa a forma como ele me encarava que senti como se o ar fosse arrancado dos meus pulmões. Meu coração estava apertado e minha vontade era esquecer tudo e me entregar àquele sentimento que quase me sufocava. Entreabri os lábios e respirei pela boca.

O que interrompeu nossa ligação foi o apito do elevador que iria sair. Dei um passo para fora e parei ao seu lado sem conseguir desgrudar os olhos dos dele.

— Você tá diferente! — Ele quebrou o silêncio com a voz rouca e abaixei os olhos por reflexo.

Passei a mão em meus cabelos que estavam soltos e sorri timidamente.

— Não estou, é porque faz alguns dias que não nos vemos.

— Está ainda mais linda do que me lembrava.

Olhei para ele como se implorasse para que parasse com aquelas insinuações. Eu não suportava aquilo. O desejo corria por meu sangue como lava quente queimando-me de uma forma que tinha certeza de que nunca me recuperaria.

— Por favor, não faça isso! — pedi num fio de voz, porque sentia que não conseguiria fazer isso por muito tempo.

Ele sorriu tristemente e abaixou a cabeça colocando as mãos na calça jeans.

— Tudo bem, vai ver a Ângela?

— Sim!

— Ok, até mais então.

Ele se virou parecendo extremamente magoado e desceu pelas escadas se distanciando de mim.

Por que me sentia tão mal se ele fez exatamente o que eu pedi? Por que tinha uma vontade louca de correr atrás dele? Respirei fundo e fechei os olhos me virando, forçando-me a aceitar que aquilo era o melhor. Ao chegar no quarto de Layla vi que ela estava amamentando a pequena Ângela e sorria para a filha. Um sentimento de paz me invadiu ao ver aquela cena. Se havia uma mulher que merecia toda aquela alegria era Layla Bonatti.

Bati na porta aberta e sorri quando ela levantou a cabeça.

— Posso entrar pra conhecer sua princesa?

— Com certeza, vem conhecer essa menininha linda.

Entrei no quarto e coloquei as duas caixas em cima da cômoda ao lado da cama. Me aproximei e Layla tinha um brilho nos olhos que poderia cegar alguém que estivesse na escuridão. Olhei para o pacotinho em seus braços e meu coração perdeu uma batida por aquela beleza em forma de bebê.

— Meu Deus, como pode parecer tanto com o Bruno? — Foi a primeira coisa que veio à minha mente.

Layla sorriu e assentiu muito feliz.

— Foi a primeira coisa que eu disse, a única semelhança comigo é o nariz. O resto, tudo dele.

— Muito linda sua bebê, Layla.

— Eu sei! — Ela suspirou apaixonada.

Mesmo amamentando dava pra ver os traços que havia herdado do pai. Ângela tinha os cabelos muito escuros e espessos e os olhinhos abertos não paravam de encarar a mãe. Azuis muito claros e com um brilho lindo.

— Mas o olhar dela é seu. Carinhoso e intenso.

— Ele disse isso, os lábios também.

— Verdade. Parabéns, querida. Sua filha é perfeita, uma mistura linda de vocês dois!

Layla me encarou com um sorriso enorme e assentiu em agradecimento.

— É um amor tão grande que sinto, tenho até medo. Mas não abriria mão disso por

nada no mundo.

— Eu imagino. Sou apaixonada por crianças, não sei como me sentiria tendo um bebê meu. Acredito que seria como uma galinha atrás dos pintinhos.

— Entendo seu sentimento, mesmo Ângela sendo tão pequena sinto vontade de protegê-la de tudo. — Sorri em entendimento do que ela dizia, o mundo era um perigo e queríamos sempre o bem para quem a gente amava. — Mas como você tá, amiga? Se afastou de nós, achei que não iria aparecer.

Me senti um pouco culpada, pois eles eram amigos especiais.

— Pois é, o trabalho no hospital estava a todo vapor quando voltei. Meu substituto não era tão bom assim. E apareceram novos casos, então fiquei atolada.

Ela olhava pra mim com os olhos estreitos em duas fendas.

— Sei, isso não tem nada a ver com um barman tatuado, né?

Engoli em seco e tentei esconder a minha vergonha. Não queria que soubessem que eu sentia algo mais que carinho por meu paciente.

— Como assim?

— Liz, todos vimos como ele ficou mexido com você e parece que você também, a contar por essa reação. Foi embora por causa dele, não porque tinha que voltar para o trabalho.

Uma das coisas que sempre achei inconveniente era a minha incapacidade de mentir ou disfarçar o que sentia. Layla era muito perspicaz e observadora, não deixaria passar nada. Fechei os olhos e gemi cansada demais para dar desculpas.

— Ai, eu não sei mais o que fazer. Ele insiste em não me deixar em paz.

Layla assentiu e seu rosto adquiriu uma expressão de pesar.

— Heitor está diferente desde o acidente. Parece mais triste, recluso e anda bebendo demais.

— O que ele esconde? Alguma coisa machuca ele!

— Ninguém sabe, Bruno disse que é algo muito sério. Mas ele se recusa a se abrir.

— Entendo. Certas coisas são dolorosas demais para que possamos tocar nelas.

Minha amiga assentiu e acariciou o rosto da filha com as costas dos dedos.

— Sim, mas precisamos expurgar fantasmas para que eles não nos assombrem mais.
— Olhou pra mim com os olhos verdes brilhantes. — Se há uma coisa que eu sei, Liz, é sofrer por causa do passado. Enquanto não aprendi a viver, eu não fui feliz. Minhas escolhas me trouxeram aqui. Acha que deveria ter me prendido a tudo que passei?

— De forma alguma, o amor que você conquistou é mais do que uma recompensa.

Ela sorriu e assentiu.

— Uma senhora me disse isso dentro de um ônibus quando conheci o Bruno. Eu tinha escolhas a serem feitas. Tinha que dar uma chance à vida. Não vou te dizer o que deve fazer, mas dê uma chance... a si mesma.

Por mais que eu recusasse sabia que ela estava certa. Só que o que Layla não sabia era que a minha chance havia sido esmagada por situações que não poderia mudar. O passado nos assombrava sim, e se expurgássemos os fantasmas podíamos ter uma chance.

Mas, e quando o presente tinha a mesma imagem do passado?

Capítulo 10

"No ímpeto em sermos aceitos e amados, vivemos conforme os outros esperam, sendo impossível aproveitarmos a vida da maneira que realmente nos faria feliz."

(Brooke J. Sullivan)

Heitor

Dizem que nada é tão ruim que não possa piorar!

Eu poderia concordar com isso por milhares de motivos, já estava no fundo do poço e apenas uma ligação foi capaz de arruinar tudo, mesmo não tendo entendido, como sempre fazia, não deixava de incomodar menos.

Depois de encontrar Liz no hospital fui para casa e como vi que não tinha como ficar por lá sabendo que ela estava na cidade fui para o bar tentar trabalhar um pouco. Duas horas depois tinha conseguido colocar em ordem algumas coisas que esperavam há meses. Quando o telefone tocou, não imaginei que tudo desmoronaria.

Quem estava do outro lado me lembrava de todos os meus erros, intensificava minha culpa e fazia-me ver que eu não merecia nada de bom.

Quando ignorei a chamada só havia uma coisa a ser feita. Sentei-me atrás do balcão com duas garrafas de uísque ao meu lado.

O álcool entorpecia meus sentidos, mas talvez nem tanto quanto eu gostaria. Me culpava por estar naquele buraco quando sabia que não era a saída para nada. Deslizei pelo chão e quando dei por mim estava deitado no piso gelado olhando a segunda garrafa que já estava quase vazia.

Comecei a desenhar coisas no vidro da amiga que me fazia esquecer um pouco. Porém, sabia que também era uma grande inimiga.

Ouvi ao longe alguém chamando meu nome, mas não pude levantar nem mesmo meus olhos para ver quem era. Parecia estar preso naquela realidade que eu criei quando estava em coma e Liz havia ido me salvar. Só podia ser alucinação da bebedeira.

Mas em meus sonhos não tinha o toque dela!

Mãos quentes tocaram meu braço e depois meu rosto fazendo com que meus olhos fossem obrigados a se abrirem para ver de onde vinha aquele bálsamo enviado pelos céus.

— Heitor, tá tudo bem? Heitor, acorde, por favor? — Ela me chamava pelo nome e eu tentei focar minha visão, mas somente via os olhos violeta me encarando docemente.

— Você veio me salvar de novo, minha luz?

— Do que você tá falando? O que aconteceu aqui? Bebeu essas duas garrafas?

Virei a cabeça com dificuldade e olhei as garrafas que ela apontava com o dedo delicado. Uma estava completamente vazia e a outra pela metade.

— Uma e meia!

— Meu Deus, você está tentando se matar? Tem noção o quanto de perigo põe sua vida dessa forma? Era para estar andando em passos de criança, não se matando dessa forma.

Aquela palavra apertou meu coração e não sabia por quê. Estendi a mão para terminar com a outra garrafa, mas ela foi afastada de meu alcance.

— Eu não vou deixar que se mate assim estando perto de mim. Preciso fazer alguma coisa, te tirar daqui, mas não vou conseguir sozinha. — Olhei para ela que havia se levantado e estava parada ao meu lado com as mãos na cintura. Liz parecia uma visão do paraíso. Aqueles cabelos soltos a deixavam com um rosto quase angelical, se não fosse aqueles lábios grossos que praticamente imploravam para serem beijados. — Quem te socorre quando está desse jeito?

Franzi a testa tentando colar as palavras juntas para responder o que disse, mas minha língua parecia pesar uma tonelada. Peguei meu celular do bolso sem jeito e coloquei na discagem rápida estendendo pra ela. Não me orgulhava de ter eles na discagem rápida para momentos como esse.

Liz pegou o telefone da minha mão e esperou.

— Beto? Oi, é a Liz. Sim, estou na cidade... Bem, será que pode me ajudar com o Heitor? — Ela fez uma careta que me fez sorrir. — É, eu vim falar com ele e o encontrei. Isso! Ok, estou te esperando.

Desligou e balançou a cabeça olhando para mim como uma mãe faz quando o filho apronta. Eu sabia porque vi essa expressão no rosto da minha mãe muitas vezes.

— Ele já está a caminho. — Abaixou-se e passou a mão por meu rosto fazendo com que eu fechasse os olhos memorizando cada detalhe daquele toque. — O que você esconde, tatuado? Sua alma está se extinguindo desse jeito. Se abre comigo.

Eu juro que o que mais queria na vida era poder falar sobre aquilo que me matava

por dentro, contudo alguma coisa me impedia e simplesmente balancei a cabeça, me negando a sujar a vida dela com meus erros.

— Você não precisa saber, se não pretende ficar.

Abri meus olhos e a encarei, de alguma forma ela conseguia ver tudo o que eu escondia, mesmo que agora todos soubessem que eu sofria, só ela entendia a gravidade de tudo.

Liz suspirou e sentou-se ao meu lado puxando-me meio desajeitada até que minha cabeça repousasse em seu colo. Era a melhor sensação que tinha em anos.

— Você não pode pedir isso a mim, todos temos um passado que não queremos recordar. Mas você precisa de ajuda, Heitor. Nesse caminho, você só chegará ao fundo do poço.

Eu consegui focar seu rosto acima da minha cabeça e sorri, pois ela acariciava minha careca como se tivesse cabelo ali.

— Eu já estou lá, Liz. Nunca saí! — Engoli em seco sentindo o peso de tudo que vinha carregando no peito. De alguma forma, ela fazia com que eu sentisse mais, porém não queria que fosse.

— Você pode se quiser. Não acha que seus amigos e família não sofrem te vendo assim? Quer ser o culpado de forçá-los a te ver se destruindo?

— Por que se importa?

Ela sorriu tristemente e riscou uma linha em meu rosto contornando meu maxilar.

— Eu não deveria, mais uma vez estou errando. Mas me importo muito mais do que imagina.

Minha cabeça rodava e sentia que poderia desmaiar a qualquer momento, mas queria

permanecer acordado e não perder nenhum segundo da presença dela.

— Por que está aqui, Liz? Achei que iria embora.

— Resolvi seguir o conselho de uma amiga sábia.

Naquele momento meu sangue começou a correr com mais rapidez, o que fez com que o álcool agisse mais depressa, e mal conseguia manter meus olhos abertos.

— O que isso quer dizer?

Já estava sentindo o sono me levando quando um leve roçar dos fios de cabelo dela tocaram minha face e um sussurro me acompanhou:

— Quer dizer que vou dar uma chance ao meu futuro.

— Esteja aqui quando eu acordar.

Foi a última coisa que disse até desmaiar. Em meio a lucidez e alucinações percebi que era carregado e em minha mente era tirado do poço que havia me enfiado de alguma forma. Não sabia como, mas quando abri meus olhos estava deitado em minha cama, vestido apenas com uma calça de flanela. Não cheirava a bebida, muito menos a vômito, algo que estava sendo recorrente ultimamente.

Algumas coisas passaram por minha cabeça, mas achei que fosse um sonho que tive. Onde, a não ser em um sonho, Liz estaria cuidando de mim daquela forma? Meu coração disparou quando ainda podia sentir o toque dos dedos dela em meu rosto.

Automaticamente levei a mão aonde a memória sensorial ainda guardava seu calor. Quase surtei de alegria quando percebi que era real. Tudo que imaginei tinha mesmo acontecido. Levantei-me depressa e por isso quase caí de volta na cama. Eu poderia não estar cheirando como um bêbado, mas meu corpo sofria as consequências do que eu havia submetido a ele.

Minha cabeça deu voltas e tive que me sentar para não cair e acabar me machucando. Precisava ver onde ela estava, se havia me esperado como eu tinha pedido. Esperei por alguns segundos e me levantei para procurar por algum sinal de que tudo não passava de uma alucinação.

A casa estava silenciosa demais. Na sala, a primeira coisa que me chamou a atenção foi a presença de Alberto assistindo televisão. Ao ouvir meu barulho, ele se virou e muito sério se levantou, aproximando-se. Seus olhos azuis, sempre brincalhões, estavam sombrios e decepcionados.

— Eu não sei quantas vezes terei que presenciar isso, Heitor. Espero que depois disso você entenda que a vida pode ser a que escolhemos para nós. Ela é especial demais, não deixe escapar. — Não entendia o que queria dizer, ele enfiou a mão no bolso e tirou um envelope com meu nome na frente. Peguei e olhei para ele. — Ela me chamou de novo, hoje cedo, e entregou isso, cuidou de você a noite toda. Espero que o que tenha aí coloque algum juízo na sua cabeça. Eu vou embora, agora você não corre perigo. Espero não ter que te ver em breve.

O que ele disse doeu. Beto sempre tinha sido um amigo leal e nos últimos tempos um verdadeiro irmão. Porém, imaginava o quanto deveria ser doloroso ver o que eu os forçava a presenciar.

Ele se afastou e pegou algumas coisas no sofá se dirigindo à porta.

— Ei, Beto! — Ele se virou com as sobrancelhas levantadas e eu dei um aceno com a cabeça. — Obrigado!

Ele ficou me encarando por alguns segundos e, então, abriu a porta e saiu. Naquela simples palavra tinha muito mais do que queria dizer e ele sabia disso. Eu estava decepcionando a todos que amava e aquilo iria me matar.

O peso da carta de Liz era como uma tonelada em meu peito. Não sabia o que

poderia ter naquelas linhas, mas precisava ler. Necessitava saber o que ela tinha para me dizer.

Caminhei devagar para o sofá que Alberto ocupava até poucos minutos atrás e me sentei sem muita coragem de abrir aquele envelope. Encostei-me e fechei os olhos, respirando fundo resolvi acabar com aquele sofrimento de uma vez. As primeiras linhas me tiraram o fôlego.

“Um homem não é outra coisa senão o que faz de si mesmo.”

(Jean-Paul Sartre)

Heitor, eu pensei muito antes de tomar essa decisão. Já andava pensando nisso há algum tempo e Layla me fez ver tudo por uma perspectiva diferente, não posso levar a minha vida com medo de que o passado se repita e resolvi dar uma chance, só que tudo mudou quando o encontrei caído no chão do bar. Sei que algo muito sério o aflige e também sei que acredita que eu sou sua salvação.

Eu não sou e nem quero ser a salvação de ninguém. Já experimentei esse tipo de sentimento antes e ele teve um gosto muito amargo. Não quero ter que experimentar novamente. Por isso eu estou saindo de cena, vou passar um mês fora do país num programa de médicos em que havia cogitado entrar, mas só agora tomei a decisão de ir.

Eu não quero que pense que estou fugindo de você, mas estou me distanciando da imagem que criou sobre mim. Preciso estar com alguém que goste de mim como uma mulher, não como uma via de escape para suas dores.

Acredito que o que te levou a se destruir aos poucos tenha sido doloroso e tenho certeza de que ainda dói, mas você não pode arrastar ninguém junto para esse buraco.

Nós somos o que nós permitimos ser. Como disse Tim Hansel: “A dor é inevitável e o sofrimento é opcional”.

Permita-se sofrer, sinta essa dor para que ela possa ser expurgada de seu sistema, senão ela continuará te assombrando até mesmo depois da morte.

Olhe em volta e veja quantas pessoas te amam sem nem mesmo você se esforçar. Pense nelas quando quiser se destruir, pense em mim.

Se depois de um mês seus sentimentos ainda forem os mesmos, não me procure e me deixe viver em paz. Porém, se seu coração se lembrar de mim de outra forma, estarei te esperando.

Com carinho e votos de que pare e pense.

Liz

Meu peito parecia que poderia explodir ao terminar de ler aquelas palavras. Ela não estava me deixando ou rejeitando-me. Ela estava me dando a oportunidade de me salvar. Eu poderia escolher e não sabia o que fazer, mas, pela primeira vez, deixei que a dor tomasse conta, permiti que as lágrimas escorressem por meus olhos.

E se no final daquele mês ainda estivesse inteiro, eu a procuraria até o fim do mundo.

Capítulo 11

“A amizade é a insinuação do amor no início de uma relação. Sem ela, o amor não resiste.”

(Anastacia Cabo)

Liz

Nunca foi tão difícil lidar com as minhas decisões. Minha cabeça girava quando sai do hospital. O que Layla disse mexeu comigo muito mais do que foi a intenção dela, tinha certeza. Meus valores foram postos em xeque, porém eu precisava ter certeza de que não estava me enfiando em uma furada. Por isso tinha que confrontá-lo, pedir que deixasse as insinuações de lado e falasse claramente com todas as letras o que queria de mim.

Só não esperava chegar ao bar e encontrar a cena deprimente que se apresentou. Quando cheguei à porta do *Beer*, estava tudo aberto e logo fui entrando, meu coração se partiu ao vê-lo caído no chão, bêbado de dar pena. As coisas incoerentes que ele

balbuciava denunciava toda sua dor, e tentei ao máximo compreender o que era dito, mas estava mais concentrada em tirá-lo daquela situação.

Quando Beto chegou e o levou para casa, eu não pude ir embora. Simplesmente não consegui, cuidei dele e velei seu sono, e naqueles momentos em que eu olhava para o Heitor dormindo serenamente, algumas coisas ficaram claras para mim.

Eu gostava dele muito mais do que sabia e minhas dúvidas quanto ao que ele sentia se intensificaram me deixando em pânico. Precisava me afastar! Estava ensaiando entrar em um programa há algum tempo e vi a oportunidade perfeita. Assim que amanheceu chamei Alberto e pedi para que ficasse ali até que Heitor acordasse, enquanto ele não chegava escrevi uma carta. Esperava que o meu plano desse certo. Tinha fé de que ele pensaria com clareza e faria a coisa certa. Acima de tudo que sentíamos, aquela atração intensa, ele tinha que se cuidar, precisava sair daquele poço que havia se jogado.

Entrar naquele programa era um dos meus objetivos há algum tempo, mas sempre acontecia algo que me fazia mudar de ideia. Mas agora eu tinha tomado minha decisão, o tempo seria ótimo para acalmar os sentimentos e ver o que era verdadeiro e não era.

Quando cheguei à cidade que me enviaram fiquei abismada com a condição que aquelas pessoas viviam, sem médicos, sem saneamento básico, sem uma vida saudável. E o pior era ver que aquele tipo de sobrevivência era a realidade de muitas famílias.

Passar um tempo fora de casa foi muito bom, mas também me deu tempo para pensar e sentir. Achei que com a distância o que eu sentia por Heitor diminuiria, aquela fascinação inconveniente se extinguiria, mas não. Apenas aumentou. Meu coração acelerava somente de lembrar aqueles olhos chocolate cheios de dor e sofrimento. Eu deveria ter alguma síndrome de heroína, pois queria entendê-lo de alguma forma e ajudar a acabar com aquela dor que o cercava.

Na verdade, recordei que sempre tinha sido assim. Desde criança deixava minhas vontades e prioridades em prol da felicidade dos outros. Minha mãe brigava sempre

comigo, pois assim eu não vivia. Mas ficava feliz vendo meus amigos satisfeitos. E num dos meus atos de bondade conheci o Marcelo.

Já fazia residência quando me deparei com uma menina que sofreu um ataque epilético no meio da rua. Prestei os primeiros socorros a ela e chamei a ambulância. Em casos como o dela, a atitude rápida salvou sua vida. Quando fui vê-la no hospital me deparei com agradecimentos apaixonados por ter salvado a caçula da família. Antes de ir embora esbarrei com um homem lindo, de olhos expressivos, que me encantou mais do que era seguro.

Ele insistiu em manter contato, pois queria agradecer melhor por ter salvado sua irmã. Por estar meio abobada com o interesse daquele homem, eu cedi. Alguns dias depois recebi um telefonema do Marcelo me convidando para sair. Nem mesmo pensei em nada e aceitei.

Fiquei hipnotizada por seu charme e me apaixonei. Em semanas já começamos a namorar e era algo confortável e novo estar no meio daquela grande família. Foram sete anos perdidos.

Certo dia cheguei em casa, nós já morávamos juntos há dois anos, e Marcelo juntava suas coisas rapidamente como se quisesse fugir.

— O que você está fazendo? — A casa estava uma bagunça de tantas coisas jogadas pelo chão.

Ele se virou meio surpreso e, então, eu vi algo em seus olhos que nunca tinha visto, ou apenas me iludi tentando ignorar o que estava à minha frente, pena e desprezo.

— Eu vou embora, Liz. Não tente me deter.

Franzi a testa sem entender o que ele queria dizer. Ir embora? Como assim?

— Não estou entendendo, Marcelo. Aconteceu alguma coisa? Por que está indo

embora assim?

Ele respirou fundo como se estivesse entediado e precisasse explicar o que faz para uma criança.

— Qual parte disso não entendeu, Liz? Não quero mais viver com você, acabou o que tínhamos. Vou procurar outras coisas para mim.

Confesso que não estava pensando direito porque senti uma necessidade de procurar mais motivos para ele estar fazendo aquilo. Não entrava em minha cabeça que ele estivesse indo embora, éramos apaixonados um pelo outro. Tínhamos uma vida juntos!

— Mas a gente se ama...

Ele riu e sentou-se na cama, me olhando com deboche em seu rosto bonito.

— Eu nunca te amei, nunca!

Meu coração pareceu ter sido apunhalado e sentia um frio enorme na barriga.

— Como assim? E tudo que vivemos?

Ele fez uma careta parecendo cansado de estar em minha presença.

— Às vezes, falar com você é cansativo. Essa sua voz doce me enche de tédio. Tudo que senti por você foi gratidão pelo que fez por minha irmã, só isso — disse como se não se importasse com o que *eu* sentia por ele. E, na verdade, era aquilo mesmo.

— E tudo que passamos esses anos?

Marcelo me olhou com desejo e tombou a cabeça de lado sorrindo, cínico.

— Não vou negar que estar com você foi vantajoso, é linda e tem um corpo perfeito, mas é chata demais. Boa demais! Preciso de alguém que esteja à minha altura. Não posso ficar com você por pena. No início foi legal como um agradecimento pelo que fez, e não pense que não sou grato, agradeço muito por ter salvado minha irmã. Mas eu mereço mais.

Hoje vejo o quanto fui patética por chorar e implorar para que ele ficasse, mas, no final, ele apenas me olhou com pena e deboche dizendo que já tinha outra pessoa há um ano e que agora ela tinha exigido que ele me largasse, só assim conseguiu quebrar o laço de gratidão que teve por mim.

Ele não só despedaçou meu coração, mas também a minha alma. Eu vivi sete anos de mentira por um erro. Me deixei levar pelo encantamento. Acho que meu maior desgosto foi saber que eu deixei que aquilo acontecesse e prometi não fazer mais. Enquanto ele me dava as costas, eu gravava em minha memória cada partícula de dor que sentia. Estar com Heitor me lembrava do quanto fui tola e me amedrontava porque o que tinha por Marcelo não chegava nem perto do que sentia por Heitor, era quase uma obsessão.

E aquilo precisava acabar, não podia viver sendo a salvação das pessoas quando, na verdade, eu também precisava ser salva. Meus sentimentos haviam sido esmagados e precisavam ser restituídos.

Um mês se passou desde que eu pedi licença no hospital, peguei minhas coisas e parti sem nem mesmo dar explicações aos meus amigos e família. Mandeí uma mensagem apenas para a Júlia dizendo onde eu estava indo. Só tive de volta uma frase que me deixou ter a certeza de que era verdade. Júlia me mandou: *Está fugindo*.

Eu estava, mas não da forma que ela pensava. Precisava me afastar ou ele me procuraria e não saberia o que poderia fazer, quanto tempo aguentaria ficar longe. Heitor precisava se curar, ele não podia sentir aquela dor constantemente, ele não podia se entregar a nada porque não se pertencia.

Por isso eu precisava que ele tivesse certeza dos seus sentimentos por mim. Deixei espaço para que ele decidisse e quando voltei tive esperança de que todos os sentimentos dele estivessem extintos, não resistiria por muito tempo, mesmo que fosse contra minhas convicções me envolver dessa forma.

Assim que cheguei em casa, eu avisei ao hospital que estava de volta e estaria no

trabalho no dia seguinte.

O programa de médicos nos países carentes foi algo gratificante e muito inspirador. Ajudei o tanto de pessoas que podia e ver aquela gente lutando por uma vida melhor me fez pensar em minha própria. No quanto eu tinha medo e não me arriscava por um deslize do passado. No quanto me lamentava. Era hora de tomar as rédeas da minha vida.

Passei o dia arrumando a casa e cuidando das coisas que ficaram sem ajeitar quando parti. Acabei fazendo uma limpa em meu quarto e quando percebi tinha uma pilha de papéis velhos para jogar fora. Juntei tudo num saco e descii para deixar na caçamba de recolhimento. Estava distraída e nem mesmo olhei para os lados. Levei um susto enorme quando ouvi meu nome sendo chamado.

Virei-me e o vi encostado no capô de um carro preto. Lindo, moreno e perigoso!

— Você me deixou com bastante coisa para pensar com aquela carta. Em poucas palavras conseguiu o que venho tentando há anos.

— Como sabia que eu tinha voltado?

— Júlia! — Ele sorriu e desencostou-se do carro andando até mim. — Parece que minha irmã está querendo fazer papel de cupido.

Ai Deus, aquele sorriso! Desde que o vi deitado naquela cama de hospital notei a beleza e sensualidade nata daquele moreno, imaginava como ele seria acordado, sorrindo e vivendo plenamente.

Agora com aquele charme real à minha frente, eu simplesmente fiquei sem reação.

— O que está fazendo aqui?

Ele se aproximou, estendeu a mão e segurou meus cabelos entre os dedos.

— Parece que ainda está fugindo, não é, Liz? Mas você me fez pensar, eu dei o

tempo que precisava. Não ache que foi fácil não a caçar pela América. Porém, eu entendi o que você quis dizer. Agora estou aqui porque quero você. Não para me salvar, mas para amar você como um homem ama uma mulher.

Meus olhos estavam capturados pelos dele e não houve resistência quando ele aproximou o corpo do meu. Ele não parava de me encarar daquele jeito parecendo não querer quebrar a ligação.

Meus lábios se entreabriram automaticamente e Heitor encarou-os com fome no olhar.

— Eu fiquei me lembrando do gosto do seu beijo por esse mês inteiro, poderia roubar um agora e saciar o meu desejo, mas preciso que você me queira tanto quanto eu te quero. Então, só vou te beijar, se permitir. — Olhou em meus olhos tão intensamente que senti meu corpo todo se arrepiando. — Por favor, não me torture mais, preciso provar seus lábios novamente. Diga que eu posso te beijar, Liz!

Não tinha ideia de como poderia dizer alguma coisa com ele tão perto. Respirei fundo e balancei a cabeça, assentindo. Heitor colou o seu corpo no meu e simplesmente abaixou a cabeça depositando em meus lábios um beijo suave, delicado e intenso.

O beijo significou muito mais do que qualquer palavra poderia dizer!

Escutei-o suspirando e abri meus olhos encarando os dele.

— Acho que é um sim! — falou com a boca colada na minha.

E realmente era, coisas incoerentes passavam por minha cabeça.

— Sobe comigo? — Precisava da minha zona de conforto para raciocinar melhor.

Ele sorriu e assentiu, afastando-se um passo. Liderei o caminho até o prédio com a presença constante dele à minhas costas. Quando entramos em meu apartamento que ficava logo no primeiro andar, a tensão que emanava de nós dois chegou a um estado quase

insuportável. Mas eu não sabia como agir, nunca fiquei tão sem direção na vida.

— Liz! — Sua voz nada mais era que um sussurro. — Olha pra mim, por favor.

Me virei e fixei meus olhos nos dele.

— Não precisa acontecer nada, só quero ficar com você.

Capítulo 12

“A inspiração que vem do amor nos motiva a seguir sempre em frente, a encarar qualquer situação, nos dando a certeza de que sempre teremos para onde voltar.”

(Rosemeire Molan)

Heitor

Aquele mês foi quase insuportável, aceitar que minha vida estava um caos por culpa minha era demais para assimilar. Suportar a dor sem me anestesiarmos também não ajudava em nada. Mas eu tentaria por ela. Sabia que um dos motivos de ter fugido foi mais do que disse na carta e eu faria de tudo para ter uma chance.

O que tinha por Liz não era gratidão nem nada. Eu a senti enquanto estava desacordado, voltei porque alguma coisa nela me puxou e precisava descobrir o que era.

Já havia se passado um mês que tinha fugido e eu já havia perdido todo meu bom humor, andava pelo bar com uma carranca que tive certeza, espantou bastante clientes. Me

escondia atrás do balcão e deixava que as funcionárias lidassem com eles.

— Acho que meu ursinho ficou sem o mel dele!

Me virei, porque meu humor estava tão doce que não aguentava nem olhar para as pessoas que faziam os pedidos, e vi Sabrina com Lucas ao seu lado, os dois sorriam com aquele olhar que sabiam o motivo de eu estar tão “feliz”.

— Ei, boneca. Lucas! — Assenti para ele e me virei, voltando ao que eu estava fazendo. Juro que tentei ignorar aqueles dois, mas estava sendo complicado, porque notei que ainda estavam parados ali como dois de paus. Suspirei e me virei para eles novamente. — O que o casal mais feliz quer?

— Não somos o casal mais feliz, esse cargo deixamos para Bruno e Layla, mas o casal mais quente pode ser. — Lucas sorriu e piscou.

Sabrina bufou e arregalou os olhos.

— Como você é mentiroso, com essa barriga a única coisa que consigo fazer é dormir.

— Mas ele não precisa saber, mulher. Deixa o cara pensar que eu sou o cara.

Ver aqueles dois interagindo era demais para mim. Sabrina era como uma irmã e não gostava quando começavam com aquela conversa.

— Tá, chega de detalhes. Mas o que os dois vieram fazer aqui a essa hora da tarde? — Olhei o relógio e era quase cinco e meia.

Sabrina se sentou na banquetta com a ajuda do *namorado*, como ela mesmo chamava. A barriga dela estava quase do tamanho que a de Layla no último mês de gravidez, e se não me falhasse a memória, Sá estava com sete meses ainda.

— É que nós decidimos oficializar nossa união.

Lucas assentiu, rindo amplamente, ele era muito idiota, às vezes. Parecia um menino que iria aprontar.

— Hum, resolveu fazer dela uma mulher direita, então? — Sorri porque sabia que Sabrina iria se irritar. E não me enganei, ela me mostrou a língua, mas riu baixinho.

— Ele me pediu faz algum tempo, mas eu quero que os gêmeos já estejam em nossos braços. Como sei que eles vão adiantar, eu já comecei a preparar tudo. E isso inclui você. — Apontou o dedo em minha direção e olhou os bombons que tinha no pote atrás de mim.

Como eu sabia o que ela queria, peguei o pote e entreguei em suas mãos.

— Mas o que me inclui? — Olhei entre os dois sem saber distinguir o que queriam dizer.

Lucas revirou os olhos quando Sá enfiou um bombom na boca e pediu para esperar com um gesto.

— É que Sabrina quer que os gêmeos participem da cerimônia e também quer que você seja um dos padrinhos.

Engoli em seco sem saber como agir. Passei muito tempo sem deixar que ninguém se aproximasse de mim, mas quando conheci aquela família não pude dizer nada contra ou a favor. Eles simplesmente tomaram conta de tudo se infiltrando em meu coração. E a bonequinha tinha um espaço enorme com o nome dela. Não soube o que dizer e, então, abaixei a cabeça organizando os copos por tamanho.

— Mas não acredito que seja muito bom para essas coisas.

— Ah, pode parar, ursinho. Sem desculpas, você é importante demais para ficar nos bastidores — Sabrina disse com a boca cheia, provocando risadas de Lucas.

Levantei meus olhos e ela me encarava com carinho e algo mais que eu nunca quis, ela tinha um pouco de pena de mim. Todos eles tinham, e nem sabiam do meu passado, se

soubessem não acreditava que estariam tão encantados comigo.

— E, além do mais, ela não vai te deixar em paz, sei que não anda muito bem, então o melhor a fazer é concordar com a grávida. Escute o que digo, já aprendi isso.

— Ele aprendeu mesmo! — Sorriu travessa e deu um beijo no rosto de Lucas.

Depois de toda a dor que passaram mereciam a felicidade que viviam a cada dia. Gustavo e Eduardo viriam para deixar a vida dos dois mais cheia de vida e alegria. Se uma criança já fazia isso, o que dirá duas?

— Bom, se você tá dizendo eu concordo. Mas não me faça usar gravata, boneca. Odeio esse troço, nem no meu casamento eu usei.

Abaixei a cabeça e empilhei mais uma fila de copos quando notei o silêncio dos dois. Olhei para eles franzindo a testa e, então, percebi o que eu havia dito.

— Você já foi casado, ursinho?

Se pudesse tomar aquelas palavras de volta teria feito.

— Foi há muito tempo. — Sabia que ela não deixaria assim, mas graças a Deus meu celular tocou, quando vi que era Júlia pedi licença e atendi. — Fala, chata!

— Olha, não fala assim comigo. Não sou mais uma criança e se me encher muito não digo que a Liz já está de volta.

Meu coração disparou e fiquei em silêncio por um minuto tentando assimilar o que minha irmã disse.

— Heitor? — Minha irmã chamou quando não respondi de imediato.

— Ela tá no hospital?

— Não, parece que só volta amanhã. Ela está em casa.

— Obrigado, Ju!

— Toma cuidado, irmão. Só vai lá, se tiver certeza.

— Eu tenho!

Desliguei o celular e me virei, Lucas já tinha tomado meu lugar e servia os poucos clientes que já estavam ali. Sabrina me observava, sorrindo.

— Vai lá, bonitão. Não se preocupe que tomamos conta de tudo.

Olhei entre os dois e sorri em agradecimento. Mas antes de sair ouvi Lucas me chamando e voltei para olhar. Ele jogou a chave do carro e peguei-a no ar.

— Não queremos você andando de moto por aí.

Apesar de ter uma família querida e unida era difícil aceitar aquele cuidado depois de tanto tempo me punindo.

Nem mesmo agradei e corri pela cidade, demoraria mais ou menos uma hora e meia para chegar à casa da Liz e isso de certo modo era bom porque diminuiria minha ansiedade. Quando estacionei, esperei por um tempo sem saber o que fazer, alguns minutos depois a vi descendo com os braços cheios de sacolas e esperei, encostei-me no carro e observei, quando ela iria sair, a chamei e quase tive um ataque cardíaco. Ela era muito mais do que poderia aguentar. Seus olhos doces estavam arregalados e não me contive, precisava forçá-la a dizer que sentia por mim o mesmo que eu sentia por ela. Aquele desejo, a atração, quase me sufocava. Em meio a insinuações e um beijo suave consegui ultrapassar suas barreiras, mas enquanto ela subia para me levar até seu apartamento percebi que sua convicção estava se esvaindo aos poucos.

Notei que Liz também carregava um passado doloroso. Que seu coração estava fechado assim como o meu. Mas eu acreditava que poderíamos nos curar de alguma forma. Eu não tinha certeza se poderia amar novamente, mas estava disposto a tentar.

Quando ela parou no meio da sala, eu precisava fazer alguma coisa, estava perdendo-a.

— Liz! — Abaixei o tom de voz para não a assustar e me aproximei bem devagar como se tivesse medo de que corresse. — Olha pra mim, por favor.

Vi que tensionou o corpo, mas fez o que pedi e me olhou no fundo da minha alma. Eu tinha um pouco de medo do poder que ela tinha sobre mim, parecia ver meu segredo sem que eu dissesse nada.

— Não precisa acontecer nada, só quero ficar com você.

E era verdade! Porém, o desejo incendiava meu corpo como chamas incandescentes. Os lábios de Liz me chamavam como uma mariposa em direção à luz. Ela me queimava com sua pureza, o que me fazia querer mais.

Seu peito subiu e desceu e ela me olhou com a certeza de que havia se decidido.

— Eu espero não estar enganada dessa vez.

Levou as mãos à barra da camisa que estava usando e a tirou pela cabeça fazendo com que cada músculo do meu corpo se retesasse em expectativa.

— Acho que chega de insinuações, então? — Desde que acordei, isso moveu nossas interações.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

— Eu gosto das suas provocações, me faz sentir desejada.

Dei um passo que nos afastava e coloquei as duas mãos em sua cintura delicada, vi que todo seu corpo se arrepiou com meu toque e coleí meu rosto no dela.

— Por isso não deve se preocupar, Liz. Meu corpo deseja o seu antes mesmo de meus olhos enxergarem você.

Ela engoliu em seco e apoiou a testa em meu ombro, abracei seu corpo esperando.

— Estou assustada, Heitor. É muito intenso.

— Eu sei disso, mas acho que precisamos dar uma chance, você não acha?

Precisava que ela estivesse cem por cento certa de ir adiante. Não tinha nenhuma ideia de como ficaria depois de tê-la se fugisse novamente. Acreditava que a caçaria em cada canto do mundo, quando eu decidia alguma coisa ia até o fim por isso.

Acredito que esse foi um dos motivos de ter me afundado tanto, não merecia nada mais que dor e sofrimento. Apenas por ela eu consegui me reerguer.

Os lábios dela tocaram minha pele exposta da camiseta e fechei os olhos enquanto o toque delicado explodia adrenalina em minhas veias. Suas mãos subiram por meus braços até pararem em meus ombros. Ela se afastou um pouco e olhou em meus olhos com intensidade.

— Eu acho que cansei de fugir. Eu quero você, Heitor, desde o primeiro momento, e isso é louco e antiético.

— Não sou mais seu paciente, Liz.

— Mesmo assim... não gosto de me sentir desse jeito. Prometi não cometer esse erro de novo.

Aproximei-me sem deixar de encará-la e dei início a um beijo suave que se intensificou fazendo com que ela se agarrasse a mim como se assim diminuísse a necessidade que sentia. Quando interrompi o beijo a olhei.

— Isso não é um erro, Liz. Eu andei errando por anos, sinto que nós dois é muito mais que certo.

— Espero que tenha razão.

— Eu tenho!

Ela deslizou o rosto no meu fazendo com que o roçar de pele intensificasse o que havia dentro de mim, sua respiração fazia cócegas em meu pescoço.

— Então me mostra...

Capítulo 13

“Quando nos permitimos seguir nosso impulso, vivemos momentos maravilhosos.”

(Iza Corat)

Liz

Heitor se afastou e olhou em meus olhos com tanta paixão que senti meu corpo se arrepiando em antecipação. As mãos que estavam em meus braços subiam e desciam enquanto ele me encarava intensamente.

— Para que seja perfeito você precisa relaxar, não é só seu corpo que precisa me aceitar, mas sua alma também. Antes de qualquer coisa preciso que entenda que a minha forma de amar é diferente.

— Como assim, o que isso quer dizer?

Ele sorriu e se aproximou sem tocar em mais nada que não fosse os meus braços.

— Quer dizer que eu não tenho pressa. Vou conhecer cada pedaço do seu corpo, descobrir cada ponto sensível e quando eu terminar você ainda vai me sentir, quero marcar sua pele e sua alma.

Sempre soube que me envolver com Heitor seria perigoso, antes pelo fato de que o que ele poderia estar sentindo fosse apenas uma ilusão, mas agora era por causa da minha sanidade. Eu não tinha noção de que ele fosse tão intenso, que suas mãos fossem tão quentes, que o desejo praticamente crepitasse em seus olhos. Não queria perder meu coração para alguém que tinha o dele esvaído. Era arriscado demais, porém sentia como se fosse inevitável a partir daquele momento.

— E se eu não te entregar nada disso?

Seus olhos se estreitaram e Heitor respirou fundo se aproximando até que o tórax coberto pela camiseta preta se encostasse em meu peito.

— Sabia que diria isso e esperava que dissesse para que eu pudesse responder. — Seus lábios se aproximaram dos meus e ele me encarou. — A partir do momento que minha boca tomar a sua, você entregará o que eu pedir.

E sem aviso prévio ou qualquer coisa que me preparasse, ele me puxou pela nuca e assaltou minha boca como nunca tinha feito, seus lábios se moviam sobre os meus como se assim ele pudesse frisar exatamente o que disse. O pior que tinha razão, se aquele beijo fosse o prelúdio do que estava por vir não havia outra forma de escapar.

A boca firme do Heitor provou cada canto da minha, suas mãos fortes não permitiam que eu me afastasse, não que eu quisesse, me agarrei em seus braços como se dependesse disso para sobreviver. Seu corpo quente marcava o meu e eu sentia cada parte dele que estava encostada em mim. Sentia como se milhares de mãos me tocassem. A presença dele era forte demais.

Com um estalo, ele afastou a boca da minha e senti como se estivesse bêbada,

entreabri os olhos tentando focar em seu rosto. Percebi que estava sorrindo docemente, mas seus olhos estavam encapuzados com uma sombra que não estava ali antes de me beijar.

— Você me faz mais bem do que imagina, Liz. E não me diga que não é minha salvação. — Abri a boca para contrariar o que ele disse, não queria ser isso para ninguém. Heitor colocou o dedo sobre meus lábios me impedindo de dizer qualquer coisa. — Por favor, eu preciso ter algo com o que me segurar. Eu não quero você porque salvou minha vida, quero você porque sinto paz quando estou ao seu lado. Seu toque me enche da felicidade que não sou merecedor, seus lábios nos meus é como se estivesse sedento e matasse minha sede com a água mais pura. Eu quero aprender o que é ser amado, Liz, e vou te amar de volta como merece. Amar a mulher linda que é por ser quem é, você não é a idealização de alguma coisa. É a realidade que tanto esperei, são minhas preces sendo atendidas.

A intensidade com que ele dizia aquelas coisas me fez acreditar em tudo. Seus olhos brilhavam de lágrimas não derramadas e percebi que Heitor não costumava ser quem era. Ele não se deixava sentir e estava revelando todos seus medos e esperanças para mim.

— Eu te entendo, mas não quero que idealize que tenho todas as chaves para sua libertação. Sei que guarda algo muito doloroso dentro do peito e se o que vamos ter for algo mais que sexo vou precisar que me diga.

Ele engoliu em seco e abaixou a cabeça, assentindo, quando me olhou de novo pude enxergar sua alma destruída como muitas vezes vi, mas também tinha esperança em seu olhar.

— Vai me matar falar tudo o que aconteceu, mas vou te dizer. Merece saber com quem está se envolvendo antes de tudo, não é?

— Só assim você será capaz de se perdoar, Heitor. Não pode se envenenar com mágoa e tristeza.

— Para o que fiz não tem perdão, mas, por favor, eu preciso sentir um pouco de paz antes de viver o inferno de novo.

Suas mãos deslizaram por meus braços e ele alcançou minha cintura puxando-me para colar em seu corpo novamente. Sua boca cobriu a minha num beijo suave e cheio de promessas, apesar da delicadeza com que ele me tocava podia sentir a ânsia que ele sentia por estar comigo daquela forma.

Ele interrompeu o beijo e se afastou para tirar a camisa ficando apenas de jeans gasto à minha frente. Seu tórax e abdômen eram firmes e desenhados de músculos, uma enorme tatuagem cobria o lado direito do peito e um emaranhado de desenhos tribais e um nome que não consegui ver claramente, iam até o braço.

— Você é muito linda, Liz. Da forma exata como imaginei, sua pele parece de porcelana, só que é macia como seda. — Deslizou um dedo em meu peito descendo para minha barriga fazendo com que me arrepiasse toda.

Estreitei meus olhos, estava grogue da carga sensorial que sentia. Cada sentido se intensificava com o toque dele. Com os olhos grudados nos meus soltou o fecho frontal do meu sutiã e imediatamente senti os bicos dos meus seios endurecerem. Não saberia dizer se era pela intensidade de seu olhar, ou por causa do ar condicionado que estava ligado. Mas meu corpo estava quente de desejo, então acreditei ser pela intensidade de tudo que estava vivendo com Heitor. Ele era demais, nem mesmo havia me tocado direito e sentia que seriam momentos inesquecíveis.

Seu peito forte subia e descia rapidamente com a respiração ofegante e a mão cheia de calos passou a acariciar a pele sensível dos meus seios. Cada toque dele fazia com que eu fechasse os olhos e jogasse a cabeça para trás, era como se estivesse descobrindo aquela intimidade pela primeira vez.

— Você pretende me torturar com esses toques alucinantes por muito tempo?

Ouvi-o rindo e abri os olhos observando como ele apreciava cada pedaço da minha pele exposta.

— Não quero te torturar de forma alguma, *baby girl*. Apenas estou gravando em minha memória como é sentir sua pele em minhas mãos, como ela se esquentava e arrepiava. É maravilhoso ver que sou eu quem faz isso contigo.

Suas mãos deslizaram para minhas costas e ele me puxou, a pele dele parecia pegar fogo. Engoli em seco quando Heitor puxou o elástico que prendia meus cabelos e deixou com que se soltassem caindo em meus ombros.

— Desde que abri meus olhos, imaginei como seria ver esses cabelos soltos repousando em lençóis brancos.

— Você é muito mais sedutor do que imagina.

Ele sorriu de lado e segurou minha nuca massageando levemente.

— Na verdade, sempre tive noção disso, não quero ser convencido. Mas é a verdade, tornou-se uma maldição em minha vida também. Agora eu pretendo usar tudo em você para que não queira fugir mais.

Num impulso, ele me pegou em seus braços e levou-me até o sofá da sala deitando-me nas almofadas e parando a minha frente como um verdadeiro deus de ébano. Delicadamente puxou minha calça e calcinha deixando-me inteiramente exposta, sem deixar de me olhar tirou o resto da sua roupa também e fiquei um pouco admirada ao vê-lo completamente despido. Do quadril até as coxas também tinha o mesmo emaranhado de tatuagens do ombro. Sentei-me e tracei aquelas linhas perfeitas que o deixava ainda mais perigoso.

— O que suas tatuagens querem dizer? — Levantei os olhos e o encarei.

Ele negou com a cabeça e com cuidado me deitou no sofá, que era bem grande, e

apoiou seu corpo no meu.

— Depois eu conto, agora quero te sentir.

Cada parte dele estava colada em mim e era como se tivéssemos sido moldados para estarmos daquela forma, nos encaixávamos perfeitamente. Pela primeira vez, o toquei com segurança e o ouvi gemendo meu nome. Não saberia dizer o motivo de ainda não o ter feito, talvez fosse o fato de ter medo de que tudo não passasse de um sonho e de que qualquer movimento poderia me fazer acordar.

Deslizei minhas mãos por suas omoplatas, cintura e quadril sentindo cada ondular dos músculos firmes. Heitor era um homem lindo, sua pele negra perfeita e coberta por aquelas lindas tatuagens combinadas com os músculos firmes era simplesmente demais para imaginar. Na verdade, estar com ele era muito em todos os sentidos.

— Oh, Deus! Como é bom sentir novamente, por favor, não pare — gemeu em meu pescoço soprando a minha pele causando ainda mais arrepios, se fosse possível.

— Não vou!

Seus lábios começaram a se mover contra a minha pele. Heitor beijou meus ombros e pescoço marcando-me e, então, provava meu gosto com a língua quente e macia. Fechei meus olhos tentando me concentrar em continuar acariciando-o e senti quando ele começou a mover o quadril em minha pélvis.

Heitor se afastou e lambeu os lábios, sorrindo. Quando sua boca começou a descer em meu corpo senti meu coração batendo mais rápido e apoiei minhas mãos em seus ombros somente para ter onde me segurar.

Ele cumpriu o que disse, provou de cada pedaço do meu corpo. Explorou com os dentes o osso do meu quadril e massageou minhas coxas como um verdadeiro expert, com a língua pecaminosa ele provou da parte em que mais precisava de atenção. Heitor sugou até que eu não tivesse mais ar em meus pulmões. Suas mãos não paravam de me torturar e

quando pensei que não poderia mais aguentar senti que ele entrava em mim sem nenhum aviso. Seu pênis abria espaço na minha carne e sentia como se esperasse por isso por muito tempo.

Quando ele se enterrou completamente, passou o braço pela minha cintura e me puxou colando meu peito ao dele. Com os olhos nos meus, ele desceu a boca e capturou a minha num beijo forte, mais forte do que ele tinha me dado até aquele momento. E a cada estocada de seu membro dentro de mim, eu gemia em sua boca sem deixar de corresponder a sua carícia, que estava me deixando enlouquecida.

Enlacei minhas pernas em sua cintura e acompanhei aquela dança sensual que ele fazia. Heitor não tinha pressa, assim como disse. Ele amava meu corpo devagar e me torturava deliciosamente. Solto da minha boca e me olhou intensamente.

— Por anos eu andei vazio, minha alma tinha se afastado de mim de tanta escuridão que me acompanhava. Você trouxe a luz de volta e posso sentir de novo. O que está nascendo entre a gente é muito mais do que mereço.

Assustou-me um pouco a intensidade com que ele dizia aquelas coisas. Nós estávamos juntos pela primeira vez e o que estava implícito em suas palavras era muito mais do que o prazer carnal proporcionava. Porém, não podia negar que o que acontecia naquele sofá era apenas sexo, sentia que estava destinada a estar com aquele homem destruído e por mais que não quisesse admitir, parecia que estava destinada a salvá-lo.

Ele enterrou o rosto em meu pescoço e com movimentos rápidos e firmes aumentou a intensidade de suas estocadas, levou uma mão em meu clitóris e nos levou ao ápice do ato de fazer amor.

Minha respiração estava rápida demais e meu coração acelerado da adrenalina que corria em minhas veias. Heitor deixou seu peso cair sobre mim e parecia estar se recuperando exatamente como eu. Passaram-se alguns minutos e quando minha sanidade foi voltando percebi algo que não tínhamos feito no meio de tantas coisas que foram

realizadas.

— Você não usou camisinha!

Ele levantou a cabeça do meu pescoço e aliviou um pouco o peso em cima de mim. Em seus olhos aquela dor ainda o assombrava.

— Eu não posso te engravidar e é a primeira que deixo de usar preservativo. Está segura.

Fiquei um pouco aliviada, mas a voz fria dele me preocupou ao dizer aquilo.

— Por que não pode me engravidar, Heitor? Sei que é um homem saudável, sua família é fértil. O que está escondendo de mim?

Ele virou a cabeça para o outro lado e escondeu de mim a dor que sabia que sentia. Se levantou e foi até o banheiro, me ajeitei no sofá me sentindo um pouco exposta pela situação que estava passando. Ele voltou com minha toalha de rosto úmida e me limpou fazendo com que minhas bochechas se avermelhassem.

— Não precisa ficar envergonhada, só estou cuidando de você. — Ele me limpou da forma que deu e pegou sua camiseta preta jogada no chão e me vestiu com ela. Colocou a boxer branca e sentou-se ao meu lado olhando pra mim com pesar.

— Quer mesmo saber o que tem no meu passado?

— Sim, acho que você também sentiu que teremos muito mais repetições dessa noite.

Ele sorriu e estendeu a mão acariciando meu rosto.

— Não me satisfaria com apenas uma noite, não com você. Mas não sei por onde começar.

Abaixou a cabeça e a sacudi, desolado. Tinha vontade de pedir para que ele não dissesse nada, não precisava saber do passado dele. Mas sentia no fundo do coração que

ele precisava desabafar de alguma forma.

— Que tal começar de onde paramos. Por que você não pode me engravidar?

Heitor levantou a cabeça e seus olhos estavam negros, sombrios e frios.

— Porque eu fiz uma vasectomia há seis anos. Não posso mais ter filhos.

Capítulo 14

“Uma atitude tomada com ímpeto pode mudar os rumos de uma vida.”

(Luana E. Robson)

Heitor

Eu não conseguia disfarçar a dor em minha voz, a frieza que me tomava cada vez que lembrava como tudo aconteceu. Tinha certeza de que Liz via tudo isso em meus olhos, pois seus lábios trêmulos e entreabertos denunciavam que havia ficado abalada com essa revelação. Não pelo que fiz, mas a maneira como disse.

— Por que fez isso? É tão jovem!

Sorri de lado, um pouco amargurado de estar sentindo o gosto da minha decisão novamente. Eu nem pensava nisso, pois não tinha o porquê, não queria me envolver com ninguém ao ponto de ter que explicar tudo. Porém, com Liz era diferente, por mais que estivéssemos apenas nos conhecendo sabia que não ficaria apenas nisso.

— Não quero ter filhos.

— Não quer? — Ela franziu a testa e abaixou a cabeça puxando a barra da minha camisa tentando cobrir as coxas. Esse era o meu medo. Depois que ela soubesse de tudo, visse realmente quem eu era. — Eu não entendo, você é um cara gentil, ama as crianças, tem uma família numerosa. Impossível se manter frio quanto a ter um filho.

Respirei fundo e esperei que ela olhasse em meus olhos. O que eu contaria a ela poderia me quebrar completamente de uma vez por todas e no percurso eu poderia levá-la junto. Ninguém ouvia coisas como as que eu diria e sairia ileso.

Os olhos violetas que me trouxeram de volta à vida me encararam brilhantes e confusos.

— Você quer mesmo saber? Eu acho que o melhor seria ficar na ignorância do desconhecido. — Minha voz estava mais dura do que eu pretendia.

— Eu não posso entrar em algo que não conheço, fiz isso uma vez. Me encantei com charme e palavras bonitas, depois do fracasso do meu relacionamento com Marcelo não preciso que me escondam nada. Tenho que te conhecer antes de me entregar.

Eu sabia que ela tinha tido um relacionamento ruim, mas não imaginava que tivesse doído tanto. Mais tarde, eu iria querer saber sobre isso. Passei a mão sobre a coxa exposta dela e sorri.

— Mas você já se entregou, linda.

Liz estreitou os olhos e retirou minha mão de sua perna, imediatamente senti meu coração acelerando.

— Não tente mudar de assunto, eu não te entreguei meu coração ainda. Mas desconfio que isso não vá demorar, então preciso saber de tudo, por favor, Heitor.

Sabia que depois de tudo, ela daria graças por não ter me entregado seu coração. As

sombras do passado eram amargas e tristes demais.

— Tudo bem, Liz! Só peço que me ouça até o final, ok?

Ela assentiu e engoli em seco tentando me prender à realidade enquanto tudo desmoronava dentro de mim. Olhei naqueles lindos olhos e me deixei levar pelas lembranças de um passado que eu preferia que não tivesse acontecido. Mas infelizmente ele era mais real do que eu gostaria. Cruzei os braços, tentando me proteger das punhaladas que tinha certeza de que viriam e comecei a relatar minha história para ela.

— Eu cresci numa família humilde e quando nasci já tinha uma penca de irmãos. Então, desde que me entendo por gente, fui cercado de pessoas. Nossa família sempre foi muito amorosa e unida. Sou gêmeo com Helena e fizemos tudo juntos a infância inteira. Ela me acompanhava em qualquer traquinagem, enlouquecíamos Diego, que cuidava da gente para nossos pais poderem trabalhar. Nossa, ele surtava de verdade. — Liz sorriu e seus olhos se iluminaram. — Meu irmão dizia que tinha algo em mim que o impedia de me dar uma lição, ele não sabia o que era. Porém, era verdade, sempre aprontei e consegui me safar. Quando fui crescendo acabei aprendendo o que era. Não sei explicar muito bem, mas sem me esforçar eu tinha algo que fazia com que as pessoas confiassem em mim; e com as garotas, bem, eu me aproveitei bastante desse dom, podemos dizer assim. Era um rapaz forte, alto e, modéstia à parte, eu tinha meu charme.

— Eu entendo!

Sorri para ela e abaixei a cabeça.

— Era muito bom pra falar a verdade, mas se tornou meio que uma maldição depois de um tempo. Eu cresci naquele bairro, aquela casa mesmo de mamãe, mas agora ela está toda mudada porque ela trabalhou para que ficasse do jeito que sonhava. Mas quando éramos crianças era um lugar bem pequeno para a quantidade de irmãos. Tínhamos apenas um quarto para dividirmos e não havia privacidade. Eu tinha uma amiga que me deixava ficar na casa dela quando eu me saturava de aguentar aquela gente toda, ela era filha única

e gostava da minha companhia. Nina era muito boa, estudamos juntos desde a pré-escola e a vi crescendo. Quando ficamos maiores eu procurei o significado do nome dela, gostava de fazer isso sabe, era como um hobby. Certo dia cheguei na sala e me abaixei ao seu lado e sorri, ela simplesmente se virou para mim e devolveu meu sorriso. Sempre fui muito grande e ela era tão pequena, seus olhos castanhos sempre brilhantes e vivos, os cabelos encaracolados estavam soltos naquele dia e puxei uma mecha e a soltei fazendo com que tivesse aquele efeito de mola.

Fechei os olhos e, então, me entreguei para aquelas lembranças que ainda eram doces. Podia ouvir a risada de Nina quando viu seu cabelo subindo e descendo.

— Você não pode fazer isso, Heitor. Se esse cabelo ficar “chateado” vou chegar em casa igual a um leão, minha mãe tem um ataque.

— Eu gosto de leões, pequena. Mas não vou mexer mais, juro. Queria te contar uma coisa.

Ela arqueou as sobrancelhas perfeitas e sorriu docemente. Minha amiga era morena, seus lábios vermelhos eram grossos e os olhos tão grandes e brilhantes. Pareciam dois faróis, ela era linda e eu a amava.

— O que é?

— Descobri o significado do seu nome. Tem vários significados, mas eu gostei de um: menina graciosa. Acho que combina com você. — Pisquei para ela e fui me sentar do outro lado da sala. Naquele dia percebi que ela ficou estranha e um pouco distante, achei que não tivesse gostado, mas no dia seguinte ela já estava normal.

Não tive a intenção de nada mais que fazê-la feliz. Nina sempre fora uma menina um pouco triste e o constante bullying que sofríamos a deixou um pouco reprimida, ela tinha a autoestima baixa e queria fazê-la sorrir. Não imaginei que tudo mudaria depois daquele dia.

Tínhamos onze anos na época e eu já ficava jogando charme para as garotas mais velhas. Quando fiz quatorze, já era um homem feito e namorava bastante. Minha relação com Helena estava abalada por conta de ter me distanciando, achava que ela me atrapalhava em minhas conquistas. Então, minha irmã começou a ficar venenosa com minhas namoradas, ela e Júlia conseguiam espantar todas elas. Sem exceção.

Uma tarde, depois que minha última namorada tinha fugido com medo das duas, eu fui até a casa da Nina desabafar. Ela estava estudando e atendeu a porta usando óculos enormes que cobria quase o rosto dela inteiro. Eu sorri e bati com um dedo na ponta do nariz dela.

— Tá parecendo uma coruja com esses óculos.

Ela fez uma careta e colocou a mão na cintura encostando o ombro na porta.

— Heitor, nada de brincadeira, por favor. Não estou muito bem pra gracinhas.

— Ei, calma. O que te mordeu hoje?

— Só estou cansada.

— Também, estudando desse jeito, precisa descansar também, Nina.

Nina bufou e olhou para a rua com o pensamento longe.

— E como você acha que vou conseguir entrar pra faculdade? Somos pobres, sabia? Preciso estudar muito para ter uma chance.

Eu dei de ombros e analisei minhas mãos.

— Eu não preciso, vou ser barman. Assim que fizer dezoito vou encontrar um emprego e sair de casa.

Ninguém entendia essa minha vontade de sair de casa e trabalhar por conta própria. Trabalhar em bares era um pouco incômodo lá em casa, já que tínhamos um histórico de

problemas com o álcool, mas eu sabia o que queria e não me tirariam isso.

— Você é terrível, mas o que você quer? Não veio aqui à toa. Cadê sua namorada?
— Não notei o desdém na voz dela, para mim Nina era um anjo e não tinha sentimentos ruins.

— As bruxas a espantaram e a Paty terminou comigo.

— Hum, então você veio se lamentar?

Sorri meio sem graça de usar ela dessa forma, mas Nina era uma boa amiga e sempre estava disposta a me ouvir.

— Sinto muito.

Ela riu e balançou a cabeça ajeitando os óculos no rosto. Achei adorável e fiquei olhando pra ela por um tempo.

— Entra logo, seu chato. Vou fazer um sanduíche para a gente, mas não pode demorar porque minha mãe chega logo.

Aquele dia deu início a uma história que terminaria em tragédia. Porém, eu não tinha como prever, se tivesse não teria começado nada daquilo.

Nós ficamos conversando e brincando na cozinha por horas e comemos muitos sanduíches, claro que com intervalos entre as loucuras que falávamos. Nina me entendia tanto, podia agir naturalmente com ela sem precisar me conter em nada. Certo momento, enquanto comíamos, o rosto dela ficou sujo de maionese e num impulso eu limpei com a minha boca. Não percebi o que fiz até me afastar e ver que ela estava paralisada olhando pra mim. Bem, não preciso dizer que uma coisa levou a outra. Eu a beijei e ela correspondeu de uma forma que nunca imaginei.

Depois disso ficamos um pouco estranhos e resolvi ir embora, a mãe dela chegaria logo e não seria legal se me visse ali. Nina ficou distante o resto da semana e quando fui

confrontá-la acabamos nos beijando novamente no meio de uma discussão.

O resto já pode imaginar, começamos a namorar e parecia certo demais. Nina era imune às provocações das minhas irmãs e eu tinha uma amiga e namorada ao meu lado. Podia querer algo melhor? Tínhamos dezesseis anos quando começamos nossa relação amorosa. Com dezoito anos, eu saí de casa como havia planejado, mas eu me casei com Nina e a carreguei comigo.

Ela não conseguiu entrar na faculdade como queria e tentou por mais três anos até que desistiu. Começou a trabalhar em um bar comigo, eu já havia feito meu nome no meio e foi fácil colocá-la no mesmo turno que o meu. Pra mim seria melhor, poderíamos aproveitar nosso tempo juntos integralmente, mas não funcionou tão bem assim. Na verdade, foi um grande erro.

Não sei dizer muito bem o motivo da mudança da minha esposa, mas ela foi ficando amarga e muito ciumenta. Brigava comigo por tudo, dizia que eu não dava atenção o suficiente para ela e que me insinuava para as clientes do bar, até mesmo com as colegas de trabalho dela começou a implicar. Eu não dei muita atenção, achava que era coisa passageira, mas nunca foi.

As coisas ficavam cada vez mais complicadas e eu estava enlouquecendo com tanta pressão. Nina não era mais a menina que eu cresci, tinha deixado de ser minha amiga fazia muito tempo e nosso casamento estava desmoronando. Então, cinco anos depois que nos casamos, eu vi que já não tinha mais jeito, iria me divorciar dela, não dava pra viver daquela forma.

Porém, Nina me disse que estava grávida. Fiquei confuso sem saber qual seria o melhor caminho e acabei ficando em casa. Ela saiu do bar e achei que as coisas melhorariam, até que se acalmaram, talvez a novidade da gravidez a tenha serenado. Meu filho nasceu em meio a certa paz em nossas vidas, quando o vi pela primeira vez nos braços dela percebi que o amor ainda estava ali. Minha amiga havia se tornado mãe da

pessoa mais importante da minha vida. Caio veio como uma esperança, ele era luz pura.

A cada vez que acordava, eu o via dormindo ao lado da nossa cama e sentia que tudo se ajeitaria. Nina era uma mãe maravilhosa e amava nosso filho, mas comigo ela era diferente.

As coisas voltaram a dar errado quando Caio fez um ano. Estava mais independente e parecia que ela tinha as inseguranças de volta em doses enormes. Helena, que era mãe solteira, vivia dizendo para que eu saísse daquela vida sem futuro, porém não suportava ficar longe do meu filho. Era a única coisa boa que havia me restado.

Então passei a suportar as acusações, parei de discutir e me defender. Ela que pensasse o que quisesse. Se estivesse ao lado do meu pequeno estava tudo bem pra mim. A primeira palavra que ele disse foi papai, Nina ficou enciumada com isso também, mas não demonstrava. Só que eu a conhecia muito bem. Tentei por algumas semanas fazer com que ele dissesse mamãe e, então, num belo dia ele a chamou e as coisas ficaram bem novamente.

Contudo, nós não tínhamos mais vida conjugal, eu não a procurava, não conseguia ter uma ereção no meio de tanta amargura. E também era motivo de acusações.

Mas aprendi a me blindar de todo aquele ódio com o amor do meu filho. Caio era como uma luz em minha vida, um menino alegre, feliz e cheio de vida. Adorava ir para a casa da vovó brincar com aquele monte de primos. Ele cresceu e já não era mais meu bebê, se parecia muito comigo, seus olhos expressivos e sorriso cativante encantava todas as pessoas. Passamos a ter nossos dias de meninos e era uma paz sem igual poder me sentir livre naqueles dias.

Nina se recusava a participar e eu até agradecia. Meu filho começou a ser alvo dos ciúmes dela também quando ele preferia ficar com as tias e primos do que ir para a casa.

Eu já estava explodindo quando apareceu uma nova proposta de emprego. Aceitei

sem pensar, poderia ajudar em casa e pagar a escola particular do Caio. Mas queria dizer ficar menos tempo com ele.

Para minha família tudo era motivo de festa e decidiram que meu novo emprego merecia comemoração. Foi uma briga para que Nina concordasse em ir, deveria tê-la deixado em casa. Assim que chegamos lá, meus parentes nos receberam de braços abertos e minha esposa sempre carrancuda se recusava a cumprimentar as pessoas.

Graças a Deus, Caio parecia alheio a tudo e só se importava em ser criança. Ela se sentou em uma espreguiçadeira e colocou os óculos escuros cruzando os braços. E foi o estopim de toda minha desgraça.

Helena se aproximou e a confrontou, tentei apaziguar a situação dizendo que minha irmã não tinha o direito de se meter, sempre de olho em meu menino que nos observava do outro lado do quintal. Mas acredito que minha irmã, assim como todos, estavam exaustos de me ver em uma vida infeliz.

Ela se virou para mim e me empurrou com a mão espalmada em meu peito.

— Larga de ser frouxo, Heitor. Essa mulher não merece nada. Ela está te destruindo, não está vendo?

Eu estava sim, mas como poderia deixar Caio? Simplesmente não conseguia. Balancei a cabeça e desviei meu olhar da minha gêmea que me conhecia muito mais do que eu gostava.

— Eu só espero que quando tudo acabar possamos estar inteiros para te receber de volta. Você está destruindo toda a família desse jeito.

Agora eu sei que Helena não teve a intenção de me culpar de nada, mas aquilo me machucou, nunca gostei de magoar as pessoas. Nina surtou e quis ir embora. Ela sempre se conteve quando Caio estava junto, mas acredito que eu ter insistido em um casamento daquela forma a tenha destruído também.

Assim que entramos no carro, ela começou a gritar e me bater, me acusou de a trair, olhar as mulheres na rua, algo que nunca fiz, desde que começamos a namorar a respeitei, mesmo agora que não tínhamos nada sexual, nunca encostei em nenhuma mulher. Tentei dizer isso, mas Nina não queria ouvir. De seus lábios que eu tanto amei beijar saíam coisas terríveis e eu morria por dentro pelo fato de Caio estar ouvindo aquilo tudo.

Quando olhei pelo espelho retrovisor vi que ele chorava copiosamente, estava muito preocupado com meu menino que, assustado, se encolheu no banco de trás com as mãozinhas no ouvido. Foi então que numa curva, nem notei que tinha mudado de pista, um caminhão vinha em nossa direção e o freio não estava pegando direito, perdi o controle do volante e ouvi o grito de Nina, porém, quando percebi, estávamos caindo ribanceira abaixo.

Senti como se milhares de lâminas entrassem em meu coração cada vez que o carro capotava levando junto minha vontade de viver. Em minha alma, eu sabia que não sairia vivo daquele carro, mas não tinha noção que andaria pelo mundo como um morto-vivo. Preferia que tivesse sido levado junto com meu pequeno menino. A última lembrança dele e que ficou gravada em minha mente foi a de que meu filho me olhava aterrorizado como se me pedisse para salvá-lo e não pude.

Nunca mais consegui me olhar no espelho sem sentir a culpa de não ouvir mais a risada de Caio.

Capítulo 15

“Em meio aos dramas e à escuridão, precisamos de uma dose extra de força e coragem para nos libertar e, se preciso, de um pouco de insinuação diante dos percalços da vida para reencontrar a nossa luz que nos levará à descoberta do verdadeiro amor.”

(Carla Fernanda)

Liz

Eu não sabia como me sentir depois de todo aquele relato doloroso e tão real. Era como se estivesse assistindo tudo de fora, queria ajudar de alguma forma e não podia, sentia sua dor e culpa. Até entendia, mas não concordava. Foi uma grande tragédia que se abateu na vida daquele homem o transformando em quem era.

— Eu não sei o que dizer, Heitor.

Até o final de suas palavras, ele parecia alheio de que estava falando comigo, parecia reviver o passado e quando ouviu minha voz me olhou assustado e se encostou

ao sofá. Acreditei que nem notou que seu rosto forte estava banhado em lágrimas.

— Não há o que dizer, Liz. Eu perdi alguém que amei mais que a mim mesmo, amo ainda. Meu filho foi a única alegria real que tive e não posso mais ouvir sua voz por simples irresponsabilidade.

Sua voz estava mais carregada que nunca e Heitor me olhava sem realmente me enxergar, parecia ainda preso nas lembranças. Aproximei-me devagar e encostei minha perna na dele, peguei sua mão na minha e entrelacei nossos dedos.

— Você carrega esse segredo todo esse tempo? Seus amigos não sabem?

Ele negou com um aceno e ficou encarando nossas mãos, hipnotizado.

— Nunca suportei a ideia de falar tudo isso em voz alta, e tive muito receio de que ficassem enojados comigo como aconteceu com outras pessoas. Não queria perder o pouco de paz que conquistei ao lado deles. Até conhecer os Petri e todos que vieram juntos me mantive sozinho, era mais fácil.

— Não foi sua culpa o que aconteceu, Heitor. Por que ficariam enojados? Eles te amam muito, não percebeu ainda?

Heitor sorriu tristemente como se estivesse acostumado a ouvir o que eu disse, mas não acreditava nisso. Provavelmente já tinha se convencido de que era culpado.

— Não, Liz, eu tenho nojo de me olhar no espelho. As autoridades confirmaram que houve falha mecânica no carro e mesmo Caio estando de cinto o acidente foi muito feio, ele não resistiu. Porém, eu sei que foi minha culpa, se eu tivesse cuidado melhor da minha família nada disso teria acontecido. — Levantou os olhos e vi o fundo de sua alma quebrada. Era triste ver um homem forte como ele se destruindo daquela forma. — Não vou culpá-la se não aguentar olhar para mim, minhas mãos estão manchadas.

Meu Deus, eu não sabia como o faria entender o quanto era doloroso vendo-o se

acusando daquela forma. Que ele tinha sido um pai amoroso só pela forma como falava do filho não tinha dúvidas e eu não poderia imaginar o que era carregar aquela cruz nas costas sozinho.

— Foi por isso que se afastou de sua família?

— Sim, não suportava ficar ali vendo os olhares de pena e até alguns acusatórios. Não precisava de ninguém me lembrando do porquê de não poder mais abraçar meu filho. Foi mais fácil me distanciar de todos.

Ele não via que dessa forma nunca superaria a perda do filho. Por isso se afundava em dor, provavelmente era o motivo de estar se destruindo daquela forma.

— Mas eles também perderam o Caio, Heitor. E perderam você também...

A risada amarga dele cortou meu coração. Ele levantou nossas mãos e beijou as costas da minha e a encostou no rosto.

— Eu queria mesmo ter ido com ele, mas não merecia estar no céu com aquele anjinho. Meu lugar é aqui no inferno sofrendo cada dia que me levanto e sei que não vou ver mais o sorriso lindo daquele menino.

Foi uma declaração clara de uma alma que sofria. Muitas vezes nos víamos no meio de tanta dor que não percebíamos que todos tinham direito a paz e redenção. Heitor estava tão profundamente preso na culpa que não enxergava o quanto merecia ser feliz.

— Meu Deus, você não vê, não é?

Seus olhos chocolate me encararam tristes e cansados. Ele passou as costas dos dedos em meu rosto e sorriu amargamente.

— Ver o que, Liz? Não há nada.

— Claro que há. Você acha que seu filho gostaria de te ver dessa forma? Sofrendo

desse jeito, sentindo essa dor que te dilacera e mata aos poucos?

Heitor virou o rosto para longe do meu e respirou fundo.

— Eu devia ter prestado mais atenção nele... Na Nina. Deixei-a se sentir mal, não a amei o suficiente e quando começou a sentir ciúmes, eu não liguei. Achava que era melhor esquecer que passaria e nunca aconteceu. As coisas pioraram e tudo porque eu deixei. — Sua respiração já estava irregular e o peito dele subia e descia do esforço.

— Por favor, olhe pra mim — pedi num fio de voz.

Meus olhos estavam secos pelo choque de ouvir sua história, mas não segurava mais as lágrimas, elas corriam por meu rosto e faltava soluçar pela sobrecarga emocional que me assolou. Heitor me encarou e fez uma careta ao me ver naquele estado.

— Sinto muito, Liz. Não queria que ficasse desse jeito — falou como se culpasse pelo que eu estava sentindo também.

— Pare! Só pare. Você precisa entender que coisas ruins acontecem, não temos o poder de controlá-las. É muito mais complicado do que isso. Nem tudo é como a gente gostaria que fosse, perdemos pessoas diariamente. Pensa que não me culpo quando não consigo salvar um paciente? Acha que é fácil quando aparece uma criança que mal começou a vida e eu não posso fazer nada por ela? Acredita mesmo que temos o poder pela vida e morte? Não temos! — Respirei fundo e apertei sua mão com força. — Nina estava doente, Heitor, eu não a conheci e não posso dizer muito. Mas, pelo que disse, o grau em que ela chegou deveria ter sido tratado, você não é culpado por tudo também. Talvez devesse tê-la levado a procurar ajuda, mas sofria junto e quem poderia condenar você de achar que tudo se resolveria com o tempo?

A essa altura, eu já soluçava porque era muito para assimilar. Toda a dor dele se infiltrou em minha pele e já não enxergava nada, meus olhos estavam inundados. Senti os braços dele ao meu redor e Heitor me puxou para seu colo me embalando carinhosamente

deixando que eu chorasse à vontade.

Ele encostou os lábios em minha têmpora e me abraçou como se eu fosse uma criança. Deixei que as emoções saíssem de mim. Só assim eu conseguia viver. Era muito sensível às coisas ao meu redor e se guardasse amor ou ódio, tristeza ou felicidade, dor ou paz, elas me sufocavam. Qualquer sentimento que havia em mim era doado ou eu jogava fora, mas não guardava só para mim. Era assim que eu conseguia funcionar.

Depois de algum tempo senti que meu coração começou a bater cadenciado e não desesperado como estava antes. Nossas mãos estavam entrelaçadas ainda e ele passava o polegar por minha pele, me afastei de seu peito e o encarei. Tinha um sorriso pequeno que enfeitava seu rosto bonito.

— Eu sabia que você seria diferente de qualquer pessoa que conheci.

— Como assim? — Passei as mãos por meu rosto tentando enxugar a torrente de lágrimas que quase nos afogou.

— Todos que sabem sobre o que aconteceu ficam ressabiados de tocar no assunto, deixam como está. Até porque as únicas pessoas que sabem também sofrem com a perda de Caio. Mas você não, parece uma onça defendendo seus filhotes. Eu posso me apaixonar por você muito facilmente, sabia?

Sabe quando você para de respirar por um instante e não sabe se ouviu direito? Eu me senti daquela forma. Apesar de gostar muito dele e do sexo ter sido mais que incrível, e mesmo sabendo que estava sendo inevitável me entregar completamente, ainda não queria admitir em voz alta. Parecia que ficaria mais real se falasse.

Encostei minha cabeça em seu peito novamente e passei a imitá-lo no carinho de nossas mãos.

— Promete pra mim que vai parar de beber, Heitor?

— Eu vou tentar, Liz. Depois que sofri o acidente essas lembranças voltaram para mim tão reais que preciso me dopar para conseguir um pouco de paz. Mas eu estou tentando, na verdade esse mês até que resisti relativamente bem. Poucas vezes me rendi.

— Não sei se fico feliz ou triste.

— Por quê?

— Você só está fazendo por mim e não por você, quando, na verdade, quem deveria zelar pela sua integridade tinha que ser você.

Ele suspirou pesadamente muito sobrecarregado, podia ver em seus olhos semicerrados o quanto estava mexido com tudo.

— Não há como eu pensar em mim quando sei que não mereço. Mas já não é um avanço eu querer ficar bem por você?

Suspirei pesadamente, apesar de ele dizer que não me queria por perto pela ilusão de que o salvaria, eu sabia muito bem que, no fundo, era sim. Algo em mim o fez se sentir diferente e não tinha noção de quanto tempo isso duraria.

— Queria que pensasse diferente de si mesmo.

Ele abriu a mão e esticou os dedos, eu o imitei e olhei curiosa para seu rosto. Ele sorria serenamente.

— Somos tão diferentes que fico até com medo de que tudo seja um sonho.

Tirei minha mão da dele e sentei em seu colo com uma perna de cada lado de seu quadril. Automaticamente Heitor segurou em minha cintura e encostou-se no sofá para olhar melhor em meus olhos.

— Não é um sonho, acha que se fosse eu poderia fazer isso? — Beijei seu maxilar e o ouvi gemendo baixinho. — Ou isso?

Deslizei por seu pescoço o enchendo de beijos e mordidas suaves.

— Acho que não, né? Com a sorte que tenho teria acordado no momento que montou em mim.

Oh, Deus! Ele dizia aquilo com uma voz tão rouca e sensual. Aproximei-me do seu ouvido e puxei a orelha dele devagar.

— Então aproveita a realidade, tatuado!

Ele se afastou e sorriu malicioso.

— O anjo tem suas artimanhas.

Arqueei uma sobrancelha.

— Nunca te disse que era um anjo.

— Não mesmo, acho que tá mais para um demônio que veio me atormentar com esse corpo delicioso.

Suas mãos deslizaram por minhas costas sensualmente. Tracei a tatuagem com os dedos e o olhei atentamente.

— O que elas significam?

Ele torceu o pescoço, observando o traçado que eu fazia contornando toda a pintura em sua pele perfeita. Vi que engoliu em seco quando o pomo de adão subiu e desceu.

— Eu não as tinha até o Caio nascer, quando ele entrou em minha vida achei que precisava gravar na pele meu amor por aquele menino. Não contei a ninguém o que significavam, porque não queria me explicar, então fiz de uma forma que só eu entendia. — Ele pegou meu dedo passando por cima de uma das linhas em estilo tribal. — Cada linha significa um acontecimento da minha vida; quando nasci, o primeiro passo, enfim, é como uma linha do tempo. Sempre fui ligado aos significados dos nomes e o do meu filho eu o

escolhi exatamente por isso. Caio vem do latim que quer dizer: alegre, contente, feliz. E é o que ele significou para mim, no meio de toda a minha vida estava ele.

Levou meu dedo até a arte intrincada de linhas, mas que contornadas da maneira correta estava claramente o nome do filho escrito em latim: *Caius*.

— Linda sua homenagem, Heitor! E essa frase que tem no seu quadril? As tatuagens se parecem, mas não são as mesmas, não é?

Ele negou com um gesto, me empurrou delicadamente e baixou a cueca mostrando o intrincado de linhas que olhando de perto eram bem distintas.

— Essa eu fiz quando perdi meu filho. Cada desenho é uma dor, uma culpa, alguém que machuquei e a frase é para que nunca me esqueça da alegria que foi ter ele vivo em meus braços. *Carpe diem, quam minimum credula póstero*, que significa: “Aproveite o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã”.

Deslizei meu dedo por sua tatuagem e levantei minha cabeça olhando nos olhos assombrados daquele homem à minha frente. Quanto tempo ele não deve ter se olhado no espelho vendo aquelas tatuagens se lembrando de tudo que lhe aconteceu.

Aproximei-me devagar e coleí meus lábios nos dele num beijo suave e carinhoso. Imediatamente suas mãos me seguraram no lugar e Heitor aprofundou o beijo tomando toda a paz que ele precisava e sabia que estava transmitindo através daquele beijo.

Quando há um fio de esperança num mundo de dor e sombras, a vida se renova. É como as flores que se abrem na primavera. Em toda a criação sempre existiu o yin e yang, dois lados opostos que necessitam um do outro para que a vida siga em harmonia. A sombra e a luz. Energias que precisam de um equilíbrio para que possam coexistir.

Nunca acreditei que tivesse o poder de mudar a vida de alguém, que pudesse fazer com que uma alma despedaçada fosse remendada de volta. Mesmo ficando com cicatrizes, esperava que ela pudesse voar alto novamente. Mas, pela primeira vez, eu queria muito ter

esse poder. Mesmo sabendo que não tinha, era apenas uma mulher cheia de defeitos e que estava se apaixonando por um cara quebrado.

Capítulo 16

“Inspiração é a música principal que rege a vida de cada um de nós.”

(Shirlei Ramos)

Heitor

Um sentimento que há muito tempo não sentia me invadia sem que eu pudesse conter. Olhava Liz sentada no carro ao meu lado com um sorriso no rosto sem saber como tirá-lo de lá. Achei que estava parecendo um idiota daquele jeito. Se Lucas e Alberto me vissem daquela forma, provavelmente ficariam no meu pé pela eternidade. Porém, não me importava nem um pouco que vissem, queria mais era mostrar que podia sorrir de verdade novamente.

Depois de contar tudo para ela achei que não resistiria, pensei que fosse morrer ao reviver todo aquele sofrimento e a pena de mim mesmo. Mas ela me abraçou, simplesmente sentiu minha dor e dividiu comigo sua paz.

Não vou dizer que estava em êxtase por ter me exposto daquele jeito. Contudo, me sentia mais leve do que antes.

— Tem certeza de que é uma boa ideia me levar ao seu bar?

Desviei meu olhar da estrada à minha frente e observei com um sorriso.

— Claro, por que não?

— Sei lá, seus amigos podem ficar surpresos.

— Nossos amigos, não se esqueça de que aquele bando também te adotou. — Dei uma risada ao me lembrar da facilidade que foi ter saído do *Beer* depois que Júlia me ligou dizendo que Liz tinha voltado. — Aliás, estão todos torcendo para que a gente fique bem.

Ela ficou pensativa e mordeu a unha do indicador em sinal de nervosismo, não entendia aquele receio.

— Não está muito tarde?

Ainda eram dez da noite e o bar devia estar a todo vapor. Para quem estava acostumada com a vida noturna de plantões acreditava que ela estava procurando uma desculpa para fugir.

— Não, Liz. O bar fecha tarde, e tenho que tirar Lucas do balcão. Esqueceu que ele tem uma mulher grávida de gêmeos pra cuidar? O que tá acontecendo dentro da sua cabecinha que você não está me contando?

Liz me olhou e tive que me concentrar em dirigir e não parar na estrada para ficar admirado a beleza daquela mulher. Seus cabelos estavam soltos emoldurando seu rosto, o deixando ainda mais angelical.

— É bobeira minha, sinto muito. Você tem razão, não podemos deixar que Lucas

feche o bar. Seria demais pra Sabrina.

— Na verdade, ela deve estar gostando de mandar em todo mundo, aquela garota está com os hormônios contidos de tanta superproteção de todos. Me conta o que está acontecendo.

Liz me encarou e fez uma careta que a deixou encantadora.

— É que não sei o que vão pensar de mim. Você é meu paciente, é antiético.

Ainda aquilo? Pensei que já teria sumido esse medo depois que ela se afastou, sem contar a noite maravilhosa que tivemos.

— *Ex-paciente*. — Tive que frisar esse fato. — Me conta o que aconteceu para que ficasse tão receosa quanto a isso? Nunca me disse claramente, eu que andei pegando algumas partes e colando as coisas.

Ela pareceu perdida em pensamentos enquanto olhava para fora da janela e respirou fundo.

— Eu me envolvi com um irmão de uma menina que salvei quando ainda fazia residência. Ele ficou tão agradecido que acabamos envolvidos por sete anos e no final me disse que tudo não passou de fantasia, que não era assim que queria viver. Bem, essa é a versão resumida. Não preciso ficar me lembrando de como fui imprudente e idiota. Acreditei em um sentimento que não existia.

Isso explicava muito toda a situação e o medo dela. Apesar de ter praticamente jogado as palavras, podia sentir a mágoa em sua voz e não quis me aprofundar para que dissesse mais. Seus olhos estavam tristes quando se voltou para mim, soltei o volante e dei um aperto em suas coxas.

— Ninguém vai pensar nada disso de você, Liz. Somos apenas um homem e uma mulher que estão começando alguma coisa muito boa. Aquelas pessoas só querem nos ver

bem, sabe disso. Você precisa se livrar dessa impressão.

— Mas você ainda me vê como sua salvação.

— E você é, não adianta negar que o que me trouxe de volta foi o seu toque e a sua voz. Mesmo sem te ver, eu quis conhecer a dona daquela paz.

Ela fechou os olhos e desviou o olhar.

— Não sou a salvação de ninguém. Apenas você pode fazer isso por si mesmo, Heitor. É bom colocar isso na sua cabeça antes que magoe alguém.

Engoli em seco e deixei o assunto morrer, não queria estragar os momentos que tivemos. Ainda estava emocionalmente abalado por tudo que contei a ela. Liz conhecia meus pesadelos e eu os dela, apesar de serem diferentes tínhamos um passado que nos atrapalhava e incomodava.

Não tinha dito tudo a ela, não que tenha escondido, mas não via motivos para revelar de uma vez o que se passava em minha vida e que ainda me assombrava. Por isso ainda achava que ela poderia me ensinar a ter vontade de viver novamente.

Ficamos em silêncio e dei graças a Deus quando estacionei em frente ao *Beer* e vi que tinha bastante gente lá. Tinha um orgulho danado do meu pequeno sonho. Layla ainda estava de resguardo e demoraria alguns meses para voltar, por isso Ana e Lucas faziam as honras, às vezes. Os clientes pareciam gostar, mas via que sentiam falta da estrela.

Respirei fundo e me virei para Liz.

— Está pronta?

Ela assentiu meio insegura e sorri saindo do carro de Lucas, dei a volta e abri a porta para que pudesse me acompanhar. Liz sorriu e pegou minha mão estendida, com os dedos entrelaçados fomos caminhando e atravessamos a rua. Quando entramos no bar poucas pessoas se viraram para olhar, mas outras nos encaravam de forma estranha.

Naquele momento percebi o quanto éramos diferentes.

Eu era um cara negro, tatuado, bruto e de origem humilde. Meu passado era doloroso e refletia em meu rosto muitas vezes, me tornando mal-encarado. Ela era tão branquinha que parecia pintada a mão, seus olhos raros transmitiam bondade e paz, uma garota rica que nasceu em berço de ouro. Dois opostos da sociedade. Algo que chamava a atenção de certas pessoas preconceituosas que vi com as testas franzidas. Porém, não me importava com a opinião de ninguém.

Quando olhei para o palco vi que Lucas tinha acabado de subir e se sentado em frente ao piano, olhei para o bar e Alberto servia as bebidas enquanto Ana atendia as mesas. Sabrina estava no caixa sentada e confortável com um sorriso gigante no rosto olhando o *namorado* no palco. Todos haviam se mobilizado para tomar conta do bar enquanto eu ia atrás da Liz. Meu coração se apertou de emoção e tentei disfarçar antes que chorasse no meio do meu estabelecimento.

Olhei para Liz e apertei a mão dela.

— Viu, parece que está tudo em ordem. — Ela sorriu e assentiu se aproximando e encostando em mim.

— Você tem amigos maravilhosos, Heitor. Estão quase todos aqui para te ajudar. Olha o quanto você está cercado de amor.

Eu sorri para ela e assenti emocionado, o amor daquela gente era como um chiclete. Eles grudaram em mim sem que eu pudesse dizer nada a respeito. Apontei o palco com um aceno e puxei-a para o bar.

— Vamos sentar e assistir o Lucas, ele canta muito bem. Já viu ele se apresentar?

— Ainda não.

— Tenho certeza de que vai gostar, ele tem tanto talento quanto a irmã.

Assim que alcançamos o bar, Alberto levantou os olhos das bebidas que estava preparando e arqueou as sobrancelhas ao ver que eu puxava Liz atrás de mim. Fiz um gesto a ele para que não dissesse nada, poderia deixá-la incomodada, ele apenas sorriu cúmplice e a cumprimentou com uma continência. Assim que nos sentamos, Lucas começou a falar no microfone.

— Bem, acredito que já estão acostumados com minha presença por aqui. Sou Lucas Bonatti, irmão da Layla. Hoje vou cantar uma música para a mulher mais linda do bar: *Ela une todas as coisas*, Jorge Vercillo. Sá, é pra você!

Sabrina tinha os olhos marejados e encarava o palco com as mãos na barriga enquanto ele tocava no piano as primeiras notas musicais.

Apesar de a música ter sido claramente dedicada a Sabrina sentia que tinha tudo a ver com a mulher que eu abraçava e que, encostada à minha frente, sorria encantada. Liz era muito mais importante para mim do que imaginava, ainda mais depois do que passamos naquela noite. Percebi que estava mais caído do que queria.

Quando ele disse certa parte, meu coração deu uma batida mais forte e eu sussurrei no ouvido dela:

Ela une o mar

Com o meu olhar

Ela só precisa existir

Pra me completar

Ela une as quatro estações

Une dois caminhos num só

Sempre que eu me vejo perdido

Une amigos ao meu redor

Mesmo não cantando nada bem, vi que a pele dela se arrepiou e notei que havia entendido o que eu quis dizer. Quando Lucas terminou a música foi aplaudido com entusiasmo e Liz se virou e me beijou.

Fiquei surpreso, mas não me fiz de desentendido. A abracei forte ao meu corpo e retribuí aquele presente que estava me dando. Os lábios suaves dela acariciavam os meus com calma, provando e me mostrando com aquele gesto o quanto havia se emocionado com a canção sussurrada em seu ouvido. Quis acreditar que tinha muito mais naquele carinho do que apenas um beijo. Meu coração cansado queria a paz que tinha dentro dela e o amor também.

— Uau, acho que não preciso perguntar se deu certo, não é, ursinho? Conseguiu trazer sua luz de volta.

A voz de Sabrina me fez rir na boca de Liz, abri os olhos e ela me encarava com intensidade naquelas íris encantadoras e tão raras que pareciam duas joias. Pisquei para ela e me virei para ver a grávida que estava parada à nossa frente.

— Parece que sim, boneca.

Sabrina tinha os olhos rasos de lágrimas, a gravidez a deixou bem emotiva, chorava com quase tudo.

— Fico feliz! — disse com a voz embargada. — Obrigada por trazer nosso amigo de volta.

Liz sacudiu a cabeça e deu um passo à frente abraçando aquela menina que tanto nos encantava. Elas falaram baixinho por algum tempo e Sabrina assentiu, emocionada.

— Ei, tatuado. Conseguiu trazer a Liz baby. Parabéns, cara, ela é uma joia rara.

Virei-me para Alberto e assenti, dei a volta no balcão e o abracei como queria fazer há muito tempo. Depois que viajamos e sofremos o acidente parecia que uma ligação entre nós ficou mais forte e pressentia que o primeiro a saber da minha vida, quando eu estivesse pronto para contar, seria ele. Eu diria àquela família tudo sobre mim, eles mereciam saber para que pudessem me entender um pouco mais, mas ainda não podia.

Percebi que meu amigo ficou sem graça, mas retribuiu aquele abraço desajeitado de homens. Quando nos afastamos seu rosto estava sério e ele sorriu de lado.

— Fico feliz que esteja de volta, Heitor. Sentimos sua falta!

— Eu sei, fico feliz de ter voltado.

Olhei para Liz que estava no meio de uma conversa com Sabrina e Ana, então ela se virou para mim e sorriu docemente.

Eu estava de volta somente por causa dela e tentaria ser um homem melhor para que merecesse o sentimento que tanto ansiava.

Capítulo 17

“Vamos viver o amor, ele é tão poderoso quanto um impulso positivo.”

(Marlene Guimarães)

Liz

Desde o momento que conheci aquela família me senti completamente acolhida. Fazer amizade com eles foi algo natural e maravilhoso. Sempre fui sozinha na vida, fiz amizades ocasionais e poucas resistiram ao tempo, mas os Petri e Bonatti eram grandes pessoas que levaria para a vida toda. Amigos reais e confiáveis que se apoiavam em qualquer situação. Apesar de ter entrado para aquele clã há pouco tempo, sentia que poderia contar com cada um deles.

Olhando para Sabrina pude perceber a felicidade que havia fincado morada em sua vida. Seus olhos muito azuis estavam cada vez mais brilhantes e a paixão por Lucas era evidente em seu rosto cada vez que olhava para ele. Nem precisava dizer o quanto era correspondida, não é? Ele simplesmente venerava aquela menina-mulher.

Ana era o oposto da irmã, apesar de ter perdoado seu passado ainda carregava consigo o sarcasmo como marca registrada. Uma mulher lutadora que venceu, acredito eu, a maior provação que uma pessoa poderia passar. Superar tanta coisa como ela fez a deixou forte e isso refletia em seu semblante.

Duas mulheres distintas, mas que se pareciam demais. Elas tinham me sequestrado para um canto do bar dizendo que era hora da conversa de mulheres e que os homens pareciam ser mais curiosos do que elas, fofoqueiros até. Então precisávamos de privacidade.

— Fico muito feliz que vocês conseguiram se entender, Liz. Estava dando pena de ver o Heitor tão desesperado — Sabrina disse olhando em direção ao bar e alisando a barriga dos gêmeos. Algo que acreditei ser automático para ela, já que fazia tão distraidamente.

Eu sorri um pouco sem graça, ainda não tinha nada tão certo como o que elas achavam e não queria alimentar esperanças em meu coração.

— Nós ficamos apenas uma vez, Sabrina, ainda não sei o que será daqui pra frente.

Ana desdenhou com um gesto de mão e revirou os olhos, parecendo entediada. Na verdade, se você não a conhecesse acharia que estava mesmo.

— Menina tola. Aquele tatuado está mais do que caído na sua. Se ele já provou do mel, como sei que fez, porque esses olhinhos brilhando não são por eu estar aqui com a minha beleza magnífica — Ela riu me observando quando senti minhas bochechas queimando. —, o cara não vai te deixar ir, menina. Até mesmo porque acho que os rapazes dão um safanão nele caso te magoe de alguma forma. Sabe que se tornou muito especial para todos nós, né?

Senti um nó se formando em minha garganta e sorri. Nunca tinha sido acolhida numa família com tanta naturalidade e carinho. Apesar de achar que tudo se repetia era grata

pelo cuidado que tinham comigo.

— É a transferência, Ana. Você sabe que existe. Mas eu gosto muito de vocês para me importar com isso agora.

Sabrina franziu a testa e olhou a irmã, curiosa, não devia estar entendendo nada, tadinha. Ana Luíza balançou a cabeça negando veemente.

— Eu sei o que é isso, Liz. E não é o que acontece aqui. Você é uma mulher especial, sua paz nos conquista, é forte e generosa. Quem não se encantaria por você e desejaria ser seu amigo? Não é transferência, acredite — ela disse com tanta convicção que eu estava tentada a acreditar, mas era tão difícil deixar velhos hábitos.

— O que é isso? Vocês estão falando grego pra mim — Sabrina protestou olhando entre mim e a irmã.

— Transferência de sentimentos é um termo que usamos no meio quando um paciente ou a família dele se sente muito grato por algo de bom que o profissional fez e confunde sentimentos — Ana explicou para a Sabrina e, então, virou-se para mim com a testa franzida. — O que não estou entendendo é o porquê de você estar tão preocupada, já passou por isso?

Eu não via motivos para esconder o meu erro delas. Afinal, éramos amigas e Ana me entendia melhor que qualquer outro por estar na área médica também.

— Sim, eu tive um namorado que se confundiu quando eu salvei a irmã dele. Ficamos juntos por sete anos e quando me deixou disse que eu era muito tola de ter acreditado no sentimento dele que não passava gratidão. E Marcelo tinha razão, devia ter sido mais esperta. — Abaixei a cabeça com medo de ver a reação delas. Apesar de negar, as coisas se repetiam sem que eu conseguisse controlar.

— Razão é o caramba! — o grito de Sabrina me fez dar um pulo no banco. — Ele é um idiota de ter deixado uma garota maravilhosa como você. E não me contrarie, sou uma

grávida com hormônios em ebulição.

Olhei para ela com a testa franzida e a menina sorria dando um gole no suco de laranja me olhando de esguelha. Ana riu e me encarou firmemente.

— Apesar das loucuras dos hormônios dessa garota, ela tem razão, Liz. O idiota foi ele, não você.

— Mas eu acreditei em tudo, Ana. Deixei-me iludir. Fui carente demais, sabe?

— Mas não é isso que *o Heitor sente* por você! — Ana frisou sem se deixar convencer.

— Então, o que é? Porque eu não entendo como alguém se encanta com a outra pessoa desde a primeira vez que a vê... É tudo novo demais para mim, mesmo sentindo o que sinto por ele.

Ana me encarou com um sorriso enorme no rosto, ela levantou a mão e estendeu os cinco dedos. Apontou o mindinho e começou a contar.

— Primeiro: as coisas são do jeito que são. Esse destino gosta de brincar com a gente e não tem como fugir. Segundo: Todos os casais da família, tirando Larissa que quase matou Maurício quando eram adolescentes de tanto que ele a irritava, foi essa coisa de primeiro olhar. Terceiro: Você conviveu com ele por meses, falando e o encorajando, sabe que isso ficou no subconsciente dele. Quando o cara abriu os olhos precisava saber quem era a sua salvadora. Normal! — Revirei os olhos, não via nada normal naquilo. Ana fez uma careta e continuou. — Quarto: Você é uma mulher linda e sensual, qualquer cara ficaria encantado com esses olhos lindos e tão expressivos. Quinto: Apesar de nenhum de nós sabermos o que aconteceu em seu passado, ele é um cara triste e solitário, você chegou em um ponto crucial na vida dele, Liz. Todas as pessoas deveriam ter alguém capaz de salvá-las delas mesmas. Veja aquele idiota do Alberto, eu não queria amar ele tanto assim, mas o que posso fazer? Apesar de todo nosso passado, demos uma chance ao nosso

presente. O futuro só Deus sabe.

A história dos dois foi tão complicada e cheia de obstáculos que alguém mais fraco desistiria e não conseguiria perdoar, mas ela não. Sempre vi naquela mulher uma força e vontade de vencer sem igual. Me emocionou o modo como ela pontuou todos os motivos pelos quais eu não deveria me preocupar, mas no fundo eu ainda tinha receio, porém resolvi deixar pra lá. Ninguém entenderia, mesmo porque eles não sabiam do passado de Heitor e sua vontade de redenção.

— Tudo bem, me convenceu!

Ela riu e bufou fazendo uma careta seguida por Sabrina que nos observava em silêncio.

— Claro que não convenci, mas se consegui te acalmar até que ele possa provar isso tudo, estou feliz. — Ela piscou um olho e se encostou ao banco olhando a irmã, que assentiu concordando.

Era hora de mudar o foco da conversa, não queria pensar demais naquele assunto ainda. Tinha que aproveitar o tempo que podia, depois que as coisas desmoronassem eu pegaria meus cacos e seguiria em frente de novo.

— E você, Sá? Animada para a chegada dos gêmeos? — Ela assentiu entusiasmada e parecia realmente muito animada.

— Sim, na verdade não vejo a hora. Estou um pouco cansada de carregar essa barriga, acabei de completar oito meses, estamos quase lá. Fora que ver como a Ângela é tão linda e cresce cada vez mais, me faz querer ter meus meninos nos braços.

— Eu imagino, é uma sensação maravilhosa, né?

— Sim, e você sabe, né? Depois que eles nascerem, eu vou me casar.

Aquilo sim era uma novidade. Me afastei deles tão de repente que sentia falta

daquela gente.

— SÉrio? Que lindo!

Ela sorriu encantada e sonhadora. Não a conhecia antes de se acertar com Lucas, mas sabia que depois que aceitou o amor dele aproveitava a vida com mais entusiasmo.

— Quero que Eduardo e Gustavo estejam presentes nesse dia, então só aceitei o pedido do Lucas com essa condição.

Ana bufou e bebeu seu refrigerante olhando para o bar mais uma vez, as duas não desgrudavam os olhos daquela direção. Eu acabei me sentando de costas para resistir à tentação de secar o Heitor.

— E quase mata o menino no percurso — Ana completou, rindo.

— Não seja chata, Ana. Você que foi apressada, logo quis ir pra Vegas amarrar o Beto.

A irmã franziu a testa e sabia que vinha uma resposta esperta. Ela era mestre nessas coisas.

— Apressada? Minha filha, doze anos de espera já foi demais! Tinha que enlaçar aquele safado.

— E ainda ganhou um filho de brinde. — Sabrina riu e empurrou Ana com o ombro.

O sorriso de Ana Luíza apenas se alargou mais.

— É verdade, aquele menino veio para alegrar minha vida. Falando nele, tá na minha hora. Amanhã pego plantão as dez e Nando reclama quando não posso ficar muito com ele.

Tinha me esquecido completamente de que no dia seguinte eu também iria trabalhar. Quando ela se levantou Sabrina a acompanhou e fomos até o bar. Quando chegamos os meninos nos encararam, sorrindo.

— Vejo que já torturaram a pobre da Liz o bastante. — Alberto sorriu e deu a volta no balcão abraçando a esposa que deitou a cabeça em seu ombro.

— Só um pouco, vamos embora? Amanhã trabalho cedo e Nando deve estar esperando a gente.

Já devia ser por volta de quase meia-noite e o movimento no *Beer* já tinha diminuído bastante. Alberto assentiu e deu um beijo na testa de Ana.

— Vamos lá! Lucas e Sabrina vem também ou vão ficar?

Sabrina fez uma careta engraçada e se encostou no namorado que a apoiou, na verdade quase a pegou no colo.

— Quero cama!

Lucas riu e acompanhou Beto e Ana que já caminhavam para a porta do bar depois de nos despedirmos.

— Então essa é minha deixa. Heitor, Liz, até mais.

Observei eles se afastarem, estava um pouco distraída e quando olhei de volta para o balcão, Heitor me observava intensamente com um sorriso no rosto.

— Se divertiu? Às vezes, essas meninas são um pouco inconvenientes.

Acho que nunca iria me acostumar àquela voz sensual dele. Engoli em seco e assenti.

— Elas são maravilhosas.

Heitor baixou a cabeça e terminou de lavar os copos que estavam na pia, os colocando enfileirados de lado.

— Daqui a pouco o bar esvazia e podemos ir — disse sem olhar para mim. Quando ele me chamou para acompanhá-lo pediu para que dormisse em sua casa, mas agora estava um pouco sem jeito de ir.

Parecia que havia me desacostumado a esse tipo de relacionamento. Os que tive nos sete anos passados foram apenas ocasionais e nada tão importante que merecia uma noite inteira.

— Sobre isso, acabei me esquecendo de que amanhã tenho plantão.

Ele arqueou as sobrancelhas como se soubesse que eu estava tentando fugir.

— Eu te levo, que horas você tem que estar lá?

— Meio-dia.

— Perfeito, vai dar tempo. — Seus olhos queimavam em mim e mil coisas passaram em minha cabeça.

Quando ele me convidou para passar a noite em sua casa não pesei os riscos que seria dormir e acordar nos braços daquele moreno do pecado. Senti meu corpo todo se arrepiando e tentei disfarçar meu desconforto.

— Por que você fica me olhando desse jeito?

Tive essa curiosidade desde o casamento de Ana e Alberto quando ele me encarava sem parar. Seu sorriso de lado denunciou que não era nada inocente que passava por sua cabeça.

— Quer mesmo saber, *baby girl*?

Deus, eu amava quando ele me encarava daquela forma. Assenti e seu sorriso apenas aumentou o deixando ainda mais bonito.

— Fico imaginando várias coisas, mas nesse momento em como seria ter você nesse balcão toda lambuzada de vodca.

Arregalei os olhos e engoli em seco com a imagem que se formou em minha mente.

— Você não deve beber. — Sério que eu disse isso depois de uma declaração tão

sensual?

Heitor riu sabendo o que causava em mim.

— Estou pouco ligando para a bebida nesse momento — declarou com a voz rouca.

Ok, eu perguntei e eis a resposta que me deixou completamente desconcertada.

Depois disso fiquei inconvenientemente envergonhada e me mantive em silêncio escutando a música que tocava no alto-falante. Uma em especial deixou meu corpo ainda mais quente.

Arrisquei olhar de volta pra ele quando uma pessoa saiu do bar depois de pagar a conta. Heitor sorriu e olhou em volta, segui seu olhar e percebi que os clientes já tinham ido embora e nem havia notado que estávamos sozinhos. Ele foi até a porta do bar e trancou a porta fechando as persianas de todas as janelas. Caminhou devagar até o aparelho de som. Isso me deu uma visão privilegiada de suas costas musculosas e o bumbum durinho. Aquele homem não devia ter um grama de gordura no corpo, tinha músculos magros por todo lado. Eu sabia muito bem, pois havia sentido cada um deles.

Heitor aumentou o volume onde tocava *Sex on fire*, do Kings of Leon. Eu fiquei sabendo por meio das meninas que ele e os garotos fizeram um verdadeiro show em Vegas na despedida de solteiro de Ana e Beto. E, pelo que me contaram, Heitor era o melhor de todos, quando ele se voltou pra mim seu corpo mexia de acordo com a música e eu simplesmente não podia acreditar.

Teria um show de *stripper* no meio do *Beer*. Ele fechava os olhos e tirava a roupa, quando ficou apenas de calça jeans se aproximou e parou no meio das minhas pernas passando as mãos por meu corpo. Em certa parte da música, ele sorriu e sussurrou a letra com os olhos grudados nos meus.

Hot as a fever

Rattling bones

I could just taste it, taste it

If it's not forever

If it's just tonight

Oh, it still the greatest, the greatest, the greatest [\[1\]](#)

Meu Deus, eu estava completamente rendida por aquele homem.

Capítulo 18

“No ímpeto da paixão, duas almas se unem de maneira incontrolável.”

(Babi Barreto)

Heitor

Liz engoliu em seco e senti meu corpo todo acendendo com tudo que eu poderia fazer com ela ali no bar. As opções eram bem variadas e estava um pouco louco para experimentar cada uma delas.

— Sabe que fantasiei ter você aqui no bar milhares de vezes?

Ela tinha os olhos enevoados de desejo, as pupilas estavam dilatadas e parecia até entorpecida.

— É mesmo? Então, por que não me mostra quais foram suas fantasias?

Droga, ela sabia jogar. E aquela voz sedutora que estava me enlouquecendo? Mas eu

estava mais acostumado a seduzir do que ela, percebi o modo como ficou excitada em me ver dançando.

— Primeiro, eu a quis em cima do palco enquanto me moveria ao movimento de uma música bem sexy, entrando e saindo, te deixando louca.

— Ok, já deixou! — disse sem fôlego.

Sorri de lado e deslizei minhas mãos por suas costas.

— Segundo, eu a queria aqui em cima desse balcão de perna aberta enquanto eu me banquetava do seu gosto.

— Já entendi.

— Acho que ainda não, Liz. Na verdade, eu tive muito tempo pra imaginar as maneiras que iria ter você dentro do bar, mas agora só queria te levar pra minha casa e fazer amor com você sobre meus lençóis, então te abraçar a noite toda.

Ela respirou fundo e suas mãos pequenas e quentes encostaram em minha pele fazendo me queimar.

— Mas eu estava gostando tanto do show. Onde aprendeu a dançar daquele jeito?

Sorri e encostei meu corpo mais no dela, abaixei a cabeça aspirando o perfume suave de seu pescoço e arranhei meu cavanhaque em sua pele perfeita.

— Sempre tive essa facilidade com a dança e muito jovem fiz alguns shows nos bares que trabalhava. Era uma apresentação que os *barmans* faziam.

— Tipo aquele filme das coyotes?

Sorri pela lembrança e referência dela, o filme foi um grande estouro na época e as meninas fantasiavam muito quando subíamos no balcão do bar.

— Mais ou menos, mas éramos somente homens.

— Hum... então era um bar só para mulheres?

Liz era esperta demais e captou toda a situação sem que eu precisasse dizer nada. Não sabia se isso seria favorável para mim.

— Bem, sim

Ela estreitou os olhos e torceu a boca parecendo pensativa. Senti meu coração acelerando e um calafrio percorreu minha espinha.

— Quantos anos você tinha?

— Dezenove.

— Hum, entendi. — Ela sorriu e, em seguida, subiu e desceu a mão em meu braço causando uma fricção hipnotizante. — Acho excitante que você já tenha feito esse tipo de apresentação.

— É mesmo? — Engoli em seco e Liz assentiu mordendo os lábios. — Mas nunca passou disso. Era só um extra no trabalho. — Tive vontade de esclarecer. De repente, me senti desconfortável e meu coração deu um solavanco estranho. Meus pulmões doeram da força que fazia para o ar entrar.

Acho que isso tudo se refletiu em meu rosto, pois Liz franziu a testa e envolveu meu rosto com as mãos.

— Ei, eu sei. Não precisa me explicar. — Arqueou as sobrancelhas. — O que foi?

Respirei fundo tentando acalmar meus sentimentos e sorri fracamente.

— Não é nada, desculpa. Vamos pra minha casa, então? Você precisa descansar.

O clima já tinha se extinguido completamente. Liz assentiu e me afastei para vestir minha camisa que havia tirado. Desliguei tudo e saímos. Lembrei que estava de moto e a encarei com medo de que não gostasse. Contudo, mais uma vez, ela me surpreendeu.

Apenas sorriu e esperou que eu montasse. Não deixava de me fascinar com aquela mulher, carregava em mim resquícios do passado que tinha medo de não conseguir deixar pra lá, de alguma forma ela entendia e era paciente esperando que eu me recuperasse. Não me envolvi com ninguém seriamente nesses anos exatamente por isso. O fantasma do ciúme me assombrava todo o tempo e tinha receio do que ela poderia pensar das coisas que fiz na vida.

Percorremos o caminho em silêncio e isso foi muito bom para que eu acalmasse minhas inseguranças. Sim, eu as tinha. Eram muitas! E não queria que atrapalhasse meu recente relacionamento.

Guardei a moto na garagem do prédio e peguei Liz pela mão guiando-a até meu apartamento, sabia que ela já tinha estado ali, mas as circunstâncias foram péssimas. Agora seria diferente, mesmo que o clima de sedução tivesse se extinguido ainda a queria em meus braços.

Abri a porta e dei passagem para que entrasse. Ela sorriu e seguiu em frente parando no meio da sala me olhando com curiosidade. Estava sem saber o que dizer, então sorri e me aproximei parando à sua frente. Sempre fui muito alto e Liz tinha uma altura mediana, diria que um metro e sessenta no máximo, por isso ela levantou a cabeça para poder me encarar, seus cabelos caíram por suas costas e ficou tentadora demais.

— Minha casa não é tão bonita quanto a sua, mas eu a mantive limpa desde a última vez que estive aqui.

Ela sorriu de lado e sua expressão estava tão doce que me doeu o coração.

— Sua casa é linda, simples e muito você.

— Hum, isso pode ser bom e não ser tão bom. Mas vou escolher pelo bom.

— Boa escolha! — Piscou um olho sedutoramente.

Engoli em seco. Como uma mulher podia ser tão linda, doce, sensual e provocante ao mesmo tempo? Os olhos dela brilhavam com algo diferente, seus lábios rosados estavam tão convidativos que não podia recusar. Levei minha mão até seu pescoço e entrelacei meus dedos em seus cabelos macios, Liz fechou os olhos e se inclinou para o meu toque.

— Eu pensei que não tinha mais direito a visão do paraíso, Liz. Por anos tive a certeza de que estava condenado, mas olhando você assim, me observando com algo diferente nesses olhos tão lindos, começo a acreditar em redenção.

— Você tem o direito ao que quiser, basta acreditar nisso.

Sabia que ela tinha razão, mas viver sofrendo por tanto tempo me fez ficar acostumado e era difícil pensar de outra forma. Lambi os lábios e olhei fixamente onde eu mais desejava provar naquele momento.

— Eu acredito que quero te beijar. — Minha voz já estava rouca de desejo.

— E o que você tá esperan...

Tomei seus lábios antes que ela completasse a frase, minha boca deslizava sobre a dela calmamente, saboreando e tomando o que queria. O gosto de Liz era viciante, a cada sabor novo eu precisava de muito mais. Liz levantou as mãos apoiando-se em meus ombros, seu corpo quente encostou-se ao meu, ela se entregou ao que vivíamos naquele momento.

Não era um beijo guloso nem sexual, mas um beijo de entrega e descobertas. Sentia a rendição nela, foi como se soltar de grilhões que nos prendiam. Quando terminei com selinhos suaves, eu abri os olhos e ela me encarava com aquele olhar doce e compreensivo.

— Acho que já esperei tempo demais por você, não quero esperar mais nada, Liz.

Ela sorriu e seus olhos se estreitaram deixando-a encantadora.

— Quem diria que o tatuado perigoso fosse tão galante com palavras gentis?

— Tatuado perigoso? — Ri disso, pois eu não tinha nada de perigoso. Às vezes, me achava até covarde demais.

— Sim, principalmente quando está no bar ou em cima da moto. Parece aqueles caras malvados dos filmes, mas, ao mesmo tempo, tem essa aura de mistério em sua volta, deixa a gente meio louca para descobrir tudo.

— Não sabia que me via dessa forma.

Ela assentiu e se afastou um passo fazendo com que eu fosse obrigado a soltá-la. Imediatamente me lamentei e senti falta do calor dela.

— Todos te veem assim, é como um mistério que somos atraídos para desvendar. Tenho certeza de que seus amigos são loucos para te conhecer realmente. Eles não conhecem, não é verdade?

Respirei fundo e assenti. Sabia que a hora de contar tudo a eles estava chegando e poderiam não levar tão bem quanto Liz. Mas eles tinham o direito de saber.

— Eles conhecem quem eu quero que conheçam, aprendi a me dividir com os anos.

— Isso não é saudável.

— Eu sei, mas vamos deixar isso pra lá. Já é tarde e você tem que trabalhar cedo amanhã. Vamos sair daqui por volta das nove e meia, está bom pra você?

— Sim, dá tempo de passar em casa e pegar minhas coisas.

— Ótimo, então vamos para a cama, doutora.

Ela sorriu e me seguiu até o quarto em que cuidou de mim enquanto eu estava desmaiado de tanto beber. Sei que ficou surpresa com a arrumação do lugar, me esforcei bastante para manter minha vida nos trilhos por ela, claro que o fato de não ter sido

assombrado pelo passado que sempre voltava contou pontos. Não sabia o que faria quando acontecesse. Liz parou de frente a cama e franziu a testa sem saber o que fazer. Parecia uma adolescente que iria dormir com o namorado pela primeira vez.

Aproximei-me e, sorrindo, fiz com que levantasse os braços para que eu pudesse tirar sua camiseta e, então, a calça. Deixei-a apenas de calcinha e sutiã, as bochechas dela estavam avermelhadas.

— Está com vergonha, *baby girl*?

— Não — falou rápido demais.

— Hum, eu acho que ficou, mas não liga. Você fica linda toda vermelhinha. — Me aproximei de seu ouvido e sussurrei: — Principalmente quando fica corada de desejo.

Sorri e me afastei, tirei a roupa olhando-a intensamente e dei a volta, tirei a colcha e levantei o lençol me enfiando debaixo dele. Liz me encarava com os lábios entreabertos e sorri batendo no colchão.

— Vem, linda! Quero dormir com você em meus braços.

Ela se acomodou de costas para mim e passamos a noite de conchinha. Não estava acostumado a isso e demorei horas para dormir, mas estar com aquela linda mulher em meus braços era mais do que poderia querer.

Quando acordei, já não estava comigo na cama. Levantei assustado achando que tinha ido embora, mas me senti aliviado quando a achei na cozinha arrumando uma mesa improvisada para o café.

Arranhei a garganta e ela levantou olhos me encarando. Será que algum dia eu deixaria de achá-la tão linda?

— Oi, você estava dormindo tão pesado que não quis te acordar. Tentei preparar um café, mas você não tem muita coisa nos armários.

Assenti um pouco envergonhado, eu não precisava de muita coisa. Na verdade, ela deu sorte de encontrar aqueles pães de forma e queijo na geladeira. Eu vivia de congelados quando não comia qualquer coisa pela rua.

— Está perfeito!

Nós conversamos amenidades enquanto comíamos e tomávamos um café quentinho. Logo fui me arrumar para levá-la até sua casa. Em menos de meia hora estávamos na estrada e, como não tinha combinado nada com Lucas ou Bruno, tivemos que ir de moto. Tinha que trocar por um carro logo, não dava pra ficar carregando ela de moto para todo lado.

O bom desse meio de transporte era a rapidez, chegamos em sua casa muito antes do previsto e a vi correndo pra todo lado para se arrumar. Quando voltou, já estava vestida de branco com uma maleta nas mãos.

— Senti falta de te ver assim.

— Oh, não me lembra disso, por favor.

Levantei minhas mãos e sorri acenando para ela.

— Sobe aí, doutora, não sou príncipe nem tenho cavalo branco, mas vou te levar comigo.

Seus olhos brilharam daquele jeito estranho da noite passada e ela balançou a cabeça, sorrindo. Montou na moto e fomos até o hospital. Quando paramos em frente, ela desceu e tirou o capacete me entregando.

— Te vejo em breve?

— Mais breve do que pensa.

— Ok, até mais então.

Ela se virou e a puxei pela mão fazendo-a se desequilibrar e cair contra meu peito.

— Achou mesmo que ia te deixar sem um beijo?

— Mas estamos em frente ao hospital.

— E daí? Não ligo que me vejam com a médica mais linda.

E sem dizer mais nada tomei a boca dela num beijo que a faria pensar sobre ele por algum tempo. Quando a senti ficando sem fôlego a soltei e seus olhos estavam enevoados do jeito que eu ficava louco. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não saiu nada.

— Ah, então é aí que se escondeu esse mês inteiro, dona Liz?

Arregalei os olhos e sorri me virando para ver minha irmã atravessando a rua com um sorriso enorme no rosto.

— Droga, estou perdida! — Liz gemeu enquanto a amiga se aproximava.

— Quero todos os detalhes, cunhadinha. Oi irmão, tchau irmão.

Passou por nós e saiu arrastando Liz pela mão, eu apenas sorri e deixei que se entendessem. Sabia que Júlia não era fácil, mas minha irmã me deu a maior força e conselhos de como eu deveria conquistar Liz e não a perturbaria tanto assim, afinal elas eram amigas.

Esperei que sumissem para dentro do hospital e liguei a moto, era hora de começar a enfrentar meu passado.

Capítulo 19

“O amor se insinua aos poucos no coração até ocupá-lo por completo; não há como fugir.”

(Ingrid Duarte)

Liz

— Pode abrindo a boca e contando tudo! Nem adianta vir com desculpinhas que eu te conheço, dona Liz. Sei quando está tentando me distrair.

Arregalei os olhos com o ataque de Júlia desde que nos viu do lado de fora do hospital. Minha amiga sempre teve seu jeitinho peculiar e que eu amava incondicionalmente, mas ainda me surpreendia com a forma que ela se expressava. Tão sincera e direta! Chegava a assustar.

— O que você quer saber? Eu e seu irmão estamos dando uma chance... — Dei de ombros como se fosse a coisa mais natural do mundo. Júlia abriu e fechou a boca como se

procurasse palavras para dizer alguma coisa.

Ela piscou duas vezes e arregalou os olhos castanhos.

— Uma chance? Explique-me isso direito, Liz. Até onde eu sabia você estava cheia de mimimi achando que meu irmão era igual aquele panaca do Marcelo.

Respirei fundo e revirei os olhos sentando-me no sofá confortável da sala dos médicos. Às vezes, Júlia parecia criança, estava se fazendo de desentendia sobre Heitor sendo que tinha certeza de que ela ajudou o irmão com conselhos enquanto eu estava longe.

— Ju, eu cansei de fugir. Desde que vi Heitor na cama desacordado senti alguma coisa, foi como se algo tivesse clicado dentro de mim, mas era forte demais para ignorar. Nunca me senti dessa forma, por isso ainda tenho medo de que tudo não passe de uma ilusão. — Olhei para ela, que me encarava atentamente, prestando atenção ao que eu dizia. — Parece que tudo irá desaparecer a qualquer momento, sinto um aperto no peito cada vez que penso nisso.

— Você já sabe sobre Caio! — Não foi uma pergunta, ela olhava em meus olhos e percebi que havia ficado triste de repente.

Assenti e abaixei a cabeça mexendo na barra do meu jaleco.

— Sim, ele me contou!

— E por isso acredita que Heitor encontrou em você uma forma de fugir de toda a dor? — Concordei com um aceno sem olhar para ela e ouvi Júlia suspirando, ela se aproximou e sentou-se ao meu lado. Levantei a cabeça e a observei. — Quando perdemos aquele menino, eu vi meu irmão se destruindo, foi demais para ele aguentar e todo mundo ficou assustado com sua mudança. O filho era tudo para ele, mas também nunca conheci criança mais doce e especial. Ele era tudo que Heitor precisava e o pai vivia para ver o filho sorrir. Quando ele se foi, a família não sabia como agir e acredito que o pressionamos demais para que se abrisse. Numa manhã ele deixou um bilhete para minha

mãe que estava indo embora e não voltaria mais. Dois meses depois de termos perdido meu sobrinho, meu irmão desapareceu.

A voz de Júlia estava carregada de emoções e lembranças. Ela olhou para mim e seus olhos estavam marejados, sorriu tristemente.

— Sei que é muito difícil para assimilar essas coisas, eu mesmo não sei lidar com perdas. Mas estou te dizendo isso porque preciso que entenda. Por mais que Heitor possa pensar que você é sua redenção e blá-blá-blá, ele sente alguma coisa diferente por você que não sentia há muito tempo, sabe? Meu irmão enterrou tudo com o Caio, acho que você o fez renascer, Liz. — Ela fez uma careta e pegou minha mão. — Eu prometi não me meter, mas agora é uma irmã que está falando. Não o abandone, você é uma pessoa muito especial e meu irmão precisa de alguém forte ao lado dele. Seis anos se passaram e a dor continua fresca na carne dele. Ajude-o!

Era injusto o que Júlia me pedia e ela sabia disso, só em olhar para o desespero nada velado da minha amiga eu podia ver que estava sendo difícil para ela se dividir entre o amor e a vontade de ajudar o irmão e a lealdade de nossa amizade.

— Você sabe que me pedir isso é injusto!

Júlia fez uma careta e deitou a cabeça em meu ombro.

— Eu sei, amiga, sinto muito. Mas eu não vejo outra saída para Heitor. Acho que se você não tivesse aparecido na vida dele, meu irmão teria se destruído depois do acidente. Ele disse que tudo piorou.

Respirei fundo, encostei minha cabeça no sofá e fiquei olhando para o teto.

— Ele mencionou isso. Ju, não sei se estou preparada para colar alguém. Não tenho esse poder. Acho que me apaixonar pelo Heitor vai ser fácil demais. — Olhei para ela que sorria docemente. — De onde saiu aquele homem? Ele é um conjunto misterioso e gentil.

Júlia se sentou e seus olhos brilharam.

— Sempre foi assim, é um irmão maravilhoso. Mamãe e Diego, meu irmão mais velho, nos criou com muitas ideologias. Porém, Heitor sempre teve o jeitinho diferente dele. E isso o fez conquistar muitas coisas na vida... Perder outras também. — Olhou pra mim muito séria. — Ele te falou sobre a Nina, não é?

— Sim, ele me contou o que aconteceu com os dois.

Minha amiga bufou e revirou os olhos.

— Tenho certeza de que ele amenizou bastante a loucura daquela mulher. — Fiquei sem jeito de perguntar, mas nem precisei, Júlia estava disposta a contar. — Quando conheci a Nina, eu senti que tinha alguma coisa nela que não era legal, mas meu irmão levou isso como uma implicância de irmã. Para ele sempre foi uma grande amizade, mas estava evidente desde pequena que o amava de outra forma. Acho que amava até demais, sei lá, não entendo desses amores loucos. Mas o que aconteceu foi bem claro pra mim, Nina não era feliz e não o queria feliz. O ciúme dela chegava a ser ridículo, sufocante mesmo. Heitor nunca quis contrariar a garota, acho que isso aumentou o grau de loucura dela.

— Mas vocês nunca disseram isso a ele como a viam realmente?

Júlia sorriu e balançou a cabeça pesarosa.

— Meu irmão pode ser bem teimoso, Liz. Ele sempre teve muito carinho por ela, Nina sofria bullying na escola e ele a defendia. Então, a enxergava ainda como a menina que precisava de proteção.

— Projetava a menina na mulher.

— Exatamente, eu concordo que ela sofreu quando criança, mas muita gente passa pelo mesmo. Só que Nina tinha uma personalidade estranha quando adolescente.

— Provavelmente precisava de ajuda psicológica.

— Com certeza! Meu irmão não estava preparado para carregar os problemas dela sozinho e mesmo assim tomou isso a cargo dele. Não estou tirando a culpa dele, Liz. Teve sua parcela, mas, às vezes, achava que ela sabia o que estava fazendo e fazia por maldade, sabe? Não sei! Ainda não consigo entender.

— Acho que fechar os olhos para esse tipo de problema pode ter agravado ainda mais as coisas. Muitas vezes as pessoas não entendem e não conseguem encontrar uma saída, os familiares que precisam apoiar e ajudar.

Júlia se levantou e caminhou até o bebedouro, pegou um copo d'água e o bebeu, se virou para mim e fez uma careta.

— Eu sei, confesso que fui um pouco chata com ela quando começou os ataques de ciúmes, mas coisa de cunhada mesmo.

— Talvez para ela tudo tenha sido muito extremo. Pelo que Heitor me disse, ela tinha a autoestima muito baixa.

— Sim, mas não justifica ela ter infernizado a vida de todos. E vamos ser justas aqui, foi essa loucura dela que causou a morte do Caio deixando a culpa toda nas costas do meu irmão.

Eu entendia a revolta dela, afinal Heitor era seu irmão e queria defendê-lo. Existem casos e casos. O ciúme se torna uma doença quando tudo vira motivo para desconfiança, um grão de areia vira uma montanha. A necessidade de controlar a vida do outro se torna quase paranoica e num relacionamento amoroso a vida se torna um verdadeiro martírio.

Eu não conheci a esposa do Heitor, mas acreditava que com um tratamento adequado ela poderia melhorar. Claro que Júlia não falava como profissional, mas como família que sofreu vendo o irmão naquela situação.

— Bom, Ju, eu vou fazer o que estiver ao meu alcance, porque, na verdade, eu estou disposta a alguma coisa com ele. Ainda não sei o que é, mas vamos descobrir. — Ela sorriu amplamente e deu pulinhos batendo palmas, parecia criança. — Não se anime tanto, eu vou preservar minha felicidade também. Não quero ser destruída se alguma coisa der errado.

— Ô, minha amiga, eu sou uma egoísta mesmo. — Andou até mim e se sentou ao meu lado novamente. — Desculpe, Liz. Mas eu entendo o que quer dizer. Não dá pra errar duas vezes, não é?

Balancei a cabeça e sorri, não precisava falar mais nada que ela entendia. Levantei-me e alisei meu jaleco.

— Vou trabalhar porque preciso me familiarizar. Ficar um mês fora foi bom pra cabeça, mas provavelmente o trabalho multiplicou, né?

Júlia se levantou e caminhou ao meu lado pelo corredor do hospital. Ela era clínica geral e atendia no pronto socorro, era o mesmo lado que eu estava indo, mas no andar de baixo.

— Ninguém trabalha como você! Mas ainda temos que tomar um café para me contar como foi o programa. Eu estava querendo fazer também, mas Adriano disse que não aguenta ficar longe de mim tanto tempo. E sabe, né? Estamos tentando engravidar.

Parei no corredor e ela se virou, sorrindo.

— Sério? Ai, que lindo! Parabéns, amiga. Vai dar tudo certo. Depois tomamos um café e te conto tudo.

— Obrigada! Até mais então, Liz.

— Até, Ju. — Me virei para continuar meu caminho para a área da neurologia até que a ouvi me chamando, voltei para observá-la e sorri.

— Obrigada por tudo, Liz.

Pisquei um olho e ela entrou no elevador. Eu sabia que não era uma tarefa fácil o que ela pediu, porém eu não tinha saída. Já estava encantada com tudo que se relacionava àquele homem.

Virei-me pronta para começar o trabalho, tudo havia se acumulado em minha ausência. Por mais que tivessem outros profissionais, alguns pacientes preferiam serem atendidos por mim. Adorava minha profissão e salvar vidas era a maior recompensa que poderia receber.

Estava com saudades de meus pacientes frequentes, eu não tratava apenas de pessoas em coma, mas também algumas que tinham distúrbios neurológicos. E, pelo prontuário, eu tinha uma paciente regular à minha espera em um dos quartos. A menina sofria de insônia crônica e quando a situação estava crítica ela se internava no hospital para dormir.

Abri a porta e sorri ao ver a cara fechada dela.

— Hum, vejo que não tem dormido direito, não é, Carla?

Ela revirou os olhos e bufou.

— Você me abandonou.

Parei ao lado da cama e comecei a avaliá-la enquanto conversávamos.

— Não, eu simplesmente precisei me afastar um pouco, ficou um colega no meu lugar.

— Ele é um idiota que não me entende.

— Não fale assim, sabe que não é você. Tá sem dormir há quanto tempo?

— Eu cochilei um pouco, mas dormir por algumas horas tem uma semana.

Respirei fundo e assenti, levantei as pálpebras dela e vi que realmente estava

exausta. Carla tinha quatorze anos e sofria de insônia desde que perdeu o irmão em um acidente de carro. Depois disso ela não conseguia dormir e passou a ter convulsões. Graças a Deus, as convulsões foram controladas e a insônia diminuiu, mas ainda havia períodos que ela não conseguia dormir. O tratamento dela era comigo e uma psicóloga muito competente do hospital, contudo, quando Carla não conseguia dormir de modo algum, ela se internava para acalmar o sistema neurológico e poder voltar a dormir pelo menos quatro horas por dia.

— Hum, e quanto tempo você tá aqui no hospital?

— Cheguei ontem.

— E conseguiu dormir essa noite?

— Não...

A voz dela havia baixado um tom e sabia o motivo de ela ainda estar sem conseguir dormir. Na verdade, era bem parecido com o que Heitor sentia, só que, ao contrário de Carla que havia procurado ajuda, ele se dopava com o álcool.

— Tá chegando o aniversário dele, né?

— Aham.

— Carla, olhe pra mim. — Ela negou com a cabeça, mas me olhou com os olhos marejados. — Meu amor, você precisa parar de se martirizar pelo que aconteceu. Tem quanto tempo já?

— Três anos!

— Então, já tá na hora de tirar esse luto do seu coração, não acha?

— Eu sei, mas é difícil. — Ela me olhou e sorriu fracamente.

Assenti e continuei a conversar com ela, eu sabia muito bem como era difícil de lidar

com a perda de alguém que amamos.

Capítulo 20

“Inspiração é acordar sabendo que há um mundo a ser conquistado lá fora e que só depende de nós transformarmos nossos sonhos em realidade.”

(Ivany Souza)

Heitor

Quando estacionei na garagem da minha mãe percebi como a casa dela estava movimentada. Parecia que a família inteira estava ali, mas eram somente Diego e Samuel que estavam nos fundos e falavam pelos cotovelos enquanto pintavam o lado de fora.

Não me viram entrando, então me sentei em uma das espreguiçadeiras enquanto discutiam sobre algum esporte e todas as baboseiras que perdiam tempo brigando. Nunca entendi como podiam ser tão diferentes sendo irmãos.

— Mas você não entendeu a jogada, cara. Ele fez de propósito para enganar o adversário — Samuel disse com os olhos fixos na parede que tinha de alguma cor que

parecia rosa.

Diego bufou alto e apertou o rolo na parede.

— Enganou todo mundo, né? Porque o cara simplesmente perdeu o jogo todo por causa da arrogância.

— Você não entende de basquete, é um velho chato que precisa se aposentar.

— Sou dois anos mais velho que você, idiota.

— É muita coisa, está desatualizado de tudo, seu gagá.

Tive que rir dos dois. Por terem idades mais próximas eram os mais brigões. Precisava anunciar minha chegada antes que eles fossem às vias de fato.

— Vocês pretendem ficar nessa lengalenga ou vão trabalhar? Nunca vi parede tão mal pintada.

Eles se viraram com a surpresa evidente no olhar e Diego fez uma careta enquanto Samuel sorriu.

— Chegou o filho pródigo. Pode pegar um rolo e vir ajudar, é como um castigo isso daqui.

— Acho que não precisa, vocês estão se saindo bem.

— Não preciso de outro idiota me chamando de velho. — Diego olhou pra mim e acenou com um gesto para a porta da cozinha. — A mãe fez bolo de fubá.

Imediatamente minha boca encheu d'água e meus olhos se arregalaram. Levantei da espreguiçadeira de um pulo e quase corri para a porta da cozinha. Até que a voz de Samuel me fez parar.

— Não vai comer tudo, nós merecemos mais que você. — A voz do meu irmão estava amarga ou era impressão minha?

Ignorei o que ele disse e abri a porta. Assim que entrei, o cheiro delicioso do bolo de fubá da minha mãe me deixou quase de joelhos.

— Adivinhou que tinha bolo, Heitor?

Minha mãe sorriu ao entrar na cozinha e caminhou até mim me envolvendo em seus braços.

— Como estava com saudades desse cheiro. Voltei há um mês e é a primeira vez que faz, não está me mimando o bastante, mãe. Cadê o pai?

Dei-lhe um beijo na testa e ela bateu em meu braço se afastando e foi tirar o tabuleiro do forno. Ai, aquela maravilha estava fumegando e acenando para mim.

— Deixa de reclamar, menino. — Fui até o tabuleiro e aspirei aquele aroma. — Seu pai foi na praça jogar dama com alguns colegas.

Assenti feliz por ele estar se distraindo e tocando em frente.

— Não reclamo se você fizer esse bolo todos os dias que eu vier aqui.

Minha mãe estava com a faca na mão e ia cortar o bolo quando parou no meio do caminho. Olhei para ela para que se apressasse e dona Ester estava chorando.

— Você vai voltar, filho?

Droga, não pretendia fazê-la chorar naquele dia.

— Mãe, não chora, por favor. Eu não vou sumir mais!

Ela fungou e enxugou as lágrimas.

— Se sumir, eu também sei onde você mora e vou te buscar.

— E é bom que esse idiota não se ache no direito de nos abandonar ou vou ter que ensinar alguns golpes novos que aprendi. — Samuel entrou na cozinha e me deu um

empurrão me afastando do tabuleiro de bolo. — Sai de perto que eu vou comer o primeiro pedaço.

— Podem saindo de perto, o bolo está quente e vai dar dor de barriga. — Acho que minha mãe nunca deixaria de tratar a gente feito criança.

Claro que o bico ridículo do Samuel não ajudava em nada. Revirei os olhos e me afastei um pouco para não correr o risco de levar uma colherada de pau na cabeça. Encostei-me ao armário da cozinha e cruzei os braços observando como meus irmãos haviam envelhecido.

Para o tempo não tinha essa de querer se recuperar, se afastar da dor e deixar que as coisas se curassem sozinhas. Não, ele era impiedoso e não esperava que as coisas acontecessem. A minha escolha de ficar afastado de todos custou muito mais do que imaginei.

— Como anda a loja, Sam?

Meu irmão era o mais brincalhão de nós e esperava alguma gracinha vindo de sua parte, mas ele simplesmente me olhou e balançou a cabeça. Podia ser impressão minha, porém parecia que ele tinha alguma coisa engasgada na garganta e não conseguia falar.

— Eu não sei o porquê de ter que te contar. Quem me garante que não vai sumir de novo? Quantas vezes você veio aqui nesse último mês?

As poucas vezes que vi minha família decepcionada comigo foram suficientes para não querer ver mais. Parecia que o problema do engasgo havia passado. Meu irmão parecia transtornado, seu rosto estava contorcido em uma careta de desgosto e mágoa.

Minha mãe olhava para Samuel sem saber o que dizer, podia ver em seus olhos que estava ferida. Só restava saber se comigo ou com ele.

— Samuel Teles, pare com isso já.

Ele se virou para mim e, sem desgrudar os olhos, lhe respondeu um pouco mais calmo.

— Não, mãe. Alguém tem que fazer esse idiota entender tudo o que ele causou para nós nesse tempo. Todo mundo o recebeu de braços abertos, felizes que o *Heitorzinho* voltou e mesmo assim ele veio e fingiu que não existíamos por um mês inteiro. Mas ninguém o confrontou sobre isso, pois estão todos com medo de que ele desapareça de novo. — Samuel já gritava e vi que segurava o balcão da pia com força para não partir para cima de mim em respeito a nossa mãe.

Não sabia dizer o que desencadeou aquele ataque, mas doeu ouvir aquelas palavras de alguém que eu tanto respeitava.

— Filho, ele me ligou toda semana para dizer que estava bem. — Mamãe nunca gostou que brigássemos, o que era um pouco difícil numa casa com tanta testosterona.

Samuel bufou e olhou para mim com a raiva transbordando por seus olhos.

— Ligar? Pelo amor de Deus, mãe! A senhora fica defendendo e ele não tem um pingo de consideração por nenhum de nós. Eu devia te dar um corretivo agora por ter nos deixado loucos todos esses anos. — Deu um passo à frente pronto para cumprir o que disse e eu deixaria, afinal ele estava certo.

Diego entrou na cozinha, provavelmente atraído pela gritaria e olhou entre nós com sua carranca que me lembrava da adolescência quando eu não queria obedecê-lo.

— O que tá acontecendo aqui? Mãe, senta. A senhora está pálida. — Meu irmão mais velho se aproximou da minha mãe e a ajudou a se sentar no banco ao lado da pia. — O que estão fazendo? Samuel, enlouqueceu?

— Não, só quero dizer a esse idiota o quanto ele foi egoísta em nos fazer sofrer por tantos anos.

— E faz isso gritando feito um moleque de rua? — Diego sempre foi o mais centrado de nós. — Não consegue conversar feito gente normal? Um cara de quarenta anos, faça-me um favor. Olha como a mãe ficou.

Samuel desviou o olhar que estava preso em mim desde que começou. Eu não sabia como me defender, pois tudo que ele dizia era verdade. Eu realmente achava que voltaria para casa e tudo ficaria às mil maravilhas?

— Desculpe, mãe.

Dona Ester sempre foi dura na queda e apenas acenou com a cabeça.

— Eu estou bem, Diego que é superprotetor. Mas ele tem razão, não há motivos para brigas quando se pode conversar.

— Claro que tenho!

Sam respirou fundo e cruzou os braços, relaxando os ombros, olhou para mim e engoli em seco vendo a mágoa que ele carregava.

— Você não tem noção do mal que fez a nós sumindo dessa forma, mamãe esperava pelo seu cartão cada dia, todos os anos. Quando o recebia sentia-se mais aliviada e, então, começava tudo de novo. Acha que não sofremos pelo Caio?

Até então não me vi no direito de falar nada, mas eu não queria ouvir o nome do meu filho naquele momento.

— Não! Não quero ouvir vocês falando de novo tudo o que me fez partir.

Diego saiu de perto da nossa mãe e se aproximou. Eu já estava em modo defensivo e procurava por uma rota de fuga.

— Você precisa ouvir isso, irmão.

Ele tentou se aproximar e eu simplesmente me afastei. Porém, olhando entre os três

vi o quanto sofriam por mim, por Caio, por todos nós. Sempre carregaria aquele fardo: a culpa de causar tantas dores.

— Eu não preciso que me digam nada que não sei. — Bati no peito com o punho fechado. — Carrego no peito a culpa e a saudade do meu menino. Errei em achar que deveria me afastar e estou voltando aos poucos, mas não digam que tenho que ouvir. Eu só quero seguir em frente agora. Encontrei uma pessoa legal que me aceita como sou e está me tirando do buraco. — Olhei meus dois irmãos que já não estavam mais na defensiva. — Se me amam e sentiram minha falta não me afastem novamente querendo desenterrar o passado.

— O passado sempre estará te acompanhando e, enquanto você permitir, ele irá te assombrar — minha mãe disse com uma voz rouca e abalada pela emoção. Então ela fungou e sorriu. — Quer dizer que deu certo os conselhos da Júlia?

Mamãe tinha o poder de mudar de assunto de uma hora pra outra tentando aliviar os ânimos. Samuel abaixou a cabeça e sorriu, Diego coçou o cavanhaque e se aproximou do tabuleiro de bolo para inspecionar.

A mim só restava contar a eles sobre Liz.

— Sim, não que Júlia ajudou muito. Aquela menina só sabe falar e ameaçar. Mas nós nos entendemos.

Minha mãe arregalou os olhos e levantou de um pulo do banco. Se aproximou do filho mais velho e bateu na mão dele que tentava tirar um pedaço do bolo.

— Isso merece uma festa de apresentação a família. — Pegou uma faca e pratinhos, cortou alguns pedaços do bolo de fubá e jogou açúcar cristal por cima. Sorrindo, se voltou para nós e entregou um prato para cada um. — Acho que deve trazer os seus amigos também.

Sem demora começamos a comer aquela maravilha que só ela sabia fazer, no meu

além do açúcar também tinha canela. Como senti falta daquele gosto de casa.

— Acho que o *Heitorzinho* tá ferrado em apresentar aquela deusa dos olhos violetas pra esse bando de loucos. — Samuel riu de boca cheia e apenas olhei para ele de cara fechada.

— Não chama ela assim!

— Vixe, já tá assim, é?

Diego se aproximou de Sam e lhe deu um tapa na cabeça.

— Cale a boca, você só fala besteira. — Se virou para mim e acenou. — Acho que é uma boa ideia enturmar ela na família, pelo que a Júlia me disse, a moça não tá acostumada com muita gente. E vai ser legal conhecer seus amigos. Agradecer por terem cuidado de você.

Engoli em seco com a emoção que me tomou naquele momento. Meu irmão me olhava da mesma forma que fazia quando éramos menores. Ele estava querendo fazer parte da minha vida novamente. Mesmo depois de eu ter me afastado, eles ainda me queriam por perto.

A questão era: Eu estava pronto para fazer parte daquela família de novo? Mesmo com tantas recordações?

Olhei os três na cozinha que comiam o bolo, mas prestavam atenção em mim.

— Acho que seria uma ótima ideia trazer todo mundo pra cá. Mas eu acho melhor que seja só nós e meus amigos, com os primos e tios é muita coisa para ela assimilar.

Mamãe sorriu e Sam apenas assentiu, Diego continuou me olhando e sorriu meio de lado, passando a mão no cavanhaque.

— E queremos conhecer seu bar também, fiquei sabendo que tem um *happy hour*

muito bom.

Lembrei-me de Layla e sua música que deixava os clientes viciados. Tinha muito orgulho do que havia construído e ter meus irmãos lá seria como fechar um círculo.

— Eu adoraria recebê-los lá.

— Perfeito, já vou pegar o passe livre com a patroa. Quero estar sem preocupações pra aproveitar a *night*.

Mamãe revirou os olhos e tomou o prato da mão de Samuel, que fez aquele bico ridículo de novo.

— Deixa de ser saliente, menino. — Virou-se para mim, sorrindo serenamente. — Seu pai vai ficar feliz de receber seus amigos, filho. Posso confirmar um churrasco para o próximo domingo, então?

Percebi naquele momento o quanto era abençoado de ter toda aquela gente ao meu redor. Senti-me acolhido num casulo de amor que só prometia transbordar. Tinha uma família que me apoiava e amava, amigos que estavam sempre dispostos e só queriam minha felicidade. E agora alguém que prometia o mais puro sentimento que não havia experimentado ainda: o amor sincero de uma mulher. Como alguém tão sujo era merecedor de tanta consideração e carinho?

Eu assenti e abaixei a cabeça para esconder minhas lágrimas. De repente, fui rodeado de braços e calor que acalmaram minha dor. Estaria a salvo se permitisse que eles continuassem ali.

Capítulo 21

“Em um impulso tudo muda! Em um impulso encontro minha felicidade.”

(Paula Giannini)

Liz

— Festa? Como assim, Heitor?

Assim que saí do hospital, ele estava me esperando encostado na moto com os braços cruzados e toda aquela pinta de cara malvado. Aproximei-me, sorrindo, e dei graças a Deus pela Júlia ainda ter mais algumas horas no trabalho. Eu amava minha amiga, mas ela conseguia me constranger como ninguém. Só que sem demora Heitor despejou que iríamos a uma festa na casa da sua família. Uma apresentação formal! Entrei em pânico.

— Não sei se minha irmã te disse, mas lá em casa tudo é motivo pra festa. Então, quando minha mãe soube de nós dois ela quis reunir a família, não se preocupe. Vai ser

legal, ela vai convidar só meus irmãos e os Petri.

— Ai meu Deus! Não sei se estou preparada para isso.

Sabia que podia estar sendo exagerada, mas era demais para assimilar assim tão rapidamente. Vi que os olhos dele adquiriram uma expressão estranha.

— Do que você tem medo, Liz?

Não sabia que estava sendo tão transparente assim. Abaixei a cabeça e respirei fundo.

— Desculpa, Heitor! É bobeira minha, acho que faz muito tempo que não me relaciono com ninguém.

Senti sua mão forte em meu queixo e levantei os olhos até ele, que sorria sedutoramente.

— Eu acho que isso é bom, porque tenho tido uns sentimentos estranhos em relação aos caras que ficam de olho em você.

— Que caras? Você tá vendo demais!

— Não, *baby girl*. Acho que você é que vê de menos. Não consegue enxergar a mulher linda e doce que é, mas não tem problema. Terei o maior prazer em te mostrar. Vou passar a noite com você, mandei fecharem o bar pra mim.

Heitor não perguntou se podia passar a noite comigo, apenas me informou. E eu até que gostei! Era bem provável que eu desse ouvidos às minhas neuroses e não permitiria passar uma noite maravilhosa com aquele moreno do pecado.

— Tudo bem então, tá pronto?

— Mais que pronto!

Ficamos nos olhando por algum tempo e Heitor sorria, parecendo relaxado de uma

forma que eu nunca vi. Desde que o conheci vivia tenso pelos cantos com os olhos tristes e sem luz. Quando voltei e o encontrei na porta do meu apartamento percebi de cara que alguma coisa estava diferente nele. Parecia decidido.

Não era acostumada a andar de moto e confesso que me deixava um pouco assustada. Porém, estar na garupa do Heitor, abraçando-o, era uma sensação deliciosa. Eu estava me apaixonando por ele e não conseguia parar os sentimentos de virem à tona.

Quando ele parou em frente ao meu apartamento esperei que trancasse a roda da moto com corrente e cadeado e subimos de mãos dadas. Já era quase oito da noite e o prédio estava movimentado. Meus vizinhos, não acostumados a me verem com alguém, estranharam a presença do Heitor. Eles me cumprimentavam, mas encaravam meu acompanhante ao invés de mim. Quando esperávamos o elevador, uma vizinha parou ao nosso lado.

— Oi, Liz. Tá sumida, filha, quem é esse moço? — Minha vizinha, uma senhora de mais ou menos sessenta anos, olhava para ele com desprezo evidente. E o que era aquele monte de pergunta inconveniente assim tão diretamente?

— Boa noite, dona Ana. Esse é meu namorado.

— Hum, interessante — ela disse fazendo uma careta. Me chamou de canto e por educação eu soltei a mão dele e me aproximei. — Toma cuidado, viu? Você é uma menina inocente e não sabe das coisas. Esses tipos podem ser perigosos!

Não gostei daquilo e fiquei muito irritada. O que aquela louca queria dizer com isso? Não queria constranger o Heitor e nem respondi. Decidi ir de escada e apressei o passo, porém, quando entramos em casa, comecei a resmungar e fui para o quarto deixando Heitor na sala, não queria que ele me visse daquele jeito.

— Gente ridícula e esnobe, qual é problema de eu estar com alguém? Tenho certeza de que de manhã serei o assunto dos futriqueiros. Bando de malcomidos.

— Opa, o que tá acontecendo, Liz?

Nem percebi que estava andando pelo quarto até a voz divertida de Heitor me parar. Ele tinha as sobrancelhas arqueadas e sorria lindo demais para meu humor aguentar.

— Por que tá sorrindo desse jeito? Não se sente um frango com essa gente olhando para nós? O que eles pensam que são para ficarem tão surpresos de eu estar com alguém? Não sou nenhuma criança, pelo amor de Deus! Eu, hein!

Heitor tinha os olhos arregalados e a boca aberta.

— É isso que você tá pensando? Que eles ficaram nos encarando porque você estava com alguém?

Desdenhei com os ombros e coloquei as mãos na cintura.

— Eles que se danem o que quiserem. Não devo satisfações a ninguém.

— Liz... — Estava tão irritada que não conseguia olhar para ele. E por que estava rindo de mim? — Eles não estavam olhando para você, olhavam para mim.

— Hum, eu sei.

— Tem certeza de que sabe? — Franziu a testa e se aproximou pegando meu rosto entre suas mãos enormes. — Acho que você nunca passou por situações assim, não é?

Bufei e fiz uma careta que o fez sorrir.

— Assim como? Me sentindo a virgem da cidade?

— Não é por isso que eles estavam comentando, mas porque sou negro e você é branca. Só esse fato para muitas pessoas é algo inadmissível.

— Besteira! Isso é ridículo — Claro que não era isso, por que seria?

— Pra você sim, mas ainda existe muito preconceito desse tipo. Acredite, eu sei e já

passsei por muitos. Então, o problema deles não é você, sou eu.

Fiquei olhando nos olhos dele sem saber o que dizer. Não podia acreditar que o que ele dizia era verdade, mesmo sendo. O que não aliviou nada minha irritabilidade, na verdade aumentou. Quem aquela gente achava que era para julgar as pessoas dessa forma por causa da cor da pele e o tamanho da conta bancária?

— Eles são mais babacas ainda!

— São sim, mas deixa pra lá. Eu tenho uma coisa para me preocupar agora do que ficar me importando com opiniões de gente com mente pequena.

Ele sorriu sedutoramente e senti meu corpo todo se arrepiando.

— E o que seria isso?

— Não imaginei que você fosse tão esquentadinha assim, sempre te vejo calma ajudando as pessoas. Gostei de ver esse seu lado pimenta.

Levantei os braços e o enlacei pela cintura, estiquei o pescoço e olhei para cima.

— Você ainda tem muito que me conhecer. Não sou o anjo que você pintou, já disse isso.

Seus olhos estavam enevoados e ele parecia hipnotizado, lambeu os lábios e sorriu.

— Sim, eu tô percebendo isso e gostando muito.

Os lábios quentes e macios tocaram os meus delicadamente e se moveram provando cada canto. Heitor me puxou pela cintura intensificando o beijo e eu simplesmente me entreguei. A adrenalina corria por minhas veias agitando meus sentidos e era como sentir intensamente em cada um deles.

Meu paladar provava o gosto de sua boca como se fosse a primeira vez, era um sabor deliciosamente perigoso, pois sabia que estava viciada em seus beijos.

Tateei seus ombros gravando cada ondular dos músculos e sentindo a força que ele tinha, os anos se encarregaram de moldar tanto o seu corpo como a sua personalidade.

Heitor se afastou de meus lábios e distribuiu beijos em meu rosto e pescoço, quando se aproximou de meus ouvidos e sussurrou meu nome e mordiscou minha pele causando um arrepio sem igual por todo meu corpo.

Deitei minha cabeça em seu ombro e aspirei o perfume masculino que ele exalava, parecia um afrodisíaco acendendo meu corpo para o desejo.

Ele se afastou e olhou em meus olhos com os lábios entreabertos e pude ver cada detalhe do rosto daquele homem que carregou um peso em suas costas e se permitia viver pela primeira vez em tantos anos.

— Eu não sei mais no que acreditar. — Sua voz rouca completou o kit sedução.

— O que quer dizer?

— Você pediu para que eu não a colocasse no posto de salvadora, mas como não, se quando estou com você tudo fica diferente?

— É porque você permite que fique diferente!

Sua expressão mudava como se fossem slides passando em uma tela, ele ia de alegre a triste em um piscar de olhos. Então o desejo ganhou a batalha. Com um gemido de rendição, ele me pegou pela cintura e me levantou andando até a cama, me deitou sobre os lençóis e acomodou-se em cima de mim.

— Eu quero você, Liz.

Levantei minha mão direita e envolvi sua bochecha em minha palma. Como eu podia estar tão encantada com alguém em tão pouco tempo?

— Eu também, mas preciso tirar essa roupa, tomar um banho.

Acho que o que disse clicou alguma coisa em sua mente. Heitor sorriu de lado e respirou fundo como se tomasse fôlego para se controlar.

— Tudo bem, eu tomo junto com você.

Levantou-se e me puxou junto, no automático eu me virei e fui para o banheiro. Tudo bem que na noite passada havia visto tudo que tinha direito daquele homem, por dentro e por fora, mas, de repente, me deu uma timidez que tinha certeza de que minhas bochechas estavam vermelhas.

Quando entramos no banheiro, eu me virei e olhei para Heitor, que tinha uma sobrancelha arqueada e aquele sorriso lindo no rosto.

— O que foi, *baby girl*? Por que está vermelha desse jeito?

Droga! Tinha que parecer uma adolescente inexperiente mesmo?

— Desculpe, faz muito tempo que não tenho intimidades com ninguém.

— Mas nós ficamos juntos ontem!

Respirei fundo e abaixei a cabeça trocando os pés, tentei achar algo que fizesse sentido, mas não tinha nada.

— Eu sei, acho que tomar banho é algo muito particular e mais íntimo. É bobeira da minha cabeça.

Olhei para ele, que me encarava intensamente, Heitor levou as mãos para trás do pescoço e tirou a camisa daquele jeito sexy que os homens fazem, ficou apenas de jeans gasto à minha frente. Seus olhos prenderam os meus como se fosse um feitiço antigo e sensual.

— Em primeiro lugar, isso não é bobeira alguma. Perfeitamente normal, pois acabamos de nos conhecer intimamente. Estar confortável diante um do outro leva tempo e

confiança. Em segundo lugar, você é a mulher mais linda que vi na vida, tanto por dentro como por fora. Ver seu corpo molhado e ter a honra de te ensaboar e massagear seus músculos será um prazer indescritível para mim. E em terceiro, simplesmente não consigo respeitar sua timidez e deixar que tome banho sozinha, preciso estar com você nesse momento, venerar seu corpo e depois te amar naquela cama macia.

Engoli em seco e assisti fascinada como ele tirava cada peça de roupa enquanto enumerava os motivos que devíamos estar ali naquele momento. Subitamente minha timidez deu lugar a um desejo incontrollável.

Quando ele ficou nu e claramente excitado deixei que meus instintos tomassem conta e tirei toda a minha roupa sem deixar de prestar atenção a reação de Heitor a cada peça descartada. Quando fiquei nua dei-lhe as costas e entrei no boxe abrindo a ducha, entrei debaixo da água morna e deixei que lavasse o cansaço do dia me preparando para as horas de prazer que me esperava.

Não me atrevi a olhar para ele do lado de fora, poderia perder a concentração em tentar ser sedutora.

Molhei meus cabelos e quando fui pegar o xampu para lavar senti a mão forte de Heitor segurar meu braço. Abri meus olhos e ele tinha fogo no olhar.

— Deixa que eu faço isso, quero cuidar de você.

Engoli em seco e assenti. Ele pegou o frasco de xampu, jogou um pouco em meus cabelos e, em seguida, massageou minha cabeça sensualmente, eu não tinha ideia que esse tipo de cuidado seria tão erótico. De olhos fechados deixei que ele tomasse seu tempo ao me dar banho. Heitor lavou, ensaboou meu corpo, desembaraçou meus cabelos e sempre com os olhos grudados nos meus sem dizer uma palavra.

Quando acabou, ele simplesmente desligou o chuveiro e me pegou em seus braços, saímos do boxe pingando água pelo caminho e daquele jeito mesmo deitou-me na cama.

Pairou em cima de mim.

— Nunca gostei de fazer o papel de garoto mal, mas nesse momento eu só tenho vontade de te comer como um lobo, me saciar de sua carne.

Como resistir ao homem falando daquela forma? Além de sexy e totalmente viciante, ele tinha aquele “quê” a mais que nos atraía como um ímã. Ele abriu um sorriso de quem iria cumprir exatamente o que prometeu.

Meu corpo todo se agitou e esquentou com a promessa. Engoli em seco e abri a boca para respirar com mais facilidade.

— Acho que não me oponho a isso de forma alguma.

— Bom, porque eu irei fazer com que essa noite seja inesquecível.

Suas mãos deslizaram por minhas pernas e quadril, os calos dele arranharam em minha cintura e contorci-me tentando fugir de seu toque. Ou seria me aproximar mais? Não consegui decidir, estava muito mais ocupada apenas sentindo.

Fechei meus olhos enquanto ele mapeava meu corpo com seu toque de fogo. Senti ele se aproximando e, então, a pele quente e firme de Heitor estava por todo lado.

— Abre os olhos pra mim, *baby girl*. Quero entrar em você enquanto admiro esse brilho, quero estar na luz com você.

Fiz o que ele pediu e o encarei atentamente, nossos corpos já haviam se secado do banho, mas já estavam quentes e ele suave.

— Você sabe como me deixar pronta, né?

Sorriu de lado e colou os lábios nos meus em um beijo delicado, levou a mão até onde nossos sexos se tocavam e posicionou o pênis em minha entrada. Deslizou para cima e para baixo me deixando fervendo.

Abaixou a cabeça e sussurrou:

— Você me deixa louco, Liz! — Em estocadas suaves, ele entrou em mim abrindo espaço.

Mas não era só em meu corpo, ele entrava em meu coração, isso acontecia desde o momento que o vi no hospital pela primeira vez. Percebi, enquanto estávamos tão unidos, que tudo tinha sido uma questão de tempo. Certas coisas simplesmente têm que acontecer. É inevitável e resistir só nos faz sofrer.

Seus movimentos aumentaram de velocidade e ele apoiou os cotovelos e joelhos na cama para se impulsionar mais, preendi minhas pernas em sua cintura e me deixei levar. Quando estávamos próximos ao clímax, ele me encarou intensamente e eu me entreguei. Meu coração batia em meu peito, mas pertencia a ele: o moreno tatuado com a alma despedaçada.

Capítulo 22

“Em um ímpeto de coragem, ouse, arrisque, acredite, e não tema viver e encontrar o verdadeiro AMOR.”

(F. P. Rozante)

Heitor

Se eu disser que aquilo tudo não me assustava estaria mentindo. Tudo aconteceu tão inesperadamente. Liz chegou tomando conta de tudo que me cercava. Simplesmente o que eu acreditava já não era tanta certeza.

Minha vida mudou da água para o vinho. Por ela eu resolvi encobrir a minha dor, não dar tanta importância ao que pensava que merecia ou não. Passei a apenas sentir.

Depois da noite maravilhosa em que ela se entregara plenamente, dormimos abraçados como namorados de anos, foi a noite mais tranquila da minha vida. Um sono sem sonhos, sem lembranças, sem dores.

Amanheceu e estávamos andando em nuvens e assim voltei para casa, abri o bar e passei o dia pensando na sorte que tive ao me deparar com um anjo em forma de uma linda mulher que apareceu em minha vida num momento crucial. Se eu estava apaixonado? Não saberia dizer, ainda me sentia entorpecido de tanta felicidade. Porém, com toda certeza, estava caminhando para me apaixonar.

Não conseguimos nos ver por alguns dias e fiquei bem chateado por isso. Liz teve plantões vinte e quatro horas direto e já era véspera da festa na minha mãe e não tínhamos conseguido ficar juntos. Esperava pelo final de semana ansiosamente.

— Não vou dizer que daria cinco centavos por seus pensamentos porque provavelmente tá pensando sacanagem.

Saí de meus devaneios com a voz brincalhona do Bruno, olhei para a cara de idiota dele e apenas sorri. O cara simplesmente não perdia uma piada e eu gostava disso nele, deixava os meus dias mais leves.

— Me responde de novo o porquê de eu ser seu amigo? — Arqueei uma sobrancelha e ele deu de ombros como se não se importasse com o motivo. E realmente não importava

— Porque sou charmoso e o único que te aguenta. — Sorriu.

— Sei, não tem a ver com o fato de sua mulher ser apaixonada por mim?

Ele fechou a cara e eu ri, tivemos aquela mesma conversa tantas vezes e sempre ficava do mesmo jeito. Quando nos conhecemos, eu tinha sim uma quedinha por Layla. Quem não teria? A mulher era linda, mas depois nos tornamos grandes amigos, quase irmãos. Mesmo sem ela saber fez com que minha vida ficasse muito mais fácil de ser vivida. Quando Bruno surgiu acabei entrando em uma família completa que eu respeitava muito mais que a minha vida.

— Droga, aquela mulher me deixa louco. Mas não se anima, tatuado. Ela te ama como ama o Lucas. — Meu amigo fez uma careta e piscou um olho frisando isso.

Ele sempre fingia ciúmes, mas confiava na esposa e sabia que eu a amava como irmã.

— Eu sei disso. O que tá havendo no castelo dos sonhos? Alguma coisa fora do lugar?

Bruno revirou os olhos e olhou para o cunhado, em dose dupla, que sorria pra ele.

— Conta para o nosso amigo o que o anjo da sua irmã tá querendo fazer.

— Ela quer voltar ao trabalho — Lucas riu e abaixou a cabeça tentando esconder que se divertia com aquilo quando Bruno começou a resmungar igual a um velho.

Olhei para os dois sem entender o motivo de todo aquele drama. Layla sempre trabalhou e não demoraria para que quisesse voltar.

— E o que tem isso?

Nem mesmo tive tempo de falar mais nada quando meu amigo me fuzilou com o olhar.

— O que tem? Cara, ela nem se recuperou do parto ainda e tem a nossa filha que precisa da mãe — ele falava parecendo exasperado. — Como vou conseguir ficar tranquilo sabendo que ela está pela noite andando pra lá e pra cá com um bebê no colo

— Mas ela não vai andar, vocês têm um carro. Layla já não saiu do resguardo? Ela está acostumada a trabalhar e tenho certeza de que voltar a cantar será muito bom pra ela. Semana passada quando a encontrei, ela me disse que queria voltar ao trabalho, mas que sabia que a filha precisava mais dela. Se resolveu que tá na hora é porque ela deve saber o que está fazendo. — Levantei uma sobrancelha e olhei para o Bruno.

Devia estar ficando entediada da superproteção do marido e precisava espairecer. Por isso a vontade de voltar, claro que não teria tantas apresentações. Acreditava que duas por semana já estava de bom tamanho para ela se distrair. Fora que ela tinha me dito em

nossa conversa que não traria a menina, deixaria com dona Marisa e poderia trabalhar mais tranquila.

— É por isso que ela é apaixonada pelo tatuado. O cara entende sua mulher melhor do que você. — Alberto se sentou no banco vago ao lado de um Bruno bem chateado.

— Pronto! O circo está armado, podem começar a palhaçada. — Bruno parecia realmente chateado e tomou um longo gole de água.

— Ei, cara, se acalma. Somos seus amigos e queremos entender o motivo dessa neura toda. — Alberto abraçou Bruno pelo ombro e o soltou dando ênfase ao que disse.

Ele apenas suspirou e abaixou a cabeça parecendo cansado.

— Eu estou com medo, não sei, foi estranho me tornar pai e agora que me acostumei ela quer sair pra trabalhar.

Lucas revirou os olhos e se inclinou para falar com o cunhado.

— Nem parece que você conhece minha irmã, Bruno. Layla cuidou da casa desde os doze anos e não pode pedir para que ela deixe sua vida. Não é justo. — Ele apenas verbalizou o que todos pensávamos.

Bruno arregalou os olhos e levantou a cabeça olhando para nós. Estávamos no balcão do bar, eu do lado de dentro e os três sentados nos bancos bebendo água e cerveja. Não todas as mesmas coisas.

— Eu sei, mas é tão errado eu querer ela pra mim mais um pouco?

Eu sorri e olhei para meu amigo que parecia estar preso em tantas dúvidas e não sabia para onde ir. Apoiei os cotovelos no balcão e relaxei os ombros.

— Olha, cara, eu sei que você está confuso. Se acostumou de chegar em casa e encontrar a sua mulher te esperando com sua filha, mas esse não parece você. O que

aconteceu para ficar pensando dessa forma? Não é só o fato de querer sua mulher em casa com sua filha porque a conheceu cantando e sabe que se tirar isso dela será como matá-la aos poucos

Ele engoliu em seco e abaixou a cabeça. Quando voltou a me olhar vi que tinha muito mais por trás de seu surto fútil, tinha medo genuíno nos olhos do meu amigo.

— Depois do assédio da Layla, eu fiquei com medo de que algo acontecesse com ela novamente, agora tudo se intensificou. Eu tenho uma filha, gente. Como proteger as mulheres que eu amo da sujeira do mundo?

Alberto assentiu entendendo o que nosso amigo dizia. Sempre tínhamos discussões a respeito e o que ocorreu com a estrela anos atrás sempre vinha à tona. O medo de que todas as mulheres passassem por coisas que muitas viviam diariamente nos aterrorizava.

— Eu te entendo, vemos casos todos os dias. No hospital, nos jornais. Só pelo fato de nascer mulher já é uma situação de risco. Mas irmão, não é isolando as duas que você vai resolver alguma coisa. Você sabe disso! — Beto cruzou os braços e se virou para o amigo, que assentiu concordando.

— E só vai trazer desentendimento entre vocês. Diz pra ela seu receio e quanto a Ângela o que temos que fazer é instruí-la e fazer que entenda os perigos e também seus direitos. — Lucas havia amadurecido tanto desde que o conheci. De um garoto havia se tornado um homem decente.

Assenti concordando e olhei para os três.

— Fora o fato de que ela estará rodeada de primos, é a única mulher da família. Terá proteção por todo lado, acho até que vai se entediar de tantos olhos em cima dela quando for crescendo. — Tentei aliviar o clima, sabia que ele estava com medo e com razão. O peso da responsabilidade de ser pai o havia deixado sem rumo e estava recorrendo a desculpas erradas e sem sentido para tentar proteger as mulheres que amava.

Bruno arregalou os olhos e, então, sorriu passando a mão na cabeça parecendo mais aliviado.

— Os papéis se inverteram. Sei bem o que passei sendo o único homem da família. — Respirou fundo e ficou sério. — Eu sei disso tudo, gente, mas é difícil saber tudo que elas passam e o que podemos fazer é muito pequeno pelo tamanho do problema.

Lucas assentiu e nos vimos um pouco sem ter o que dizer. Acredito que o maior desespero que sentimos é a impotência que sentimos ao não poder fazer quase nada.

— Acho que se cada um fizesse sua parte e conscientizasse os filhos, amigos e parentes teremos uma chance de mudar as coisas — Alberto disse e bateu nas costas do amigo dando apoio.

O problema da sociedade machista é achar que a mulher tem que mudar seu modo de viver e se portar quando, na verdade, o que precisa mudar é a mentalidade das pessoas. O que precisam entender é que independente de gênero, etnia, religião, o que tem que de haver acima de tudo é o respeito.

Enquanto os caras conversavam entre si percebi que Bruno ficou mais relaxado e ria das bobagens de Lucas e Alberto. Entendia perfeitamente seus medos. Quando amamos alguém tememos por qualquer mal que eles possam ser expostos, mas isolar e controlar tudo é um erro que pode acarretar muitos problemas. Eu sabia bem disso.

— Então, Heitor, amanhã que vamos ter a honra de conhecer os Teles. As meninas estão animadas. — Bruno riu e balançou a cabeça provavelmente lembrando alguma coisa que elas disseram. Nem quis saber, amava aquelas mulheres, mas me acostumar com a intensidade delas custou um tempo.

— Sim, sobre isso. Preciso alertar que meus irmãos não são como eu.

Lucas franziu a testa e deu um gole em sua cerveja.

— Como assim?

— Bem, eles gostam de brincar, sabe. Diego e Toni tem mania de querer lutar.

Alberto riu e balançou a cabeça.

— E de onde vem essa sua calma toda?

Sorri de lado e peguei um copo enchendo-o de água dando um gole generoso.

— Minha mãe fala que quando dividi o útero com Helena trocamos de personalidade. O lado bruto foi todo pra ela.

— Quer dizer que você é quase uma menina? — Beto riu e balançou as sobrancelhas para cima e para baixo.

— Na verdade não, e eu posso acabar com você num piscar de olhos.

Alberto levantou as mãos e riu.

— Calma aí, vai ser estranho ver sua cópia em versão feminina.

— Helena não parece tanto comigo assim. Ela é delicada e mais nervosa.

Bruno riu e me olhou.

— Vai ser bom conhecer sua família. Cinco anos de amizade e parece que não sabemos nada de você.

Eu sabia que devia aproveitar a deixa e contar tudo a eles, mas só de pensar me dava um frio na barriga e sentia meu coração disparando.

— Eles querem muito saber quem foram os loucos que acolheram um cara mal-encarado e todo tatuado.

Lucas levantou e deu a volta me abraçando meio de lado.

— Eles ainda não perceberam?

— O quê?

— Nós somos sua família também.

Alberto se juntou a Lucas e então Bruno, quando percebi estava cercado de homens me abraçando.

— Sabemos que alguma coisa te machuca, Heitor. Família é pra isso, para se apoiar. Quando estiver pronto estaremos aqui para te ouvir. — Bruno sorriu e deu dois tapas em minhas costas.

Eu não era um cara que escondia os sentimentos e quando ficava emocionado não tinha essa de me esconder. Aqueles três eram meus irmãos assim como Diego, Samuel e Antônio. O apoio deles incondicional, até mesmo em meu pior momento, havia mais que provado sua lealdade.

— Acho que esse abraço já está ficando estranho — Bruno falou e se afastou, rindo. — Será que sua mãe sabe fazer coisas gostosas? Estou comendo muito ultimamente.

— Sabe sim, dona Ester foi cozinheira a vida toda.

— Bom, estou trocando o sexo pela comida.

Lucas fez uma careta e deu um soco no braço do cunhado.

— Cara, que droga! Ela é minha irmã. Não preciso ouvir isso. Heitor, te vejo lá amanhã. Agora vou buscar Sabrina na hidroginástica. Até mais!

— Ei, garoto, volta aqui. Eu tenho que ouvir você todo apaixonado pela minha irmã, preciso descontrair. — Lucas apenas deu um tchau de costas e sumiu pela porta. — Droga!

Alberto riu e me deu dois tapas amigáveis no ombro, homens fazem essas coisas o tempo todo. Só não me perguntei o motivo porque não saberia dizer.

— Também vou nessa, prometi levar Fernando e Ana no cinema. Até amanhã, meninos. Se cuidem!

Ficamos apenas eu e o pai do ano.

— Desembucha — disse assim que ficamos sozinhos. Sabia que Bruno estava cheio de neurose.

— Acho que a Layla perdeu o interesse em mim.

Revirei os olhos e me sentei, peguei uma cerveja e bebi um gole. Estava entrando em abstinência sem o álcool e só a água não iria matar a minha sede.

— E o que te levou a pensar nisso?

— Você vai beber?

— Se vou ouvir seus problemas sexuais, com certeza! Mas não se preocupe, sei me controlar.

Ele fez uma careta e me empurrou com o ombro.

— Sei, diz o viciado.

— Fala logo, porra!

— Ela deita na cama e morre, nem me encosta mais.

Bruno parecia uma criança que perdeu o bico. A insegurança dele chegava a ser irritante, mas entendi o que ele estava passando.

— Você ainda não entendeu, não é? Bruno, Layla é mãe agora, além de esposa, seu tempo vinte e quatro horas por dia é preenchido por sua filha. Ela pensa na menina até quando está dormindo. Isso a deixa exausta, se você está estranhando o *status* de pai, imagine ela? Dê tempo que tudo volta ao normal.

— Você parece entender muito sobre o assunto, não?

Muito mais do que ele imaginava, mas no meu caso foi completamente diferente. Apesar das reclamações e medos que ele sentia, Layla e Bruno era um casal que se amava e apoiava em todos os sentidos. A fase complicada iria passar e eles sentiriam como se não tivessem vida antes de Ângela nascer. Pra mim foi só piorando a cada dia.

— Eu vi muito acontecer com meus irmãos. — Tentei desviar a atenção, mas parecia não convencer meu amigo.

— Hum-hum! — Se levantou e sorriu para mim. — Eu vou indo porque não gosto de deixar Layla sozinha, pego Ângela pra ela descansar e a bebê tem trocado o dia pela noite. Provavelmente vou estar de plantão. Amanhã a gente se vê lá na sua mãe.

— Até amanhã, já dei o endereço pra vocês, não é?

— Sim, passou pra todos. Vê se não exagera na bebida.

Bati continência a ele e deixei que fosse embora para que eu pudesse jogar a garrafa fora. Era cedo e o bar não abriria antes das oito, dava tempo de um cochilo no escritório. Fechei a porta da frente e assim que entrei no espaço que eu tinha feito para descansar vi que meu celular piscava sem parar, tinha várias ligações perdidas e o nome naquele visor quase me fez perder a cabeça.

Acreditei que meu pequeno momento de paz estava se esgotando.

Capítulo 23

“A insinuação de seus olhos repletos de desejos é uma inspiração quando a noite me engole...”

(Vanessa de Cássia)

Liz

— Por que ele não atende ao telefone? — Desliguei o celular e olhei para Júlia, que me encarava com um sorriso no rosto. — O que foi? Por que tá me olhando assim?

— Nada, só vendo como as pessoas ficam quando estão apaixonadas. É um pouco ridículo na verdade, será que fiquei assim?

Estreitei meus olhos para ela e levantei-me pegando minhas coisas no armário. Ela riu e apenas a ignorei. Nosso plantão já tinha terminado e queria ir pra casa, o dia seguinte prometia.

— Não fale besteira, Júlia. Eu só estou preocupada, estou tentando falar com ele

desde cedo e não me atende. Sabe que seu irmão pode ser bem volátil, não é?

Minha amiga fez uma careta e assentiu. Heitor se recusava a frequentar o mesmo tipo de grupo que o pai dele ia, dizia que não precisava e conseguia se controlar. E mesmo eu tentando convencê-lo era impossível colocar alguma coisa naquela cabeça dura. Então o assimilava a uma bomba-relógio que a qualquer toque poderia explodir.

— Não pense assim, essa hora ele está ocupado com o bar e não pode atender. Por que não vai lá e dorme com ele, vocês vão juntos para o churrasco amanhã?

Era tentador o que ela me propunha, mas eu estava muito cansada para pegar estrada por uma hora e meia, o trânsito naquela hora estava caótico.

— Não, vou confiar que ele vai cumprir o que prometeu. Vou pra casa descansar porque essa semana foi puxada. Te vejo amanhã, Ju.

Aproximei-me e dei-lhe um beijo no rosto. Percebi que ela ficou decepcionada, queria que eu fosse atrás do irmão e conferisse se estava tudo bem. Eu não podia ser a babá de um homem crescido, nem tudo dependia de mim. Ele era um homem adulto, afinal.

Apesar de que eu deveria ter ido, não tentei mais ligar para ele e nem Heitor retornou as ligações. Passei a noite quase em claro pensando no que ele estava fazendo. Se tinha se embebedado e caído no bar sem conseguir ir pra casa. Estava a ponto de pegar um carro no meio da madrugada e ir até a cidade vizinha só pra verificar se ele estava bem. Porém, desisti ao perceber que isso era loucura, nós tínhamos pouquíssimo tempo de relacionamento. Se eu chegasse lá e estivesse tudo bem, ele iria achar que eu era maluca.

Por volta de quatro da manhã consegui pegar no sono, ainda bem que não tinha que trabalhar. Mas por conta da festa na casa da família Teles, eu tive que levantar as nove. Quando parei em frente ao espelho notei que minha preocupação refletia em meu rosto em formato de olheiras.

— Acho que vou fazer uma bela impressão na família chegando desse jeito.

Suspirei e tirei a roupa para tomar um banho, logo Heitor estaria chegando para me buscar. Isso se não tivesse de ressaca, mas não queria pensar nessa possibilidade.

Arrumei-me de uma forma simples, não gostava de nada muito cheio de pompas. Coloquei um short jeans e uma blusa soltinha, pois, como sabia que Heitor tinha muitos sobrinhos, não iria arriscar ter que ficar segurando o vestido caso quisesse inventar alguma brincadeira, adoraria me divertir com as crianças.

Já eram dez horas e nada do Heitor chegar, pelo que Júlia me contou dona Ester queria que chegássemos antes de todos para nos conhecermos melhor e nada dele aparecer.

Estava ficando nervosa e dez minutos depois o interfone tocou. Atendi um pouco com receio de quem *não* estaria do outro lado.

— Sim?

— Liz, dá pra você descer? Seu porteiro não quer me deixar entrar.

A voz de Heitor estava irritada e eu imaginava o porquê. Aquela gente idiota do prédio estava me deixando com nojo.

— Já tô indo!

— Ok.

Desliguei o interfone, peguei minha bolsa na sala e desci correndo as escadas. Parei para tomar fôlego quando o vi encostado na moto com óculos escuros, bermuda jeans e uma camiseta branca, perdi o ar. Estava simplesmente... Uau!

Heitor sorriu, desencostou-se da moto e entrou na recepção do prédio encarando feio o porteiro, se voltou para mim e sorriu novamente.

— Não consegui atender seu telefonema ontem. Sexta-feira no bar é uma loucura, sinto muito. — Estendeu a mão e tocou meu rosto delicadamente olhando em meus olhos

com aquela intensidade que só ele tinha. — Senti sua falta, *baby girl*.

Cobri a mão dele com a minha e fechei os olhos virando o rosto e depositando um beijo em sua palma.

— Eu também senti a sua falta, tatuado.

Abri os olhos e ele sorria amplamente.

— Vamos? Acho que seu porteiro está a ponto de chamar a polícia.

Então me dei conta do que tinha acontecido realmente e fiquei com bastante raiva. Peguei na mão dele e o arrastei até onde o senhor Luiz nos olhava com receio.

— Oi, Luiz. Esse aqui é meu namorado, então quando ele aparecer aqui no prédio querendo entrar faz favor de deixá-lo subir, ok? — O homem abriu e fechou a boca.

Parecia querer dizer alguma coisa, mas sabia que estava errado então apenas assentiu sem olhar para nós.

— Bom, agora será que pode pedir desculpas ao Heitor por tê-lo feito se constranger dessa forma?

— Mas, senhorita, eu não sabia que era seu namorado. — Eu sabia qual era o problema deles com Heitor agora e não deixaria aquilo barato.

Enquanto falassem de mim era uma coisa, mas não permitiria aquele tipo de coisa com ele.

— Mentira, você me viu subindo com ele no início da semana.

— Liz, não precisa. — Heitor tentou me parar, mas eu estava decidida. Quem aquelas pessoas pensavam que eram para julgar qualquer pessoa desse jeito?

Continuei olhando para Luiz e esperei, por fim ele viu que eu não recuaria e suspirou murmurando um pedido de desculpa. Ainda não foi o que eu queria ouvir, mas bastou por

enquanto. Saí do prédio puxando Heitor comigo e parei de frente a moto, sorrindo.

— Pronto, agora podemos ir!

Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Você é incrível, sabia? Vamos lá, esquentadinha, minha mãe deve estar esperando a gente.

Subiu na moto e me deu a mão para me ajudar a montar. A casa da família de Heitor ficava a uns vinte minutos do meu prédio e quando chegamos percebi que já estava cheia. Havia carros e caminhonetes parados na garagem e também na rua. Desci e aguardei que ele me acompanhasse.

— Parece que já chegaram! Tá pronta para assumir nosso relacionamento?

Olhei para ele e o enlacei pela cintura dando um beijo em seu pescoço.

— Mais que pronta, moreno. Eu já fiz isso, lembra?

— Sim e de uma forma que eu poderia explodir de tanto orgulho.

Afastei a cabeça de seu peito e joguei a cabeça para trás, olhando para aquele rosto lindo e sexy. Na verdade, estava louca para o dia terminar e poder levá-lo para minha casa. Achei que seria interessante dizer isso a ele e ver sua reação.

— Sabe...

— O que estão fazendo plantados aí iguais duas bananeiras? Mamãe está ansiosa pra conhecer a nova nora dela. — Não consegui dizer a ele, pois fomos interrompidos.

Heitor sorriu e soltei-o me virando e me deparando com Helena que nos observava, sorrindo. Apesar de tê-la conhecido da outra vez que estive ali, não tivemos a oportunidade de conversar, na verdade eu tinha agido como uma louca e precisava tirar essa impressão. Aproximei-me dela e lhe dei dois beijos, a cumprimentando.

— Então não vamos deixar dona Ester esperando. Como está, Helena?

— Tudo bem, com muitos enjoos nesse estágio da gravidez, mas estou aproveitando cada detalhe, já que será minha última gravidez.

— Essa fase é realmente complicada, aproveite mesmo que passa rápido.

— Ok, vamos nessa. Esse papo de enjoos me tira o apetite.

Heitor abraçou a nós duas e nos impulsionou para frente, Helena riu e bateu no irmão se desvencilhando e andando na frente.

— Você é um idiota, seus amigos já chegaram.

Quando chegamos ao quintal percebi que realmente já haviam chegado e se enturmado.

Heitor parou e ficou observando sua família finalmente reunida, seus olhos chocolate brilhavam e ele apenas me abraçou mais forte.

— Tá feliz? — Ao som da minha voz, ele piscou e olhou para mim, sorriu tão verdadeiramente e assentiu.

— Acho que estou experimentando várias primeiras vezes em anos. Então, estou muito feliz sim. Principalmente porque está aqui comigo.

Engoli em seco devido a emoção que apertou minha garganta e voltei meu olhar pra toda aquela gente. De uma família de três pessoas eu tinha ganhado muitos outros. Mesmo ainda sendo muito recente me sentia parte deles.

— E você deve se sentir feliz, todos que estão aqui só vieram por você, Heitor. Sabe disso, não é?

Olhei para ele, que fez uma careta não querendo admitir, mas era verdade. As pessoas que enchiam o quintal se uniram porque o amavam e ele precisava aceitar isso.

— Ok, minha heroína, vamos lá.

Assim que nos viram fomos rodeados de Petris e Teles. A mãe de Heitor já havia adotado todos os meninos e meninas e até dona Marisa estava ali e, pelo jeito, já trocava receitas com a mãe de Heitor.

— Então, Liz, vejo que enlaçou nosso tatuado de jeito, não? — Alberto se aproximou e me deu um abraço.

Na faculdade, ele era o que mais tinha intimidade, nossa amizade resistiu ao tempo e tinha muito carinho por ele.

— Será?

Heitor sorriu e piscou para mim quando foi falar com os irmãos e Lucas que estavam vendo um vídeo de luta no celular. Bruno parou ao meu lado com a pequena Ângela no colo.

— Você ainda tem dúvidas? Ele só faltou invadir o hospital e te tirar de lá — disse olhando a filha, que o encarava com os olhinhos atentos.

Nossa, como ela se parecia com ele. Era uma bebê linda.

— Onde está Layla?

Ele acenou para a espreguiçadeira que estavam as mulheres em volta da Sabrina, que sorria meio estranhamente e passava a mão na barriga.

— Minha irmã está de mau humor hoje e elas estão tentando animá-la.

— Entendi, deve estar sendo cansativo para ela. Já está na reta final, não?

Alberto olhou para onde as mulheres haviam se aglomerado e parecia preocupado também.

— Ana disse que podem nascer a qualquer momento, Sabrina andou sentindo alguns

incômodos, mas é teimosa demais e já ameaçou todos nós se ficássemos enchendo ela. Disse que ainda não está na hora, e realmente ainda faltam poucas semanas, mas sabe como é. Gêmeos!

— Sim, é normal uma gravidez de gêmeos adiantar.

Bruno arregalou os olhos e encarou o cunhado e amigo.

— Não fale uma coisa dessa. Ela tem que ganhar esses bebês no tempo certo.

Nisso Samuel e Diego se aproximaram com Heitor, Lucas e Toni atrás deles.

— Diz isso para os bebês, dois dos meus nasceram aqui. Parece que tem alguma coisa na casa que as crianças querem sair logo pra brincar. Deve ser a bagunça dos outros.

— Samuel riu como se tivesse preso nas lembranças.

Homens! Queria ver se sentissem as dores que uma mulher sente quando entra em trabalho de parto se estariam brincando daquele jeito. Revirei os olhos e atravessei o quintal me sentando ao lado de dona Marisa, que não tirava os olhos da filha.

— Você tá bem, Sá?

Ela sorriu meio sem jeito e assentiu procurando uma posição confortável.

— Estou sim, eles já te encheram a cabeça, não é? Cismaram que meus bebês já vão nascer, mas ainda não tá na hora.

Ela parecia nervosa e a mãe dela me olhou como se pedisse ajuda. Sorri para ela tentando confortá-la.

— Mas é que gêmeos costumam adiantar. Pelo que me disseram, seus meninos estão mais gordinhos do que o esperado para dois bebês. Se está se sentindo mal deve ir ao médico. Quantas semanas você está mesmo?

— Trinta e seis semanas e quatro dias — respondeu se ajeitando.

— Viu, minha filha, Liz não está querendo te superproteger. Tá falando como uma médica.

Sabrina bufou e tentou encontrar outra posição fazendo uma careta.

— Tá bom, se eu me sentir pior eu vou ao hospital. Além do mais tem tanto médico por aqui que não teríamos problema se eles decidissem chegar agora, né? — Me olhou, sorrindo, mas vi que estava muito desconfortável.

Precisava alertar Lucas que ela não estava bem realmente. Talvez por estar tão envolvido emocionalmente ele não estava prestando muita atenção aos sinais. Me levantei e coloquei minha mão sobre a dela que repousava na barriga.

— Claro que não, faríamos o melhor, mas é bem mais seguro no hospital, né? — Ela assentiu e então pisquei.

Olhei para Lucas que observava a mulher com preocupação evidente. Me aproximei e ele me encarou.

— O que acha?

— Devemos levá-la para o hospital. Ela não tá bem.

Ele assentiu e respirou fundo.

— Eu vou nem que tenha que carregá-la no colo e ela me odeie pelo resto da vida por não ter respeitado sua vontade.

Estava aí o xis da questão. Por tudo que Sabrina havia sofrido, Lucas sempre levava em conta o que ela queria e respeitava suas vontades, por isso o receio em levá-la para o hospital sem que concordasse.

— Isso mesmo, antes que esses meninos decidam que a casa da mãe de Heitor é um ótimo lugar para nascer. — Alberto nem tinha acabado de falar quando um grito alto vindo

do lado direito da piscina nos chamou a atenção.

Todos olharam para a mesma direção e vimos que Sabrina se contorcia em uma das espreguiçadeiras quando gritou de dor mais uma vez. Ana e Layla se levantaram e olharam a cunhada como se fosse um extraterrestre.

— Merda, ela entrou em trabalho de parto, falei que esses incômodos não eram normais. Que mulher teimosa, precisamos correr para o hospital. — Lucas atravessou o quintal correndo e parou em frente a ela que sacudia a cabeça.

— Que boca filha da mãe — Toni disse e correu conosco.

Quando me aproximei pude ver que a situação era mais complicada que parecia. Lucas e Bruno pediam para ela se acalmar, que a levariam para o hospital.

— Ai, meu Deus, eles vão nascer agora. Não dá tempo de ir para o hospital. — A voz de Sabrina estava chorosa.

— Como assim, mulher? O que quer dizer? Claro que dá tempo, vem, eu te ajudo! — Lucas parecia que surtaria a qualquer momento.

Sabrina olhou para ele de olhos arregalados parecendo que iria arrancar um olho dele se colocasse as mãos nela e respirou fundo tentando se acalmar.

— Quer dizer que já tô os sentindo empurrando, não dá tempo. — E gritou mais uma vez.

As contrações estavam com intervalos muito curtos e provavelmente ela estava certa, já devia estar sentindo isso há horas e ficou quieta. O que me impressionou era que tinham três médicos e uma enfermeira parados na frente dela e não faziam nada. Pareciam alheios aos procedimentos que tantas vezes aprendemos. Claro que isso se devia ao fato de serem parentes dela, tudo que estudamos e praticamos se esvaía como fumaça. Revirei os olhos e abri caminho, vi que Júlia também se juntava a mim vindo de dentro da casa.

— Ela tá tendo contrações sem intervalos, os bebês vão nascer agora. Chama a ambulância para que estejam aqui quando nascerem, por serem ainda considerados prematuros vão precisar ir imediatamente para o hospital — disse e ela logo começou a ligar apara a emergência.

— Como assim, Liz? O que quer dizer? — Bruno parecia enlouquecido, nem imaginava o que deve ter sido quando Layla entrou em trabalho de parto no meio do palco.

— Quer dizer que eu e Júlia vamos fazer o parto. Se você se esqueceu, Bruno, temos treinamento para isso lá na faculdade. Lucas pode levá-la para dentro?

Ele assentiu e pegou-a no colo andando depressa até dentro da casa. Acompanhamos e logo que ele a depositou no chão da sala, que era o lugar mais perto e plano, eu me adiantei e fui para o banheiro desinfetar minhas mãos. Logo que voltei, Sabrina já estava deitada e usava um vestido, o que facilitou bastante.

— Tira todo mundo daqui, não quero ninguém surtando na minha cabeça. Sabrina precisa de calma.

— Eu vou ficar caso as crianças precisem de algum cuidado especial. — Alberto correu para o banheiro para se higienizar. Agradei mentalmente, por ele ser pediatra especializado com os prematuros seria de grande ajuda.

Lucas assentiu e tirou os que estavam meio loucos, Bruno era um desses. Heitor se aproximou e ficou na altura da cabeça de Sabrina, sussurrou algumas coisas para ela e sorriu. Olhou-me e engoliu em seco, parecia nervoso também, mas se segurava.

— Vai ficar tudo bem, ajuda o Lucas a se acalmar. As meninas vão me ajudar aqui. — Ele assentiu e foi para o lado do amigo, que estava de pé tentando tirar todo mundo da sala deixando Layla, dona Marisa e Ana, que se aproximaram de Sabrina tentando reconfortá-la.

Alberto voltou e ficou um pouco afastado, apenas esperando para agir caso

precisasse. Rezava para que não, as ultrassonografias costumavam ter margens de erro para mais e para menos, esperava que no caso, se houvesse, fosse para mais.

Júlia entrou com toalhas, uma bacia d'água e um vidro de álcool. Olhei para ela com uma expressão indagadora no rosto e ela sorriu ajoelhando-se ao meu lado.

— Acredite, não é a primeira vez que isso acontece aqui. Ficamos preparados!

Quando fechou a porta, eu tirei a calcinha de Sabrina e vi que não ia demorar muito. Um bebê já havia coroadado.

— Fica calma, filha. Vai dar tudo certo, não vai, Liz? — Dona Marisa se ajoelhou ao lado da filha e segurou sua mão me olhando com preocupação.

Eu sorri para ela e assenti.

— Vai sim, apesar não ter feito muitos partos na vida vou conseguir trazer seus meninos ao mundo, confie em mim.

Apesar da dor que sentia, sabia que não era fácil nem confortável, ela sorriu e seus lindos olhos azuis brilharam.

— Eu confio!

Seu sorriso, apesar de contido pela dor, estava feliz e esperançoso. Sabrina estava prestes a se tornar mãe e o amor que sentia pelos filhos transbordava pelo brilho dos olhos. Pelo canto do olho vi que Lucas tentava enxugar as lágrimas na camisa e também sorria emocionado. Era uma família realizada e cheia de amor e apoio.

A vida que os dois meninos esperavam era o que toda criança deveria ter de direito. Pais amorosos que os aguardavam com ansiedade e muito amor para dar, uma família grande, barulhenta e maravilhosa, que se precisassem estariam ali sempre que precisassem.

Capítulo 24

“Inspiração é uma coisa de momentos, você tem que crer para fazer. Acima de tudo, nunca pare de sonhar, lute pelos seus sonhos e pela sua felicidade, você é capaz!”

(Ale Lacombe)

Heitor

Era engraçada forma que as coisas aconteciam na casa da minha mãe. Dois de meus sobrinhos nasceram exatamente onde Sabrina estava deitada e foi uma loucura de gente preocupada e querendo notícias, exatamente como acontecia do lado de fora.

Senti uma mão suave em meu ombro e me virei, minha mãe observava Sabrina deitada no tapete se contorcendo de dor com uma mão na barriga. Eu havia me afastado para um canto da sala, poderia ter saído, mas queria estar por perto para dar apoio a Liz, não que ela precisasse, mas, pelo menos, ela saberia que eu estava ali.

— Parece que teremos os gêmeos logo, não é?

Sorri e me virei para olhar como Liz trabalhava. Ela tentava acalmar Sabrina a encorajando e Júlia a ajudava.

— Sim, acredito que logo!

— Eu não me esqueço da sensação de segurar você e sua irmã ao mesmo tempo. A vida dessa menina nunca mais será a mesma depois que pegar os filhos.

Mamãe sempre mencionava o fato de como sua vida mudou depois que Diego nasceu e, então, como ela foi apenas se enchendo de mais amor quando foi ganhando seus outros filhos. Depois que temos a dádiva de segurar um amor tão grande nos braços parece que nossa vida toma sentido.

— Nunca mesmo... — Ela olhou para mim como se pudesse me dar apoio e conforto por tudo que perdi.

Ainda não tínhamos falado a respeito, pois eu não suportava ter que conversar sobre isso. Abracei minha mãe e com o olhar a tranquilizei que estava tudo bem. Ficamos em silêncio observando a movimentação no tapete, pude ouvir que Sabrina se queixava da dor insuportável. Alguns minutos se passaram e fiquei angustiado pela bonequinha estar sofrendo. Liz olhou para Júlia e falou alguma coisa, minha irmã assentiu.

— O que acha de ficar agachada, Sabrina? Um bebê já tá quase saindo, será mais fácil e sua dor deve ficar um pouco mais suportável nessa posição. — A voz tranquilizadora de Júlia era tão profissional que me senti orgulhoso por minha irmã ter se tornado uma médica tão apaixonada.

Sabrina fez uma careta e concordou com um aceno. Estava com muita pena da bonequinha, Lucas ficou ao seu lado e a ajudou a se levantar. Ele se sentou atrás dela e sustentou suas costas para que ela tivesse apoio e não precisasse ficar se equilibrando. A proteção dele, mesmo estando nervoso, era muito bonita de se presenciar. Mostrava claramente como ele a amava e estava presente em todos os momentos. O amor não deve

ser só em palavras, mas em todas as ações.

— Agora, quando vier a contração, faz força. — Liz incentivou olhando para o rosto de Sabrina.

Dona Marisa apoiou com palavras de conforto e o apoio que só as mães sabem dar, a presença dela ali claramente acalmava a filha. Sabrina assentiu fazendo uma careta e fechou os olhos.

— Tá vindo. — A voz dela estava engasgada pela dor.

— Isso, mais um pouco. Espera. — Liz colocou a mão por debaixo do vestido de Sabrina, de onde eu estava só as via de perfil. — Mais um pouco de força. O primeiro já chegou!

A voz de Liz estava encantada, ela retirou um pacotinho branco cheio de sujeira e bom de garganta, ele chorava alto e mostrava que poderia ser um cantor como o pai e a tia.

Liz entregou o bebê para Júlia que, sorrindo, o enrolou em uma toalha e o entregou a Alberto que verificou os sinais do bebê como dava, já que não tinha nenhum instrumento, alguns segundos se passaram e, sorrindo, ele o levou até a mãe que parecia extremamente exausta, mas feliz ao segurar seu primeiro filho.

— Aparentemente ele está bem e tem uma boa garganta, mas vamos verificar melhor no hospital. Pesar e medir, mas é bem grandinho para trinta e seis semanas. Arrisco que esses meninos já têm trinta e sete, quase trinta e oito. — Alberto tranquilizou a todos que suspiraram tranquilos.

Sabrina mal teve tempo de pegar o filho quando mais uma dor a atingiu cinco minutos depois do primeiro bebê nascer.

— Ai, meu Deus, não vai acabar? — Gemeu o entregando para dona Marisa, que olhava o novo netinho encantada, e se apoiou no namorado de novo.

Lucas sorriu e estava claramente emocionado. Ele apoiou a cabeça dela em seu ombro quando ela deitou para procurar por conforto.

— Já vai acabar, amor. Só mais um pouco e nosso outro menino vem aí. — Com carinho, ele a acalmou.

— Agora vem o segundo, Sabrina. Quando vier a contração pode fazer força.

— Como se eu tivesse escolha! Lá vem... — Lucas a abraçou por debaixo do peito e ela se apoiou em seus joelhos levantando um pouco o quadril para impulsionar.

— Esse vai ser mais rápido, o cabelinho já apareceu. Meu Deus, quanto cabelo. — Liz sorriu enquanto olhava para onde o bebê aparecia. — Vai, querida, só mais um pouco. Isso, já está chegando.

Sabrina fechou os olhos e acreditou que, quando veio uma contração maior, ela trincou o maxilar e gemeu enquanto fazia força. Viu que Liz fez uma cara estranha e sentiu seu coração congelando de medo. O que estava acontecendo? Engoli em seco quando alguns segundos se passaram.

Lucas olhava para Liz com a testa franzida e ela apenas sacudiu a cabeça tentando tranquilizá-lo.

— Tá tudo bem, o cordão enrolou um pouco no pescoço dele, mas já tirei. Agora, Sá, empurra de novo.

Sabrina assentiu e fez força mais uma vez e o bebê saiu gritando, mas não tanto quanto o primeiro. A bonequinha desabou no colo de Lucas respirando com dificuldade e sorriu ao ver que seus filhos estavam bem. E naquele momento a sirene da ambulância pôde ser ouvida do lado de fora. Liz embrulhou o segundo bebê e chamou Alberto para avaliá-lo como fez com o primeiro. Depois que ele assentiu, dizendo que estava tudo bem, se aproximou para olhar para eles melhor. Eram idênticos, mas um tinha muito cabelo e o outro era completamente careca.

Lucas abraçava Sabrina e chorava como uma criança. Ela estendeu a mão para os filhos e Liz entregou o segundo a ela que o acomodou em seu braço direito, dona Marisa se aproximou e entregou o primeiro que já se aninhou no lado esquerdo e deu um beijo na testa da filha, em seu rosto podia perceber o orgulho e a emoção.

Sorrindo e chorando, ela olhou para os meninos e beijou suas cabecinhas. Olhou com tanto carinho para eles que meu coração se enterneceu.

— Já decidiu quem é quem? — perguntei, sorrindo, para o casal que parecia alheio a todos ao redor.

Ela olhou para mim e assentiu olhando para o carequinha.

— Esse é o Gustavo, acho que ele vai ser cantor pelo vozeirão que tem. — Sorri e assenti concordando, o menino realmente tinha uma bela garganta. — E ele é o Eduardo tão calminho e doce.

Sua voz havia mudado, ela falava dos filhos com uma doçura que não tínhamos visto nela ainda. Sabrina viveu muitas coisas que poderiam tê-la deixado amarga e sem vida, mas ela superou e vivia plenamente agora.

— São lindos seus meninos, bonequinha.

Sem me olhar ela assentiu. Lucas não conseguia falar nada, apenas abraçava a mulher e seus filhos.

Os paramédicos entraram na sala e acomodaram mãe e filhos na maca, agora era hora de limpar todos eles e cuidar direitinho para que pudessem estar em casa logo. Bruno, Larissa, Maurício e meus irmãos entraram para ter certeza de que estava tudo bem, já que o restante da família havia ficado. Liz conversou com o médico que estava ajustando a mamãe e quando eles a levaram, ela abaixou a cabeça e foi em direção ao banheiro.

Lucas e dona Marisa acompanharam Sabrina para o hospital e todos prometeram ir

vê-los em algumas horas, já que agora estava tudo bem e precisavam de tempo para serem cuidados.

Fui atrás de Liz e a porta do banheiro estava aberta, ela já havia se limpado e apoiava as mãos na pia e de cabeça baixa e olhos fechados murmurava uma oração. Não dava para entender bem o que ela dizia, mas notei que agradecia a Deus por mais uma vida que tinha ajudado a ver a luz.

Quando terminou, ela virou a cabeça e me encarou com os olhos brilhantes, ela chorava de emoção. Entrei no banheiro e a abracei apertado enquanto ela chorava em meu peito.

— Calma, linda. Você foi maravilhosa, Liz. Não chora.

— Eu tive muito medo, Heitor. Se eles não estivessem em posições iguais seria muito mais complicado. Quando vi o cordão no pescoço do segundo bebê quase tive um ataque. Graças a Deus, eles já estavam totalmente desenvolvidos. Meu Deus!

— Mas não pareceu, você foi a calma em pessoa. Relaxa, que já passou. Os meninos estão bem, Sabrina está bem, não tem com o que se preocupar. Ok?

Ela assentiu com a cabeça deitada em meu peito e se afastou para olhar em meus olhos.

— Obrigada por ficar! — Eu não sabia se ela queria que eu estivesse ali, mas senti que devia, pelo menos de longe, apoiá-la de alguma forma.

— Sempre!

— Vamos lá fora? Eles devem estar loucos para saberem mais sobre os gêmeos. São lindos, você viu?

Assenti e envolvi seu rosto delicado entre minhas mãos, abaixei-me e dei um beijo suave em seus lábios.

Naquele momento eu não tinha noção que meu mundo desmoronaria, que meu momento de paz estava se esgotando. Apenas apreciei andar abraçado com a mulher que trouxe de volta a vida para minha alma. Até que foi arrancada novamente.

Assim que chegamos à cozinha de minha mãe pude ouvir gritos e protestos veementes, entre eles Helena e Júlia brigavam com alguém. Olhei para Liz de testa franzida e saímos para o quintal para ver quem estava ali provocando toda aquela bagunça.

Quando pisei do lado de fora estaquei no lugar. Ela estava ali para lembrar toda a culpa que eu carregava em minhas costas e que não havia redenção para mim.

— Você precisa ir embora agora! Por que veio aqui? Quer acabar com a vida do meu irmão? Não tem esse direito, sai daqui!

— Ele prometeu que ficaria comigo para sempre e não cumpriu!

— Você é louca? As coisas mudaram! Meu irmão esteve contigo por muitos anos e você só destruiu a vida de vocês com esses ciúmes malucos e sem sentido. Não venha cobrar dele o que também é culpada. Eu não vou permitir! — Júlia gritava desesperada querendo afastá-la dali, soltei do abraço de Liz e dei um passo à frente quando ela se virou e me viu parado ali.

Sorriu daquela forma fria que havia adquirido e perguntou:

— É por isso que você quer que eu vá embora? Para não atrapalhar a felicidade dele enquanto eu estou presa e infeliz? Você prometeu, Heitor!

Helena se adiantou e parou à minha frente tentando bloquear minha visão dela.

— Você é infeliz porque quer, Nina. Não coloque esse fardo nas costas de Heitor.

Quando conheci Nina, ela era uma menina cheia de vida e feliz, gostava de correr e praticar esportes. Uma amiga fiel e companheira, depois que nos tornamos namorados, eu vi a sua alegria se esvaindo aos poucos e não fiz nada a respeito.

O acidente não levou só a vida do nosso filho, mas também a liberdade de Nina. Ela ficou parálitica e não podia andar mais. Isso a deixou ainda mais amarga com o passar dos anos. Nunca perdoou o fato de eu ser o culpado de toda a desgraça que abateu em sua vida. E como ela se perdoaria enquanto eu não me perdoava? Ela fazia questão de me lembrar disso todos os anos no aniversário de nascimento de Caio e no aniversário de sua morte com ligações que eu nem tinha coragem de atender.

— Pare de defender seu irmão, Helena. Olha pra mim, estou presa a essa cadeira pelo resto da minha vida e a culpa é dele. Agora olha para ele, tá mais bonito como nunca esteve e vive a vida plenamente. Até arrumou uma doutora, não é mesmo?

Engoli em seco e não sabia o que fazer, abaixei a cabeça e não consegui encará-la. Ouvi que minha família continuava discutindo entre si e me envergonhei de saber que meus amigos presenciavam aquela cena.

Nina gritava e, então, arrisquei olhar pra ela novamente. Quando nossos olhos se encontraram, eu vi apenas pedaços da mulher que foi minha amiga e um grande amor.

— Faz alguns anos que não nos vemos e quando soube que você havia voltado tive que vir te mostrar o que fez para a minha vida. Você matou o nosso filho por ser irresponsável, fez da minha vida um martírio quando não me deu a atenção que eu precisava, foi conivente com minha dor. — Respirou fundo e seus olhos estavam vazios e sem vida. — Espero que apodreça no inferno que merece estar.

Ela virou a cadeira de rodas e saiu pelo quintal, quando estava chegando ao portão vi que seus pais apareceram desesperados, provavelmente só tinham dado falta da filha naquele momento e se desculparam por ela estar ali levando-a de volta.

Não conseguia ouvir mais nada ao meu redor, muitas pessoas falavam comigo, identifiquei a voz de Bruno em meio a elas e não prestava atenção em nenhum deles. Meu coração batia tão forte que me deixou surdo.

Voltei à realidade quando a mão quente de Liz tocou em meu ombro. Virei o rosto e a encarei. Seus olhos estavam caídos e tristes, diferentes de quando a encontrei dentro do banheiro. Eu fazia isso com as pessoas, tirava a alegria de viver. Parecia até uma maldição e não a queria envolvida mais nisso.

— Você está bem, Heitor?

Fiquei olhando para ela e memorizando cada detalhe de seu rosto lindo e a luz que cercava. A escuridão já tomava conta de mim novamente. Engoli em seco e percebi que tudo não passou de um engano, uma ilusão criada por minha mente cansada.

— Sinto muito...

Ela sacudiu a cabeça e apertou a mão em meu ombro um pouco mais forte.

— Não tem do que se desculpar, a culpa não é sua. Entenda isso.

Neguei com um aceno e me desvencilhei dando um passo para trás.

— Você não entende.

Liz arregalou os olhos e pareceu entender o que eu estava fazendo. Seu peito subiu e desceu rapidamente e pude ver o desespero nos olhos dela, em silêncio pedia para que eu não fizesse aquilo, mas não tinha outra saída.

— Não faz isso, Heitor.

— Eu me enganei, Liz. Você não é minha salvação, eu não tenho direito a isso. Viu o que fiz com a Nina, não vou repetir esse erro de novo. Me desculpa, eu me enganei.

Nunca me esqueceria do olhar em seu rosto quando dei-lhe as costas e ignorando os gritos da minha família e amigos que pediam para que eu não fosse embora, subi na moto e corri pela estrada tentando fugir de tudo que me machucava, mas não conseguia. As coisas ruins que aconteceram sempre me acompanhavam aonde quer que eu fosse. Não havia

escapatória.

A dor ameaçava me cegar quando flashes de lembranças invadiam minha cabeça. Correr foi bom para liberar endorfina em meu sangue, mas eu precisava me entorpecer e havia só um destino para mim.

Capítulo 25

“Na física, impulso é quando ocorre colisões e explosões... Na vida, o amor deve ser seu impulso explosivo.”

(Luziana Lima)

Liz

Não podia acreditar que as coisas se repetiam. Meus sentimentos estavam confusos e não conseguia deixar de olhar para onde ele havia saído pelo portão. Parecia que o pesadelo de anos atrás tinha caído em cima de mim.

Diego e Samuel correram atrás do irmão tentando pará-lo, mas não conseguiram, Heitor foi mais rápido, ainda mais contando o choque de todos com a aparição da Nina.

— Ele se enganou... — murmurei como se assim entendesse o que havia acontecido tão rapidamente, num momento estávamos bem em outro tudo havia se partido. — Eu disse que não queria isso.

Meu coração se recusava a aceitar o que estava acontecendo. Mesmo prevendo o fim iminente achei que seria diferente, que com o tempo ele veria que eu era mais que algo fantasioso que havia criado na cabeça.

— Liz. — A voz baixa de minha amiga me despertou e me virei, Júlia me olhava com pesar nos olhos e vi que tinha culpa também. — Sinto muito, amiga.

— Eu não sabia que ela estava viva, achei que tivesse morrido no acidente. — Fiquei muito surpresa ao ver aquela mulher na cadeira de rodas, que olhava para Heitor como se fosse subjugá-lo. E na verdade foi o que fez. E mais chocada quando ouvi que era a Nina de seu passado.

Júlia fechou a cara e balançou a cabeça, era evidente o quanto ela não gostava da ex-cunhada.

— Devia... Deus que me perdoe. Mas aquela lá nasceu para infernizar a vida do meu irmão. — Suspirou pesadamente e tocou meu braço como se assim me oferecesse conforto. — Ele não quis dizer aquilo, amiga. Quando se trata de tudo que aconteceu com Nina e Caio, ele perde a cabeça. Dá um tempo pra ele se redimir?

Pisquei duas vezes e vi que Bruno e Layla conversavam com a mãe de Heitor tentando acalmá-la, Alberto, Ana, Larissa e Maurício falavam com os irmãos dele. Olhei para Júlia e sorri.

Não culpava Júlia de querer amenizar a situação para o irmão, era parte do “trabalho” dela protegê-lo, mas não queria dizer que eu deveria esperar que ele se arrependesse e voltasse atrás de mim com desculpas esfarrapadas.

Contudo, tinha outras preocupações que precisavam de atitudes imediatas era meu papel como amiga tranquilizá-la.

— Eu vou ficar bem, Ju. É só mais uma lição na minha vida. — Ela fez uma careta e eu sorri. — Mande alguém atrás dele, alguma coisa me diz que as coisas vão cair ladeira

abaixo. Heitor não vai aguentar esse baque sóbrio. Fazia muito tempo que ele não a via, não é? Pude ver a surpresa em seu rosto.

Minha amiga assentiu e olhou para onde os irmãos conversavam exasperados. Ela estava tão ansiosa quanto eles.

— Tem certeza de que vai ficar bem, Liz?

Não, eu não tinha certeza, mas assenti tranquilizando-a mesmo assim.

— Vou sim, eu tenho um palpite de onde ele esteja. Heitor me disse que o único lugar que encontrava um pouco de paz era no *Beer*, mande seus irmãos atrás dele.

Ela assentiu, desculpou-se com um murmúrio e logo se aproximou dos três irmãos que falaram entre si, Bruno, Maurício e Alberto se juntaram a conversa. E com alguma coisa decidida saíram em direção a garagem, Diego correu para dentro de casa voltando em seguida. Eles partiram em disparada em dois carros. Fiquei parada na porta da cozinha sem saber o que fazer, estava no mesmo lugar onde vi meu erro se repetindo mais uma vez.

— Filha, você está bem?

Olhei para a mãe de Heitor que me encarava como se eu fosse uma bomba-relógio prestes a explodir. Assenti sem ter muita certeza se a convenceria e sorri.

— Vou ficar bem, dona Ester.

Ela parecia sem graça e vi que estava muito triste, olhou para onde os filhos haviam saído e seu marido estava parado no portão olhando para a rua vazia. Era de cortar o coração a situação que eles passavam.

— Você tem um minuto? — Virou-se para mim esperando por minha resposta.

Olhei em volta e vi que Layla e Ana estavam em um canto conversando com Helena e Júlia. Eu tinha um problema muito sério que me levava a pensar nos outros antes de mim.

Com um sorriso acompanhei a doce senhora até a cozinha e ela pegou um bule de café despejando a bebida quente em uma xícara, me ofereceu e neguei com um aceno.

— Sabe, quando eu a vi pela primeira vez, antes mesmo de saber que tinha salvado meu Heitor, sabia que tinha alguma coisa diferente em você. Não sei definir muito bem, mas parece uma calma que envolve todo mundo.

Muitas pessoas que me cercavam diziam isso, era bom na minha profissão porque podia passar um pouco de paz aos pacientes e familiares, mas na vida pessoal incomodava muito que me vissem daquela forma porque assim estava muito suscetível a ser magoada com facilidade.

— Eu não tenho nada de diferente, dona Ester. Sou uma mulher comum como qualquer outra, sinto e sofro.

— Não tem nada de comum em você e meu Heitor viu isso, só está muito machucado pra aceitar seu amor.

Engoli em seco e senti as lágrimas se acumulando, só que não ia chorar.

— Sinto muito, mas eu não posso esperar que ele se cure. Nem me disse que Nina estava viva, poderia ter me preparado mais. É mais difícil quando o fantasma está em carne e osso. O problema é que todos vocês viram em mim uma ponte para se aproximarem do filho perdido, não podem me pedir isso. É injusto!

Ela assentiu e respirou fundo. Sabia que ela tentava ajudar o filho e, claro, como mãe zelosa queria o bem dele.

— Você está certa. Nina sempre foi um problema pra ele, só meu filho que não via. Quando Caio nasceu, as coisas só pioraram. A mulher tinha ciúmes do amor que o pai tinha pelo menino, pode isso? Sinto muito por tudo que você teve que passar, nós não devíamos ter pressionado quando sabíamos que ele ainda sofria por tudo.

Tocar no nome dela e revelar o absurdo das coisas que aconteceram me fizeram perceber que ainda podia fazer algo por ele, mesmo sendo uma idiota por isso depois que me deixou ali.

— Ela ainda mora ao lado?

Dona Ester negou com um aceno e bebericou mais um pouco do café.

— Não, mas não foi pra muito longe, infelizmente. Ela mora no final da rua. Uma casa cinza com um portão branco.

Assenti em agradecimento e me aproximei dela.

— Eu espero que a senhora consiga recuperar seu filho. Não imagino como deve ser ver que ele se acaba a cada momento.

— Vai dar tudo certo, você vai ver. Logo tudo se resolve.

Dei-lhe um sorriso sem graça não concordando muito com o que ela disse e saí da casa pela porta da frente. Não queria ser interrompida por ninguém. Eu tinha que falar com aquela mulher mesmo que não tivesse mais nada entre mim e Heitor.

Fui descendo a rua tentando entender o que passava dentro do meu coração. Estava me sentindo traída por mim mesma. Eu não culpava Heitor e nem estava magoada pelo que ele fez, não foi tão grave assim aos olhos de outras pessoas. Estava ferido e precisava fugir daquilo, mas eu estava desapontada comigo.

Mesmo sabendo o que ele via em mim, o que ele pensava que eu representava, tendo a certeza do risco e que não deveria me envolver, eu me entreguei. Deixei que a ilusão fincasse raízes em minha mente mais uma vez.

Quando encontramos nossos erros devemos fugir dele, não deixar que se repita. Não devemos aceitar menos do que a gente merece porque no final das contas se algo acontecer não terá mais ninguém para pegar seus pedaços quebrados, você vai ter que fazer isso

sozinho.

Já havia vivido uma experiência dolorosa e prometido não me deixar encantar mais uma vez por sentimentos ilusórios só por culpa da minha eterna carência e solidão. Porém, eu me esqueci de tudo isso quando me vi envolvida naquela trama de sentimentos.

Não sabia do que seria de nós dois a partir daquele dia, provavelmente não teria mais nós dois. Heitor precisava se curar sozinho, eu não podia carregar sua cruz, ele não podia amar enquanto se desprezasse. Mas eu precisava fazer mais uma coisa por ele, algo que ninguém havia feito por estar envolvido demais.

Apertei a campainha e esperei. Quando a porta se abriu me deparei com ela, uma mulher de rosto muito bonito, mas os olhos eram frios como gelo.

— O que você quer aqui? — A voz dela pingava desprezo.

Se não fosse tão claramente amarga, Nina seria um encanto de se olhar. Seu rosto liso e perfeito estava enrugado pela cara feia que me olhava.

— Queria falar com você longe de todos, não quero que me interrompam.

Sorriu cruelmente e fez uma careta estranha, diferente do que ela aparentava, da inocência que à primeira vista transpassava. Porém, não durava muito, quando abria a boca notava-se a amargura em cada palavra.

— O que foi? Heitor te deixou? Ele sempre faz isso quando eu apareço, é divertido ver como está preso a mim, mesmo estando tão longe atrapalho suas conquistas.

Franzi a testa e a olhei nos olhos tentando entender o que levava alguém a ser assim.

— Não entendo o que ganha com isso? Você precisa deixar ele viver, não pode culpá-lo de tudo quando, na verdade, você tem grande parcela em tudo que aconteceu.

A mulher pareceu enlouquecer e se pudesse com certeza teria me batido naquela

hora. Mesmo percebendo-a agitada permaneci calma e parada onde estava.

— Como ele não tem culpa? Não está vendo onde ele me condenou? Eu vivia uma vida plena e agora estou confinada a essa cadeira e a ser infeliz.

Sacudi a cabeça e bufei, não podia acreditar num ser humano que prefere colocar a responsabilidade de sua própria infelicidade em outra pessoa ao invés de admitir que também errou.

— Aí que se engana, fica amargurada e infeliz porque quer. Parou de viver para poder infernizar a vida dos outros. — Ela abriu a boca para retrucar e levantei a mão para silenciá-la, ainda não tinha terminado. — Muitos deficientes até com mais limitações do que você faz de tudo, estudam, trabalham, praticam esportes, namoram, dirigem. Quem se limita é você e seu ódio por tudo.

Nina parecia indignada e deu um grito de frustração, vi pelo canto do olho que sua mãe apareceu na sala, mas ao me ver ali esperou e apenas observou.

— Como pode dizer isso? Você não sabe o que passei com Heitor. Muitas mulheres se jogavam aos pés dele. Não me deixavam aproveitar minha vida e ele adorava aquela atenção, nunca fez nada a respeito. Quando Caio nasceu usava o menino para atrair mais vadias. Ele matou o nosso filho!

— Você está se ouvindo? Não percebe que isso é fala de uma mente perturbada? Nina, você precisa se olhar no espelho e ver que está viva apesar de tudo. Que infelizmente seu filho não teve a chance. E sabe que Heitor não é culpado da morte do filho de vocês, foi uma fatalidade. Ele me disse que, além do descontrole do volante, houve uma falha mecânica. Acorde e pare de culpar alguém que é tão vítima do comodismo como você.

Ela me olhava com os olhos chispando fogo. Tinha certeza de que queria dizer mais alguma coisa, mas não lhe dei chance. Dei uma última olhada na senhora que nos

observava com cautela, mas claramente emocionada. Eu me virei e a deixei sozinha com seus pensamentos. Não precisava dizer mais nada porque não adiantaria. Quem tinha que dar um basta naquela perseguição era ele, apenas disse o que todos deveriam ter dito anos atrás.

Agora eu precisava pensar em mim e ver como faria para superar a decepção de cometer o mesmo erro.

O problema dessa vez era que o amor que sentia era verdadeiro, não uma ilusão que me deixei envolver. Ter seu amor ignorado era como sufocar sozinho no escuro. Tinha que encontrar o caminho para fora de novo. E não tinha ninguém para me guiar.

Capítulo 26

“Abandone seus medos e busque sua felicidade. Tenha o ímpeto de se arriscar e viver sua vida como só você pode fazer.”

(Vanuza Machado Queiroz)

Heitor

Tenho certeza de que todo mundo já se sentiu culpado de alguma coisa. Muitas vezes de algo pequeno e sem tanta importância, outras vezes... Bem, essas outras têm o poder de nos deixar literalmente de joelhos.

A culpa é capaz de nos envenenar a cada dia, deixando apenas a casca vazia no lugar de onde tudo prosperava. Torna tudo frio e não conseguimos nos desligar daquilo que nos atormenta.

Depois de tantos anos apenas ouvindo a voz dela, as poucas vezes que atendi suas ligações, me dizer que as coisas estavam daquele jeito por responsabilidade minha, ver

realmente como eu a deixei me trouxe lembranças que não era capaz de suportar. O momento crucial em que tudo que amava se perdeu. Pensava na dor que ele deve ter sentido, no desespero que o meu menino sentiu ao estar sozinho naquele momento. O que passou pela sua cabecinha no último minuto?

Nunca deveria ter voltado para a casa, estava bem em sentir pena de mim mesmo sem ter que ver o que minha irresponsabilidade causou.

Olhei para a garrafa de tequila que estava pela metade e percebi que nada anestesiaría minha dor. Eu era um cara amaldiçoado que só levava desgraça as pessoas que amava, não faria isso com Liz. Eu gostava demais dela para deixasse que tivesse o mesmo fim que Nina.

Por que o álcool não estava funcionando? Naquela altura já deveria ter desmaiado.

— Nunca vi cena mais patética! — Uma voz conhecida soou perto demais, porém nem me virei para ver se realmente tinha alguém ali, ou se tudo não passava de fruto da metade da garrafa de tequila que havia tomado.

Só que as vozes se multiplicaram e achei que estava finalmente sendo assombrado.

— Isso é porque não o encontrou descordado quase se afogando no próprio vômito. — Aquela voz eu realmente conhecia, só Bruno me viu numa situação tão ruim e somente ele falaria daquela forma comigo ou de mim.

— Seu irmão ficou expert em se envolver em situações constrangedoras e de dar pena. — Nossa, será que minha mente tinha convocado a trupe toda? Aquele parecia Alberto. — Depois do acidente os miolos dele se esmigalharam. Acho que Liz se enganou quando disse não ter deixado nenhuma sequela.

Liz... Por mais que eu tenha pensado nela, usado a desculpa de protegê-la para justificar minha covardia, ouvir seu nome fazia com que meu coração quase parasse. O que eu havia feito? Tinha prometido não ser como o cara que a magoou e acabei fazendo pior.

Ele, pelo menos, não havia lhe feito nenhuma promessa.

Me virei meio desajeitado e acabei caindo de costas no chão olhando para o teto sem conseguir ver nada realmente, meus olhos estavam embaçados e pisquei algumas vezes tentando focar minha visão. Então seis rostos conhecidos entraram à minha frente me rodeando.

— De onde vocês saíram?

Diego sorriu e balançou a cabeça.

— Estamos aqui há algum tempo, vimos você chorar e rir feito um louco. Presenciamos suas lamentações e desculpas esfarrapadas para ferir as pessoas e, acima de tudo, vimos como você está se afundando na merda sem ter por onde sair.

Como ele podia ser tão insensível? Tentei me levantar para dizer isso cara a cara para o meu irmão mais velho, mas não consegui levantar um centímetro do chão.

— Eu tô sofrendo! — Minha voz saiu mais alta do que pretendia e fiz uma careta quando minha cabeça latejou.

Diego se agachou e olhou em meus olhos com pena.

— Eu sinto muito por sua perda, mas não pode mais fazer isso. Nós vamos cuidar de você, deixá-lo sóbrio e, então, conversaremos. Tem algumas coisas que você precisa se lembrar.

Eu não lembro bem o que fizeram, na verdade não me recordava de ter pilotado a moto até o *Beer* e nem como me levaram para o meu apartamento. Via apenas flashes de um banho gelado e um café horrível que só o Bruno sabia fazer focavam em minha cabeça. Quando acordei ouvi vozes altas na sala e parecia um *déjà vu*. Levantei-me meio cambaleante e apoiando pelas paredes consegui sair do quarto, percebi que ainda era noite, provavelmente de madrugada.

Quando cheguei à sala encontrei os seis homens sentados nos sofá e tapete jogando videogame. Sério que precisavam gritar tanto?

— Vocês não têm respeito pela casa dos outros, não? — Minha voz estava horrível, parecia que tinha engolido arame farpado, se minhas lembranças fossem reais, isso era culpa do café horrível do Bruno.

— Olha, a bela adormecida até que não dormiu tanto — Toni disse quando se virou para me olhar. — Estávamos te esperando, irmão.

Tinha seis pares de olhos me observando. Se eles não fossem tão diferentes fisicamente acharia que eram irmãos. Porra, bando de chatos!

— O que estão fazendo aqui? Não quero ouvir sermão. — Olhei meus irmãos e amigos e por mais que estivesse grato por eles estarem ali e terem me levado para casa queria ficar sozinho.

Minha garganta coçava, meu sangue pedia pelo entorpecente, minha mente gritava por ele.

Diego sorriu amargamente e se levantou, pegou um pacote que estava em cima da estante, dele tirou um CD e o colocou para rodar no videogame mesmo.

— O que é isso, Diego?

Ele pegou o controle e antes de dar o ok que pedia na tela se virou para mim com os olhos brilhantes de lágrimas não derramadas.

— Você se enfiou tanto na dor e culpa que esqueceu como foi feliz ao lado do seu filho, como ele te fazia sorrir e como aquele menino era doce e encantava a todos sem nem mesmo mover um dedo. Tá na hora de lembrar, irmão.

— Não faz isso... — implorei num fio de voz. Não sabia o que ele tinha colocado para rodar, mas provavelmente doeria como o inferno.

Meu irmão mais velho sorriu tristemente e sacudiu a cabeça como se não pudesse se impedir de me causar mais dor.

— Como disse Chico Xavier: “Lembranças boas de quem já partiu é como acender uma luz em seus caminhos”. Você precisa ser a luz do seu filho. Chega de dor...

Ele apertou o botão que rodava o CD e meu coração parecia que saltaria pela boca a qualquer momento. Sentia como se agulhas afiadas fincassem em meus pés e quando a risada dele ficou alta na televisão, eu simplesmente não sustentei mais as minhas pernas.

Caí sentado no chão, o rosto sorridente do meu filho apareceu na tela plana da minha sala e eu não ouvia ou via mais nada ao redor. Apenas ele estava à minha frente. Um menino lindo, que deu sentido à minha vida. De repente, as lembranças vieram como um trem sem freio, sem que eu pudesse controlar elas invadiam minha mente deixando-me fraco e sem reação.

Aquele dia foi muito especial. Caio tinha acabado de completar cinco anos e Nina precisava resolver algumas coisas com a mãe, então fomos passear no zoológico, só nós dois. Levei a câmera que sempre carregava e quando vi que ele estava muito animado resolvi gravar ao invés de tirar fotos. Ele passava de animal para animal apontando e gritando, muito feliz. Subitamente ele parou na frente da jaula do leão e ficou olhando para ele, que estava deitado, cheio de preguiça e dormindo. Só que Caio parecia triste ao invés de curioso,

Me aproximei com a câmera ligada e o abracei pela cintura como sempre fazia quando queria conversar e dar algum conforto.

— O que foi, filho? — Nossa, como minha voz era diferente naquela época. Era alegre, não cheia de dor.

— Isso tá errado, papai. — Olhou para mim como se procurasse respostas.

— O que está errado, Caio?

Ele levantou o bracinho direito e apontou para o leão e, então, para as grades.

— Ele não devia estar preso, os leões são os reis da selva, não podem ficar presos e dormindo assim.

Fiquei tão surpreso com o que ele disse que não sabia o que falar para animá-lo. Meu filho era muito sensível e esperto.

— Mas o leão está com soninho, você também dorme quando tá cansado. — Tentei argumentar com ele, não gostava de vê-lo desanimado.

Caio sacudiu a cabeça e voltou a olhar para mim. Seus olhos castanho-escuros eram tão doces que muitas vezes sentia um nó na garganta de emoção ao ver a pureza que tinha dentro dele.

— Não é certo! Ninguém deve ficar preso a nada, papai. A gente tem que ser livre para ser feliz. — Meu filho sorriu e colocou a mão em meu rosto transmitindo a paz que irradiava dele.

Naquele momento a filmagem terminou, me lembro do que aconteceu depois. Caio me abraçou e não quis mais ver os animais. Disse que os preferia soltos e livres do que presos em grades. Eu o peguei no colo e fomos embora, paramos no shopping e consegui distraí-lo com sorvete.

— Foi um dia perfeito!

— Os dias ao lado dessa criança abençoada sempre eram. — Samuel sorriu ao olhar para a televisão.

Nem percebi que havia falado em voz alta, olhei para os caras que olhavam a tela que estava em modo *stand by* e para mim que, sentado no chão, me lembrava com carinho do meu menino.

Bruno e Alberto estavam emocionados e vi que enxugavam as lágrimas. Maurício

tinha dificuldade de olhar pra qualquer um, de cabeça baixa ele apenas balançava a cabeça, emocionado. Meus irmãos não tinham esse problema, choravam sem esconder.

— Eu nunca conheci um ser humano mais puro que o Caio, irmão. Ele trouxe luz para nossas vidas e quando partiu levou uma parte de cada um de nós. Quando você também se foi, nós usamos as boas lembranças e pequenos ensinamentos dele, que sem perceber nos dava, para superar a sua falta. Agora só fica a saudade de um garoto que não teve a oportunidade de crescer, ele virou um anjo, tenho certeza. — Samuel praticamente soluçava olhando para mim.

Abaixei a cabeça e a sacudi. Eles não sabiam o que era sentir o que eu sentia. Não diminuía suas dores e a falta que sentiam do meu filho, mas era diferente para mim.

Mas de uma coisa eles tinham razão: eu esqueci como fui feliz com aquela criança, mesmo tendo sido permitido tão pouco tempo.

— Não me permiti lembrar momentos assim por tanto tempo que ficou apenas as dores. Mas a culpa de meu filho não estar aqui agora é minha. Se tivesse prestado mais atenção...

Levantei a cabeça para tentar explicar a eles o motivo de sofrer tanto, eles não pareciam entender. Diego se levantou e agachou à minha frente.

— Você não vê? Era o que estava fazendo quando tudo aconteceu. Você estava prestando atenção nele, estava preocupado com ele. O carro deu problema... O que veio depois foi uma fatalidade. Não temos controle sobre tudo, Heitor. Tudo tem sua hora, não há como saber de nada nessa vida. — Ele colocou a mão em meu ombro e apertou. — Você tem que se perdoar para poder viver.

— Eu não quero viver... — sussurrei. — Se pudesse trocar de lugar com ele, o faria num piscar de olhos. Como tenho o direito de ser feliz quando não posso mais ouvir aquela risada?

Então todos estavam ao meu redor, cada um com uma mão em mim, nas costas nos braços, na cabeça. Parecia uma roda de apoio e fé.

Bruno me encarou e sorriu em meio às lágrimas.

— Eu não conheci seu filho, tatuado. Mas o que vi nesse vídeo me fez entender uma coisa. Essa criança sabia muito mais do que imagina, olha o que ele disse: *Ninguém deve ficar preso a nada. A gente tem que ser livre pra ser feliz.* — Engoliu em seco. — Infelizmente ele se foi, mas deixou um recado para você sem nem mesmo saber que estava dando. Ouça as palavras de seu filho. Ele te amava como você a ele. Se as situações fossem inversas, gostaria que ele vivesse da forma que você está fazendo?

Neguei com a cabeça, nunca iria querer que meu filho se sentisse culpado de nada.

Meus amigos estavam ali me apoiando, mesmo sabendo sobre tudo que cercava meu passado de uma forma complicada. Sabia que ainda tinha que me desculpar por esconder deles coisas importantes da minha vida. Contudo, eles estavam ali.

— Você precisa se livrar de toda essa culpa e se lembrar de como foi feliz sendo pai de uma criança com tanta luz — Diego disse com a voz embargada.

Deixar a culpa ir seria algo gradativo e demorado, claro que sentiria minhas dores muitas vezes e choraria por ter perdido meu menino tão lindo. Porém, eu não queria me lembrar de momentos ruins, precisava recordar do sorriso banguela dele, de suas mãozinhas macias e carinhosas. Do abraço apertado que me dava cada vez que chegava da escolinha. Das palavras de carinho, de como era maravilhoso ouvi-lo dizer o tantão que me amava.

Aquelas eram as lembranças que precisava carregar no peito. Não queria me esquecer de como meu filho foi feliz em sua curta vida e como fui honrado de participar de cada dia dele.

Deixei que a emoção me tomasse e meu corpo todo se sacudiu com o choro doloroso

que saiu de dentro de mim. Soluçava feito uma criança e chorei como não havia feito desde o momento em que me disseram que ele não sobreviveu aos ferimentos do acidente.

A saudade que tinha do meu filho nunca cessaria, mas eu tentaria viver e deixar que ele ficasse em paz.

Fui rodeado de abraços e me acompanharam no choro, deram apoio e palavras de conforto. Dizem que quem tem amigos tem tudo e naquele momento eu provei essa teoria muito mais do que quando sofri o acidente.

A dor da alma é mais intensa do que a da carne.

Precisava curar minha alma e sabia que contaria com eles em cada instante da minha recuperação. Meus irmãos, meus amigos...

Capítulo 27

“A insinuação do seu desejo deixa o meu corpo em êxtase.”

(Daiane Quinelato)

Liz

Passaram-se dez dias desde que tudo aconteceu e Heitor simplesmente sumiu, nenhuma mensagem, nem recados através de Júlia, nada... Era como se nem mesmo tivesse passado por minha vida.

Minha amiga havia me evitado por algum tempo, parecia envergonhada. Fiquei ainda mais chateada por isso, mas então, dois dias depois, voltou ao normal e nunca tocou no nome dele ou de qualquer coisa que aconteceu. Achei que não queria se intrometer ou apenas não tinha notícias dele. Apesar de estar tão magoada, queria saber como ele estava, se o tinham encontrado naquele dia. Porém, consegui me conter e me fiz de desentendida.

No dia seguinte do ocorrido eu fui visitar Sabrina no hospital, ela havia ficado

internada onde eu trabalhava e foi fácil conseguir vê-la fora do horário de visitas. Ela parecia alheia a tudo e, claro, estava encantada com seus meninos que realmente nasceram bem, não tinham trinta e seis semanas, então já não eram considerados prematuros, eles eram gordinhos e saudáveis. Sabrina se mostrou uma mãe dedicada e apaixonada. Teve alta logo e fazia questão de mandar notícia dos gêmeos por mensagens de texto.

Depois de um dia cansativo no hospital eu não quis saber de mais nada a não ser minha casa e minha cama. Cheguei em casa e me senti tão sozinha como sempre seria. Consequia ajudar tantas pessoas e a mim não sobrava muito.

Já estava há horas deitada na cama olhando para o teto pensando em minha vida. Percebi que havia me dedicado demais ao bem-estar dos outros e no meu não tinha dado tanta importância.

Levantei-me e parei de frente ao enorme espelho que havia de frente para minha cama. Ele ocupava metade da parede e fiquei observando meu reflexo. Eu era uma mulher bonita, jovem e com uma carreira de sucesso. Minha família, que se resumia aos meus pais, tinha orgulho da pessoa que eu havia me tornado, mas que mulher era essa?

Ainda vestia a roupa branca do trabalho e estava com os cabelos presos no rabo de cavalo que gostava de usar. Tinha uma estatura mediana, não era nem muito baixa nem alta. Meus olhos violetas que sempre chamavam atenção estavam com um brilho fraco, sem muita vida. Refletiam exatamente meu humor. Perguntei-me em toda minha vida o porquê de ter aquela cor tão rara. Mamãe me dizia que ele era o espelho da minha alma. Que tudo que eu sentia transpassava em meus olhos. Era fácil identificar como me sentia. Olhando naquele espelho dei razão a ela.

Me sentia tão vazia que mal me reconhecia.

Por que eu tinha tanto a dar e nunca recebia nada em troca? Será que eu precisava me doar menos para me preservar mais?

Estava cansada e não sabia o que fazer para melhorar as coisas. Porém, entregando as pontas eu não conseguiria me reerguer. Com um suspiro soltei meus cabelos e eles caíram por meus ombros como uma manta sedosa. Sempre tive orgulho deles, eram macios e nem me davam trabalho, já que não tinha tempo de cuidar como precisava. Levei minhas mãos à barra da minha camiseta e a tirei pela cabeça jogando no canto do quarto. Fiz o mesmo com a calça comprida, fiquei apenas de calcinha e sutiã. Minha silhueta curvilínea enchia minha visão. E aparentemente eu tinha tudo para ser muito feliz.

Só que não era bem assim. Naquele momento eu percebi o porquê. Depositava minha alegria nos outros, esperava demais os atos e sentimentos que não eram certo de sentirem. E isso era totalmente incorreto de minha parte, pois a felicidade não pode depender de ninguém a não ser de nós mesmos.

Aquela reflexão levou meus pensamentos ao Heitor. Ao que vivemos aqueles poucos dias e como me deixei levar por um sentimento tão imaturo. Sempre soube que não deveria e mesmo assim depusitei minhas fichas, sabia que ainda não havia acabado, que poderíamos ter algo legal. Não foi ilusão todos os beijos e toques. Contudo, tanto eu quanto ele precisávamos de tempo para nos curar.

Heitor tinha que aprender a viver com a dor e deixar que restasse apenas a saudade, precisava aceitar que não tinha culpa e conviver com a perda.

Eu... Bem, precisava encontrar um caminho para ser feliz sem depender de outra pessoa.

Apenas assim teríamos uma chance.

Se eu estava sendo boba em acreditar em nós depois de tudo que aconteceu? De forma alguma, apenas sabia que todas as pessoas têm suas batalhas para ganhar ou perder.

Dois meses depois...

— Tem certeza de que eu preciso ir, Layla?

— Se não tivesse não estaria te ligando. Esqueceu o que te disse semana passada quando estivemos aí?

Sorri ao me lembrar do dia que ela estava falando. Depois que Sabrina saiu do resguardo tive uma bela surpresa num domingo. Acordei com o interfone tocando incansavelmente e o porteiro apenas pediu que eu descesse, estranhei, mas o fiz. Quando cheguei no térreo do prédio fiquei sem fala com a quantidade de mulher que estava ali, sorrindo para mim.

Layla, Ana, Sabrina, Júlia, Larissa, Helena, até a dona Marisa e dona Ester, estavam ali para passar o dia comigo. Ah, sem contar nos bebês que acompanharam suas mães. Ângela já estava com três meses e meio e os gêmeos com dois meses. Nunca vi crianças mais lindas na vida, tão espertos e carinhosos. Eram tão calmos que nem percebia que tinha bebê na casa.

Elas levaram pizza, bolo, sorvete, alguns folhados que dona Marisa fez e muita bala e chocolate. Disseram que era um dia das mulheres e que iríamos fazer isso regularmente. As irmãs de Heitor tinham se dado muito bem com as meninas, achei aquilo maravilhoso e elas estavam me incluindo sem que eu pedisse. Fiquei encantada, minha casa nunca esteve tão cheia de amor e carinho.

Passamos o dia conversando amenidades e falando mal dos homens. Layla e Sabrina contaram coisas hilariantes de como Bruno e Lucas estavam lidando com a paternidade. Comemos muito, vimos filmes e seriados. Fizemos unha uma da outra e quando todas foram embora Layla ficou para trás para trocar a fralda da Ângela. Esperei por ela na sala e

quando ela veio sorrindo sabia que não era bem o que tinha acontecido. Ela queria ficar comigo a sós. Não deu outra, ela se despediu e disse no meu ouvido:

— A gente não se afasta das pessoas que nos amam. Estaremos sempre aqui pra você.

Dei um beijo no seu pequeno anjo e a vi partindo para encontrar sua família que a esperava. Foi um dia tão gostoso que fiquei sorrindo por horas enquanto arrumava a bagunça que tínhamos feito.

— Eu sei, estarei aqui para vocês sempre também.

— Então, você não pode deixar de vir, Liz. Sabrina tem um treco se você não estiver presente. Sabia que os meninos estão trocando o dia pela noite? Ela tá sem dormir direito há dois dias, não mexe com mulher sem dormir.

— Nossa, mas o Lucas não ajuda?

— Ajuda, mas quem disse que a teimosa vai descansar e o deixa sozinho com os dois? Fica acordada igual um zumbi.

Respirei fundo e ajeitei o celular entre a orelha e o ombro. Estava preparando um jantar quando o telefone tocou e vi que era a Layla.

— Droga, Layla. Eu já disse que, às vezes, tenho vontade de fingir que não conheço vocês?

Ela riu do outro lado da linha e pude ouvir alguém falando pra ela rir baixo. Provavelmente a bebê estava dormindo.

— Mentira isso, dona Liz. Sabe que não sabe mais viver sem essa família maluca que se meteu. Mas é sério, você vem, né? — falou em tom mais baixo, mas ainda ria.

Suspirei pesadamente e desliguei o fogo do macarrão.

— Vou, mas fala pra dona Marisa levar dois folhados para mim?

— Pode deixar, vai ter uma tonelada lá.

— Espero pelo esforço que vou fazer. — Minha voz saiu mais dramática que queria e ouvi Layla bufando do outro lado.

— Obrigada, Liz. Não poderíamos fazer isso sem você. Sabe que faz parte da gente.

Fiquei emocionada com o que ela disse. Tinham provado isso esses meses em que ficamos afastadas, sempre trocando mensagens. Até mesmo criaram um grupo para que pudéssemos conversar todas juntas, claro que era uma bagunça, mas funcionava. E depois que me visitaram e passaram o dia comigo pude ver que o carinho era de todos os lados.

— Eu sei... Até amanhã então.

— Até! — Eu já ia desligar quando a ouvi me chamando, coloquei o celular no ouvido de novo. — Não se preocupe, vai ficar tudo bem.

Achei que ela se referia ao meu receio em encontrar o Heitor que, com certeza, estaria lá. Todo esse tempo eu não tive nenhuma notícia dele, as meninas evitavam tocar em seu nome e ele nem havia me procurado como achei que faria. Acabei acreditando que a chance que pensei que teríamos era mais um fruto da minha imaginação. Porém, estava muito preocupada e queria saber como ele estava.

Mas nem precisei perguntar, no dia das meninas dona Ester me disse que ele estava bem e que, aos poucos, voltava pra casa.

Não disse mais nada e nem eu perguntei. É claro que estava nervosa com a possibilidade de vê-lo nesse encontro que Sabrina marcou para falarmos sobre o seu casamento.

Com os meses que se passaram acabei descobrindo o que me fazia feliz e estava conseguindo. Parei de só pensar no trabalho, quando saía do hospital deixava tudo ali,

preocupações e problemas não me acompanhavam até em casa. Mudei minha rotina e passei a sair todo final de semana, sozinha mesmo. Ia ao cinema, sentava na sorveteria e passava o tempo vendo como as pessoas andavam pra lá e pra cá sem se darem conta do tempo que perdiam. Visitei asilos e orfanatos. Conversei com pessoas estranhas e percebi que aquela coisa que eu tinha de me doar não era ruim. Mas muito boa se usada da forma correta.

Eu não precisava esperar nada em troca pelo bem que fazia, era só fazer e ponto. Isso me deixou tão feliz que acabei encontrando meu caminho. Não era presunção da minha parte reconhecer que tinha alguma coisa que fazia bem nas pessoas, alguns diziam que tinha uma aura de paz e desde o que aconteceu com Marcelo me incomodava com isso. Contudo, percebi que as pessoas só podem dar o que podem, ele não podia e por isso se afastou. Se eu podia doar um pouco de conforto as pessoas, amor e paz, fazia isso.

Todos têm um destino para estar vivos e quando encontramos o sentido de tudo é quando encontramos a nós mesmos.

Encontrar com Heitor no dia seguinte serviria para fechar um ciclo em minha vida. Eu o ajudei a voltar à vida e só ele poderia escolher viver. Ver com meus próprios olhos qual escolha que ele havia feito seria como deixar as coisas onde deveriam estar. Se bom ou mal, a escolha não era mais minha.

Terminei meu jantar e fiquei acordada até tarde atualizando minhas séries. Estava com uma boa folga por causa dos plantões que fiz e ficar sem fazer nada era a melhor coisa do mundo. Acabei dormindo no sofá com a televisão ligada. De manhã estava com o corpo todo dolorido.

O encontro na casa da Layla era no final da tarde e tinha o dia todo para fazer nada, mas acabei arrumando a casa e colocando meu guarda-roupa em ordem.

Liguei para os meus pais, eles estavam passando aquele ano fora do país. Algo que sempre desejaram e planejaram a vida toda. Morar um ano na Itália. Eu ainda faria isso

também, algum dia... Conversamos por algum tempo e, então, desliguei para voltar a minha faxina não programada, mas que tinha começado e precisava terminar.

Coloquei meu *pen drive* no som e acionei a *playlist* que queria. Gostava de tantos tipos de música que nem sabia qual tinha naquela. Mas percebi que eram agitadas, uma em questão me fez correr e trocar porque me traziam muitas lembranças. *Sex on fire*, do Kings of Leon.

— Droga!

Isso me fez lembrar de coisas que até então tinha conseguido deixar apenas para os sonhos. E também olhei para o relógio, até chegar na casa de Layla eu me atrasaria.

Tomei um banho rápido e deixei meus cabelos soltos, eles estavam com um corte novo e nem dava para prender direito. Havia repicado as pontas e ele tinha feito umas ondas que amei o efeito que deu. Coloquei um vestido tomara que caia lilás e sandálias de salto baixo.

Peguei meu carro e dirigi para a cidade vizinha. Assim que estacionei na rua da Layla e do Bruno vi que realmente estava atrasada. Estava lotado de carros do lado de fora, nem procurei pela moto do Heitor. E só de pensar nele meu coração disparou e senti borboletas fazendo festa em meu estômago.

Fechei o carro e acionei o alarme, atravessei a rua e apertei a campainha. Dei as costas para a porta quando demorou alguns segundos e fiquei admirando o lírio que tinha na varanda da minha amiga. Eu adorava flores.

Quando ouvi a porta se abrindo me virei e quase dei um passo para trás voltando para casa.

Heitor estava parado ali, sorrindo para mim de uma forma que nunca tinha visto. Ele estava mais forte, parecia que tinha engordado, seus olhos estavam mais claros e alegres. Todo seu semblante havia mudado e ele estava mais bonito do que me lembrava.

— Que bom que chegou, *baby girl*, estávamos te esperando.

Capítulo 28

“Use as tragédias do seu passado como degraus e sua principal inspiração para os sonhos que deseja hoje conquistar.”

(Josii Cristina)

Heitor

Dizem que o que não te mata te faz mais forte.

Eu refleti sobre isso por algum tempo e passei a acreditar piamente, porém tinha algumas controvérsias. Você só fica mais forte se quiser, se lutar suas batalhas com afinco, se decidir que não quer morrer. Aí sim fica mais forte com as adversidades da vida.

Depois do confronto com meus irmãos e amigos eu passei a ver tudo com outros olhos. Não saberia dizer se foi o apoio incondicional deles ou ver meu filho como ele realmente era e não como minha mente insistia em me mostrar. Claro que me lembrar dos bons momentos ao lado do meu filho me trouxe muito mais saudade do que achava que

sentia e isso me levou a querer voltar para o álcool. Percebi então que havia me tornado um alcoólatra e precisava de ajuda.

Por esse motivo decidi que era hora de tomar as rédeas da minha vida de volta, algo que não fazia há tantos anos, que não tinha noção por onde começar. Procurei a única pessoa que sabia exatamente o que eu estava passando.

Quando cheguei à sua casa, ele me esperava na varanda sentado numa cadeira de balanço com a garrafa térmica de café nas mãos. Olhou para mim com carinho e assentiu.

— Eu realmente torci para que esse dia chegasse, meu filho.

Olhei para os olhos do meu pai, eu parecia tanto com ele em tanta coisa que não sabia como nunca tinha notado. Estava emocionado e um nó havia se formado em minha garganta me impedindo de falar. Aproximei-me rapidamente e sentei no chão deitando a cabeça em seu colo.

Quando meu pai colocou a mão em minha cabeça deixei que as emoções tomassem conta do meu coração. Chorei nos braços dele como nunca havia feito, nem mesmo quando criança.

— Eu não tenho como saber a dor que sente por ter perdido seu filho, também sofro por não ter ele aqui conosco, mas não se compara a dor de um pai ter que enterrar seu filho. Não é algo natural, não é? — Assenti sem levantar a cabeça e meu pai continuou: — Sei que grande parte dessa dor nunca vai passar porque a saudade é uma das coisas que irá te acompanhar sempre, mas você precisa entender que tem a mim, sua mãe e seus irmãos para te apoiar, nós sentimos sua dor, meu filho.

Levantei minha cabeça de seu colo e o observei. Queria dizer tudo o que sentia, mas não consegui.

— Eu preciso de ajuda, pai.

Ele assentiu e envolveu minha cabeça em sua mão, aproximou-se e encostou a testa na minha.

— Eu vou te ajudar, Heitor. Sempre, meu filho, sempre!

Engoli em seco e me levantei esperando por ele. Sabia que era dia de encontro com seu grupo e minha mãe havia me contado de sua rotina, por isso fui ao seu encontro. Nós partimos para os alcoólicos anônimos e confesso que precisei me segurar para não ir embora. Assim que entramos, algumas pessoas olhavam para nós, mas logo voltavam às suas conversas.

Fiquei desconfortável no início, mas quando parei para observar vi que tinha pessoas com os mesmos problemas que eu, homens e mulheres de várias idades estavam ali para buscar apoio onde entendiam o que eles passavam.

Me sentei no fundo e papai foi para a frente, depois de algum tempo toda a falação cessou e alguém se posicionou à frente do grupo. Um homem de mais ou menos a minha idade.

— Boa noite, estamos aqui para mais uma reunião. Eu sou Cláudio e estou limpo do álcool há dez anos. Dou as boas-vindas aos que aqui presentes procuram uma forma de se livrar do que nos domina. Então um passo de cada vez, por mais um dia estou sem beber.

Então, num coro, eles começaram a citar os doze passos do alcoolismo e ouvir a voz do meu pai tão alta e forte no meio daquela gente me encheu de orgulho e admiração. Quando acabou, Cláudio voltou a falar mais uma vez e disse que um companheiro queria dar seu depoimento. Quando vi meu pai se levantando senti minha barriga gelar.

Ele cumprimentou a todos e agradeceu por estar mais um dia sóbrio.

— Eu não sei dizer quando foi que minha vida passou a ser controlada pelo álcool, mas sei exatamente o dia que decidi dar um basta em tudo. Como era normal depois de um dia frustrante de trabalho, eu parava no bar e tomava todas as doses que meu dinheiro

dava, até mesmo algumas a mais que os “amigos” pagavam, meu organismo já absorvia a bebida com mais facilidade e ficava embriagado rápido demais. Nesse dia em questão tive que ser arrastado para casa e, quando cheguei, minha amada Ester já estava me esperando na varanda, preocupada com minha demora. Lembro que ela chorou muito por me ver daquele jeito e, quando entramos em casa, meus filhos assistiam televisão na sala, todos sentadinhos comendo biscoito e tomando suco, crianças adoráveis que não nos dava trabalho algum. Quando me viam daquele jeito, eles nem se aproximavam, acredito que tinham medo, ou vergonha. Não sei dizer, mas naquele dia um deles se levantou do sofá e foi me ver no quarto, eu estava quase desmaiando, mas o vi chegando. Meu filho colocou a mão em meu rosto e disse: “Papai, eu quero te ver bem, amo você”. Olhar nos olhos do meu caçula me fez perceber o quanto estava machucando minha família e, mesmo entorpecido pelo álcool, no dia seguinte me lembrei do olhar no rosto dele. Não foi uma tarefa fácil, muitas vezes cedi à vontade de beber, mas no final eu consegui ser o pai que eles precisavam. Consegui que eles tivessem orgulho de me apresentar como pai deles. Consegui vê-los crescer e se tornarem homens e mulheres maravilhosos que me enchem de admiração a cada dia. — Olhou para mim e estava chorando, assim como eu. — Estou sóbrio por mais um dia.

Em meio a aplausos e cumprimentos emocionados, meu pai voltou a se sentar deixando aquela lembrança em meu coração. Toda a reunião se passou da mesma forma, as pessoas contavam dos problemas que haviam passado por causa daquela doença e davam apoio a todos que conseguiriam se livrar daquele carma que carregavam.

O lema dos Alcoólicos Anônimos é: *"Acima de tudo, faça-o um dia de cada vez"*^[2]. Não é que acham que vão ficar apenas um dia sem beber, mas sabem que nunca mais podem colocar uma gota de álcool na boca ou, então, sucumbirão mais uma vez.

Às vezes precisamos chegar ao fundo do poço para poder enxergar o que está errado em nossas vidas.

Eu comprovei isso em minha vida tantas vezes que não saberia enumerar, porém só agora consegui entender o que significava. Tudo que eu fazia refletia e respingava em todos que amava e principalmente estava me destruindo aos poucos. Se continuasse na vida que eu estava levando, no final não restaria nada.

Ali, no meio daquelas pessoas, me senti aceito e passei a frequentar regularmente com meu pai as reuniões. Não estava sendo fácil resistir, às vezes, a dor me pegava de surpresa e trabalhando num bar não ajudava, mas por toda minha família, por Caio, por mim e... por ela eu consegui!

Não procurei por Liz por mais de dois meses, não podia entrar na vida dele de novo sendo apenas pedaços, tinha que estar inteiro para que tentasse uma chance de estar com ela. Pedi a minha família e amigos para não tocarem em meu nome quando estivesse por perto, eu precisava dar a ela o direito de esquecer, se fosse o caso.

Eles não concordaram muito, mas respeitaram minha vontade.

Senti falta dela todos os dias e eles pareciam tão longos que pensei que não acabariam. Confesso que no início me apaixonei pelo que ela representava, meu subconsciente se lembrava de seu toque e sua voz, meu corpo pedia pelo conforto e libertação de tudo que eu impunha a ele. E nela eu encontrava certa paz e liberdade. Era como estar caminhando no deserto por anos e alguém te oferece um gole de água fresca, simplesmente não resisti e muito menos levei em consideração os sentimentos dela.

Não me orgulho disso e me envergonhava de ter feito exatamente o que ela tinha medo que fizesse.

O tempo que ficamos afastados foi bom porque pude pensar com clareza e percebi que gostava dela muito mais do que imaginava. E não era pelo que ela representava, mas pela mulher maravilhosa que era.

Algumas vezes eu a via de longe. Decidia e dirigia até sua casa para observá-la.

Notei que ela estava vivendo a vida e estava mais feliz, me perguntei se era sensato voltar a aparecer, se não a machucaria mais. Devia ser mais fácil me afastar e deixá-la viver em paz, porém, cada vez que a via fazendo algo bom para alguém que nem mesmo conhecia e sorria com aqueles olhos violetas tão lindos, eu simplesmente não conseguia.

Numa de suas idas a um orfanato, eu tracei o meu plano de conquistá-la de volta. Ou, pelo menos, tentar me redimir. Sabia que ela não era uma mulher que gostava de exposição nem de grandes feitos, então tinha que encontrar uma forma de dizer tudo que sentia a ela.

Contei com a ajuda da minha família inteira, que incluía meus amigos. Na verdade, eles também eram minha família. Layla disse que me ajudaria em uma coisa e Lucas se prontificou em outra. No final, tínhamos um plano que se colocou em prática uma semana antes. Mas eu tinha mais uma coisa a fazer antes disso, precisava confrontar Nina.

Alguns dias do combinado para que encontrasse com Liz eu dirigi até a minha antiga cidade e parei em frente à casa nova dela. Era um lugar bonito e todo equipado para que facilitasse sua locomoção com a cadeira.

Quando apertei a campainha senti meu corpo todo tensionando de antecipação e medo. Eloísa, a mãe de Nina, que abriu a porta, ficou sem saber o que dizer ao me ver parado ali.

— Bom dia, dona Eloísa. Eu vim conversar com a Nina. Posso entrar?

Ela ficou em dúvida se permitia minha entrada, mas acabou consentindo e me deu passagem.

— Ela está no quarto, vou chamá-la.

— Se a senhora não se importa prefiro ir ao encontro dela.

Dona Eloísa sempre gostou muito de mim e quando perdemos Caio ela tentou me ajudar, sem sucesso.

— Tem certeza, Heitor?

Eu sorri e assenti, então ela me levou até a porta do quarto e saiu sem dizer nada. Eu bati e abri a porta, quando entrei a vi sentada de frente a uma mesa navegando pela internet. Nina levantou a cabeça e ficou momentaneamente surpresa ao me ver ali. Logo passou e seus olhos adquiriram o mesmo vazio de sempre.

— O que está fazendo aqui? Quem te deixou entrar?

Sua voz acusatória não me atingiu como fazia. Eu respirei fundo e levantei as mãos na frente do corpo.

— Eu não vim brigar, só precisava te ver uma última vez.

Ela franziu a testa e virou a cadeira de rodas para me encarar de frente.

— Como assim, Heitor? O que está pensando em fazer?

— Nada de mais, só que, a partir de hoje, eu não vou mais me sentir culpado pelo que aconteceu, foi tudo uma fatalidade e sinto muito que tenha sido atingida fisicamente por isso, mas não destruirei minha vida por você mais. Então, quando eu a vir pela rua, apenas a cumprimentarei como uma velha amiga, não vou deixar mais que me atinja.

Ela ficou sem fala por um minuto e, então, começou a gritar:

— O que você pensa que está fazendo? Como não tem culpa, se é o único inteiro? Olha o que fez comigo e com meu filho?

As palavras dela ainda doíam, mas eu não deixaria que me dominassem.

— Eu já aceitei que foi uma tragédia, Nina. E se engana em achar que estou inteiro, Caio levou metade de mim quando morreu, apenas quero viver o que me resta de vida para que no final eu possa encontrá-lo e contar ao meu filho que consegui seguir em frente mesmo morrendo de saudade. E sugiro que faça o mesmo, você não está incapacitada, é

uma mulher bonita e jovem. Ainda pode encontrar alguém que a faça feliz. — Ela ia abrir a boca para falar e a interrompi. — Eu só precisava te ver e dizer isso. Ah, já troquei meu telefone, então não tente me ligar. Nós não temos mais nada que falar.

Não precisava dizer mais nada e simplesmente saí do quarto a deixando sem reação. Não teve gritos nem acusações. Encontrei a mãe dela no corredor e me despedi com um beijo no rosto, ela me abraçou e deixou ir.

Não saberia dizer se Nina seguiu meus conselhos porque nunca mais quis saber de sua vida, mas eu esperava que sim. Nós nos deixamos levar por tudo de ruim e não fizemos nada pra mudar isso. Ela também merecia a redenção, pois a confinção que a prendia não era a falta de mobilidade das pernas, mas sim a alma que estava travada pelo rancor. Nina merecia ser feliz como qualquer outra pessoa e esperava que fosse, de verdade.

Eu saí de lá e parei em outro lugar que precisava ir, o lugar que havia visitado apenas uma vez em seis anos. Enterrar meu filho foi a coisa mais dolorosa que fiz na vida. Ver aquele menino sorridente sem vida me matou por dentro. Vivi como um zumbi, apenas fazendo o que era esperado de mim. E agora, em frente à sua lápide que dizia: “O menino dos olhos do meu pai. Saudades eternas”, eu conseguia me lembrar de como ele foi em vida. Não tinha a dor que fora minha companheira constante, apenas a saudade havia ficado realmente.

Mas de alguma forma eu não sentia meu filho ali como tinha receio que acontecesse, acho que não suportaria imaginar que ele estava debaixo daquela terra. Estavam apenas os restos mortais do meu menino, sua alma e alegria me acompanhava todos os dias e eu nem tinha notado.

Caio se tornou meu anjo da guarda, que me protegia sem eu perceber. Por isso, eu apenas sorri e me abaixei fazendo uma oração em silêncio, agradecendo a Deus por ter me dado a honra de ter sido pai de uma alma tão pura que passou rapidamente por minha vida, mas que me ensinou tanto.

Com o coração em paz eu olhei para o céu e sorri deixando que as lágrimas molhassem meu rosto. E, mais uma vez, ouvi a risada do meu companheiro e melhor amigo.

Ainda iríamos nos encontrar, um dia.

O dia havia chegado e eu estava nervoso, Layla tentou me acalmar dizendo que tudo daria certo e que Liz estava diferente agora. Ninguém sabia que eu a tinha visto nos últimos meses, mas eu sabia que não teria a mesma mulher na minha frente.

Por isso, quando a campainha da casa de Layla tocou e eu a abri, quase não consegui cumprimentá-la de tão encantado que fiquei. Observá-la de longe era uma coisa, tê-la na minha frente era outra completamente diferente. Mas, por fim, engoli a minha angústia e a cumprimentei:

— Que bom que chegou, *baby girl*, estávamos te esperando. — Ela me encarou com surpresa e também vi muita saudade.

Aqueles olhos violetas ainda roubariam a minha alma. Ou melhor, já haviam roubado.

Capítulo 29

“O impulso de se jogar numa história apaixonante só tem um porém: torna seu coração cativo.”

(Andréa Titericz)

Liz

Acho que perdi a língua em algum lugar no caminho até a casa da Layla.

Estava parada olhando para Heitor que sorria como se estivéssemos nos vendo todo esse tempo e nada de mais aconteceu, seus olhos agora num tom mais claro demonstravam claramente a mudança que eu via.

Precisava dizer alguma coisa, mas o quê? *Oi, Heitor! Nossa, como você está bonito. Então, conseguiu resolver sua vida?* Sempre tive resposta para tudo, agora minha língua estava presa no céu da boca.

Pisquei duas vezes e sacudi a cabeça tentando voltar à realidade.

— Estava me esperando? — Ele arqueou uma sobrancelha como se a resposta fosse óbvia e na verdade era mesmo, fui a última a chegar pelo visto. Sorri sem graça e abaixei a cabeça. — Ah sim, claro, estou atrasada e todos já devem ter chegado.

— Sim, só faltava você para ficar perfeito. — Aquele sorriso enorme deveria ser proibido pela quantidade de coisas que insinuava.

— Não sei se deveria ficar... — Engoli o nó que havia se formado em minha garganta. Não tinha ideia de que ter ele na minha frente incomodaria tanto.

— Sem você não tem graça, Liz. Fica, por favor?

Assenti e engoli em seco. Qual era a dele? Por que agia comigo exatamente da forma que fez quando nos conhecemos? Não nego que fiquei magoada. Quase me derrubou perceber que, mais uma vez, tinha me enganado e entregado meus sentimentos tão facilmente. Porém, se havia algo que aprendi nesses últimos meses é que eu sou responsável pelas minhas escolhas.

— Então vamos logo.

Ele se afastou e me deu passagem, mas ficou ainda parado na porta, olhando pra mim. Respirei fundo e passei por ele para entrar na casa, quando aproximei meu corpo ao dele senti o calor emanando de seu peito e foi como nos filmes. Em câmera lenta levantei meus olhos e o observei bem de perto. Heitor não sorria mais e, muito sério, ele me encarava intensamente.

Num passe de magia tudo se desfez, ele deu um passo para o lado e fechou a porta caminhando devagar para dentro da casa. Não vou negar que me decepcionei, pois, como nos filmes, esperava por um ato heroico que desculparia todas suas falhas. Mas a vida real não funcionava dessa forma.

Engoli minha decepção e fui andando pelo caminho que ele havia sumido. Assim que pisei na porta da sala de Layla notei que alguma coisa não estava certa, quer dizer tinha

muita coisa estranha ali.

Todos olhavam para mim e estavam sentados em roda em volta do tapete com uma folha de caderno virada pra eles, meus amigos sorriam e no centro de tudo Heitor estava de pé ladeado por Layla e Lucas.

— Antes de qualquer coisa, preciso que você prometa que não vai correr. — Heitor sorriu e piscou um olho.

Eu estava tentada a fazer isso agora que ele mencionou.

— O que está acontecendo aqui? Por que estão sentados igual criança de escola?

Todos riram e eu ainda não entendi nada.

— É que o tatuado tem umas coisas para te dizer Liz Bella, então nos convocou para que tenha certeza de que você vai escutar. Sabe como é, algumas mãozinhas de ajuda. — Alberto disse sorrindo e olhei para Heitor novamente.

Ele parecia ansioso, na verdade todos pareciam. Apesar de não ter certeza se eu queria uma plateia, assenti concordando. Pareceu que todos ficaram aliviados. Ele suspirou e deu um passo à frente.

— Eu não sei cantar muito bem, na verdade se eu abrir a boca, aí sim você vai correr para longe. Então pedi para que Layla e Lucas fizessem isso pra mim. Escuta essa música com atenção porque cada palavra é para você, Liz.

Layla sorriu e pegou o violão que estava ao seu lado e de olhos fechados tocou os primeiros acordes musicais que compunham uma música linda que tenho certeza acompanhou os sonhos de milhares de adolescentes.

Olhando para a esposa que segurava seus filhos nos braços, Lucas começou a cantar *Thank You For Loving Me*, do Bon Jovi.

A voz dele encheu o ambiente e meus amigos começaram a virar as folhas que eram nada mais que a tradução da música, Heitor me encarava sem desviar o olhar e, quando chegou no refrão, ele mesmo virou uma folha que nem vi que tinha nas mãos. E nela havia muito mais que as palavras podiam dizer, elas eram cantadas.

Obrigado por me amar

Por ser meus olhos

Quando não podia enxergar

Por abrir meus lábios

Quando não pude respirar

Heitor se aproximou mais um pouco e já estava tão perto que podia sentir sua respiração acelerada, então ele abriu a boca e recitou a música, olhando em meus olhos:

Eu nunca soube que tinha um sonho

Até que esse sonho era você

Quando olho dentro de seus olhos

O céu é um azul diferente

Cruze meu coração

Eu não usarei disfarce

E se eu tentasse, você faria de conta

Que acreditou em minhas mentiras

Certas músicas parecem ser feitas exatamente para certos momentos. Aquela era exatamente tudo que tínhamos vivido e Heitor estava dizendo aquilo tudo para mim, estava se abrindo de uma forma como nunca fez. Quando percebi, uma lágrima escorria por meu rosto e ele a capturou com o dedo.

A música acabou e todos ficaram em silêncio enquanto para nós não parecia ter ninguém ali a não ser a gente.

— Eu vivi sendo apenas um pedaço por muito tempo, carreguei uma culpa que não tinha tamanho e acreditei realmente que tinha responsabilidade das coisas ruins que me aconteceram. Por caminhar por tanto tempo sozinho e na escuridão, eu esqueci como era ver a luz; quando você apareceu na minha vida, vi uma chance de tentar ser feliz de novo. Achei que Deus não poderia ter colocado alguém tão especial no meu caminho se eu não tivesse uma chance de redenção. Só que não me dei conta de que eu nunca poderia ter essa chance se não perdoasse a mim mesmo. Ainda não o fiz, Liz. Perder meu filho arrancou meu coração. — Emocionado, Heitor bateu no peito com o punho fechado, que até fez barulho. Eu cobri a mão dele, segurando-a, para que não fizesse mais isso. — Não sei se um dia conseguirei me perdoar, mas eu aceitei conviver com isso, percebi que não estava apenas me destruindo, mas tudo que fazia de mal refletia em quem mais eu amava. Quando eu a deixei naquele dia achei estar fazendo o melhor porque não queria que acontecesse a você o que acontecia com todos que me rodeavam. E você não lutou minhas batalhas, mas me mostrou o caminho para que eu pudesse vencer sozinho.

Eu sorri emocionada e queria dizer que não fiz nada de mais e que fui até mesmo um pouco egoísta porque foi uma forma de me proteger também. Porém, ele levantou uma mão para me impedir de falar e continuou:

— Eu não sei dizer muitas coisas bonitas, nunca serei um cavalheiro romântico, mas

tudo o que vivemos foi real. Em nenhum momento, eu imaginei que o que sentia por você fosse apenas gratidão, mas eu agradeço sim, de todo meu coração, agradeço a você por ter me amado. — Engoliu em seco e abaixou a cabeça; respirando fundo, voltou seus olhos para mim. — Eu aprendi a me colar de volta nesses últimos meses, estou frequentando os Alcoólicos Anônimos junto com o meu pai, nunca mais vou fazer quem eu amo me ver caído pelo chão digno de pena. Aos poucos, eu vou me remendando e queria que soubesse disso. Não sei se o que sentiu por mim resistiu a toda essa loucura, mas eu queria te pedir perdão por ter feito exatamente o que você tinha receio. Só não vou me desculpar por ter me apaixonado por você, porque foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida em muitos anos.

A sinceridade de suas palavras queimava em mim. Ele não estava jurando amor eterno, ele simplesmente descobriu a alma para que eu pudesse conhecê-lo exatamente como era. Heitor não era perfeito, tinha seus problemas e seu passado quase o destruiu, mas ele estava ali, tentando, pedindo perdão por ter me deixado assim como eu temia.

Às vezes carregamos fardos em nossas costas que não conseguimos suportar e ele pesa tanto que preferimos nos entregar ao que é mais fácil. A aceitação de que merecemos a dor e o sofrimento se torna algo simples em vista do que temos que lutar. Só que, quando não batalhamos pelo que merecemos, acabamos perdendo na essência quem somos e nos tornamos apenas uma sombra de quem fomos um dia.

Estar vivo não é o mesmo que viver.

Quem era eu para julgar e condenar alguém que havia perdido tanto e que simplesmente não conseguia suportar sofrer mais. Heitor não me fez mal algum a não ser descumprir o que havia prometido; na verdade, vendo como eu depositava a minha felicidade nas mãos dos outros, percebi que deveria mudar e ser feliz por mim própria.

— Eu não sei se consigo continuar de onde paramos. Não sou mais a mesma pessoa que você deixou há dois meses.

Ele assentiu e estendeu sua mão acariciando meus cabelos que estavam cortados.

— Eu sei que não, nenhum de nós dois é. O que acha, então, de começarmos de novo?

— Anda logo, Liz, dá uma chance para o ursinho. — A voz de Sabrina despertou-me e percebi que não estávamos sozinhos e que todos tinham ouvido tudo que ele disse.

Olhei para aquela gente que fazia parte da minha vida tanto quanto ele que estava à minha frente esperando com ansiedade minha resposta. Por que eu iria negar algo que ansiei todos os dias? Sentia falta sim dos beijos dele, de suas mãos em meu corpo, da voz rouca me dizendo o quanto eu era bonita e daqueles olhos tão tristes que agora eram preenchidos de esperança.

Dei um passo atrás e a mão dele caiu ao lado do corpo, percebi um silêncio sepulcral e Heitor abaixou a cabeça, assentindo, como se estivesse aceitando o que não poderia mudar.

— Prazer, sou Liz. — Levantei minha mão e ele ergueu a cabeça olhando em meus olhos.

O que tinha entre nós era intenso demais para deixar que mágoas ficassem nos atrapalhando e com seu olhar preso ao meu senti meu corpo se arrepiar, ele sorriu amplamente, da forma que vi quando cheguei. Heitor olhou para minha mão estendida e, então, voltou a me encarar.

— Nem tão do começo assim...

Ele enlaçou minha cintura e puxou-me colando o corpo no meu. Heitor olhou em meus olhos e me beijou suavemente, mas de uma forma tão intensa como nunca havia feito. Foi um beijo que marcou o recomeço de uma história que nem teve a chance de começar.

Capítulo 30

“O ímpeto do meu ser me faz tomar decisões e ações que me tornam uma pessoa melhor, pois foi agindo assim que eu encontrei você.”

(Lygia Fernandes)

Heitor

— Epa, tem crianças na sala, não esqueçam. — A voz de Bruno me fez cair na real de onde estávamos.

Eu sorri com a boca colada na dela e me afastei olhando em seus olhos tão lindos e tão meus. Sentia que nada do que disse e fiz foi suficiente para perdoar a minha falha. Mas eu usaria cada dia para mostrar a ela o quanto poderia ser digno daquela chance.

Liz se afastou com o rosto avermelhado e sorriu para o que devia ser uma horda de empatadores de beijo.

— Se quiser, a gente deixa esses chatos aqui e foge — brinquei, rindo, sabendo que alguém iria reclamar.

Não demorou um segundo!

— Nada disso, ainda temos que conversar sobre o casório desses dois aqui. — Ana apontou para a irmã, que mostrou a língua pra ela. — O motivo de te atrair era real, Liz. Então deixem o sexo de reconciliação pra depois.

Todos reviraram os olhos com a língua afiada da Ana e ela deu de ombros como se não se importasse. Peguei na mão de Liz e a puxei até o sofá, nos sentamos e esperamos que comessem a falar, mas parecia que eles queriam ficar olhando pra gente.

Arqueei as sobrancelhas.

— O que foi?

Layla sorriu e pegou a filha do colo de Bruno.

— É que vocês são tão bonitinhos juntos. — Abaixou a cabeça e enxugou o rosto de Ângela que estava todo babado.

— É verdade, de todos os casais é o mais fofinho. Deve ser por conta de como você ficou lindinho, todo apaixonado, se declarando pra Liz. — Lucas provocou enquanto embalava um dos meninos.

Ainda conseguia identificar quem era quem porque um estava com pouco cabelo, mas quando estivesse igual o irmão seria impossível.

Liz olhou para mim, que cruzei os braços fingindo estar chateado. Ela me empurrou com o braço e riu da minha cara feia.

— Acho também que ficou bonitinho, Heitor. Eu amei! Mesmo ainda querendo te dar um corretivo por ter me deixado.

— Mulher, não pode incentivar esse bando, eles podem achar que você está dando liberdade. Já ouviu falar que é melhor dar dinheiro, mas não dar confiança. E sobre o corretivo estou disposto a qualquer castigo. — Pisquei um dos olhos sedutoramente.

Ela riu e balançou a cabeça, nunca me cansaria de olhar para o seu rosto delicado. O corte de cabelo novo tinha deixado Liz ainda mais linda. E quando ela sorria tudo se iluminava.

— Sabe que você ama a gente, não é, tatuado? Estamos entranhados na sua vida como cracas de um navio. — Todos riram da referência do Bruno e Sabrina bufou.

— Desse jeito não vai haver casamento, preciso que se concentrem.

— Você ficou chata, Sá. — Beto jogou uma pipoca nela que estreitou os olhos para ele. — Ok, não vou interromper. Mulheres com hormônios são bem complicadas de lidar.

— Isso mesmo, cadê seu filho? — Sabrina ajeitou um dos gêmeos no braço. — Precisamos dele também.

— Fernando tinha aula de judô hoje — Ana explicou enquanto se inclinava e enchia a mão de pipoca; encostando-se em Alberto, levantou a mão e colocou um punhado na boca do marido.

Era engraçado vê-los tão naturalmente eles, apaixonados e muitas vezes se pegando em algum arranca-rabo, porque ainda eram Ana e Alberto.

— Hum, então espero que vocês digam a ele que a tia precisa que esteja presente — Sabrina pediu e Ana assentiu.

Bruno colocou a mão no coração e sabia que lá vinha gracinha.

— Nem acredito!

— O quê?

— Você vai desencalhar, irmãzinha.

E começou mais uma seção de tortura e gracinhas, sempre que tinha reuniões era isso e demorava muito mais por conta de eles terem um problema muito sério de concentração e foco. Na verdade, nem sabia como tinha feito tudo direitinho como pedi.

O jeito era esperar que se acalmassem e ficar longe da mira de tiro. Olhei para minha mão entrelaçada na de Liz e levantei a cabeça percebendo que ela me encarava.

— O que foi? — falei baixinho para que ninguém me escutasse.

— Nada, ainda não me acostumei a te ver desse jeito. Parece outra pessoa.

Levantei minha mão e deslizei as costas dos meus dedos em seu rosto macio.

— Eu me sinto outra pessoa, tá pronta para me conhecer de novo?

Ela assentiu e fechou os olhos aproveitando do meu toque.

— Vai ser legal te desvendar mais uma vez.

Inclinei-me e deposei um beijo suave em seus lábios carnudos. Era sempre um sentimento novo quando nossas bocas se tocavam, sentia como se minha alma se conectasse com a dela.

— Acho melhor começar essa reunião logo porque Heitor não consegue manter suas mãos grandes longe da *Liz Bella*. — Beto riu e me afastei olhando para a mulher que havia me despertado para a vida novamente.

Ela não foi a causa da minha mudança, ela não era responsável pela minha felicidade nem mesmo tinha nas mãos a cura para as minhas feridas. Contudo, ter Liz na minha vida me fez querer enxergar o que estava de errado, me fez pensar onde eu estava enfiando minha vida e carregando as pessoas que amava junto.

— Não mesmo! — eu disse olhando em seus olhos frisando bem o quanto era

verdadeiro.

Ela sorriu e encostou a cabeça em meu ombro, ficamos em silêncio esperando que Sabrina dissesse o que tinham combinado de seu casamento e em meio a discussões normais e choro dos bebês conseguimos organizar tudo. Em duas semanas estaríamos, mais uma vez, comemorando a união de um casal que havia nascido um para o outro. Lucas e Sabrina mereciam muito mais do que tinham conquistado.

Liz se levantou e foi ajudar as meninas com os bebês, os três resolveram chorar querendo se alimentar e trocar as fraldas, enquanto ela embalava um dos meninos e conversava com Layla, que já havia conseguido acalmar Ângela, e Sabrina ia trocar o outro menino, eu fiquei observando-a com o bebê no colo.

Pela primeira vez em anos me arrependi do que havia feito. Se o que tínhamos ficasse sério, ela nunca teria a chance de ter um filho de seu sangue. Mas sempre havia a adoção, apesar de ser algo muito complicado e cheio de burocracia, seria maravilhoso ter uma criança pela casa. Uau, pela casa? Estava já fazendo planos de formar uma família ao lado dela?

E como não o faria? Estar com aquela mulher me fazia bem demais!

Subitamente o sofá afundou e fui rodeado de quatro homens, dois de cada lado, que me encaravam entre sorrindo e muito sério.

— O que é?

Maurício sempre foi o mais maduro de todos e sorriu balançando a cabeça.

— Adivinha?

Olhei para Lucas, Bruno e Alberto e não consegui pensar em nada do que eles queriam.

— Não dá pra saber, eles são malucos.

— Quais são suas intenções com a minha amiga? — Bruno cruzou os braços e fez uma careta malvada.

Isso não combinava com ele de forma alguma. Mas era bom ir treinando para que, quando chegasse à vez de espantar os pretendentes de Ângela, já tenha se tornado um perito na arte de pai-coruja.

— Sério? Depois de tudo que me ajudaram a fazer para reconquistá-la estão perguntando minhas intenções?

Lucas jogou a cabeça de lado e arregalou os olhos.

— Reconquistar não é bem a palavra, ela te deu uma chance. A probabilidade de você estragar as coisas é altíssima.

Respirei fundo e resolvi cair na deles, era melhor do que resistir.

— Eu sei disso, mas qual é a desse paredão de fuzilamento?

Olhei para Alberto procurando por uma resposta e ele apenas deu de ombros, olhando para os amigos que haviam decidido me imprensar.

— Liz não tem ninguém por ela, então nós a adotamos.

— Hum, vocês esqueceram que eu sou amigo de todos?

— Não, mas quando mexem com as mulheres de nossas famílias as coisas mudam de lugar — disse Bruno e os outros três concordaram com um aceno.

— Sei, e vocês querem saber quais as minhas intenções com a mais recente adotada da família? — Se eu não os conhecesse não acreditaria.

— Exatamente! — Lucas riu como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Respirei fundo e olhei para ela, que ria de alguma coisa que as meninas disseram e falava algo com Larissa, naquele momento Sabrina voltou com o bebê e pegou o outro

entregando o primeiro para ela.

Vê-la tão à vontade e feliz era maravilhoso, parecia que eu tinha feito algo correto no final. Deixá-la naquele dia foi doloroso e até covarde, mas fez com que ela encontrasse sua paixão, que aceitasse que a felicidade não dependia de ninguém a não ser dela mesmo.

Quais eram as minhas intenções com ela?

Bem, eu queria conhecê-la melhor, precisava que ela tivesse certeza de que conhecia cada parte minha boa e ruim. O que sentia por Liz ainda não me atrevia a nomear, porém já estava estampado em meu rosto pra qualquer um ver.

Olhei para os quatro que já não estavam com a cara amarrada. Eles sorriam conhecedores do que se passava comigo. Cada um deles já havia experimentado aquele tipo de encantamento, ainda experimentavam na verdade.

— Você tá caidinho, tatuado — Bruno afirmou com um empurrão.

— Apaixonado pela *Liz Bella*. — Beto sorriu e se encostou no sofá olhando para ela.

Lucas deu uma piscadela e copiou os outros dois.

— Ela é uma mulher e tanto!

— Não a deixe escapar — Maurício não deixou seu comentário de fora.

Eu era realmente um cara muito sortudo. Me afastei da minha família de sangue por não suportar as lembranças que eles me traziam e senti a falta deles todos os dias; se eu tivesse dado uma chance, talvez não teria sofrido tanto porque simplesmente guardei toda a dor dentro de mim. Mas quando encontrei aqueles caras e as meninas ganhei uma nova família. Eu era cercado de amor e companheirismo. O que mais poderia pedir?

— Olha, Heitor, esse aqui está apaixonado por mim! — Liz me chamou e inclinou-se

mostrando Eduardo, que olhava para ela hipnotizado. Menino esperto!

— Quem não ficaria, Liz?

Suas bochechas ficaram imediatamente vermelhas e ela sorriu sem graça voltando a conversar com as meninas, mas percebi que toda hora olhava para mim de esguelha.

— E eu acho que não é só o tatuado que foi mordido pelo bichinho da paixão, aqueles olhos lindos da Liz estão mais brilhantes que o normal.

Olhei para Lucas que havia dito o que eu mais esperava escutar. Percebi, então, que tinha mais uma coisa que eu poderia querer.

Capítulo 31

“O amor quando verdadeiro nos traz inspiração para cada dia fazermos feliz a pessoa amada.”

(Manu Torres)

Liz

Duas semanas não são suficientes para preparar um casamento. Definitivamente não são.

— Você precisava mesmo deixar tudo para a última hora? — Ana resmungou enquanto tentava fechar o vestido de madrinha sem sucesso.

— Deixa que eu fecho, Ana. — Dei um passo à frente tentando não tropeçar na barra do meu vestido e levantei o zíper do vestido dela.

Ana Luíza se virou e me agradeceu com um aceno, olhou para Sabrina, que estava

sentada em um sofá, apenas assistindo, enquanto nós quatro, eu, Ana, Layla e Larissa, éramos submetidas a seção de tortura de experimentar vestidos estranhos e sem caimento, mas aqueles últimos estavam lindos, precisava admitir.

— Não seja tão dramática, Ana Luíza. Tiveram tempo suficiente para procurar um vestido, vocês que deixaram para a última hora. O meu foi escolhido faz tempo.

Layla bufou tentando arrumar o bojo do vestido dela e deu um grito de frustração:

— Esses peitos já eram enormes, agora estão gigantescos de tanto leite, não tem vestido que caiba. — Arregalou os olhos para enfatizar o que tinha dito.

— Deixa de bobeira, Layla. Você está linda! — Ela sorriu para mim e olhou-se no espelho novamente.

E realmente estava, o brilho que ela havia adquirido com a maternidade a deixava simplesmente radiante.

— Sabrina, será que você já se decidiu pela cor e podemos parar com a tortura de tira e põe vestido? — Larissa saiu do provador ajeitando a alça da roupa.

Estávamos com um vestido de cada cor para que Sabrina pudesse escolher qual usaríamos na cerimônia que aconteceria em três dias. Ela se levantou do sofá, que estava acomodada, e olhando as três crianças dormirem tranquilamente no bebê conforto, ajeitou o braço do sofá e olhou para nós quatro enfileiradas como soldados. A diferença era que usávamos vestido de festa.

— O rosa pode não ficar muito bem na Ana Luíza, mas na Layla ficou perfeito. Ressaltou os olhos verdes e esse modelo encaixou como uma luva.

Layla revirou os olhos e olhou para os seios novamente.

— É sério, Sabrina? Meus peitos parecem que vão explodir a qualquer momento.

— Dramática, ficou maravilhosa. — Sabrina sorriu e se inclinou para falar mais baixo. — Fora que vai fazer meu irmão enlouquecer.

Ela jogou a cabeça de lado e pensou um pouco, sorrindo logo em seguida.

— Isso me dá ideias! — Layla riu e olhou-se no espelho gostando do reflexo pela primeira vez.

— Ugh, isso me dá asco. Cunhada, pelo amor de Deus, não se esqueça que a maior parte aqui é irmã do seu marido, ok? Ter essas imagens na cabeça só me dá vontade de vomitar. — Layla riu e mostrou a língua pra Ana, que devolveu a brincadeira.

Sabrina alheia a conversa das meninas parou ao lado de Larissa que tentava encurtar o vestido. Por ela ser a mais baixa de todas, não gostava da ideia de usar longo.

— Larissa ficou linda nesse verde, com esses cabelos soltos então, ficou mais que perfeito irmã.

— Não tem um modelo curto, não? Não acho minhas pernas. — Lari dramatizou e ganhou um tapa na bunda de Ana.

— Sem-vergonha, quer mostrar as pernas grossas no casamento, quer apimentar as coisas com o Mau Mau? — Piscou um olho para a irmã e parou de rir quando Sabrina parou à sua frente.

— Ana, você ficou simplesmente divina de vermelho, não tem outra cor pra você. Provocante e sensual.

Poucas vezes tínhamos o prazer de ver Ana Luíza enrubescendo e quando tínhamos esse prazer precisávamos tirar uma foto. Droga, meu celular tinha ficado na bolsa dentro do provador.

— Liz! — Me assustei com a voz de Sabrina e virei para olhar pra ela. — O que é esse roxo em você? Jesus, parece que foi feito exatamente para ficar no seu corpo. O

ursinho vai pirar, amiga.

Eu e Heitor estávamos vivendo momentos maravilhosos e nossa conexão apenas aumentou. Era uma delícia experimentar aquele clima de estar conhecendo um ao outro, poder falar sem medo do que se passava em nosso coração.

Sorri para Sabrina e agradecei.

— Obrigada!

Ana revirou os olhos e bufou irritada sendo simplesmente ela.

— Ok, dona Sabrina, você rodou igual uma galinha cercando seus pintinhos, agora fala logo a cor que escolheu pra gente poder se situar?

Ela era sempre a mais impaciente de todas e sorri, balançando a cabeça, quando começou a resmungar que tinha mais que fazer.

Sabrina parou à nossa frente com um dedo na boca e sorriu.

— Acho que não consegui decidir — Bom, nesse caso até eu fiquei frustrada e me juntei ao coro de reclamações. — Nossa, que chatas, esperem eu terminar. Não escolhi uma cor porque ficaram perfeitas nessa, cada uma vai usar o vestido que está usando. Vai ser lindo ver vocês com as cores de suas personalidades. Layla sempre tão sensível e romântica, o rosa te representa completamente. Ao mesmo tempo que é delicada é sensual e uma mulher forte que sempre lutou pelo que amava. Tenho orgulho de você, minha irmã de coração, obrigada por tudo, principalmente por ter criado seu irmão com tanto amor.

Aquilo nos pegou desprevenidas e paramos de falar imediatamente. Emocionada, Layla abraçou Sabrina e elas falaram baixinho, cúmplices de suas histórias.

Sabrina se afastou e olhou a irmã mais velha.

— Larissa sempre foi a mais responsável de todas, equilibrada e serena. Sua paz foi

o alicerce em nossas vidas e o verde é a cor que representa exatamente a renovação que você sempre nos traz.

Não tinha como não se emocionar com as palavras daquela menina que havia se transformado em mulher, Sabrina não era mais a mesma pessoa que conheci quando fui chamada para cuidar de Heitor. O tempo a fez amadurecer e ser mãe a fez florescer.

— Ana Luíza, essa minha irmã tem fogo puro. Não existe cor melhor para te representar do que o vermelho, você exala paixão em todos os âmbitos da sua vida. Tudo que se propõe a fazer é feito com amor e sou orgulhosa de dizer que vi você vencer cada obstáculo que foi posto no seu caminho. — Sabrina sorriu e olhou para a irmã cheia de carinho.

— De onde você tá tirando essa inspiração toda, menina? Vai me fazer chorar. — Ela riu e abraçou a caçula. Só que já estava chorando.

— Sempre fui assim, só não queria deixar que se apaixonassem mais por mim. Sabe como é? Tinha que deixar no suspense — brincou.

— Tava demorando. — Ana Luíza riu e Sabrina se soltou dos braços dela olhando para mim.

— Você entrou em nossas vidas num momento crucial, Liz. O carinho e cuidado com Heitor nos mostrou o quanto as coisas só acontecem quando tem que ser. Você tem uma aura de luz em sua volta que nos acalma e faz perceber que tudo vai ficar bem. E o que você fez pelos meus meninos não tem palavras para agradecer, eles ganharam uma madrinha maravilhosa e nossa família foi agraciada com mais uma irmã de alma. Sua cor tinha que ser o roxo porque você está ligada à espiritualidade muito mais do que imagina, seu sorriso toca a nossa alma e sua voz nos enche de esperança.

Eu não tinha ideia de que elas pensavam daquela forma e meu coração se encheu de amor e carinho por aquelas mulheres que haviam se tornado minhas irmãs, assim como

Sabrina disse.

Nunca acreditei que tinha algo especial, que poderia ajudar as pessoas quando, na verdade, eu era tão confusa e cheia de defeitos. Mas se o especial que havia em mim me levou a experimentar todos aqueles sentimentos que invadiam meu coração estava mais que satisfeita e aceitaria esse tal dom que todos diziam que eu tinha.

Estávamos todas emocionadas e abraçamos Sabrina nos tornando uma união. O gritinho de um dos meninos nos tirou a concentração e olhamos para Gustavo que havia acordado.

— Acho que meu tempo acabou, hora de dar de mamar. — Sabrina riu e enxugou as lágrimas indo ao encontro dos meninos.

Layla olhou para mim daquele jeito que só ela sabia. Tinha perguntas que ela queria fazer e, enquanto as meninas foram tirar os vestidos, ela se aproximou.

— Sabe que tudo que Sabrina disse é verdade, não é?

Engoli em seco e mordi o lábio, olhando para ela.

— Sabe que vivi minha vida sozinha e, mesmo sem saber, Heitor entrou em meu caminho antes mesmo de me conhecer?

Ela franziu a testa.

— Como assim?

Sorri me lembrando do dia que Júlia me falou do irmão sem mencionar seu nome e disse o quanto sentia saudades dele, que se nos conhecêssemos nos daríamos muito bem.

— Júlia me falou dele uma vez, mesmo sem conhecer ou saber nada sobre ele fiquei curiosa para saber de quem era o sorriso que ela tanto falava.

Layla sorriu e assentiu ajeitando o corpete do vestido.

— O destino trabalha de formas muito curiosas, às vezes ele vem tecendo sua teia por muitos anos até que no momento certo tudo faz sentido, não é?

— Sim e por teimosia ou medo podemos acabar deixando o que seria o nosso caminho escapar por entre os dedos. Agora aprendi a prestar mais atenção, conhecer Heitor me trouxe muito mais que um companheiro, me presenteou com uma família.

— Barulhenta e cheia de problemas! — Layla sorriu pensativa, provavelmente lembrando quando eram apenas ela e Lucas contra o mundo e agora tinha um apoio incondicional de muitas pessoas maravilhosas. — Você sabe o quanto é especial para nós. Mas quero saber... Como estão indo as coisas com Heitor? Não tivemos tempo de conversar depois daquele dia na minha casa.

Sorri ao lembrar do que aconteceu depois que saímos de lá, tudo que ele me disse em privado e o que combinamos de como levaríamos nossa relação.

— Um passo de cada vez.

Layla sorriu e caminhou para o provador, a seguiu e quando ia entrar em minha cabine ela parou.

— Os passos que compõem nossa história devem ser aproveitados da melhor maneira possível. Até mesmo os tombos, porque, quando tudo chegar ao fim, os arranhões e cicatrizes contarão uma linda trajetória.

Sorriu e entrou na cabine para se trocar. Olhei em volta para Sabrina que amamentava um dos bebês e sorria para o outro enquanto brincava com a sobrinha.

Ana falava de dentro da cabine com Fernando que provavelmente reclamava do terno que teria que usar no casamento e o carinho e amor que tinha pelo filho era de emocionar.

Larissa saiu do provador sorrindo e dava pra ver o quanto seu caminho havia sido lindo e cheio de amor. Mesmo não sendo do mesmo sangue daquela família isso não

importava para ela porque em sua alma eles eram seus escolhidos.

Cada trajetória daquelas mulheres, por mais difíceis e complicadas, tinham valido a pena e seus arranhões eram realmente lembranças de uma linda história.

Entrei no provador sorrindo e feliz por fazer parte daquele capítulo.

Capítulo 32

"E um impulso a fez ir atrás da realização de seus sonhos e desejos, e esse mesmo impulso a levou para próximo de seu grande amor."

(Ana Salamoni)

Sabrina

Eu já não tinha o mesmo corpo de antes da gravidez, minha cintura já não tinha a mesma curvatura, meus braços haviam perdido a firmeza, meu rosto já não era tão fino. E nunca me vi tão linda quanto naquele momento que olhava no espelho.

Estava feliz, me sentia completa, me amava por inteiro. Corpo e alma se juntaram, enfim.

Meu coração batia acelerado, pois o momento tinha chegado. E seria perfeito exatamente da forma que eu esperava. Minha respiração acelerada fazia com que o bojo do meu vestido perfeito subisse e descesse. Eu nunca fui uma garota tradicional, sempre fui

contra todo tipo de rótulo e, dessa vez, não seria diferente.

Enquanto muitas noivas usariam o perfeito vestido branco com milhares de cristais maravilhosos, eu optei por outra coisa.

Como havia dito três dias atrás para as meninas cada cor de seus vestidos representava a personalidade delas, por isso os vestidos ficaram perfeitos em cada uma.

Quando encontrei esse vestido achei que havia sido feito para mim. O bojo se encaixava perfeitamente em meus seios, seu corpete trabalhado delineava minha cintura e a saia nem muito justa ou larga foi o encaixe perfeito, ele era todo enfeitado com rendas azul-turquesa. O azul significava tranquilidade e serenidade, era o que eu mais almejava na vida.

Fora que a cor ficava perfeita em mim.

Uma batida na porta chamou-me atenção e me virei esperando que as meninas entrassem loucas de ansiedade, mas me deparei com o sorriso emocionado da minha mãe. Decidimos fazer meu casamento em sua casa, que era onde tudo havia começado.

— Oi, mãe!

Dona Marisa sempre foi o nosso pilar, forte e sempre pronta para nos segurar caso precisássemos, mas ela andava emotiva demais. Minha mãe colocou as mãos no peito e seus olhos brilharam.

— Você está linda, minha pequena.

Sorri e me virei com os braços abertos para recebê-la. Quando ela se aninhou em meu abraço a apertei bem forte, desde que me tornei mãe passei a entender a emoção que se sente ao ter seus filhos nos braços.

— Obrigada, mãe. Você está radiante, já te disseram isso?

Ela fungou e se afastou para olhar para mim. Enxugou as lágrimas e sorriu.

— Ainda bem que essa maquiagem é a prova d'água. Como você está, minha filha, nervosa?

Arregalei os olhos e ela sorriu. Minha mãe me conhecia bem e sabia que eu estava surtando em silêncio.

— Bastante, mas também muito ansiosa. Como está tudo lá fora? Os meninos estão arrumados? Eu os amamenteei tem pouco tempo, mas não estão chorando?

Ela balançou a cabeça e arqueou as sobrancelhas com uma mão levantada.

— Ei, calma. Eles estão bem, estão com Beto e Fernando, que estão entretendo os dois direitinho. Pode ficar tranquila que não vão querer mamar por algumas horas, vai dar tempo.

— Nossa, nunca fiquei tanto tempo longe deles, estou me sentindo vazia.

Minha mãe sorriu e assentiu.

— Sei o que é isso — disse com a voz embargada.

— Oh, mãe! — A abracei de novo. — Nós sempre estamos aqui com você.

— Eu sei, mas sinto falta de vocês pequenos correndo pela casa. Tá tudo tão quieto. Sabe, Sabrina, quando perdi seu pai meu chão foi tirado dos meus pés. Depois que recebi a notícia, eu só queria ir para o quarto e chorar, mas assim que vi vocês rindo e brincando percebi que não poderia, pois meus filhos precisavam de mim. Agora me sinto orgulhosa do caminho que cada um conquistou. Estão todos felizes e completos. O que mais uma mãe pode querer? Tenho muito orgulho de você, minha pequena. É uma mulher maravilhosa, com filhos lindos e um homem que te ama mais do que tudo no mundo.

Quando minha vida virou do avesso achei que tudo estava perdido e que nunca

poderia viver plenamente de novo e ouvindo minha mãe falar que ela precisou superar sua dor por causa dos filhos percebi de onde veio a força que me fez seguir em frente, apesar de minha alma estar despedaçada.

Me afastei e a olhei com carinho.

— Você é a nossa força, mãe, foi por você que nós conseguimos superar nossos obstáculos. Então, muito obrigada por ser essa pessoa maravilhosa que nos criou com tanto amor. — Ela riu e ficou sem ter o que dizer. — Agora vamos lá senão vou acabar com o trabalho da maquiadora e ficar igual a um urso panda. Lucas nem vai me reconhecer.

Nós rimos e, assim que terminei de falar, uma batida na porta chamou nossa atenção. Meu irmão estava parado ali, olhando para mim do mesmo jeito que minha mãe havia feito quando entrou.

— Você tá linda, pentelha. Vim te buscar, Lucas parece ter um treco a qualquer momento. Acho que o idiota acha que você vai fugir, como se fosse deixar os gêmeos. — Revirou os olhos.

Dei um beijo no rosto da minha mãe, que se afastou e abraçou meu irmão, ficamos os dois sozinhos e ele me olhou com carinho.

— Pronta?

— Sim!

— Então vamos para o show...

Ele me deu o braço e caminhamos devagar pela casa da mamãe e descemos as escadas, estava tudo em silêncio ali fora, quando saímos pela porta da cozinha era onde as coisas estavam diferentes.

Meu casamento não seria de forma tradicional. Os rapazes já estavam no altar com Lucas e as meninas entrariam sozinhas, ou quase. Estavam todas em suas posições e,

quando me viram, sorriram emocionadas.

Apenas acenei e a música começou. Eu não sabia qual seria, essa parte ficou para Lucas escolher e quando o piano começou a tocar senti que meu coração poderia ficar pelo caminho.

— Ai meu Deus, ele vai cantar? — Olhei para o Bruno com os olhos arregalados.

Meu irmão apertou meu queixo com dois dedos e sorriu.

— Não é só você que preparou surpresas, minha irmã. Aquele cara te ama muito e só quer te fazer feliz.

Acho que nunca sorri tanto na vida. Ainda na introdução, Larissa deu a mão para os gêmeos e piscou para mim enquanto entrava, os meninos seguravam uma orquídea e sorriam encantados. Então foi a vez da Ana, que segurava Gustavo, que dormia tranquilamente em seu colo, ele levava as alianças.

Minha garganta começou a fechar e soluzei em silêncio. Bruno envolveu minha mão me dando apoio.

— Por que ele não canta logo? Estou curiosa.

E ele começou a cantar fazendo com que eu me apaixonasse mais uma vez. A música era *Please Forgive Me*, do Bryan Adams. Meu irmão sorriu e piscou um olho.

— Estava esperando a hora certa!

Ainda parece nossa primeira noite juntos

Parece o primeiro beijo

E está ficando melhor, amor

Respirei fundo tentando me acalmar e ouvir as palavras que o amor da minha vida dizia para mim.

Layla entrou com Ângela em seus braços e elas carregavam um buquê de rosas lindo que as deixou ainda mais encantadoras. E foi a vez de Liz entrar com Eduardo, que não estava dormindo como o irmão. Ele olhava tudo com curiosidade e quando me viu apenas sorriu.

— Vamos, irmã? — A voz de Lucas ainda continuava e estava tendo problemas para me concentrar porque só pensava nele sentado atrás do piano.

Você é a única que eu sempre quis!

Só quero continuar assim

Então, se eu a amo

Um pouco mais do que deveria

Assenti e dei os primeiros passos para me encontrar com Lucas e, assim que nossos olhos se conectaram, ele sorriu emocionado, percebi que chorava e, então, era hora de cantar o refrão da música.

Por favor, perdoe-me

Não sei o que faço

Por favor, perdoe-me

Não posso parar de amá-la

(...)

Por favor, acredite em mim

Cada palavra que eu digo é verdade

Ele se levantou e pegou o microfone, desceu as escadas, deu um beijo na testa de nossos filhos e sorriu para eles. Voltou seu olhar de amor para mim e continuou vindo em minha direção cantando sem o acompanhamento do piano, mas nada disso era preciso, pois cada palavra de amor era como música para o meu coração.

Quando ele parou à minha frente e ficamos tão pertos, ele sorriu e cantou a última parte da música.

Por favor, perdoe-me

Não posso parar de amá-la

Não pude resistir, peguei em seu rosto e com os olhos nos dele coleí nossos lábios num beijo que expressava muito mais do que qualquer coisa que poderia dizer. Lucas era para sempre meu impulso mais que perfeito.

Lucas

Cantar para ela sempre seria o meu maior prazer, ver os olhos azuis da minha princesa brilharem de amor era minha maior realização. E quando pensei em fazer aquela surpresa não medi esforços para que tudo fosse perfeito.

Sabrina me deu tudo que precisava e muito mais. Seu amor incondicional me transformou em um homem melhor e a felicidade não cabia em mim, tanto que eu chorava escondido cada vez que a observava dormindo, tão tranquila e tão minha.

Quando nossos filhos nasceram eu não sabia que podia amar mais, mas quando os tive em meus braços soube que podia sim, era maior que tudo que senti e meu amor por ela não tinha tamanho.

Por isso aquela música era perfeita para o nosso momento perfeito. Precisava que ela soubesse que nunca poderia deixar de amá-la. Com meu coração eu disse cada palavra com convicção e amor.

E quando nossos olhos se encontraram foi como a primeira vez que a vi. Senti o mesmo frio na barriga, o mesmo arrepio pelo corpo, a mesma cadência acelerada em meu peito.

Cada dia em que passei ao lado dela valeu a pena e para mim estávamos casados desde sempre. Era apenas o selamento de uma história que ainda tinha muito para contar.

Quando me beijou, eu pude apenas sorrir de orgulho da mulher perfeita que tinha em meus braços.

— Não acho que seja a hora do beijo. — Bruno riu e nos afastamos.

— Você tá linda, princesa. — E estava mesmo, Sabrina brilhava.

Olhei para o meu cunhado, que já havia soltado o braço da irmã, e o agradei com o olhar.

— Cuida bem da minha irmã.

— Sempre!

Ele me abraçou e foi se juntar a Layla e Ângela no altar, nos viramos e olhamos nossos amigos que não estavam separados de cada lado, mas eles estavam com seus pares, a outra parte de suas almas. De mãos dadas caminhamos até eles e nossos filhos.

Sabrina se inclinou e pegou Gustavo, que já havia acordado, enquanto eu peguei Eduardo que tinha acabado de dormir. Ela sempre quis que eles estivessem presentes em nosso casamento, de preferência em nossos braços. E assim foi feito, com nossos filhos nós juramos perante Deus e nossa família o que fizemos em privado algum tempo atrás.

— E por todo o amor que construímos vamos seguir mais esse impulso e mergulhar em uma linda história de amor. Prometo te amar e respeitar — dissemos em uníssono.

Ela sorriu e estendeu uma mão colocando-a em meu rosto.

— Prometo te ouvir sempre e tentar não ser tão teimosa.

Arqueei as sobrancelhas duvidando um pouco.

— Prometo respeitar suas escolhas, nunca fazendo apenas o que acho certo.

— Prometo estar sempre por perto e nunca te abandonar.

— Prometo te segurar enquanto estiver dormindo e te proteger de todo mal.

Sorrimos um para o outro e falamos juntos, mais uma vez:

— Prometo te amar em todos os momentos, todos os dias de minha vida. — Olhamos

para nossos meninos que nos encaravam, ambos acordados e sorrindo. — Prometemos que a cada impulso de amor seremos fiéis ao que sentimos, prometemos amar e cuidar de vocês dois todos os dias de nossas vidas e depois.

Nossos olhos se encontraram e foi como da primeira vez, poderia se passar décadas que nós nos amaríamos, sempre, da mesma forma.

E a cada impulso que nos entregamos foi escrita a nossa história.

Capítulo 33

“No ímpeto da paixão que vivemos os melhores momentos.”

(Maria Falcão)

Liz

Cada detalhe do casamento de Sabrina foi lindo de se presenciar, o amor puro que Lucas sentia por ela era traduzido em sua voz enquanto cantava.

Quando olhei para Heitor no altar e me juntei a ele senti meu corpo todo se arrepiando. Era aquele amor que eu queria experimentar, será que teria aquele sentimento um dia? Não vou negar que os momentos que tivemos foram maravilhosos e muitas vezes ele me disse o quanto estava apaixonado. Mas amor... ele nunca me prometeu.

Se fosse uma situação normal não seria um problema, pois esse sentimento vem com o tempo. Mas não era uma situação normal, pois eu já o amava. Na verdade, ali, naquele altar, eu percebi que o amei desde o momento que o vi naquela cama de hospital e foi com

esse amor que não desisti de trazê-lo de volta. Isso me deixou muito triste, porque não sabia se Heitor seria capaz de amar mais alguém na vida. Não depois de ter amado tanto o filho e o perdido de forma tão abrupta e dolorosa.

Quando a celebração terminou, nós descemos do altar e cumprimentamos os noivos. Estávamos todos felizes com a felicidade deles e a festa fluiu dessa forma.

Heitor me puxou para uma mesa e nos sentamos observando as pessoas ao redor. A casa de dona Marisa estava repleta de muito amor. Virei-me para ele e, mais uma vez, percebi sua mudança cada dia mais notável.

— Você fica muito bem com essa roupa.

Ele sorriu e me olhou, afrouxou a gravata e fez uma careta.

— Não gosto de usar, só fiz isso poucas vezes na vida e não pretendo fazer mais.

— Pois eu achei muito charmoso, penso até que poderia ficar com essa roupa até chegarmos à sua casa.

Eu passaria a noite com ele, como vinha acontecendo nas últimas semanas desde que voltamos a nos ver. Intercalávamos os dias que tínhamos livres e estava até que funcionando.

Heitor sorriu sensualmente e se inclinou colando os lábios nos meus, o perfume que desprendia dele inebriava os meus sentidos.

— Está com pensamentos libidinosos, senhorita? — falou, sorrindo, com a boca colada na minha.

— Totalmente!

— Isso é bom... pois tenho esses pensamentos mais vezes do que deveria. Ficarmos distantes só aumenta minha vontade de você.

Sorri e ele se afastou olhando misteriosamente em meus olhos. Prendi os lábios juntos tentando procurar uma forma de dizer a ele que eu não queria ficar tão distante assim. Mesmo tendo receios por conta do meu fracassado relacionamento decidi dar uma chance a mim, antes mesmo de voltarmos, era pra valer. Deixei minhas inseguranças de lado e prometi não me prender ao que não deu certo.

— Talvez não devêssemos ficar tão distantes assim. Quero dizer, viajar uma hora e meia todos os dias pode ficar cansativo.

Heitor ficou parado me olhando muito sério e não sabia o que pensar. Será que fui rápida demais? Então, ele se levantou e me estendeu a mão.

— Pra onde vai me levar?

Ele sorriu amplamente e quando encaixei meus dedos nos dele, Heitor sorriu e liderou o caminho até o centro do pátio onde algumas pessoas dançavam. Assim que parou, ele olhou para mim com a mesma seriedade de antes.

— Essa resposta depende muito do contexto, poderia dizer que vou te levar para as nuvens, que vou te levar ao paraíso... Mas no momento eu vou levá-la para dançar. Aceita ser meu par essa noite, Liz?

Como resistir àquele homem? Eu não tive chance desde o primeiro momento em que seus olhos chocolates se insinuaram para os meus.

Sem dizer uma palavra, ele enlaçou-me pela cintura e começou a se mover ao ritmo da música suave que tocava. Estávamos rodeados de casais apaixonados, a família de Heitor também tinha sido convidada e em meu campo de visão vi que Júlia acenava para o irmão freneticamente. Senti que ele moveu a cabeça e franzi a testa me afastando de seu ombro para olhá-lo nos olhos.

Ele apenas sorriu e deu de ombros. Então, uma música que eu adorava na adolescência — *Todo azul do mar*, de Flávio Venturini — começou a tocar, mas não foi

isso que me impressionou, e sim a voz rouca de Heitor que começou a entoar a letra em meu ouvido:

Foi assim como ver o mar

A primeira vez que meus olhos

Se viram no seu olhar

Me afastei de seu abraço e olhei atentamente esperando que estivesse enganada, mas ele simplesmente sorriu e continuou cantando para mim aquela música que era tão intensa e cheia de significados.

Tudo que eu fiz

Foi me confessar

Escravo do teu amor,

Livre para amar

Heitor pegou minha mão e a colocou em seu peito, exatamente onde seu coração batia acelerado e muito forte. De seus lábios saíam aquelas palavras que foram escritas por outra pessoa, mas que fazia tanto sentido para nós.

— Você já está cansada de saber que me encantei com esses olhos desde o momento que os vi, mas não sabe o que eles representaram pra mim. Senti como se pudesse conquistar o mundo se merecesse um olhar seu. Eu não sabia se você surtaria se eu

dissesse isso no dia que me aceitou de volta, então guardei dentro do peito o que sentia até que chegasse a hora certa, mas percebi que não existe isso de hora certa. A gente não pode perder tempo quando ama alguém, não é?

Parei de dançar e fiquei olhando para ele como se não tivesse ouvido muito bem. Ainda com a mão em seu peito percebi que o coração dele batia ainda mais rápido.

— Você está dizendo mesmo o que estou pensando?

Ele sorriu daquele jeito que eu amava.

— Claro que sim, *baby girl*. Eu te amei antes mesmo de me dar conta. É engraçado como as coisas funcionam, não é? Tive que desistir da vida para poder viver novamente. — Ele colocou a mão sobre a minha e se inclinou para colar os lábios nos meus. — Eu percebi que você queria falar, então acho que chegou a hora. O amor platônico não é comigo.

— Quando eu te vi naquela cama de hospital, a única coisa que pensava era como seria te ver sorrindo e mesmo quando acordou fiquei desejando isso. Por mais que fizesse isso ainda não era o que eu queria, até que te vi na porta da casa da Layla. Aquele era o sorriso que me faria ficar apaixonada, mas a questão, Heitor, é que eu te amei mesmo antes de te conhecer.

— Como assim?

— Júlia me contava histórias do irmão com o sorriso mais lindo e sempre tive vontade de conhecer. Alguma coisa me fazia pensar como seria maravilhoso poder ser a causa de um sorriso tão encantador como ela sempre narrava.

Suas mãos fortes seguraram em minha cintura e ele me puxou de encontro ao seu corpo.

— Então, quer dizer que você me ama também e vai viver comigo?

Sorri de lado, um pouco envergonhada.

— Na verdade, eu já pedi transferência para o hospital daqui, já ia te fazer essa proposta.

Ele arregalou os olhos e abriu e fechou a boca parecendo muito surpreso.

— Preciso me acostumar a ter uma mulher independente.

— Você não tem problemas com isso, não é?

Ele balançou a cabeça e me beijou. Toda vez que seus lábios quentes tocavam os meus sentia como se um rio de lava percorresse em minhas veias. Meu corpo todo se acendia e meu coração parecia uma escola de samba de tão frenético que ficava.

— Ei, não vai ter *striptease* não, né? Quando o tatuado começa a dançar... Deus me livre.

Bruno gritou do outro lado do pátio e Heitor nem mesmo se deu ao trabalho de se virar, apenas fez um gesto feio para o amigo e continuou me olhando.

— O meu único problema agora é não poder te levar para casa e mostrar com cada toque o quanto meu amor por você pode ser intenso. — Aqueles olhos não deixavam de me encantar. Ele sorriu de lado e se aproximou pra sussurrar em meu ouvido: — Acho que ainda não te mostrei o suficiente como sou bom na dança.

Ele se afastou mordendo os lábios e olhei em volta procurando por um lugar para darmos uma fugidinha. Mas não havia para onde ir sem que soubessem o que iríamos fazer. Olhei para Heitor que me encarava daquele jeito que só ele fazia.

— Você tem que parar de fazer isso. Essas insinuações ainda vão nos colocar em apuros.

Arqueou uma sobrancelha e aquele sorriso cheio de sentidos me fez quase perder o

ar.

— E isso quer dizer o quê?

— Que pode se surpreender.

— Acho que gosto dessa coisa de surpresas, *baby girl*. Nunca vou deixar de te provocar porque adoro o que isso causa em você. — Enlaçou minha cintura e aproximou o rosto do meu pescoço, seus lábios tocaram minha pele e ele respirou fundo. — O rubor em seu corpo quando fica excitada ou envergonhada, me deixa completamente louco.

Minha respiração já estava acelerada e fiquei a ponto de mandar tudo para o alto e realmente fugir com ele para qualquer lugar em que poderíamos ter privacidade. Foi quando senti uma presença à minhas costas. Heitor revirou os olhos e bufou.

— Caramba, vocês têm que parar de fazer sexo com o olhar. Mamãe tá aqui, não perceberam?

Me virei e Júlia ria de nós dois enquanto acenava para dona Ester, que estava toda linda ao lado do marido e parecia muito feliz.

— Larga de ser chata. Tá aprendendo a empatar igual o Bruno?

Ela fez biquinho e me abraçou de lado soltando logo em seguida.

— Ei, não fala assim. Te ajudei com a música.

Júlia riu se referindo ao momento em que fomos dançar e houve aquela troca de acenos e eu tinha ficado sem entender nada.

— Obrigada por isso. Não podia ter ajuda melhor. — Olhou para mim e piscou um olho agora que já sabia de como o conheci antes mesmo de conhecê-lo. — Pelo que sei fez isso antes mesmo de eu saber, né?

Olhei para minha amiga e sorri em agradecimento e ela franziu a testa sem entender

muito bem do que estávamos falando. Mas então deu de ombros.

— O problema de casal recente é isso, fica cheio de mistérios e falas com duplos sentidos. Já passei por isso, mas a pergunta que não quer calar. Vocês vão juntar os trapinhos?

Olhei para Heitor e ele apenas me encarava deixando que eu decidisse o que faríamos, na verdade não falamos claramente sobre isso, apenas insinuamos o que queríamos e depois de sua declaração eu só queria levá-lo para casa e aproveitar ao máximo daquele sentimento. Mas, pelo que percebia em seus olhos chocolate, ele também queria uma resposta. E só havia uma coisa naquele momento além de aproveitar do seu corpo do pecado.

— Vamos sim! — Seu sorriso recompensou qualquer coisa.

Júlia respirou fundo tirando-nos daquele encantamento que sempre ficávamos presos quando estávamos juntos.

— E aí, vão parar com esses olhares famintos? Me deixa envergonhada... — Ela riu, nos abraçou e se afastou murmurando parabéns e nos deixando a sós.

Viver uma vida ao lado dele seria maravilhoso e intenso. Heitor seria um companheiro ideal e aprenderíamos a nos amar como deveria ser. Seus braços fortes circundaram minha cintura e ele colou os lábios nos meus, fechei os olhos aproveitando aquele toque que, ao mesmo tempo que era intenso, se tornava suave.

— Se eu vou parar de desejar essa mulher maravilhosa? Não mesmo! Me surpreender com cada descoberta será uma aventura que viverei com prazer.

O beijo que selou aquele momento foi repleto de promessas e carinho por uma vida cheia de insinuações.

Capítulo 34

“Insinuação: arte de seduzir com sutileza.”

(LM Gomes)

Ana Luíza

— Eu não estou errada, você que é cabeça-dura e não entende nada! — Arregalei os olhos e o encarei, muitas vezes tinha vontade de esganar aquele cara. E o idiota ainda ria da minha cara.

— Por que não admite logo que está enganada? Será mais fácil e dói menos.

Estreitei meus olhos e encarei a miniatura dele que nos encarava, sorrindo.

— E por que você tá rindo, Nando? Era para estar do meu lado, não do dele.

O menino estava cada dia mais bonito e crescia rápido demais. Sabia que não era

mãe biológica dele e com onze anos não era considerado um bebê de forma alguma, mas eu sentia como se fosse. Era mãe há tão pouco tempo e nem podia aproveitar muito, já tinha que deixar meu menino voar.

— É engraçado ver vocês dois brigando. Todo mundo sabe que não é sério.

Não era sério? Rá, a minha vontade de apertar o pescoço do Alberto era muito real de verdade.

— Não se esquece de quem te deixa comer chocolate antes do jantar, que deixa você ir dormir na casa do seu amigo e que te leva para o cinema, tá, senhor Fernando?

Menino abusado igual ao pai. Ele sorriu, me abraçou e deitou a cabeça em meu ombro. Sim, ele já estava do meu tamanho.

— Sabe que te amamos, não, Ana? Vou deixar vocês se resolverem. Como disse a vó Marisa, não se envolva na briga deles. Seu pai sabe dobrar a Ana. — Piscou um olho e saiu da cozinha deixando eu e Alberto de frente um para o outro.

— Tá vendo o que ensinam para o seu filho? E você não sabe me dobrar nada.

Ele sorriu daquele jeito sem-vergonha e deu um passo à frente, e automaticamente eu dei um passo para trás.

— Não?

— De forma alguma, eu que acabo cedendo para não ter que te esganar.

— Hum, e não tem nada a ver com meus beijos irresistíveis que te deixa maluca?

Respirei fundo, ele estava em encurralando e sabia que eu já havia notado. Não admitiria nem sob tortura que gostava daquela brincadeira, mas o idiota sabia que eu gostava.

— Que beijos? Tá maluco de tentar me beijar quando só tenho vontade de te morder.

O safado sorriu e deu mais um passo. Aquilo parecia uma repetição do casamento da Layla. Só que, na época, eu ainda estava em fase de negação.

— Sabe que gosto das suas mordidinhas de amor, não é?

— Se afasta, Alberto. — Droga, minha voz já tinha suavizado e até sorria um pouco, mas tentei segurar.

Só que ele me conhecia bem demais e não fez o que pediu porque sabia que eu queria dizer ao contrário.

Bati meu quadril na bancada da pia e coloquei as mãos para trás enquanto ele avançava ainda mais.

— Acho que você não quer que eu me afaste, *Ann Baby*. Acredito que queira que eu chegue mais perto.

Seu corpo já estava colado no meu. Mesmo estando casados, ainda sentia que era como no começo, ele tinha um poder sobre mim que chegava a ser inconveniente e meu corpo se rendia ao dele muito fácil.

— Está enganado!

— Será mesmo? Pois eu acho que não. Essa cena não te lembra nada, Ana?

— Lembra sim, lembra de eu querer te esganar por ser tão atrevido.

Meleca! Minha voz já estava completamente suave e até mesmo provocante. Ele sorriu e seus olhos se estreitaram formando rugas de alegria ao redor dos olhos. Não me cansava de olhar para ele.

— Parece que estamos repetindo aquela cena do casamento da Layla que você me mandou dançar com uma vassoura, não lembra mesmo? — Ok, eu já havia desistido e sorri balançando a cabeça em negativa. — Pois então eu vou refrescar sua memória.

Estávamos sorrindo quando ele me puxou e assaltou minha boca num beijo forte, que refletia exatamente como nos sentíamos naquele momento. Brigar sempre despertava aquele lado em nós dois. Alberto me conhecia bem e realmente sabia como me dobrar. Nem me lembrava mais o motivo de querer esganar ele. Agora só queria aproveitar do gosto do meu marido.

Suas mãos me seguraram firme e ele raspou o dente em meus lábios enquanto aprofundava mais o beijo. Sua língua desvendava cada canto da minha boca e me agarrei a ele com as duas mãos retribuindo aquele fogo que nos queimava. Sentia meu corpo pedindo pelo dele e me encaixei em sua pélvis.

Com beijos estalados, ele se afastou e seus olhos estavam escuros de desejo. Se não fosse aquele sorriso idiota que não saía do rosto dele poderia levá-lo para meu antigo quarto.

— Lembrou agora?

— Hã? Acho que me esqueci até do meu nome.

Ele riu, levantou a mão e passou o polegar sobre meus lábios, que estavam inchados do beijo; ainda com o corpo colado no meu, ele se inclinou me dando mais um beijo suave.

— Eu não vou me cansar de te provar o quanto posso fazer você esquecer seu nome.

— E acho que nunca vou deixar de te provocar ou querer te esganar.

Respirei fundo pensando em tudo que passamos para conseguir ficar assim tão próximos e com o coração tão leve.

— Isso é bom, pelo menos nossa vida não cai na rotina, não é mesmo?

— Realmente, rotina é algo que a gente não corre risco. Mas você corre risco de vida se continuar me contrariando dessa forma.

Seus olhos brilharam com malícia e Alberto se aproximou, inclinando a cabeça e cheirando meu pescoço. Seus lábios trilharam um caminho de fogo por onde tocava, ele deu uma mordida e sussurrou:

— Adoro correr riscos com você, Ana Luíza.

Fechei meus olhos e aproveitei mais aquele toque do homem que era meu e que me amava exatamente como eu era. Nossa vida era louca e constantemente queríamos sufocar um ao outro, mesmo sendo de brincadeira, ou não. Porém, o nosso amor ficou mais forte com o tempo e a impetuosidade que nos cercava fazia com que ficasse cada dia mais gostoso conviver com aquele safado.

Poderiam se passar anos que nossa vida seria regada a ímpetos de paixão e loucuras.

Alberto

Ver Ana Luíza rindo daquela forma tão natural me deixava quase explodindo de amor e orgulho. Nunca me cansaria de admirar aquela mulher forte e guerreira. Tínhamos experimentado o céu e o inferno e vencido todos os obstáculos. E mesmo assim nosso amor falou mais alto que qualquer coisa.

— Acho um pouco estranho te ver assim tão apaixonado.

Olhei para Bruno que estava com Ângela no colo, a menina de três meses já estava esperta demais para a idade dela.

— E eu acho muito estranho ver que se tornou pai, Dr. Garanhão. O terror da mulherada.

— Não seja idiota, deixei de ser esse cara há muito tempo. — Ele sorriu e tirou a mão da filha que puxava sua gravata.

Bruno havia mudado da água para o vinho a partir do momento que Layla Bonatti entrou na sua vida. E eu entendia bem o que ele sentiu, acreditava que se tivesse conhecido Ana Luíza quando fosse mais velho e responsável não teria cometido tantos erros.

— Eu sei!

Ele assentiu e ficamos parados ali olhando para as nossas mulheres que haviam se juntado em uma mesa e conversavam, rindo muito, provavelmente da gente. Mas quem poderia culpá-las? Éramos idiotas apaixonados.

— Acho que elas estão rindo da gente.

Sorri e olhei para Bruno, que fazia uma careta.

— Por que diz isso?

— Veja como a Layla fica olhando pra cá? Está vendo se eu não estou por perto.

— Hum, e será que são coisas boas? — Arqueei a sobrancelha e realmente percebi que Ana fazia o mesmo.

— Acredito que não, mas o que acha de acabarmos com a festa delas? Olha lá, Lucas e Heitor tiveram a mesma ideia.

Os dois já estavam bem perto e o silêncio entre as meninas havia ficado alto demais. Olhei para o meu amigo e sorri, sem precisar dizer nada seguimos Lucas e Heitor e,

quando chegamos, eles já tinham tirado Sabrina e Liz daquele bolo, ficaram apenas algumas que, pelos caras que vinham atrás de nós, seriam rebocadas.

Quando me aproximei olhei para Ana, que sorria amplamente.

— Vocês falavam mal da gente?

Layla olhou para a cunhada e começou a rir sem parar. Ana empurrou ela com o ombro e estreitei meus olhos.

— Estavam, não é? Vem cá, Ana Luíza, que você vai ter que me contar o que estavam falando da gente.

Rindo sem graça, ela se levantou e me deu a mão me afastando de Layla, que ainda ria muito, e Bruno a encarava sem entender nada. Assim que viramos a beirada da casa, sumindo de vista e dos barulhos das crianças, que corriam pelo quintal, brincando e se divertindo, eu a encostei na parede assim como havia feito na cozinha meia hora atrás.

— Você tá querendo me provocar hoje, não é?

Ela mordeu os lábios que estavam pintados de vermelho agora e sorriu.

— Adoro fazer isso, você sabe!

— Mas pode ser perigoso. — Me aproximei de seu ouvido. — Posso querer te devorar igual o Lobo Mau fez com a Chapeuzinho.

Senti que ela respirou fundo e sua pele se arrepiou completamente.

— Ele não devorou a Chapeuzinho.

— Mas queria e eu vou comer você! Ainda mais que ficou linda com esse vestido vermelho. — Aspirei seu perfume delicioso e impensei meu corpo no dela, mais uma vez. — O que estavam falando da gente?

— Promessas! — Ela riu e colocou as mãos em meu peito deslizando-as para cima e

para baixo. — Nós apenas apostamos quanto tempo demoraria para que fosse até lá se pensassem que estávamos falando de você. A Layla ganhou, não demorou nem cinco minutos.

Eu sorri contra sua pele e continuei a torturá-la. Tinha que levar minha mulher pra casa logo!

— Hum, quer dizer que você achou que demoraria mais?

— Na verdade, achei que demoraria menos, me decepcionou, amor.

Amor... Como eu adorava quando ela me chamava daquela forma. Me afastei e olhei para a minha mulher sorrindo e ela estava radiante de alegria e o desejo estampado em seu rosto a deixava ainda mais deliciosa.

— Temos que consertar isso. Não quero te decepcionar nunca.

— E não faz!

Colei meus lábios nos dela elevando meus pensamentos em agradecimento por ter uma mulher que se encaixava em mim completamente. Soltei de sua boca e olhando nos olhos dela sussurrei:

— Eu te amo, *Ann Baby*.

Ela sorriu amplamente e levantou as mãos envolvendo meu rosto numa carícia maravilhosa.

— Eu também te amo, safado!

Com mais um beijo carregado de amor e paixão seguiríamos mais aquele ímpeto que sempre traçaria nossa trajetória.

Capítulo 35

“Não negue esse desejo nos consumindo como fogo ardendo em brasas, pois o seu corpo se insinua para o meu, ansioso para se render ao sublime sabor da paixão.”

(Mel Olivatti)

Heitor

Cinco meses depois...

Desde que perdi meu filho, nunca pensei poder dormir uma noite inteira sem ter o álcool em meu sistema, e mesmo antes de me afundar de vez naquela doença eu precisava de, pelo menos, uma dose para pegar no sono.

Quando decidi dar aquele passo importante com Liz eu não precisei de mais nada, me aconchegar em seu corpo se tornou a paz que eu precisava no final do dia.

Não vou dizer que mudei de uma hora para a outra porque muitas vezes eu chorava em seus braços com saudades de Caio e com remorso também de tanto mal que provoquei em minha família. Porém, ela sempre estava ali para me ouvir, não dava conselhos ou broncas. Apenas me escutava com paciência e, então, me enchia de carinho. Nunca mais precisei me explicar para ela. Liz me aceitou por completo.

Ah, eu conheci os pais dela. Via ligação em vídeo, porque eles estavam em outro país, mas foi bem legal. Claro que ficaram preocupados, porque não me conheciam e tinham medo de que acontecesse o mesmo que houve com o antigo namorado dela. Porém, com o tempo, eles foram ficando mais seguros e já tinham combinado de que quando voltassem viriam nos visitar.

Eu estava me sentindo leve com tudo que estava acontecendo na minha vida. O grupo de apoio dos Alcoólicos Anônimos que frequentava com meu pai me ajudou muito a entender não só a doença, mas também conheci melhor o homem que mudou a vida por nós. A proximidade com minha família foi algo maravilhoso e me fez ver o quanto eles faziam falta nos meus dias.

Percebi que a família é a base de tudo, sem eles eu não conseguiria ter entendido tudo que se passava em meu coração e não tinha perdoado as minhas falhas. Eu tinha duas famílias maravilhosas que estavam sempre presentes, me apoiando quando precisasse e me erguendo caso eu caísse.

Sem contar na mulher maravilhosa que tive a bendita sorte de ter encontrado. Quando olhava pra ela agradecia pelo acidente que quase tirou a minha vida. Se não tivesse acontecido como foi, eu nunca a teria conhecido. Ou talvez sim, afinal o destino teceu teias que nos ligou de várias formas.

Liz demorou um pouco para se adaptar na cidade, sentiu falta de Júlia e os amigos no antigo hospital, mas ela acabou se apaixonando, ela amava o novo trabalho e eu amava que minha mulher estivesse feliz. Claro que ter as meninas sempre por perto contava muito,

elas ficaram inseparáveis e toda semana tinha a noite das garotas.

Não me pergunte o que elas aprontavam. Preferia nem saber.

Nosso relacionamento estava na fase de aproveitar, não traçamos planos, apenas deixamos que cada dia se abrisse e nos mostrasse o que tinha para nós.

— Tem certeza de que não vamos nos atrasar? É a volta da Layla, a casa vai estar cheia.

Eu sorri e a abracei por trás vendo como Liz trançava o cabelo para frente, não cansava de admirar o quanto ela era linda. Havia um encanto naquela mulher que me deixava hipnotizado.

— Claro que tenho, leve o tempo que precisar, esqueceu que arrumei um ajudante? Além do mais até Layla conseguir deixar Ângela com a dona Marisa vai ser um custo.

Ela havia terminado um plantão e chegado em casa na correria para se arrumar e podermos ir para o *Beer*.

— Quem diria, ela queria voltar logo no primeiro mês e demorou quase um ano para retornar.

Apoiei meu queixo em seu ombro e sorri observando como ela se maquiava.

— Pois é, ensaiamos sua volta muitas vezes, mas no final ter que deixar a filha doeu muito para a estrela e optou por aproveitar mais a família.

— Ela fez bem, não acha? O tempo voa e daqui a pouco a pequena já será uma moça.

Passou um batom rosa nos lábios e olhou em meus olhos pelo reflexo do espelho.

— Com certeza!

— Por que tá me olhando desse jeito, Heitor? — Sua testa franzida indicava que ela estava mesmo curiosa.

Depois de cinco meses morando juntos acabamos reconhecendo certas manias um do outro. Estar com Liz tão intimamente me fez encontrar um novo patamar da tão falada felicidade.

— Não é nada, ainda não se acostumou com a minha mania de ficar te observando? Tenho que fazer isso para comprovar que você é real mesmo e não um fruto da minha imaginação.

Liz sorriu lindamente e se virou encaixando-se em meus braços que já estavam ao redor dela.

— Sabe que fico envergonhada.

— E por isso faço ainda mais. Você é a coisa mais linda que já vi na vida.

— Ainda não se cansou?

Seus olhos violetas sempre ficavam mais escuros quando ela sondava para ver se eu ainda a queria. Mesmo provando o quanto a amava e queria passar minha vida ao seu lado, a insegurança e o medo de ser abandonada como foi no passado, poucas vezes retornava e eu fazia questão de tirar aquela dúvida da cabeça dela.

— Lembra de quando eu acordei e meio que enlouqueci querendo me aproximar de você e não me deixaram? — Ela assentiu fazendo uma careta. Realmente aquele não foi um momento muito legal. — É assim que me sinto quando você está no hospital ou eu tenho que ficar até um pouco mais tarde no bar. Quero logo poder te encontrar e tocar pra acalmar meu coração que só pensa em te ter por perto.

Ela sorriu e abaixou a cabeça fazendo círculos invisíveis com o dedo em minha camisa branca.

— Coração não pensa.

E sempre agíamos da mesma forma, ela se sentia frágil por estar tão exposta e fazia

alguma brincadeira para aliviar o clima.

— Espertinha! Já está pronta?

— Sim, só falta pegar a bolsa e podemos ir.

Assenti e a soltei esperando que fosse buscar a bolsa, aproveitei e me adiantei enchendo os bolsos com carteira e chaves do carro. Havia aposentado a moto quando numa noite Liz me contou o quanto era perigoso para eu andar de moto, depois do acidente e o coma qualquer tombo poderia ser fatal dependendo da forma que caísse. Não queria que ela ficasse preocupada, então, no dia seguinte, apareci com um carro. Isso a deixou muito satisfeita.

— Estava pensando numa coisa.

Me virei e a encarei vindo em minha direção. Liz usava uma calça jeans e camiseta azul com a trança caindo de lado em seu ombro. Parecia uma menina.

— O que seria, linda?

— Quando eu vou poder assistir a um show novamente?

Franzi a testa e preendi os lábios tombando a cabeça de lado.

— Como assim, *baby girl*? Estamos indo para um show.

Ela sorriu daquele jeito malicioso que só ela sabia fazer e caminhou em minha direção como uma gatinha manhosa. Colou seu corpo perfeito no meu e abaixei a cabeça para receber o beijo que sabia que viria.

— Digo, o show particular que você faz para mim.

Droga, eu precisava dirigir. Respirei fundo procurando por controle. Algumas vezes ela me fez esse pedido no tempo em que estávamos juntos, dizia que quando eu fiz o striptease para ela no bar foi a melhor realização de suas fantasias e todas as outras depois

e o sexo foi simplesmente fantástico, o que me deixava ansioso para repetir a dose.

Passei o cavanhaque em seu pescoço exposto e macio e vi a pele de Liz se arrepiando. O desejo já corria por nossas veias.

— Quando quiser, minha linda. Se preferir nem precisamos ir à apresentação da Layla, ficamos por aqui e eu digo que estou doente.

Eu juro que se ela concordasse não me faria de rogado, ligaria na hora para cancelar minha presença. Liz se afastou mordendo os lábios e olhando em meus olhos daquele jeito que me deixava louco.

— Tentador...

Meu coração acelerou. Ai Deus, era agora!

— É só pedir, *baby girl*.

Ela estreitou os olhos e levantou as mãos repousando-as em meu peito, senti meu corpo ligando de excitação e, então, ela me deu um empurrão.

— Deixa pra próxima, não seria justo com nossos amigos. — Piscou um olho e se afastou indo para a porta e abrindo-a, se virou e sorriu, olhando para mim.

— Ah, mulher. Me aguarde!

— Estou esperando, moreno. — Sorriu cheia de malícia.

A insinuação que via em seu olhar era tudo que eu precisava para cumprir qualquer promessa que houvesse feito. Ela podia esperar que o que era dela estava guardado.

Epílogo

“Um olhar, um toque, uma insinuação... despertam o desejo jamais pronunciado.”

(Giseli Bernardes)

Bruno

Vê-la cantando sempre foi um prazer imenso, assistir como a música fazia meu anjo feliz era mais bonito do que assistir um belo pôr do sol na praia.

Layla amava cantar e eu amava vê-la sorrindo e feliz. Sei que muitos não entendem todo o meu medo, na verdade eu mesmo estava me estranhando. Porém, tudo havia mudado de figura depois que Ângela nasceu. Era algo até irracional algumas vezes, mas não podia evitar.

Tinha um instinto protetor desde pequeno e quando conheci Layla ele se intensificou, ainda mais depois de tudo que ela passou, só não pensei que poderia ficar ainda maior quando me tornei pai. Parecia que tudo tinha ficado mais claro, o amor, carinho, lealdade e

companheirismo... Mas os perigos também ficaram mais reais.

Minha mulher queria retornar ao palco assim que nossa filha nasceu, contudo, depois de muita conversa, bem, eu não consegui convencê-la a esperar mais. Continuava irredutível e que tinha tudo armado para poder trabalhar à noite e ser mãe em tempo integral. Fiquei em pânico, não sei o porquê, já que ela sempre trabalhou assim, porém sentia que a qualquer momento poderia perder as duas coisas mais preciosas da minha vida.

No final, quem poupou meu coração de enfartar foi nossa menina. Layla simplesmente não conseguia deixá-la em casa com minha mãe, ou qualquer outra pessoa. Isso me deixou aliviado com o tempo, só que aquele medo não diminuía, mesmo as tendo comigo tinha um terror tremendo de soltá-las no mundo. Acredito que possa ter sido a revelação do passado doloroso de Heitor e como tudo me fez pensar que como éramos frágeis e suscetíveis a tragédias que não temos nenhum poder de controlar.

Só que agora, quase nove meses depois do nascimento de Ângela, Layla estava decidida a voltar. Ficou animada o dia todo e vi como estava com saudades de estar no palco, cantar era a vida dela e não disse nada para convencê-la do contrário, mesmo querendo muito poupar minha sanidade. Podem acabar pensando que é machismo de minha parte, porém todas as noites eu tinha medo do que poderia acontecer a ela estando sozinha na noite exposta a qualquer tipo de perigo. Infelizmente, em nossa sociedade, as mulheres são alvos para muitos tipos de maldades.

Mas tentei me acalmar colocando na cabeça que minha mulher sabia se cuidar agora e que a teria em meus braços novamente ao fim das apresentações.

Nós saímos de casa apressados, pois, quando se tinha um bebê, várias surpresas e imprevistos aconteciam, nem sempre conseguíamos cumprir prazos. Contudo, ela sabia contornar as coisas depois de meses de prática, o problema foi deixar Ângela na casa da minha mãe. Era a primeira vez que elas ficavam longe uma da outra por tanto tempo. Vi que

ela estava tendo dificuldades e me afastei dando o tempo que meu anjo precisava. Depois que se despediu de nossa filha, ela entrou no carro em silêncio, ficou olhando pela janela muito séria e assim foi até que chegamos no estacionamento do *Beer*. Ela não se virou para me olhar e nem moveu um músculo para sair do carro.

Tinha alguma coisa incomodando minha mulher e eu precisava saber o que para poder amenizar isso.

— Layla — chamei-a tentando que dissesse alguma coisa, fizesse algum gesto, qualquer coisa, mas não obtive nenhum resultado. Ela estava dura no banco e olhava pela janela como se visse algo muito interessante do lado fora, porém sem se interessar em nada de verdade. — Amor, olha pra mim. O que foi?

Seu silêncio ainda durou alguns minutos que pareceram durar um século.

— Fala pra mim que vai dar tudo certo, Bruno? — disse sem se virar.

— O que vai dar certo, Layla? Qual é o problema? Voltar ao trabalho era o que você mais queria, amor. — Sei que, depois de anos vivendo com minhas irmãs e quatro anos de relacionamento, eu deveria entender essas coisas de falar nas entrelinhas, mas infelizmente não era assim. Me confundia bastante.

Ela sacudiu a cabeça em negativa e vi que estava ficando cada vez mais tensa. Respirei fundo, e, por mais que fosse um zero à esquerda em entender os problemas das mulheres, não podia deixar Layla assim. Soltei meu cinto de segurança me aproximando, peguei o queixo dela delicadamente com dois dedos e forcei um pouco para que ela me olhasse. Quando seus olhos verdes se conectaram com os meus percebi tantos sentimentos dentro dela que meu coração se apertou. Não gostava de vê-la daquele jeito com tantas dúvidas e medos.

— Oh, meu amor. O que tá acontecendo? — Me aproximei e beijei seus lábios levemente. Era como se fosse a primeira vez.

Quando pensava nisso lembrava aquele filme do Adam Sandler em que ele tentava conquistar sua amada diariamente porque ela perdia a memória assim que dormia e, então, ele fazia com que ela se apaixonasse por ele todos os dias. Tudo se tornava como da primeira vez.

É, eu gostava de comédias românticas e não ligava para rótulos que era coisa de mulheres assistirem. Aprendi muito vendo esses filmes e esse em questão me fez pensar em como nos acomodamos com o tempo e achamos que não precisamos conquistar mais nossas mulheres porque “ela já é minha”, só que a mágica de estar junto é isso. Fazer tudo se tornar novo mesmo estando velho.

Layla fechou os olhos e encostou a testa na minha.

— Estou sendo boba de novo. Isso vem acontecendo frequentemente desde que engravidei, não é?

Sorri e levantei a mão acariciando seu rosto e colocando as mechas de cabelo atrás de sua orelha. Fechei meus olhos deixando que meu amor por ela falasse mais alto do que as baboseiras que costumava falar. Eu não era muito bom com palavras.

— Você nunca foi boba, Layla. Em primeiro lugar, você é uma mulher maravilhosa, nunca tenha dúvidas quanto a isso. E você se tornou mãe recentemente, ninguém nasce sabendo como é e nem vem com uma cartilha de instruções, agora você tem que deixar a filha para trabalhar, está com o coração despedaçado achando que tá abandonando nossa menina, mas não está, amor. É meio confuso... Sei como se sente.

— Sabe? — Ela se afastou olhando pra mim de testa franzida. — Como você pode saber como é ser mãe?

Aquele sorriso me demonstrou que ela estava começando a relaxar. A danada estava zoando com a minha cara.

— Engraçadinha! O que estou querendo dizer é que é perfeitamente normal se sentir

insegura e com a cabeça cheia de minhocas.

Ela arqueou uma sobrancelha e sorriu.

— Quer dizer que sua cabeça tem minhocas? Por isso que anda surtando direto? Como quando eu quis voltar a trabalhar depois do resguardo?

Estreitei meus olhos e apertei o nariz dela de brincadeira.

— Aquilo não conta, você queria voltar a trabalhar antes mesmo do tempo que o médico mandou.

— E você fica muito lindo parecendo uma galinha em volta dos pintinhos.

— Mulher, não me chame de galinha, abaixa minha autoestima.

Fiz um bico que tinha certeza de que era ridículo, mas teve o resultado que eu desejava. Layla começou a rir muito da minha cara e ficou mais relaxada. Ela soltou o cinto e enlaçou-me pelo pescoço.

— Desculpe, meu garanhão, não te chamo mais de galinha.

Aproximei meu rosto do dela e roubei um beijo estalado.

— Isso mesmo, sou um macho alfa, mulher, não pode fazer essas coisas. Acaba com a minha fama!

Ela mordeu os lábios e fez uma careta engraçada.

— Eu sei, tá mais pra galo de briga mesmo. — Apertou a boca na minha e me soltou saindo do carro, abaixou-se e sorriu. — Você não vem, garanhão?

Respirei fundo e assenti saindo do carro e o trancando em seguida. Por ela, e com ela, eu iria a qualquer lugar.

Nos encontramos em frente ao carro e entrelaçamos nossos dedos andando de mãos

dadas até o *Beer*, que já estava cheio, à espera da volta da estrela que encantava a todos com sua sensibilidade e linda voz.

Coloquei a mão na porta e olhei para Layla, que me encarava com expectativa em seus lindos olhos.

— Pronta? — Ela assentiu e empurrei a porta de vidro dando boas-vindas à energia daquele lugar que era palco de tantas histórias.

Quando entramos encontrei todos os nossos amigos e família, ali à nossa espera, tirando as crianças que tinha ficado com a vovó Marisa. Eles estavam ali para nos apoiar e estar conosco em qualquer tempo para qualquer coisa que precisássemos.

Layla parecia brilhar quando acenava para seus fãs e quando viu a nossa família mandou beijos e agradecimentos silenciosos. Todo e qualquer medo se evaporou ao ver como ela ficou feliz só por estar ali de novo. Como privar o meu amor a estar e fazer algo que ela amava? Meu trabalho era apoiá-la em qualquer situação. Ela se virou e olhou para mim.

— Obrigada por estar aqui comigo, Bruno.

— Sempre anjo, sempre! — Pisquei um olho e soltei sua mão. — Hora do show, minha linda!

Ela respirou fundo e assentiu, me deu as costas e se afastou. Eu fiquei parado olhando ela ir como um idiota apaixonado. Já ia me juntar ao pessoal no bar quando ela se virou e correu em minha direção. Layla pulou em meu colo e eu a peguei, colocou as pernas em volta do meu quadril e sorriu, fiquei surpreso demais por essa impetuosidade e paixão.

Layla me beijou profundamente e eu correspondi ignorando os gritos e aplausos ao nosso redor. Suas mãos delicadas seguraram em meus cabelos e eu a apertei em meu corpo sentindo e provando aquele amor que nunca ficava sem graça, apenas aumentava de

proporção.

Quando ela se afastou, sorrindo, fiquei sem fala, a mulher ainda me deixaria louco. Eu gostava disso!

— Isso é pra me dar inspiração.

Desceu do meu colo e foi sorrindo para as pessoas que falavam com ela.

— Sempre a seu serviço — murmurei para mim mesmo.

Meu Deus, nunca iria me acostumar do que sentia quando ela me beijava daquele jeito. Layla sempre seria a melhor surpresa que o destino colocou em minha vida.

Virei-me e fui até o bar, cumprimentei a todos e cruzei os braços olhando para o palco, esperando que ela subisse. Quando Layla se acomodou em seu velho banquinho e pegou o violão foi como voltar no tempo.

— Acredito que está relembrando o passado.

A voz de Heitor me fez sorrir, mas nem desviei o olhar para responder, ele estava abraçado à Liz, que descansava a cabeça em seu peito olhando para o palco.

— Sim, isso está fazendo uma bagunça em meu coração.

— Ela fica esplêndida lá. Muito linda minha irmã feliz desse jeito. Bom trabalho, cunhado. — Lucas parou ao meu lado e o olhei de rabo de olho, o garoto sorria abraçado a sua esposa.

— Vê-la feliz me faz feliz — disse com sinceridade.

— Tá preparado pra ver seu anjo cantando pra você de novo? — Beto me empurrou com o ombro e Ana sorriu para mim de mãos dadas com ele.

Engoli em seco encantado ao ver que tudo se repetia, meu coração batia descontrolado. Layla sorriu para o público e ajustou o microfone. Bateu duas vezes e

assentiu satisfeita.

— Boa noite, pessoal. Eu sou Layla Bonatti e estou de volta ao *Beer at the bar*. Quem quer se inspirar hoje à noite?

— Estou sempre pronto para ela — disse sorrindo e com o coração cheio de amor por aquela mulher que fez com que minha vida valesse cada segundo.

Layla

Meu coração batia acelerado, meus ouvidos zumbiam e meu corpo estava coberto por uma camada de suor frio. Sentia-me nervosa como há muito tempo não sentia. Lembrei-me então de que me senti dessa forma exatamente quando aconteceu a primeira vez. Ainda era uma menina e tinha tantos sonhos, mas o medo quase me venceu. Peguei a força da minha família, que me esperava do lado de fora: meu pai, minha mãe e meu pequeno irmão. Por eles, eu tomei coragem e deixei que a música fizesse sua mágica.

E, mais uma vez, tinha minha família comigo. Só faltava minha pequena princesa, mas não achei que seria uma boa ideia levá-la ao bar sendo tão novinha. Porém, eu pensava nela quando sentei naquele banco novamente.

Ao olhar para o público só conseguia ver meus amigos e família que estavam ali para me apoiar e me dar forças e no centro de tudo estava ele: o cara lindo, de olhos azuis,

que mudou minha vida completamente.

— Fiquei afastada do microfone por nove meses, perdoem a desafinação. Eu vou cantar uma música muito especial para começar, depois nós vemos no que vai dar, ok? — Dedilhei o violão e olhei para o Bruno, sorrindo. — *Palpite*, da Vanessa Rangel.

Aquela música significava tanto para mim que eu nem mesmo sabia dizer em palavras, então o fiz em forma de canção. Ela significava um começo, uma repaginação, uma rendição. E, como naquela noite em que tudo aconteceu, eu cantei olhando nos olhos dele, transmitindo o quanto era grata por todos os anos que passamos juntos e o quanto ansiava para que chegassem novos anos, novos sentimentos, aventuras infinitas.

Bruno havia sido um divisor de águas na minha trajetória, não sabia o quanto era solitária até pensar em ter alguém como ele em minha vida. Dividir meus dias com aquele homem me fez encontrar um novo sentido à palavra relacionamento. Como todo casal, tivemos nossas brigas, que, na maioria das vezes, eram bobas e sem sentido, provocadas por medos e inseguranças. Mas, no final, sabíamos o quanto nos amávamos e resolvíamos tudo com uma boa conversa e carinhos de reconciliação.

Era engraçado pensar em como minha vida mudou nesses cinco anos. Antes era solitária, tinha muito medo de tudo, era insegura e não queria me apaixonar, mesmo desejando. Porém, tudo mudou quando me vi rendida por certo Dr. Garanhão.

Como na letra, eu tive com quem dividir meu cobertor em dias frios. Estar com ele foi meu melhor passo no escuro.

Quando a música terminou fui ovacionada de aplausos, assovios e gritos entusiasmados. Levantei-me, fui até a ponta do palco, aponte para o Bruno e sorri.

— Você sempre será a minha inspiração. — Pisquei um olho e ele mandou um beijo sendo empurrado de brincadeira pelos meninos. Sorri e ajeitei a alça do violão no ombro. Essa música seria de pé. — E depois de voltar ao passado com lembranças maravilhosas,

nós temos o futuro pela frente. Agora eu vou de *A Thousand Years*, da Christina Perri.

Aquela música representava, acredito eu, os sentimentos de cada casal que se apaixonou e teve aquele lugar como testemunha. Cada um com seus medos, cada qual com sua história a ser contada. Como sempre me expressava pela música, deixei que ela me levasse. Na segunda estrofe, olhei para eles e sorri.

Eu morri todos os dias esperando você

Um momento de tristeza é capaz de ditar toda a nossa vida? Sempre acreditei que perderia tudo que amasse, porém aprendi que antes perder tendo amado do que nunca tendo o feito.

Querido, não tenha medo, eu amei você

Amar não é só sentir, não é esperar sempre o melhor, não é aceitar tudo. Amar é lutar sempre pelo que acredita e apoiar um ao outro assim como deve ser. Amar é demonstrar cada dia o quanto o outro é especial, com atos e palavras sim. Pequenos gestos fazem tantas diferenças...

Por mil anos

Amar é reconquistar o ser amado como se fosse a primeira vez, todos os dias.

Eu amarei você por mais mil

É esperar o tempo que for. Mesmo depois da vida terrena, é acreditar que estarão juntos por toda eternidade.

O tempo para

A beleza em tudo o que ela é

Terei coragem

Não deixarei nada levar embora

O que está à minha frente

Cada suspiro

Os que nos torna a ser quem somos são as nossas escolhas, nossos erros, nossas teimosias, nossos machucados, os nossos medos. Antes de amar alguém ame a si mesmo, aí sim todo sentimento será pleno e sincero.

Cada momento nos trouxe aqui

Quando a música acabou, agradei, sorrindo, a todos e olhando cada pessoa que estava ali meu coração se encheu de alegria e amor por todos aqueles que faziam parte de

minha história.

Aos que me deram a vida e se foram tão jovens: meus pais que com seu amor tão forte não conseguiram viver separados. A eles eu dedicava tantas saudades... Ao meu irmão, que foi e ainda era o sentido da minha vida. Às minhas irmãs de alma que aprendi a amar e aos meus amigos queridos. Principalmente ao meu amor, o homem que me fez ver quem eu era de verdade.

Cada pessoa passa por nossas vidas com um propósito, algumas ficam, outras se vão. Mas cada pessoa deixa um pedaço de si conosco, por isso sentia todos aqueles dentro do meu coração, porque foram eles que ajudaram a escrever cada linha da minha história. Dentro de mim só havia o mais puro e lindo amor e foi isso que descobri, no final, que me inspirava.

A inspiração tem que vir de dentro. Ela não é algo que você possa ver ou tocar, mas você a sente e vive. Deixa que flua e te envolva transformando pingos de chuva num mar sem fim. A inspiração vem de Deus, um sentimento sublime que nos completa e faz transbordar.

Então, depois de tantos anos vivendo com medo, pude sentir-me livre para sentir tudo. Não é suficiente apenas estar vivo, é preciso viver plenamente para que tudo valha a pena.

Encontre a sua inspiração e a qualquer impulso do destino se entregue ao ímpeto de se apaixonar perdidamente por alguém ou alguma coisa, submeta-se completamente às boas insinuações da vida.

Aproveite, ame, viva! É como Charlie Chaplin disse:

A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos.

Era hora de fechar as cortinas e continuar a escrever a minha história.

Fim

Bônus

*“E aquele beijo impulsivo que em um ímpeto fica carregado de insinuações.
Transformando-se em algo ilícito e viciante.”*

(Gisele Souza)

Liz

Dois anos depois...

— Como assim, precisa de mim, Heitor?

— Por favor, Liz.

Revirei os olhos, depois desses anos juntos muita coisa havia mudado e outras nem tanto. Ele sabia o que fazer exatamente para conseguir o que queria. Às vezes parecia uma

criança manhosa. Pra que usar aquela voz de menino perdido?

— Sério? Ai, Heitor, eu tô cansada. Foi um plantão bem atribulado.

— Liz, eu sei que tá cansada. Sinto muito, mas preciso da sua ajuda. Ninguém mais pôde vir.

Acionei o alarme do carro e entrei me sentando de frente ao volante. Joguei a bolsa no banco do passageiro e prendi o celular entre o ouvido e o ombro.

— Tudo bem, mas vou passar em casa e tomar um banho. Preciso disso, senão posso ter um ataque a qualquer momento.

Ele riu do outro lado e percebi que atendia os clientes no bar.

— Não queremos você tendo ataques, não é?

— Você vai ter que me pagar, sabe disso!

— Com juro e correção monetária, juro!

Sorri e girei a chave na ignição.

— Daqui a pouco estou aí, beijos.

— Até mais, *baby girl*.

Droga, ele ainda me deixava louca quando me chamava assim. Suspirei pesadamente, dirigi até em casa para tomar um banho rápido e encontrá-lo no *Beer*.

Nosso relacionamento ao longo desses dois anos e pouco tiveram altos e baixos, algumas recaídas e discussões. Porém, apesar de tudo, conseguimos contornar os obstáculos e conseguimos fazer com que funcionasse. Heitor tinha seus problemas que pesou muito em tudo, mas estávamos atravessando uma fase que era só felicidade. Ficava até com medo, às vezes. Nós estávamos nos curtindo muito e era maravilhoso.

Depois de virar a noite num plantão cansativo, queria apenas cama e relaxar, mas ele precisava de ajuda no bar, que estava ficando cada vez mais conhecido e por consequência ficava lotado quase todos os dias.

Apesar de ele ter contratado alguém para ajudá-lo e assim ficar mais tempo em casa comigo, o *Beer* só funcionava mesmo quando ele estava lá.

Quando cheguei em casa percebi que meu “namorado” como Sabrina o batizou, tinha deixado tudo arrumado, não tinha nada fora do lugar e o ambiente cheirava a eucalipto.

Bem, acredito que havia feito uma boa faxina na casa enquanto eu não estava. Agradecida deixei minhas coisas em cima do sofá, depois eu as pegaria e fui direto para o chuveiro. Lavei toda a tensão do hospital e deixei que os problemas fossem por água abaixo. Tinha esse ritual há algum tempo quando as coisas começavam a me sobrecarregar. Quando fiquei satisfeita saí da ducha e me sequei, procurei por uma roupa confortável e prática já que iria trabalhar atrás do balcão.

Vesti uma calça jeans velha e uma camiseta preta, preendi meus cabelos num rabo de cavalo frouxo e peguei minha bolsa e chaves para ir ao *Beer*. Liguei o som do carro e fui cantando o caminho todo. Nesses anos eu havia mudado bastante. Aprendi a relaxar mais e ser mais espontânea. Não me travava o tempo todo.

Assim que estacionei em frente ao *Beer* estranhei a rua não estar abarrotada de carros estacionados. Pelo que Heitor havia dito aquilo estava uma bagunça, por isso precisava da minha ajuda. Franzi a testa e dei de ombros, o que quer que estivesse acontecendo agora eu iria saber.

Peguei a bolsa e saí do carro acionando o alarme em seguida, atravessei a rua correndo e quando pisei na calçada vi que tinha coisas estranhas realmente. As persianas do bar estavam abaixadas.

— Espero que não seja nenhuma gracinha do Alberto e do Bruno. Não estou com

humor pra aguentar aqueles dois por mais tempo hoje. Vamos ver o que me espera.

Empurrei a porta de vidro testando para ver se estava trancada e o lugar estava à meia-luz. Se não fossem as lâmpadas que ficavam no bar, eu não conseguiria enxergar direito.

— Heitor! — chamei esperando que ele não me desse nenhum susto. — Cadê você? O que aconteceu com os clientes?

Não tinha nenhum ruído. Algumas coisas começaram a passar por minha cabeça e quase surtei. Será que ele tinha passado mal? Já ia pegar o celular na bolsa pra ligar para algum dos meninos quando uma música eletrônica começou a tocar.

Levantei a cabeça subitamente e fiquei um pouco tonta com o que vi.

— Meu Deus! Só pode ser brincadeira...

Bem, o que eu poderia dizer daquilo? Acho que perdi completamente a fala.

— Oi, amor, você demorou mais do que disse. Estava sentindo frio aqui sozinho.

Engoli em seco e dei dois passos em direção ao palco em que Layla se apresentava.

— O que você está fazendo? — Arqueei as sobrancelhas.

Não que eu estivesse muito interessada no motivo, mas como ignorar aquele fato cheio de músculos que gritava pra mim?

— Faz algum tempo que venho pensando nisso. Eu não concluí aquele meu show de *stripper* aqui no bar e não realizei nem um terço das minhas fantasias.

— Como não? E as vezes que transamos no seu escritório?

Ele sorriu amplamente daquele jeito que me deixava sem rumo. Piscou um olho.

— Nem um terço, *baby*.

— Senhor! — Me abanei com a mão tentando me refrescar.

O ar não estava ligado, pelo amor de Deus!

— E você vai fazer um show pra mim agora, é isso?

Engoli em seco quando ele assentiu e se posicionou no meio do palco com as pernas abertas.

— Acertou, garota inteligente!

Arregalei os olhos e esperei, não tinha muito o que fazer a não ser rezar para que minhas pernas não cedessem. Claro que ver ele tirando a roupa e dançando não era novidade para mim. Na verdade, até eu já havia feito isso pra ele. Mas vê-lo como um verdadeiro dançarino da noite naquele palco me deixou um pouco mais que excitada. Eu estava louca!

Heitor pegou o controle remoto e mudou a música.

— Oh, meu Deus, Sex on Fire?

Ele riu de lado e piscou.

— Claro, preciso provocar a mesma reação da outra vez, não acha?

— Meu amor, já provocou desde que te vi aí com essa camisa apertadinha. — Me sentei em uma das cadeiras e cruzei as pernas. — Manda ver, gostoso!

Heitor sorriu e começou a mover o corpo de acordo com a música, deslizou as mãos pelo peitoral e fechou os olhos mordendo os lábios. Como eu conseguiria me conter naquela cadeira vendo aquele moreno delicioso dançando daquele jeito pra mim?

Heitor cantava a música olhando em meus olhos e tirou a camisa daquele jeito sexy que os homens fazem. Sorrindo, ele a jogou para mim e a peguei no ar. Mordi os lábios e vi como ele se movia, eram os mesmos movimentos que fazia enquanto estávamos na cama.

Ele olhou para mim e em certa parte da música sorriu como um lobo à espreita.

Consumed with what's to transpire

Heitor retirou a calça jeans ficando apenas de cueca boxer vermelha. O que era aquilo? Ele já estava excitado e senti uma vontade louca de tirar a roupa também. Quando ele foi descendo os degraus do palco, enquanto a música ainda tocava, eu retirei minha camiseta ficando apenas de sutiã preto.

— Consegui provocar o mesmo sentimento de dois anos atrás?

Sua voz já estava rouca de desejo e me levantei para ficar mais perto de todo aquele conjunto de músculos. Heitor estava suado e quente quando coloquei as mãos em seu peitoral.

— Claro que não, dessa vez me fez ficar ainda mais louca por você. Da outra eu era muito tímida e não sabia como era bom transar ao som dessas músicas deliciosas.

Ele me puxou pela cintura e colou o corpo no meu. Sua mão forte apertava minha carne e ele sorriu em meu pescoço quando abaixou a cabeça para morder a minha pele.

— Acho que o feitiço virou contra o feiticeiro, afinal. Eu criei um monstro viciado em sexo com música.

Seus lábios desceram beijando meu pescoço e ele mordiscou meu colo se afastando para olhar em meus olhos. Nunca me cansaria de ver o quanto ele me queria.

— Você só me mostrou o que é bom! Essa porta está trancada?

Heitor levantou a cabeça e sacudiu negando. Ele me soltou e foi até lá; girando a chave, eu ouvi o clique comprovando que agora estava trancada. Nesse meio tempo tirei as minhas calças e, quando ele se voltou para mim, sorri mexendo um pouco o meu quadril

sensualmente e o chamei com o dedo.

— Vem dançar comigo, moreno!

Heitor fechou os olhos e jogou a cabeça para trás. Quando voltou a olhar para mim, quase dei um passo para longe para ver o que ele faria. O homem estava com fome e eu iria matar aquela vontade que claramente o consumia.

— Ah, menina, você aprendeu direitinho!

— Tive o melhor professor na arte de se insinuar. Então, vamos terminar o que começamos há dois anos?

Em alguns passos ele me alcançou e me prendeu em seus braços fortes, imediatamente me agarrei em seus bíceps e resfoleguei quando senti a dureza do seu corpo no meu.

— Só se for agora, *baby girl*.

Aquela noite seria pouco para nós, tinha certa desconfiança de que ficaria viciada em sexo no *Beer*. Acho que, pelo menos, uma vez no mês estaria de portas fechadas.

Heitor me pegou em seus braços e me deitou na beirada do palco, tirou o meu sutiã dando total atenção aos meus seios sensíveis, se desfez da minha calcinha e com as mãos experientes ele acariciou cada pedaço do meu corpo que precisava dele. Com toques firmes e sensuais ele me fez chegar à beira do clímax e voltar. Levantei minha cabeça e o olhei.

— Não me lembro de ter tido sessões de torturas da outra vez.

Ele levantou a cabeça das minhas coxas e sorriu, lambendo os lábios.

— É um bônus de aniversário. — Piscou um olho e se levantou, retirando a boxer e se posicionando entre as minhas pernas.

Ele me puxou para que me sentasse e imediatamente enlacei o pescoço dele. Seus lábios famintos cobriram os meus e pude sentir o gosto da minha excitação. Me acostumar a desinibir os meus desejos foi complicado, mas ele me ajudou muito e aquela era uma das coisas que mais gostava: beijar a boca quente dele com gosto de desejo.

Suas mãos percorreram meu corpo e ele puxou meu quadril até que senti sua ereção na minha entrada. Abri meus olhos e afastei minha boca, apenas deixando que nossos lábios se encostassem.

— Pronta para entrar no paraíso, *baby*?

— Sempre moreno, sempre!

E de olhos fechados me entreguei àquela doce insinuação.

Biografia

GISELE SOUZA



Nasceu em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, em 1 de maio de 1987. Leitora compulsiva, apaixonada por livros filmes e séries. Começou a se aventurar no mundo da escrita em 2013 e assim encontrou sua verdadeira vocação. “Inspiração” é seu primeiro romance publicado. Considera-se uma pessoa simples com uma vida descomplicada. Casada e mãe de um menino lindo de cinco anos.

Redes sociais da autora:

Site oficial:

www.giselesouza.net

Fanpage:

<https://www.facebook.com/autoragi.souza>

Instagram: <https://www.instagram.com/giisouza.autora/>

E-mail:

giisouza.autora@gmail.com

Outras obras

SÉRIE INSPIRAÇÃO



INSPIRE!

Vol. ½, um prequel da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

<http://www.amazon.com.br/dp/B00LOCVZK2>

Conheça Layla Bonatti em seus doze anos, uma menina doce e feliz.

E seu irmão Lucas, um encanto de herói.

Prequel do livro *Inspiração*. Inspire-se e se emocione!



INSPIRAÇÃO

Vol. I da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

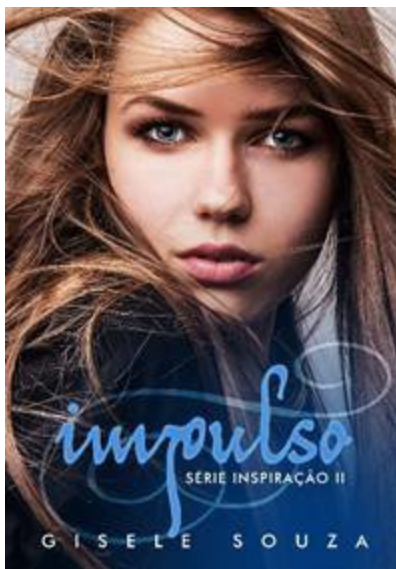
<http://www.amazon.com.br/dp/B00IN36H2G>

Para Layla Bonatti, não havia pessoa mais importante do que o seu irmão, Lucas. Criá-lo desde pequeno cobrou seu preço e seus próprios sonhos foram anulados, exceto um: a música, paixão que cultivava desde que era uma menina.

Cantar no bar era o seu único prazer, em suas apresentações deixava transparecer todos os seus sentimentos. Desta forma, encontrou a recompensa tão sonhada: ser amada e valorizada, seus anseios mais secretos.

Porém, o fantasma da perda ainda rondava o seu coração.

Layla será capaz de esquecer toda a dor e finalmente abrir o seu coração para um intenso romance?



IMPULSO

Vol. II da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

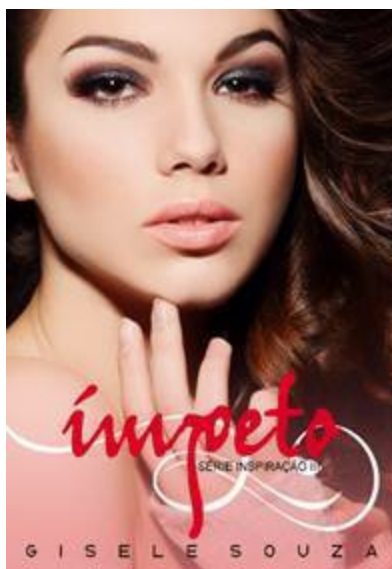
<http://www.amazon.com.br/dp/B00NQLT88A>

Lucas Bonatti nasceu para ser brilhante. Criado pela irmã, sua vida foi regada de responsabilidades, amor e companheirismo. Contudo, sempre escondeu a ânsia de amar incondicionalmente. Quando, enfim, acreditou ter encontrado a mulher da sua vida, seu coração foi despedaçado. Então, Lucas não via mais motivos para ser o bom moço da família.

Sabrina Petri, a caçula de quatro irmãos, sempre foi cercada de cuidados e amor. Uma garota alegre e extrovertida que teve a vida virada pelo avesso subitamente. Quando conheceu o homem que poderia fazê-la feliz, ela já não podia se entregar.

Um romance tórrido e intenso. Uma atitude movida por impulso pode fazer a vida dos dois mudar completamente.

O amor será capaz de consertar dois corações feitos em pedaços?



ÍMPETO

Vol. III da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

<http://www.amazon.com.br/dp/B0121UD2UG>

Ana Luíza Petri é uma enfermeira dedicada, bem-humorada, alguns diriam ferina e com uma língua afiada, mas ela gosta de ser assim. Usa o sarcasmo e humor ácido como uma arma para se proteger de eventuais decepções, mas nem sempre foi assim. Ana era uma mulher sonhadora e romântica, até que viu sua vida e sonhos ruírem de uma só vez. Passou por uma boa pancada do destino ao qual ela prometeu nunca mais se deixar ficar tão vulnerável. Após os acontecimentos que mudaram sua vida, decidiu tomar conta de tudo, controlar cada passo que dava e nunca, nunca, se envolver com alguém que ela realmente sentisse desejo. E isso incluía o homem que trazia à tona todos os fantasmas que a assombravam e que teimavam voltar. Para alguns poderia ser fácil apenas se afastar e nunca mais precisar ver aquele que causava tanta dor, certo? Pra ela não. Infelizmente, ele fazia parte da família.

Alberto Brenner é um pediatra apaixonado pela profissão e totalmente dedicado às suas crianças. Em sua vida, nada foi tão complicado quanto amar uma mulher que o fazia querer desistir de toda a liberdade que conquistou com tanto suor. Cercado por lindas mulheres, ele nunca se negou ao prazer da carne. Após o término não muito amigável com Ana, ele escolheu viver a “La Vida Loca”, e anos depois não consegue esquecer a única mulher capaz de tirá-lo do sério. Porém, uma proposta irrecusável é feita. Um acidente muda tudo. E ele vê a vida como ela realmente é: frágil. Por isso, decide recuperar todos os anos perdidos. Ou tem o perdão da sua amada ou toca a sua vida, segue em frente, sem olhar para trás.

Só que o destino resolve testá-los mais uma vez. Será mesmo que o passado tem o poder de voltar e nos assombrar? Tenha o ímpeto de embarcar nessa história repleta de drama, humor, romance e sensualidade. O terceiro livro da série Inspiração promete mexer com todos os seus sentidos. Envolver-se!



PECAMINOSO

À VENDA NO FORMATO IMPRESSO:

[AMAZON](#) | [SARAIVA](#) | [LOJA DA CHARME](#) | [CULTURA](#) | [CIA. DOS LIVROS](#)

Quando Isabella Leal foi trabalhar em uma empresa de processamento de dados como estagiária, não imaginou que, ao ser efetivada, passaria por uma situação tão inusitada... E deliciosa!

Ela se deparou com um vício: Blake Miller. Além de ser lindo e ardente, o jovem CEO da empresa era irritantemente arrogante.

Após um encontro arrebatador, Isabella percebe que se tornou um erro. Mas ela não

vai deixar isso barato! Blake vai descobrir o que uma mulher determinada e com o sabor do pecado é capaz de fazer.



MOMENTOS

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

<http://www.amazon.com.br/dp/B00R0EN7GI>

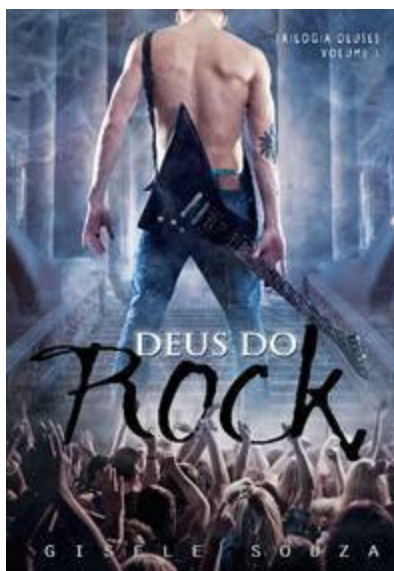
Joana viveu sua vida cercada de momentos bons, ruins, alegres e tristes. Momentos estes que mudaram sua vida completamente. Quando conheceu Bernardo e André, viu naqueles dois garotos uma linda amizade. Os três se tornaram inseparáveis. Até que, por uma brincadeira do destino, tudo passou a ser sombrio.

Depois de anos vivendo cercada de culpa e tristeza, uma chance lhe é dada. Só que nem tudo é como gostaríamos que fosse. A vida muitas vezes nos prega peças e somos desviados de nosso caminho.

Momentos plenos de felicidade se tornam apenas lembranças.

O amor pode ser incondicional até que ponto?

TRILOGIA DEUSES



DEUS DO ROCK

Vol. I da trilogia *Deuses*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

<http://www.amazon.com.br/dp/B016HGHR1K>

Para viver um grande amor, você se condenaria ao inferno?

Com uma vida cercada de privilégios, riqueza e poder, Apolo, o filho prodígio de Zeus, é um homem determinado e

acostumado a ter tudo que deseja. O poderoso deus do sol tornou-se também o deus do rock. Sua herança seria o trono do Olimpo e foi nisso que regeu sua vida, sempre à disposição, esperando, aprendendo, obedecendo.

Contudo, o destino ainda o colocaria à prova, talvez a doce Angélica fosse apenas um teste de força, uma tentação que ele precisava resistir. Só que, ao ver os olhos daquela menina tímida, perdida nos bastidores do show business, ele já havia perdido a batalha.

Agora restava apenas vencer a guerra para viver seu grande amor. As garras afiadas das Moiras não lhe dariam trégua, um mal precisava ser feito para o bem vencer. Alianças serão travadas, amizades destruídas, a confiança será quebrada... Uma união de corpo e alma que acarretará num conflito entre deuses e mortais, um jogo de poder que poderá custar muito mais que a imortalidade.

Recomendado para maiores de 18 anos.

[1] Quente como uma febre / Ossos tremendo / Eu poderia apenas provar, provar // Se não é para sempre / Se é só esta noite / Continua sendo a melhor, a melhor, a melhor (...) – *Tradução: letras.mus.br*

[2] Fonte: <http://aaonline.com.br>